



Jack X. Faber

Uma vida
muito longa

Uma vida muito longa

[O raio do céu](#)

[As Virgens Italianas](#)

[As Virgens Francesas](#)

[As Virgens Chinesas](#)

[Virgens da Revolução Francesa](#)

[As Virgens Suecas](#)

[A Virgem na Resistência](#)

[O começo](#)

O autor, JackFaber@gmx.net, ficará feliz em receber sua mensagem!

Magdeburgo 1631

Por Jack Faber © 2024

No final de maio de 1631, o general imperial Tilly ordenou a destruição de Magdeburgo. Os católicos devastaram a cidade durante três dias, assassinando, roubando e estuprando até que Tilly interrompeu o avanço das tropas. Franz Herrnthaler lutou sob o comando de Tilly, assassinando e roubando como todos os lansquenetes. Ele se diferenciava dos assassinos em apenas dois aspectos: levava apenas moedas, deixando objetos de ouro e joias para os outros. Em segundo lugar, tinha uma inibição interna em relação ao estupro de moças ou mulheres. Ele perguntava às suas vítimas e encontrava muitas que, apavoradas, preferiam ser estupradas a mortas. Como os outros, embriagou-se por quatro dias, encheu a carteira de moedas e estuprou o máximo de moças e mulheres que pôde.

Na manhã do quarto dia, Franz acordou na cama da esposa assustada de um cidadão. Tremendo como uma folha de álamo, a jovem viúva, com ar infantil, deixou que ele a penetrasse duas vezes com seu pênis ereto, com uma pausa. Meio sóbrio, ele examinou a vagina da moça com curiosidade e ordenou que ela se masturbasse durante o intervalo. Ela não sabia onde ficava seu clitóris. Ele afastou seus lábios com dois dedos e procurou por ele. Ela gaguejou, dizendo que nunca havia feito isso sozinha antes, mas mesmo assim o fez pela primeira vez na vida, obedecendo desajeitadamente às suas instruções e chorando de medo. Ela realmente parecia não ter a menor ideia; ele lhe mostrou como se masturbar. Ela estava realmente estúpida no início, mas seu clitóris inchou e pulsou. Ela se esfregou suavemente e ansiosamente, mas estava chegando lá. Seu rosto assumiu uma expressão incrédula enquanto ela gradualmente atingia o orgasmo. O orgasmo quase a despedaçou e ela não parou de chorar. Franz não conseguiu esperar mais e a penetrou antes que o orgasmo a abalasse completamente. Ela teve um orgasmo prolongado e se deixou penetrar pela segunda vez, chorando e soluçando baixinho, até que seu orgasmo diminuiu e ele ejaculou dentro dela. Quando ele se afastou, ela beijou sua mão em gratidão por ele tê-la deixado viver.

Ele se vestiu e caminhou pela praça da catedral sob uma garoa fina. Não havia ninguém à vista; a catedral havia sido declarada zona de exclusão aérea, e ele congelou no meio da praça. Um poderoso raio o atingiu e o paralisou. Ele fechou os olhos, esperando morrer. Todos que são atingidos por raios morrem, pensou. Mas tudo o que sentiu foi um calor tremendo e seu coração disparou. Seria o dedo de Deus, o Deus que ele havia perdido completamente em 15 anos de serviço militar? Ele perdeu a consciência e ainda tinha certeza de que não era apenas o reflexo de um vidro. Era muito maior, muito mais poderoso, e o derrubou.

Franz não se lembrava mais tarde de como se levantara, de como vagarara pelos becos, bebendo um copo de vinho aqui e ali, embora já estivesse completamente embriagado. Nem despertou do torpor quando foi atacado e se defendeu dos agressores. Não sabia quem o ferira, quem queria matá-lo e por quê. Cambaleou, sangrando, e desabou inconsciente em frente a uma casa.

Franz Herrnthaler acordou em uma cama. Uma mulher estava sentada ao lado dele, lavando-o. Ele ficou acordado apenas por meio segundo e adormeceu tranquilamente. Alguém estava cuidando dele, era tudo o que ele pensava. Seria sua mãe, Bettina ou a velha Agnes? Ele não conseguia abrir os olhos para ver quem era.

Ele acordou mais tarde. Estava nu e a mulher o lavava com um pano. Ela o ouviu grunhir e parou de lavá-lo. Cobriu-o e sentou-se na beira da cama. “Você está seguro aqui e vai se recuperar. Não, fique aí, você ainda está muito fraco. Não se preocupe, você está seguro aqui!” Ele murmurou: “Sou Franz Herrnthaler, do Tirol” e voltou a dormir profundamente.

Em algum momento, ele acordou novamente. A mulher lavava seu corpo nu com um pano úmido. Ela segurava seu pênis ereto com uma das mãos e o lavava com força. Ele estava olhando fixamente entre suas coxas nuas e ela percebeu seu olhar. “Tenho que lavá-lo todas as manhãs, você se molhou todas as noites”, disse ela, corando. “Eu não o toquei indecentemente, Senhor Franz!” Ela continuou a lavá-lo e ele continuou a olhar fixamente entre suas coxas. Ela percebeu seu olhar novamente e abriu as pernas um pouco mais. No mes-

mo instante em que ele vislumbrou sua vulva, ejaculou em sua mão. Uma menina de cerca de 10 anos estava sentada em um banquinho no canto, com as pernas encolhidas, puxando os lábios vaginais e olhando fixamente para o pênis dele, com os olhos arregalados. Ele gemeu e ejaculou, e a mulher pacientemente segurou seu pênis até que ele terminasse. Ela o lavou e murmurou que ele vinha fazendo isso há dias. “Há quanto tempo...?”, perguntou ele baixinho. O jeito como ela lavou seu pênis o fez se sentir tão bem. “Você desmaiou no meu quintal há oito dias, Sir Franz. Eu o arrastei para dentro e minha filha chamou o curandeiro. Você tem um ferimento profundo na lateral e outros ferimentos no braço esquerdo. O curandeiro inicialmente achou que você ia morrer, mas eu cuidei de você porque você estava muito indefeso.”

Ele permaneceu acordado. Ela era a viúva Katharina Kramer e a menina era sua filha de 11 anos, Eva. Ele repetiu seu nome e disse que vinha da cidade de Schwaz, no Tirol, que estava a serviço do Imperador e era um soldado católico. Katharina sorriu; não se importava, pois, por ora, ele era um homem doente e não um soldado. Estava seguro ali, pois havia um convento católico ao lado, proibido para os lados em guerra. Essa casa raramente era atacada por soldados, mas isso provavelmente era normal naquela guerra cruel. Ela era convertida, mas isso não significava nada. Havia apenas um Deus a quem todos rezavam. Seu filho Paul havia sido morto 10 anos antes, perto de Leipzig, e seu marido, 9 anos antes, perto de Halle. Ela já havia vivenciado guerras suficientes e ainda não havia perdido a fé no bem.

Franz ficou surpreso à noite quando Katharina se ajoelhou nua ao lado da cama e recitou um salmo em voz baixa. Ela se deitou ao lado dele e lhe deu as costas. Ele perguntou se podia abraçá-la e Katharina assentiu: “Sim, senhor Franz!” A ferida em suas costelas doía muito, mas ele a abraçou. Ela sentiu o pênis rígido dele contra suas nádegas e estendeu a mão para trás, inserindo-o profundamente na fenda de seu ânus. Ela o acariciou suavemente até que ele ejaculou. “Oh, criada Katharina!” ele gemeu, e ela sussurrou que estava tudo bem. Ele havia percebido imediatamente que ela não queria transar regularmente e se conteve. Mas todas as noites, depois de suas orações, ela se deitava nua, dava-lhe as costas e permitia que ele pressionasse o pênis contra a fenda de seu ânus. Ela estendeu a mão para trás e

pressionou a ponta da glânde profundamente em seu ânus. Ele não queria transá-la analmente, mas então ela pressionou a glânde dele resolutamente contra o próprio ânus. Ela acariciou o pênis dele com delicadeza e ternura até que ele ejaculou dentro dela. “Está tudo bem”, murmurou ela, estava tudo bem. “Não gosto de transar de outro jeito agora”, acrescentou. Ele ejaculava dentro dela todas as noites, era isso que ela queria.

Ele ficou na cama por mais 10 dias, ela o lavava todas as manhãs com o pano e segurava sua ereção matinal, depois exibia sua vagina até que ele ejaculasse. Ela lavava seu pênis sorrindo. “Você tem uma ótima pressão de sêmen, Sir Franz!”, ela disse certa vez, “Nunca vi nada igual em um homem!”

Todos os domingos de manhã, Eva tinha permissão para ir para a cama nua com a mãe e se aconchegar com ela. Ela acariciava a vagina de Katharina e Katharina acariciava a dela, acariciando os lábios e o clitóris de Eva com muita precisão, sem masturbá-la diretamente. Ela esfregava o clitóris de Eva com delicadeza e ternura até que a menina abrisse bem as pernas trêmulas. Katharina continuou a acariciá-la sem masturbar seu clitóris até que a menina se encolheu violentamente e bateu as coxas. Franz suspeitava que Eva tivesse um orgasmo dessa forma todos os domingos de manhã, mas nunca comentou nada. Katharina havia se masturbado o tempo todo com dois dedos estendidos, o indicador e o médio. Ela aumentou o ritmo e teve um orgasmo trêmulo. Ela trocou um olhar com Franz como se pedisse desculpas por só tê-lo deixado ejacular em seu ânus.

Eva não se atreveu imediatamente a se aconchegar com Sir Franz, mas eventualmente o fez e esfregou seu corpo contra o dele. Ele ficou um pouco envergonhado, pois nunca havia se aconchegado com uma garota tão jovem antes, exceto com Bettina. A pequena Eva percebeu isso muito bem e evitou tocar em seu pênis com a mão ou os dedos. Ela queria esfregar sua pequena vagina contra o corpo dele, contra seu pênis, porque era muito, muito excitante. Ela sentou-se sobre o pênis dele e pressionou sua vagina contra o pênis semi-ereto, que estava deitado sobre sua barriga. “Posso, senhor?”, perguntou ela suavemente, “Eu preciso muito agora!” Ele assentiu com um sorriso. “Vá em frente, minha garota, vá em frente!” Ele não conseguia ver seu

clitóris; era obviamente pequeno e bem escondido. Ela se apoiou nos braços e começou a esfregar sua vagina para frente e para trás em seu pênis. Ele tocou brevemente seus seios pequenos e redondos e seus mamilos pontudos. Ela fechou os olhos e se concentrou em cavalgar seu pênis. Quanto mais rápido ela se movia, mais alto ficava seu suspiro ofegante. Ela abriu bem os olhos e o encarou antes de se encolher violentamente e bater as coxas. Ele olhou-a nos olhos de forma muito amigável e acariciou suavemente suas pequenas nádegas até que o coração dela parou de bater descontroladamente.

“Ela dormiu comigo todos esses anos”, disse Katharina enquanto estavam sentadas no tronco da árvore na margem do rio, “ela não queria dormir sozinha depois que Laurenz morreu, até você chegar, Sr. Franz. Eu raramente tive um amante durante esse longo tempo, Eva achava transar entediante e nos deixava em paz. Eu me masturbava com dois dedos todo domingo de manhã, mas Eva também achava isso entediante. Ela queria carinho, nossos corpos aninhados, e nós apenas acariciávamos o corpo uma da outra. Foi só há um ano que ela quis que eu acariciasse sua vagina diretamente até ela ter um orgasmo intenso. Acho que ela tem orgasmos como eu quando me masturbo com dois dedos. Eu sei que tenho orgasmos dessa forma, como quando transo com um homem, mas se Eva tem orgasmos, eu realmente não sei.”

Franz permaneceu em silêncio. Ele sabia como Agnes, a mãe, Bettina e a empregada Eva haviam se masturbado e chegado ao orgasmo. Mas pareceu-lhe inapropriado contar isso a Katharina. “Eva provavelmente tem orgasmos”, disse ele finalmente, “ela monta no meu pau como se estivesse me fodendo e sempre acaba tendo um orgasmo, eu acho.”

“Tudo bem para o senhor, Sir Franz, ou devo proibir Eva?” Não, ele não queria isso de jeito nenhum, objetou. “Ela está no processo de descobrir a própria sexualidade e devemos permitir isso. O que você acha, Katharina?” Ela pensou por um longo tempo. “Quem me dera saber o que é certo.” Ela refletiu sobre isso. “Consigo imaginá-la transando com você nas manhãs de domingo, cavalcando seu pau com a vagina apaixonadamente. Quando estamos sozinhos, ela delira

sobre isso e prefere transar com você hoje do que amanhã. Mas ainda é muito cedo para isso.”

Franz riu. “Deus me livre de transar com sua filha! Sempre me divirto quando estamos trabalhando no campo e ela me tenta mostrando a buceta o tempo todo. Eu gosto disso, claro, porque a buceta de uma jovem virgem me excita muito”, admitiu. “Mas não me esqueço de mim mesmo, querida Katharina!”

Franz perguntou em silêncio: “E desde quando você se masturba com dois dedos?” Katharina o encarou por um longo tempo. “Desde que perdi a virgindade. Eu costumava fazer isso todas as noites quando era jovem, mas quando me casei com Laurenz, parei. Ele era um excelente amante e eu não precisava mais. Laurenz me disse para continuar, que era um bom treino para transar. E muitas mulheres precisam fazer isso porque não têm orgasmo durante o sexo. Quando ele morreu e eu raramente tinha um homem para transar, voltei a me masturbar todas as noites. Eva achava entediante, mas quando ela mamava nos meus seios como um bebê até dormir, eu sempre ficava muito excitada e me masturbava com os dedos.” Franz assentiu e disse que ela era a primeira mulher que ele tinha visto se masturbar com os dedos. Eles ficaram sentados um ao lado do outro em silêncio. Katharina suspirou profundamente. “Perdoe-me, querido Franz, por só deixar você ejacular no meu cu, mas de alguma forma me parece errado transar com você. Não sei por quê, mas é exatamente assim que me sinto.” Franz assentiu e murmurou que ainda não estava totalmente recuperado, o ferimento na lateral do corpo estava cicatrizando muito lentamente. Ele estava muito grato por ela ter acariciado seu pênis e o feito ejacular; era tudo o que um homem doente poderia desejar.

Katharina e Eva trabalhavam no campo atrás da casa todos os dias. Cultivavam couve-flor, mas principalmente repolho, que Katharina vendia na cidade. Ele ainda não estava totalmente preparado, mas se recompôs e ajudou diligentemente. Os três conseguiram processar quase o dobro de repolhos e Katharina passou a ir à cidade duas vezes por semana. Ele permaneceu na fazenda porque a guerra ainda estava em curso, mesmo que Magdeburgo já não fosse o foco das atenções. Franz fez um jugo com dois pedaços de madeira para que

pudessem atrelar duas cabras à carroça pequena, e Katharina só precisava guiar as cabras, não precisando mais puxar a carroça. As semanas transcorreram em paz.

Certa noite, quando Katharina chegou em casa com a carroça, ele a viu chorando. Perguntou-lhe, claro, mas ela não falou até estarem na cama. Ela limpou o sêmen dele da dobra de suas nádegas e chorou novamente. Franz a abraçou e perguntou: “As mulheres no mercado estão falando de novo. Meu Laurenz, meu marido, não morreu em batalha, elas fofocam. O homem de um braço só disse isso.” Franz conhecia bem os soldados. Eles costumavam fofocar, mas geralmente havia um fundo de verdade em todas as histórias. Levantou-se resolutamente e se vestiu. Perguntou se ela poderia lhe dar algumas moedas, porque não seria impedido. Enfiou a faca no cinto e foi para a cidade; voltaria quando tivesse resolvido a questão, disse a Katharina. Ela não deveria chorar mais, poderia levar alguns dias, mas ele voltaria.

Ele retornou na terceira noite. Colocou uma bela espada sobre a mesa e pediu a Catarina que enfaixasse os ferimentos em seu braço esquerdo. Ela soltou um grito ao ver a espada. “Esta espada pertencia ao meu Laurenz, eu a dei a ele quando se alistou para lutar. Uma espada espanhola de Toledo, por 47 florins de prata. — Onde você a conseguiu?” Só então ela notou o braço ensanguentado dele e trouxe algumas bandagens. Franz relatou. Logo encontrou o homem de um braço só e o convidou para uma taça de vinho, e outra, e outra, até que conseguiu arrancar dele toda a história.

O homem de um braço só estava no acampamento militar de Halle. Laurenz tinha problemas com Peter Hofstätter, filho de um rico, desde o início. “Peter Hofstätter, eu o conheço!”, exclamou Katharina. De qualquer forma, o homem de um braço só alegava que Hofstätter havia esfaqueado Laurenz pelas costas após uma discussão acalorada sobre Katharina. Franz ficou de olho no assunto, ouvindo a conversa do homem de um braço só até não ter mais nada a acrescentar. Hofstätter não era difícil de encontrar; ele se sentava no “Pavão Dourado” todas as noites com seus antigos camaradas de guerra e bebia com eles. Franz sentou-se e ouviu as várias histórias. Permaneceu em silêncio por um longo tempo, mas quando surgiu a

oportunidade, casualmente introduziu Laurenz Kramer na conversa. Hofstätter lançou-lhe alguns olhares fulminantes, mas os antigos camaradas aproveitaram a chance. Alguns deles haviam estado lá e descreveram as discussões acaloradas e hostis sobre Katharina e o assassinato. Hofstätter tinha uma reputação a zelar e bebia copo após copo. Ele se gabava de que Katharina havia sido sua esposa e que Laurenz Kramer a havia arrebatado dele. Estava orgulhoso de ter se livrado de seu rival. Franz então revelou ser o amante de Katharina e provocou Hofstätter até que este o chamou para o pátio interno, furioso. Seguiu-se um duelo desigual: Hofstätter com a longa espada espanhola, Franz com sua faca bem mais curta. Ele ainda não havia se recuperado totalmente, mas Hofstätter estava bastante embriagado. Ele continuava a ferir Franz, mas não era páreo para ele. Franz o imobilizou com uma chave de braço por trás e cravou a faca em seu coração uma dúzia de vezes. Pegou a espada e a bolsa de Hofstätter e o deixou lá estendido. “Ele pagou pelo assassinato, criada Katharina”, disse Franz, “ele era um sujeito desonroso e mau.” Katharina tratou dos ferimentos dele em silêncio e voltou para a cama. Deitou-se no vão do braço dele e contou-lhe tudo.

“Eu era uma garota muito bonita naquela época e tive muitos amantes. Meu pai estava muito preocupado com a minha reputação e queria me casar logo e bem. Hofstätter era um bom partido, meu pai achava, e então ele nos juntou. Hofstätter, para resumir, não era bom de cama, mas por causa do meu pai, eu o deixava me foder todos os dias, com meu pai deitado ao nosso lado como um espectador. Hofstätter sempre ficava bravo quando eu me sentava depois da sua foda miserável e acariciava meu pai com carinho para fazê-lo gozar. Antes de fazê-lo gozar, eu beijava meu pai nos lábios e dizia baixinho como era bom ele me acariciar. Depois de gozar, eu beijava o pênis do meu pai e o lambia até ficar limpo, sabendo muito bem o quanto isso irritava Hofstätter. Às vezes, eu irritava o cara a ponto de deixá-lo furioso, me masturbando até o orgasmo com dois dedos e comentando, com ar de superioridade, que aquele era o jeito certo de se ter um orgasmo. Hofstätter tinha certeza de que...” Ele me pegava porque eu deixava ele me foder todos os dias. Mas eu me apaixonei pelo cirurgião Laurenz Kramer, que era considerado um mulherengo, mas era um homem muito bom e com certeza um ótimo amante.”

“Uma vez, chamei-o para atender meu pai, que havia caído e se machucado. Disse que não podíamos pagar o cirurgião, mas ele fez o que costuma fazer quando você não tem dinheiro: queria me foder em vez de me pagar. Admito que o enganei, porque eu tinha dinheiro de sobra. Mas eu queria transar com ele. Deitei ao lado do meu pai na cama grande e deixei que ele me fodesse. Eu estava muito apaixonada por ele e transávamos maravilhosamente. Meu pai resmungava que eu estava prometida a Hofstätter, mas sorria toda vez que Laurenz me fodia. Ele podia ver com os próprios olhos o quanto as transas e os orgasmos com Laurenz me faziam bem. Laurenz me deixava acariciar o pau do meu pai com um sorriso e assobiava amigavelmente entre os dentes quando eu fazia meu velho gozar com força. Ele sorria quando eu fazia um favor ao meu pai e lambia o pau dele até ficar limpo. Foi Laurenz quem me fez deixar meu pai gozar diretamente na minha boca e engolir o sêmen, e meu pai adorou isso! Meu pai finalmente viu quem era o certo para mim.”

“Eu me despedi de Hofstätter e só o vi novamente quando fiquei viúva e ele apareceu de repente na minha porta. Ele ainda era um péssimo amante, mas eu estava de luto por Laurenz, e Hofstätter havia servido com ele. Eu só pensava em Laurenz quando deixava Hofstätter me foder. Eu deveria tê-lo mandado embora, mas ele contava muitas histórias sobre Laurenz, então eu o deixava me foder sempre que ele aparecia. Ele deve ter percebido minha frieza, porque vinha cada vez menos, bebia em vez de me foder e depois nunca mais voltou. E agora ele está morto — muito bem, Sir Franz!” Katharina se endireitou com lágrimas nos olhos. “Obrigada, Sir Franz — o senhor fez um grande favor a mim e a Laurenz, eu lhe agradeço por isso!”

Katharina o abraçou diretamente pela primeira vez. “O bom Deus, o seu e o meu, nos criou para transar, meu querido, e não para esfregar e ejacular no curral das cabras!” sorriu Katharina. Franz empalideceu. Enquanto trabalhava no campo, ele sempre se posicionava de forma a poder olhar por baixo da saia de Katharina ou de Eva. Como suas vaginas eram diferentes! Katharina era uma mulher adulta de 43 anos e dava para ver pela sua vagina que ela havia transado muito a vida toda. Eva tinha apenas 12 ou 13 anos, sua vagina era intocada e infantil. Uma fenda estreita de virgem e lábios que incharam inocentemente no início, os pelos delicados acima eram quase imperceptí-

veis. No entanto, era justamente essa vagina inocente e infantil que o excitava tanto. Ele ia direto para o curral das cabras depois do trabalho, aliviava-se e ejaculava no chão.

Katharina viu o rosto pensativo dele e sorriu. “Eva me contou todas as vezes que você se esfregava no estábulo e gozava no chão. Eu tive que explicar para ela várias vezes por que os homens fazem isso. Ela disse que você ficava excitado porque ela deixava você olhar por baixo da saia dela. Eu disse para ela não falar besteira, mas ela descobriu que realmente havia uma conexão.” Katharina sorriu e coçou os pelos da nuca dele. “Chega de curral de cabras! Vem, deita comigo e me fode, você é meu herói e merece! E se precisar, pense em foder a buceta da Eva, eu não me importo!”

“Por favor, tenha cuidado, Sr. Franz, porque eu só tenho uma vagina muito pequena e muito apertada! Penetre com cuidado e não me machuque!” Ele assentiu com um nó na garganta e a penetrou com muita delicadeza. Meu Deus, que vagina apertadinha, ainda mais apertada que a da Bettina! Aos 43 anos, Katharina já era uma mulher mais velha e ele não esperava que ela tivesse uma vagina tão apertada. Mas ela realmente gostou da transa, ficou excitada rapidamente e teve um orgasmo maravilhoso. Ela relaxou imediatamente e acariciou as nádegas dele até que ele gemeu profundamente e ejaculou dentro dela. Daquele dia em diante, eles transaram uma ou duas vezes por noite até Franz ficar exausto. Algo parecido com amor surgiu entre eles.

Na manhã de domingo, Eva foi até a cama de Katharina como de costume, esperou do lado de fora da porta até que elas acordassem e começaram a transar. Ela deixou cair sua camisola e se aconchegou nua perto de Katharina durante o ato. Franz olhou com desejo para o corpo e a vagina da jovem e continuou a transar com Katharina animadamente. Não o incomodava que a garota estivesse ali observando. “Transar deve ser bom, mãe”, Eva sussurrou depois da transa e do orgasmo de Katharina, “Eu também quero transar!” Katharina sorriu: “Vá com calma, minha filha, quando você fizer 16 anos, encontraremos um bom homem para você e você poderá transar com ele o quanto quiser!” Eva fez beicinho, é claro, mas Katharina não cedeu e Franz adormeceu novamente.

Nos anos seguintes, tropas dispersas passaram por ali. Cercaram o mosteiro e saquearam as fazendas. Queriam comida, bebida e vinho, e transar com todas as mulheres. De filhas jovens a avós, eles abusavam de todas as vaginas que conseguiam alcançar. Raramente vinham à fazenda de Catarina; então, Catarina mudava a cama de casal de lugar e Eva e Franz tinham que se esconder no “Buraco do Padre”, atrás da cama, onde Catarina sempre escondia Eva. Os dois tinham que esperar abraçados até o amanhecer, até que os invasores tivessem transado, comido e bebido o suficiente. Estavam a apenas meio metro da transa; ouviam os lansquenetes bufando e gemendo enquanto gozavam. Ouviam Catarina suspirar quando alguém não fazia bem o seu trabalho, ou gemer, gritar e exclamar baixinho em êxtase quando o cara fazia um bom serviço. Katharina disse que apenas os múltiplos orgasmos eram difíceis para ela, porque quando passava de um orgasmo para o outro sem tempo para se recuperar, era muito cansativo.

Franz teve que se agachar no “Buraco do Padre”, era muito baixo para ficar em pé. Deixou Eva sentar em sua coxa e a segurou pelas nádegas nuas. Ela começou a cavalgar em sua coxa como um cachorro. “Só estou fazendo isso porque parece tão excitante lá do lado”, Eva sussurrou em seu ouvido. Ele assentiu, dando de ombros, e a segurou pelas nádegas nuas. Seus dedos tocaram seus lábios vaginais, que ela esfregou em suas coxas. Ele tinha visto a velha Agnes se masturbando naquela época, mas não queria fazer isso com Eva agora. Bastava para ele sentir a vagina dela na escuridão enquanto ela estivesse esfregando sua coxa. Ela teve um orgasmo imediatamente quando os dedos dele tocaram seu clitóris. O rosto de Eva corou de suor quando ela parou de cavalgar nele após o orgasmo. Ela murmurou em seu ouvido o quão bom tinha sido e então ficou em silêncio por um tempo. Ela sentiu a coxa dele com os dedos. “Posso me segurar em você?”, ela sussurrou e ele deu de ombros. Segurar — para quê? A mão de Eva deslizou para dentro das calças dele e agarrou seu pênis. A cabeça dele ficou vermelha enquanto seu pênis ficava cada vez mais rígido em seu punho. Embora ela não movesse o punho, este subiu por sua virilha e, depois de alguns minutos, ele ejaculou. “Ejaculou”, Eva sussurrou surpresa em seu ouvido, “fiz algo errado?” Franz balançou a cabeça e permaneceu em silêncio, sem conseguir responder. Eles passaram a noite assim, Eva cavalgando em sua coxa

até atingir o orgasmo de vez em quando e fazendo-o ejacular em seu punho. Ele pensou que ela conhecia o segredo do clitóris e o estimulou com o dedo de forma proposital enquanto ela cavalgava, até que ela atingisse o orgasmo rapidamente. Ela, por sua vez, percebeu que ele estava se movendo para cima e para baixo em seu punho enquanto ejaculara, então ela também se moveu para cima e para baixo com o punho, o que também o fez ejacular rapidamente. Eles se masturbaram a noite toda, parando apenas quando ouviram os gemidos de luxúria e prazer de Katharina. Eles continuaram mesmo quando ele não conseguia mais ejacular. Havia um silêncio absoluto, apenas um leve suspiro denunciando sua atividade secreta. Do outro lado da barricada, Katharina se deixava foder de vez em quando por um Lansquenet. Mas no dia seguinte, tudo havia acabado.

Katharina sorriu naquela noite enquanto estavam deitados juntos. “Eva me contou que você ejaculou na mão dela?” Franz assentiu. “Sim, ela queria muito segurar na mão e aí simplesmente ejaculou, e daí?” disse ele, com um tom brincalhão. “Ela esfregou minha coxa a noite toda até gozar! Eu segurei os lábios dela enquanto ela gozava e, cada vez que meu dedo tocava o clitóris dela, ela tinha um orgasmo! Eu senti exatamente com a ponta dos meus dedos!” Agora era só Katharina se maravilhar. “Talvez seja um erro ela nos ver transando nas manhãs de domingo?” Franz pensou por um longo tempo. Não, disse ele, é completamente natural que ela veja. É algo totalmente natural, não estamos fornicando. Além disso, ela já tem 13 anos, é nessa idade que o interesse sexual desperta.

Katharina riu: “Não, meu querido, ela já tem 14 anos e logo fará 15. É por isso que ela me atormenta todo domingo de manhã dizendo que quer transar com você!” Franz ficou perplexo. “E o que você acha disso? Que ela quer transar, afinal, e que quer transar comigo?” Katharina refletiu. “Não me surpreende que ela queira transar com você. Você foi o único que representou algo como um pai para ela nos últimos quatro anos. Nesse período tão importante, o único com quem ela compartilhou o segredo do orgasmo no ‘Buraco do Padre’. Para mim, seria ótimo se você fosse o primeiro homem dela. Foi o mesmo para mim.” Franz a olhou surpreso. Agora ela teria que lhe contar tudo.

“Minha mãe morreu quando Rudolf nasceu. Meu pai contratou uma ama de leite para amamentar o pequeno. Ela era velha e feia como a noite, mas conseguiu amamentar o pequeno Rudolf. Todas as noites eu tinha que virar o rosto porque meu pai a fodia todas as noites. ‘Um homem tem que foder todos os dias, senão o pau atrofia’, ele me dizia. A ama deixava-se foder sem reclamar, embora uma vez tenha dito que não gostava muito de foder. Ela automaticamente puxava a camisola até o umbigo e deixava os joelhos caírem para os lados. Meu pai enfiava o pau com muito cuidado porque a vagina dela já tinha começado a encolher e ficava um pouco mais apertada de novo. Ele a fodia por pelo menos quinze minutos e depois se endireitava, e a cada vez ela sorria delicadamente e dizia: ‘Goza dentro com confiança, Vossa Graça vai se divertir!’ e então ele penetrava e gozava, o que eu achava muito excitante. Meu pai queria foder uma segunda vez todas as noites, então ela pegava o pau dele na boca e lambia e chupava por 10 minutos até gozar.” Ele estava duro de novo. Às vezes, ela fazia isso descuidadamente e ele ejaculava na boca dela. Então ela engolia o líquido com um sorriso largo e dizia: “Vamos tentar de novo, Vossa Graça!” e o lambia até ficar duro novamente. Sorrindo, ela colocava o pênis dele de volta na vagina e então ele a fodia pela segunda vez, que demorou muito mais do que a primeira. Ela pressionava o clitóris com o dedo durante a ejaculação e tinha um orgasmo. Eu não conseguia entender como ela fazia isso com o clitóris. Ela então limpava o líquido com a ponta da camisola, dizia: “Boa noite, Vossa Graça!” e deitava-se para dormir. Meu pai e a enfermeira nunca se beijaram. Infelizmente, Rudolf morreu antes de completar um ano. A enfermeira continuou morando conosco para que meu pai pudesse transar com ela todas as noites. É claro que eu sempre os observava secretamente; achava o sexo muito excitante e interessante. Eu já tinha 13 anos e, como você bem disse, muito interessado em sexo. A enfermeira nos deixou um ano depois e eu fiquei sozinho com meu pai. Logo na primeira noite, ele perguntou Se eu o fizesse com as mãos... Balancei a cabeça negativamente. O pastor proibia nós, meninas, e também os meninos, de pecar com as mãos. Claro, isso era só uma desculpa, porque eu teria cometido qualquer pecado pelo meu adorado pai, mas eu realmente queria transar com ele naquela época. Eu também não fiz isso com nenhum dos meninos naquela época, eu apenas os observava atentamente cometendo o pecado — o pastor não proibia.

“Pensei nisso por um instante e disse ao meu pai que ele podia me foder como a enfermeira, que não era proibido. Meu pai engoliu em seco e disse que era proibido e um pecado, e que ninguém jamais deveria descobrir! Assenti e prometi não falar sobre isso, mas ele já morreu há anos. Dei a ele minha virgindade, transamos todos os dias durante anos até eu me casar com Laurenz. Laurenz entendia muito bem que eu ainda transava com meu pai às vezes, até o fim da vida dele.”

Katharina olhou Franz diretamente nos olhos. “Não me importo se você quiser transar com a Eva, ela já tem idade suficiente e está pronta para isso. Vou falar com a Eva para ver se ela realmente quer. O que você acha, está pronto?” Franz coçou a cabeça. “Nunca tirei a virgindade de uma garota. O que eu tenho que fazer, o que eu tenho que levar em consideração?” Katharina sorriu e simplesmente disse: “Você não deve penetrar com muita força na primeira vez, faça com delicadeza e sensibilidade. Quando o hímen se romper, você pode transar com ela normalmente. E enquanto ela não estiver menstruada, você pode simplesmente ejacular dentro dela. Certo?” Ele assentiu com um nó na garganta.

Na manhã do domingo seguinte, Katharina esperou até que Eva se aconchegasse completamente a ela depois da transa e começasse a implorar. Ela riu e disse: “Hoje, minha pequena, nosso mestre vai te transformar em mulher!” Eva arregalou os olhos. Franz apontou para o seu pênis flácido. “Vai ser difícil com isso!” ele sorriu. Eva protestou imediatamente. “Eu sei como deixá-lo duro!” e agarrou o pênis dele firmemente em sua mão. Ela só havia segurado o pênis dele na mão no “Buraco do Padre”, porque sempre achou que Katharina não gostaria. Mas agora ela o segurava com força, massageando-o lentamente por quinze minutos.

Ela deitou-se de costas e abriu as pernas. Franz pediu que ela guiasse seu pênis. Ela o posicionou e o abraçou carinhosamente. Olharam-se nos olhos e Eva assentiu. Ele penetrou lenta e cuidadosamente, sentindo o rompimento do hímen e ouvindo Eva sussurrar “Oo-oo!”, antes de começar a chorar e sorrir. Ele a penetrou lenta e cuidadosamente, sentindo sua excitação e segurando o orgasmo até que ela tremesse brevemente, bem diferente de Katharina, que se contor-

cia e tremia muito mais violentamente. Daí em diante, Eva vinha todas as noites e esperava ao lado da cama até que ele e Katharina terminassem de transar, para então deitar-se com eles. Isso continuou por dois anos; eles faziam amor e Franz sabia, no fundo, que preferia transar com a garota mais jovem do que com a mais velha. Não tinha nada a ver com amor, apenas com a idade.

Katharina estava perto de completar 50 anos. Ela sentia cada vez mais dor durante o sexo e foi consultar a curandeira. A curandeira examinou sua vagina e apoiou a cabeça no colo. “Geralmente, apenas mulheres com mais de 70 anos têm a vagina encolhendo, e você tem apenas 50. Mas acontece, mesmo que seja raro. Converse com seu marido sobre isso, dê a ele a liberdade de procurar outro profissional e faça isso sozinha.” Katharina assentiu, compreendendo a situação. Mas ela não sabia como fazer sozinha. A curandeira aguçou os ouvidos. “Você nunca fez isso sozinha antes?” Katharina balançou a cabeça negativamente. A curandeira suspirou e demonstrou. Depois de masturbá-la até o orgasmo, deu-lhe um tapinha amigável na nádega. “Este orgasmo é tão bom quanto quando você transa com seu marido, se ele for bom nisso”, disse a curandeira.

Katharina realmente conversou com Franz. Eles se sentaram no tronco de uma árvore na margem do rio, aquele era o lugar onde podiam conversar sem serem interrompidos. Ela contou sobre sua visita ao curandeiro. “Estou ficando velha, minha vagina está encolhendo com o tempo e ficando cada vez mais apertada. Dói cada vez mais ser penetrada pelo seu pau duro. Eu te amo muito, meu amor, e quero transar com você sempre que você quiser. Mas dói cada vez mais. O curandeiro me ensinou a ter um orgasmo sem dor. E você tem alguém, Eva, que te adora e adora transar com você.” Eles conversaram sobre isso por um tempo, mas chegaram a um acordo. No entanto, ele pediu que ela estivesse presente quando transasse com Eva, isso era importante para ele. Katharina explicou a situação para Eva brevemente. Eva ficou muito preocupada, por um lado, porque Katharina nunca havia ficado doente antes, mas, por outro lado, estava ansiosa para assumir a parte de Katharina na transa. E foi assim que fizeram. Franz transou com Eva duas vezes, o suficiente para ele. Ele e Eva observaram Katharina se masturbar atentamente; agora ela conseguia ter um orgasmo sem dor.

Na vez seguinte em que os lansquenetes atacaram, Katharina chorou e uivou, e Eva decidiu trocar de lugar com ela. E de fato, deixou os lansquenetes a foderem até altas horas da madrugada, e embora estivesse completamente exausta pelos inúmeros orgasmos, também se sentia muito orgulhosa de seu ato heroico. Ela completou 15 anos, depois 16, e Katharina começou a procurar um marido para ela.

Ela encontrou o que procurava. Ludwig Melhorn era filho de uma família rica que, embora não pudesse herdar os negócios do pai, era um pretendente adequado aos 18 anos. Sua família era muito seletiva, mas Eva era filha de um homem muito respeitado, o que fez toda a diferença. Eva e Ludwig se conheceram e se deram bem instantaneamente. Eva percebeu que Ludwig era um cara muito legal e sugeriu que ele passasse a noite com ela. Assim, Franz passou a noite no quarto das crianças e Katharina deitou na cama grande com Eva e Ludwig como acompanhantes. Eles se deitaram e Katharina e Eva ficaram olhando para o pênis de Ludwig.

Era minúsculo. Muito minúsculo, mal do tamanho do dedo mindinho de Katharina. Ele parecia não perceber, então não comentaram nada. Ele sentou-se nu na cama e olhou com desejo para a vagina de Katharina. Katharina pegou o pênis do rapaz na mão e o masturbou por um bom tempo até que ele ficasse completamente ereto. Para sua surpresa, ele perguntou se podia transar com ela. Katharina ficou surpresa e confusa, mas assentiu. “Mais tarde, depois da Eva.” Eva entrou em seu campo de visão e só agora ele pareceu entender. Ele transou com Eva muito rapidamente e mal ejaculou. Ele se virou para Katharina e a abraçou. “Faça ele ficar duro de novo, por favor”, sussurrou, e Katharina assentiu. Ela masturbou o pênis do rapaz por quinze minutos até que ele ficasse completamente ereto novamente. Ele se deitou sobre Katharina e a penetrou com tanta força que ela quase teve um orgasmo. “Preciso ejacular agora”, ele ofegou, e Katharina sussurrou: “Vamos, ejacula, meu garoto!” Só agora ele realmente ejaculou. Ele se aconchegou em Katharina e deixou que ela lhe fizesse perguntas. Não, ele nunca tinha transado com uma garota jovem como Eva antes. Apenas com sua antiga enfermeira, que o amamentara e o criara como se fosse seu próprio filho, ele transara todas as noites por vários anos. Ela o ensinara a transar e ele só se sentia confortável transando com mulheres mais velhas. Katharina

soube imediatamente que ele era completamente pervertido sexualmente, o coitado. Ele gostava muito de Eva e ela também gostava dele, mas a relação sexual entre eles era bastante complicada.

No dia seguinte, Katharina contou tudo a Franz e pediu sua opinião. Ele primeiro quis saber se ela não sentia dor durante o sexo. Ela riu: “Mas não! O pênis dele é bem pequeno e transar com ele foi como transar comigo mesma com o meu dedo mindinho.” O coração de Franz se acalmou novamente. “Eu estava com muito medo de que ele transasse com você e causasse dor.” Eles conversaram no tronco da árvore perto do riacho. “Não conheço muito bem os costumes daqui”, disse ele. “Eu costumava pensar que o futuro marido só transaria com a amada e não com a sogra.” Ela riu e assentiu: “Era o costume também. Meu pai ficava deitado em silêncio ao nosso lado, se masturbando enquanto me observava transar com Laurenz nos meses que antecederam o casamento, e era assim que deveria ser. Um dos pais, como ‘acompanhante’, deveria garantir que ele tratasse a noiva com decência e respeito. Já ouvi falar de sogras que obrigavam o noivo a transar com elas também para obter sua bênção. Até certo ponto, consigo entender se a mulher for bem idosa e não tiver mais ninguém com quem transar.” Pensativa, ela jogou uma folha seca no riacho. “O pobre Ludwig está completamente obcecado pela ama de leite, que já está perto dos 70. Ele nunca transou com uma mulher mais jovem. Vejo um problema sério se aproximando para Eva. Porque, além do sexo, os dois se dão muito bem, o que é um bom pré-requisito.” Franz disse que ela deveria falar abertamente com ele esta noite e não ficar dando voltas.

Katharina fez exatamente o que Franz havia dito. Ludwig era um cara sensato e entendeu o que ela queria dizer. Ele prometeu transar com Eva tão bem quanto a velha ama de leite. Ou até melhor. Mais uma vez, ele deixou Katharina masturbá-lo até que ficasse excitado, porque disse que adorava aquilo, e então transou com Eva com toda a sua entrega. Eva não teve um orgasmo com ele, mas não ficou insatisfeita. Ele se esforçaria ainda mais no dia seguinte, disse Ludwig, e depois de um tempo transou com Katharina. Ele realmente se esforçou para transar bem com Eva e ela teve que admitir que ele realmente se esforçou. Ludwig cochilou por quinze minutos e então transou com Katharina com grande entusiasmo. Isso continuou por 3

meses, dia após dia. Primeiro ele transou com Eva e depois com Katharina, com quem se manteve teimoso. E Katharina o deixou transá-la por 3 meses porque não sentia nenhuma dor com ele e atingia o orgasmo secretamente tocando seu clitóris enquanto ele ejaculava. — Então os dois se casaram.

Katharina tinha completado 50 anos, Franz continuava com 32, como anos atrás. Ele não envelhecia, e ela já havia notado isso há muito tempo. Seu cabelo não crescia, ou quase não crescia. Ela sabia que os homens se barbeavam a cada poucos dias, mas Franz só se barbeava uma vez por ano. Estavam sentados no tronco de uma árvore à beira do rio quando ela começou a falar sobre isso. Ele assentiu; também havia notado, principalmente porque seus ferimentos estavam demorando muito mais do que o normal para cicatrizar. Ele também não sabia por que não envelhecia, ou quase não envelhecia. Pensava que tinha algo a ver com o raio que o atingira na praça da catedral uns bons dez anos atrás. Não fora um raio comum; teria o queimado e matado. Ele teve que aceitar o fato de que não envelhecia, ou envelhecia muito lentamente, já que não parecia haver nenhuma desvantagem. Ficaram pensando nisso por um longo tempo antes de entrarem.

Katharina previra que, após o casamento, seria preciso encontrar uma substituta para Eva. Encontrou uma órfã que havia sido abusada pelos Soldateska, que queria trabalhar no campo e que entendeu imediatamente que teria que transar com o dono da casa. Sem problemas, disse Pamina, de 16 anos, ser estuprada pelos lansquenetes não lhe causara nenhum dano permanente na alma ou na mente. Pelo contrário, ela se orgulhava de ter se tornado mulher aos 14 anos. Baixou os olhos timidamente ao admitir a Katharina que adorava transar. Vivera nas ruas por tempo demais e se deixara estuprar por algumas moedas, mas aquela não era uma vida boa. Queria voltar a viver em uma família. Foi contratada.

Em contraste com Eva, Pam, como era chamada, era bastante feia. Tinha apenas seios muito pequenos, uma bunda igualmente plana e uma marca de nascença marrom do tamanho da palma da mão nas costas. Acima de sua fenda infantil, havia um pequeno tufo de pelos ruivos dourados. Apenas seu rosto era infantil — bonito em meio aos

cabelos ruivos; ela sorria muito e tinha um temperamento alegre. Era analfabeta, um pouco deficiente mental e não particularmente inteligente, mas trabalhava para dois na lavoura e ficava feliz quando as pessoas lhe davam flores.

Franz não deixou transparecer sua decepção com a aparência dela quando os três foram para a cama pela primeira vez. Pam perguntou a Katharina se deveria esperar até que a patroa terminasse de transar. Mas Katharina disse que era velha demais para transar e que faria isso sozinha com o dedo. Pam assentiu; ela sempre fizera isso com o dedo desde pequena, mas, como podia transar, não fazia mais. E então Franz teve uma grande surpresa.

Pam transou com mais entusiasmo e paixão do que quase qualquer outra pessoa antes. Ela era muito tranquila e já tinha tido seu quarto orgasmo jubilante quando ele ejaculou após uma longa transa. Katharina também nunca tinha visto uma garota assim e interrompeu sua masturbação para observar Pam transando. Pam transou com muita energia e não teve nenhuma dificuldade em chegar ao orgasmo. Ela abriu a boca silenciosamente e olhou nos olhos de Franz, sorrindo feliz. Ela puxou o prepúcio sobre seu pequeno clitóris e o soltou novamente quando o orgasmo diminuiu após meio minuto, então continuou transando como antes.

Após a primeira transa, Pam encostou a cabeça no peito de Franz, acariciou seu pênis com muita delicadeza e suavidade e esperou pacientemente até que ele ficasse duro novamente. E, mais uma vez, Pam teve um orgasmo atrás do outro, sendo muito gentil com ele e ajudando-o a retardar a ejaculação. Passou-se mais de meia hora até que ele assentisse e ela, conscientemente, o fez ejacular dentro dela. Ela estava cansada de tantos orgasmos, mas muito feliz quando Franz a beijou nos lábios no final e disse o quanto ela era ótima na cama. Pam perguntou a Katharina se deveria estimulá-la com os dedos, mas Katharina recusou com um gesto de mão. Franz e Pam se abraçaram enquanto observavam Katharina se masturbar com um único dedo até atingir um orgasmo trêmulo e vibrante. “Foi um ótimo começo”, disse Franz.

Dois meses depois, foram surpreendidos pelo som de um cavalo; era Eva. Sentaram-se na cozinha e Eva uivou como um torrencial dia chuvoso. Ludwig era um cara tão doce, engraçado e inteligente, mas não gostava de transar com Eva. De jeito nenhum. Às vezes, ele escapava à noite para transar com sua babá no dormitório dos criados, e não se importava que todos vissem o jovem patrão transando com a velha babá. Gostava de deitar no colo de Eva como um bebê, mamar em seus seios como uma criança e deixar que Eva o masturbasse. Transar? Talvez uma vez por semana. Katharina e Franz ficaram chocados. “Como vou engravidar? Como vou ter filhos?”, Eva chorava, sem conseguir ser consolada. Ela se masturbou metade da noite com um dedo e chorou porque sabia que nunca conseguiria engravidar daquele jeito. Katharina disse secamente que Franz ainda estava lá e que ela poderia ter filhos com ele.

Eva ergueu a cabeça. As lágrimas secaram imediatamente e ela sorriu para Franz. “Sim, isso é possível?”, exclamou alegremente. Katharina estava fria como gelo. “Se ele transar com você dia após dia, durante dois ou três meses sem falhar um dia sequer, você com certeza vai engravidar e poderá empurrar seus filhos bastardos para Ludwig, se quiser. Volte para a cidade e pense bem. Quando voltar amanhã ao meio-dia, já terá se decidido!” Katharina se levantou e abriu a porta. “Pense bem e decida-se até amanhã!” Eva obedeceu e voltou para casa.

“É uma boa ideia?”, perguntou Franz. “Eu topo se você realmente quiser, claro, mas não tenho certeza se é bom e certo para a Eva.” Katharina sentou-se novamente à mesa e disfarçou o tremor das mãos. “Não sei quanta pressão ela está sentindo. Eu mesma senti essa pressão quando quis meu filho e, mais tarde, minha filha. Não, eu precisava. Eu teria morrido se não tivesse tido um filho. E se o Laurenz não tivesse se interessado por sexo, eu teria deixado outro me engravidar, com certeza!”

À noite, depois da maravilhosa transa com Pam, Katharina explicou a situação para ela. Sua filha, Eva, transaria com Franz pelas próximas noites e ela teria que pegar leve com ele, para não transar muito e com muita força, para que ele pudesse montar Eva. Pam assentiu como se tivesse entendido. “O senhor Franz vai montar Eva,

isso com certeza será divertido! E... o senhor Franz provavelmente vai transar com Eva depois de montá-la também, não é?” Katharina percebeu que precisava explicar em detalhes e explicou. Pam ouviu boquiaberta e repetiu o que havia entendido. “Entendi”, disse ela finalmente, “mas quando ele tiver transado com ela vezes suficientes, eu vou poder experimentar se o mestre gosta de transar comigo depois?” Franz abraçou a criança boba. “Eu gosto de você, Pam, eu gosto muito de você. É muito importante que eu transa com Eva e goze dentro dela. Quando Eva estiver satisfeita, nós dois vamos experimentar também, ok?” Pam se aconchegou em seus braços. “Sim, vamos tentar e tenho certeza de que vai funcionar, funcionou para todos os homens até agora!” Seu olhar para Katharina expressava a certeza que ela tinha de si mesma.

“E você tem certeza de que Eva virá amanhã?”, perguntou ele a Katharina mais tarde, e ela assentiu. “Vamos, coloque seu rosto na frente da minha vagina, eu adoro ver o desejo sexual brilhar nos seus olhos!”

Na hora do almoço, Eva chegou a cavalo e entrou no quarto sem dizer uma palavra. Ela já estava nua quando Franz entrou. Katharina foi para os fundos da casa e chamou Pam. Elas foram até o quarto e encontraram Eva e Franz já se beijando intensamente. Pam rapidamente tirou o vestido e se deitou ao lado de Franz, pois ainda não conhecia Eva e estava um pouco tímida. Katharina percebeu que os três precisavam de espaço e sentou-se nua aos pés da cama. As duas garotas acariciaram Franz de forma competitiva e o pênis dele ficou duro em pouco tempo. Pam murmurou baixinho: “Pode montá-la agora, mestre!” Pam agarrou o pênis dele e o inseriu na vagina de Eva. “Agora pode foder com ela, mestre!” Katharina mal conseguia conter o riso. Eva sabia da existência de Pam por meio de Katharina, então passou um braço em volta da bunda de Franz e o outro em volta dos ombros dele. “Por favor, por favor, me faça um bebê, ó Senhor!” E ele não tinha certeza se ela estava falando dele ou se era uma oração para incentivá-la, mas não pensou mais nisso e começou a transar. Pam disse para Eva: “Vou fazer isso com o meu dedo!” e Eva respondeu, sem pensar, “Sim!”.

Eva sentiu o dedo de Pam em seu clitóris. Ela nunca havia se masturbado daquela forma. Quis protestar, mas era tarde demais; a excitação já subia por suas coxas e chegava à sua vagina. Ela nunca havia se masturbado até o orgasmo antes do casamento, mesmo depois de Franz tê-la estimulado por horas no “Buraco do Padre”. Mas de repente se lembrou de ter cavalgado em sua coxa no “Buraco do Padre” e de que, naquele instante, quando os dedos dele tocaram e depois acariciaram seu clitóris, seu orgasmo explodiu inúmeras vezes, provavelmente centenas delas. O toque dos dedos de Pam trouxe de volta as lembranças daquele tempo.

Katharina observava os três atentamente e achou a cena incrivelmente excitante. Ela reconheceu o rubor de excitação no rosto de Eva; nunca tinha visto a filha assim. Pam estava com uma perna levantada e Katharina conseguia ver o fundo da sua vagina adolescente. Não dava para perceber, pelo aspecto infantil da sua vagina, que ela já tinha sido fodida centenas de vezes. Franz estava longe de estar pronto, mas então Eva teve um orgasmo; ela tremeu e se contraiu um pouco, como de costume. Pam tinha soltado o clitóris dela brevemente durante o orgasmo e agora continuou. Eva teve vários orgasmos, talvez quatro ou cinco vezes, e então Katharina percebeu que Franz estava ejaculando. Normalmente, ele retirava o pênis de Eva para não engravidá-la. Mas era exatamente isso que Eva queria agora, e ele penetrou fundo pela primeira vez para ejacular dentro dela. Eva murmurou algo incompreensível quando ele terminou de ejacular e retirou o pênis. Exausto, ele se sentou ao lado de Eva.

“E você pensou bem nisso?”, perguntou ele a Eva. Ela também já estava cansada e assentiu: “Sim, pensei. Por favor, me faça um filho, senhor!”. Pam olhou incerta para Katharina, pois para ela, Katharina era a chefe. “Você não quer que ele a monte de novo?”, perguntou, e Katharina disse que o mestre precisava de alguns minutos de descanso, depois montaria Eva novamente. Pam assentiu e esperou alguns minutos, então agarrou o pênis dele e o deixou duro num instante. “Você terá que montá-la de novo, mestre!”, murmurou, enfiando o pênis dele firmemente na vagina de Eva. Ele a penetrou novamente e Pam esfregou o clitóris de Eva com grande entusiasmo. Eva já estava muito cansada, mas voava de orgasmo em orgasmo sob os dedos de Pam, e Franz a penetrou por um longo tempo antes de se endireitar e

ejacular dentro da vagina de Eva. Ela suspirou carinhosamente enquanto ele ejaculava e depois ejaculou tudo ritmicamente dentro dela. Acabou, todos estavam completamente exaustos. Katharina estava no auge do prazer, mas Pam afastou o dedo dela e assumiu o controle. Suspirando, Katharina deitou a cabeça no peito de Franz e abriu as coxas com vontade. Ela suspirou e suspirou sem parar, porque Pam era uma mestre em masturbar mulheres. Ela deixou Katharina em chamas e a levou ao orgasmo, tremendo e se contorcendo. Daquela momento em diante, Katharina não teve mais nenhum problema em deixar Pam masturbá-la.

Eva vinha todos os dias na hora do almoço, durante três meses. Estava grávida e vinha mesmo assim, porque precisava da foda e dos muitos orgasmos de Pam. À noite, Franz se recuperava e Pam se deixava foder com entusiasmo e alegria. Os anos se passaram, Eva teve um filho e mais duas filhas e continuou a transar com Franz sempre que conseguia um tempinho livre. Ludwig sabia que ela cavalgava para transar na hora do almoço, mas aceitou isso desde o início e era um pai orgulhoso e bom para os filhos de Eva.

A guerra estava chegando ao fim, os políticos lutavam entre si por cada centímetro de influência e invocavam Deus em todas as ocasiões. Magdeburgo, que havia se tornado pequena, despertou novamente, o pai de Ludwig tornou-se juiz e perseguiu com mão de ferro os combatentes católicos dispersos. Franz sentia-se cada vez mais inseguro à medida que seus camaradas de armas desapareciam um a um nas masmorras. Ele precisava fugir. Katharina entendeu a situação imediatamente, Eva nem tanto. Ela era esposa de Franz, não de Ludwig. Ela garantiu que o pai de Ludwig ainda não perseguisse seu marido, seu grande filho da puta Franz. Mas era apenas uma questão de tempo até que Franz perecesse e morresse em uma masmorra.

Franz não podia e não queria esperar mais. Despediu-se de todos, fez amor com Eva e Pam mais uma vez e segurou Katharina em seus braços pela última vez enquanto ela atingia o orgasmo. Então, montou em um cavalo e partiu a galope. Ainda não tinha um destino, mas queria voltar ao Tirol, queria ver Bettina. Ao chegar em Schwaz, foi encaminhado ao cemitério, onde os três jaziam, seus pais e Bettina ao lado, que havia falecido no parto. Ficou parado diante das cruzes

por um longo tempo, o passado passando diante de seus olhos como um filme.

Ele viu a velha Agnes, a primeira com quem transou. Ela sorriu ironicamente quando o pequeno Franz a observou se masturbar na palha pela primeira vez. Ele baixou as calças até o chão e observou a velha deitada de pernas abertas sobre os fardos de palha, se masturbando apaixonadamente. O sêmen escorria do seu pênis e ele ejaculou no chão porque aquilo parecia muito excitante. A velha teve um orgasmo e observou o menino ejacular. A mulher com deficiência intelectual o chamou com um gesto. “Vamos, transa!”, disse ela, mostrando-lhe como ele deveria transar com ela. Ele ficou extasiado e ia ao estábulo todas as tardes para observar Agnes se masturbar e depois transar com ela. Somente depois de semanas ele revelou esse segredo à sua irmã Bettina, um ano mais nova. Ambos dormiam no quarto das crianças e Bettina se escondia debaixo do cobertor dele todas as noites.

Há muito tempo que eles exploravam as partes íntimas um do outro e, um dia, Bettina descobriu que ele conseguia ejacular. A partir daí, ela o masturbava todas as noites, esfregando desajeitadamente os lábios vaginais sem perceber o segredo do clitóris. Ele estava muito orgulhoso de conseguir fazer algo que Bettina não conseguia. Eles tentaram transar assim que ele contou a Bettina. Mas doeu nela, e ela o empurrou. “Ainda sou virgem e não posso transar ainda”, disse Bettina, chorando lamentavelmente. Ele ia ao estábulo todas as tardes e transava com a velha Agnes. Ele havia mostrado a Bettina um bom esconderijo de onde ela podia observá-lo transando com Agnes.

A mãe entrava no quarto do bebê todas as manhãs para acordar as crianças. Ela via a ereção matinal de Franz com cada vez mais frequência e, pensativa, ia até a cozinha preparar o café da manhã. As crianças faziam perguntas sobre sexualidade e, certa manhã, a mãe entrou, mostrou-lhes a vagina e explicou tudo. Após alguma hesitação inicial, ela mostrou como se masturbava. Os dois observaram, boquiabertos, enquanto ela se masturbava sem pudor, esfregando um dedo com força no clitóris e enfiando outro dedo rapidamente em sua vagina. Ela riu alto enquanto tremia e se contorcia em seu orgasmo obsceno. Bettina experimentou naquela mesma noite e agora

também conseguia se masturbar. Era da sua natureza encarar tudo como uma competição. Eles ouviram o relógio da igreja bater as horas enquanto ela tentava cronometrar quantas vezes conseguia fazer Franz gozar em uma hora, quantos orgasmos conseguia ter em uma hora.

Certa manhã, sua mãe sentou-se no colo de Franz e masturbou seu pênis ereto, como devia ser feito. Bettina fingiu estar dormindo, é claro. A mãe sentiu exatamente quando ele estava prestes a ejacular e enfiou o pênis dele em sua vagina por baixo da camisola. Ele ejaculou dentro dela e ela lhe disse em um sussurro baixo que, quando ele crescesse, ela o ensinaria a transar de verdade, mas shhh! Nem uma palavra para Bettina! Ele assentiu e manteve a boca fechada, porque não queria contar à mãe que estava transando com a velha Agnes há muito tempo. Quando ela saiu, Bettina sussurrou animada para ele: “Ele realmente gozou dentro dela?”

Não era todo dia que sua mãe o masturbava de manhã e o fazia gozar dentro dela. Mas sua mãe lhe contou certa vez que não transava com seu pai há anos. Ele só transava com a velha Agnes, a desgraçada, e ela transava todo dia com o filho do vizinho, que era apenas alguns anos mais velho que Franz. Seu pai havia sido eleito para a câmara municipal e viajado para Innsbruck, a capital da região. Sua mãe aproveitou a oportunidade e atraiu Franz para seu quarto de manhã cedo. Ele transou com ela de verdade pela primeira vez e Bettina ficou eufórica porque os espionava. Naquela noite, ela deixou Franz tirar sua virgindade e agora eles transavam todas as noites. No total, sua mãe só transou com ele oito vezes em todos esses anos, mas nem ele nem Bettina sabiam que era incesto; só aprenderam esse termo muitos anos depois.

Bettina ainda não tinha menstruado e ambos sabiam que não precisavam se preocupar com contracepção ou gravidez naquele momento. Transavam sempre que podiam, amavam-se com todo o coração e se abraçavam como amantes. Bettina, no entanto, ficou muito ciumenta e esnobe quando Franz cuidou com tanto entusiasmo da nova empregada.

A velha Agnes fora dispensada pelo pai, que contratara uma empregada mais jovem. Franz transava com a nova empregada, Eva, como a jovem de 20 anos era chamada, como se fosse algo corriqueiro. Ela o ensinou a usar contraceptivos e a retirar o pênis antes de ejacular. Pacientemente, explicou-lhe por que ele podia ejacular em alguns dias e não em outros, e ele acatou, pois sua explicação sobre o ciclo menstrual era muito plausível. Certa vez, ela chorou em seus braços porque o pai fora irracional e ejaculara dentro dela sem pudor. Mas ele não tinha como influenciar o velho estúpido. Depois disso, ela se tornou esperta o suficiente para se afastar imediatamente nesses dias e chupar o pênis do velho. Para ele, não importava ter que ejacular na boca dela, e era uma boa solução para ela. Eva ensinou Franz a transá-la por trás, porque era assim que ela mais gostava. Ela se masturbava sem parar e tinha orgasmos quando queria. Em alguns dias em que ele tinha permissão para ejacular dentro da vagina de Eva, ele matava aula e se divertia com ela por horas no celeiro. Nos dias “perigosos”, ela o ensinava a ejacular em sua boca. Ela pegava um pedaço do pênis dele na boca e o chupava e lambia, masturbando-o ao mesmo tempo. Ela havia dito para ele esperar até que ela desse o sinal antes de ejacular. Então ele tinha que empurrar o pênis fundo na garganta dela e terminar de ejacular o mais rápido possível, porque ela tinha que prender a respiração. Depois de algumas tentativas, funcionou: ele a encarou nos olhos até que ela desse o sinal com os cílios. Ele sempre tinha que segurar a ejaculação por um longo tempo, porque ela via seu desespero, mas ela tinha que deixá-lo sofrer um pouco. Ele imediatamente enfiou o pênis tão fundo que ela quase se engasgou e ejaculou o mais rápido que pôde bem fundo na garganta dela. Ele puxou o pênis para fora imediatamente e ela engoliu tudo. Foi emocionante, mas ele preferiu transar com ela e ejacular dentro da vagina dela, admitiu. Ela sorriu e deixou que ele ejaculasse dentro dela sempre que podia, de forma responsável.

A criada Eva, no entanto, sempre considerou uma desgraça ser violentada pelo senhor da casa e seu filho, mesmo sendo uma serva considerada propriedade e um objeto na época. Ela se deixava violentar sem objetar, mas não escondia sua insatisfação. Franz só a compreendeu quando o Marquês o obrigou a servir no exército e vendeu toda a tropa ao Príncipe Arcebispo de Salzburgo. Foi assim que Franz acabou na guerra.

Franz estremeceu ao ouvir os corvos grasnarem no cemitério, voando apressadamente para longe. Ele colocou a mão na cruz do túmulo de Bettina em despedida. Provavelmente não voltaria; precisava ir mais para o sul. A Itália era o lugar mais seguro no momento.

• • •

Na Itália

Por Jack Faber © 2024

Franz Herrnthaler atravessou os Alpes a cavalo com o coração pesado, dormindo em celeiros ou ao relento. Teve tempo suficiente para refletir sobre sua situação. O que poderia fazer? Aprendera italiano e francês muito bem com seus camaradas durante a guerra. Aprendera um pouco de latim eclesiástico durante o tempo que passou com Katharina, já que a maioria dos livros que conseguia ler na biblioteca e na casa paroquial estava escrita em latim. É claro que já havia alguns jornais e panfletos noticiando o curso da guerra e da política. Revisara seus estudos e devorara avidamente todos os livros acadêmicos.

Ele havia refletido muito sobre isso e estava determinado a encontrar Deus. A Itália era o país mais católico, e ali havia muitas oportunidades para se aproximar de Deus e da fé. Ele ainda possuía 50 florins de ouro e mais de 200 florins de prata, a maioria dos quais havia tomado de Hofstätter. Carregava o dinheiro em duas bolsas e sua faca sob o gibão de couro, que Catarina havia costurado para ele, juntamente com suas polainas de couro até os joelhos. Ao chegar a áreas povoadas, vestia seu gibão imperial para ser imediatamente reconhecido como tal. Nos arredores de Bolzano, decidiu procurar jovens viúvas. Abordou várias delas, mas já haviam acolhido fugitivos do norte.

Finalmente, já derrotado por dentro, ele falou com Florina. Ela era uma jovem viúva de vinte e poucos anos que havia perdido o marido na batalha contra os suecos. Estava visivelmente grávida, uma camponesa magra com seios fartos e o rosto manchado de lágrimas. Mas ela ficou feliz em acolhê-lo; como um membro da realeza, ele era bem-vindo. Ofereceu-lhe um lugar para ficar com as vacas no estábulo. Deu-lhe uma refeição farta e beberam vinho. Ela corou e disse que havia apenas um quarto e uma grande cama de casal. Se ele não quisesse dormir no estábulo. Franz sorriu docemente. Ele cuidaria do seu cavalo e depois se juntaria a ela no quarto. Florina corou até os

seios e guardou a louça. Quando Franz voltou do estábulo, ela já estava na cama.

Ela arregalou os olhos quando ele puxou sua camisola por cima da cabeça. “Estou na estrada há três semanas e não tive contato com nenhuma mulher”, disse ele. Ela assentiu; conhecera o marido aos 14 anos e ele fora seu primeiro e único, nunca havia deixado ninguém ejacular dentro dela. Tinha 22 anos e voltara a se masturbar com frequência desde que ele fora para a guerra. Ligeiramente envergonhada, Florina disse que se masturbava todas as manhãs, na hora do almoço e duas ou três vezes à noite, sempre que sentia vontade. Franz acariciou sua barriga redonda. Ela preferia se masturbar agora a transar? Ela chorou baixinho. “Fui fiel a ele desde que lhe entreguei minha virgindade aos 14 anos. Sempre fui fiel, mesmo quando ele me deixava transar com os amigos dele. Logo depois de tirar minha virgindade, ele me perguntou se eu toparia transar com os amigos dele também. Fiquei chocada a princípio, mas ele me convenceu. Ele estava muito ansioso para me ver transar, então concordei. A única condição era que eles não ejaculassem dentro de mim, porque eu só queria que ele me engravidasse. Ele entendeu imediatamente e explicou tudo aos amigos.”

Ele trouxe os amigos para me foderem desde o início. Eles podiam me foder e depois gozar no meu cu ou se contentavam com uma punheta depois. Eu me sentia muito desejada e deixava todo mundo excitado de propósito, porque desde o começo eu adorava ser fodida até o orgasmo. Ele adorava me ver transando e sempre pedia para eu deixar o namorado me foder primeiro e depois gozar no meu cu, o que o excitava muito. No começo, a maioria deles não conseguia segurar o gozo e eu tinha que esfregar os monstros que jorravam com o meu punho ou forçar os pênis jorrando no meu cu. Eu chorava de raiva toda vez, porque no começo os caras idiotas simplesmente gozavam com um sorriso idiota! Centenas de vezes os caras se aproveitaram da minha excitação sexual e gozaram dentro de mim. Às vezes eu ficava sem palavras quando meu namorado pegava o pau do amigo e o fazia gozar dentro de mim.

Todos os amigos dele que se juntaram a nós estavam loucos para me foder de verdade, e eu ficava feliz em deixar que me fodessem até

eu ter um orgasmo, porque ele me incentivava e gostava muito. Mas eu não queria que eles gozassem dentro, então eu segurava o pau de cada um deles antes que gozassem e deixava que gozassem no meu cu. Depois, meu namorado me fodia até eu ter um orgasmo, e só ele podia gozar dentro de verdade. Muitas vezes, eu seduzia dois ou três deles para me foderem ao mesmo tempo, e eram muitos mesmo naqueles anos despreocupados.

Quando nos casamos, há alguns meses, parei de ser fodida, de ter meu cu fodido e parei de fazer sexo oral nele. Eu só pertencia a ele agora. Estávamos ansiosos para ter nosso filho, mas aí o conde o obrigou a ir para a guerra. E eu fiquei sozinha, porque ele foi morto depois de apenas algumas semanas.” Florina chorou novamente. “Quero transar tanto agora, não transo há meses!”

Franz ficou muito comovido com a história dela e disse que ela podia se masturbar depois da transa, sem problemas. Ela assentiu ansiosamente e abriu as pernas. “Vamos, Franz, vamos transar!” Franz olhou para o corpo dela; ela era uma moça bonita e magra do interior, com seios grandes e uma pequena barriga de grávida. Ele penetrou devagar; ela tinha uma vagina agradavelmente apertada e transou com muita energia. Ela era muito tranquila e logo teve um orgasmo forte, mas depois continuaram a transar com intensidade até ele gozar. Ela continuou a se masturbar sem parar e ele acariciou a parte interna das coxas e a vagina dela até ela chegar ao clímax. Transaram até o amanhecer, quando ele adormeceu cansado. Ela tinha ido às compras de manhã e se deitou com ele na hora do almoço. Ela deixou que ele a penetrasse com o pênis ereto e depois repetidamente até que ele adormecesse de cansaço. Ele ficou na cama por quatro dias, levantando-se apenas para verificar o cavalo. Na quinta manhã, ele se despediu e partiu.

Certa noite, ele dormiu ao relento e, em seguida, procurou a próxima viúva no povoado vizinho, em Salurn. Gianna estava perto dos 40, seus filhos já haviam saído de casa e o marido morava longe. Ela não tinha notícias dele havia um ano e achava que ele provavelmente já estava morto. Ela era ainda menos complicada que Florina; ofereceu-lhe um bom jantar com grappa e o levou direto para o quarto. Ele cuidou do cavalo e deitou-se com ela. Ela o esperava nua, nada

romântica, pouco falante e com vontade de transar sem rodeios. Era magra e tinha um corpo atlético, mas sua vagina não era apertada, pelo contrário, era larga e macia. Ela sorriu gentilmente, o abraçou sem hesitar e deixou-se penetrar, sorrindo passivamente. “Pode gozar aí dentro”, disse ela baixinho, “não vou engravidar hoje!” Depois da transa, ela falou um pouco sobre si mesma. Nunca tinha levado a fidelidade a sério, tinha transado com muitos homens antes do casamento, durante o casamento também, e agora que ele tinha sido convocado para o serviço militar, ela se deixava transar com frequência e prazer. O marido não era muito bom de cama e dava de ombros quando ela trazia alguém para casa para transar. Ele gostava de vê-la transar, mas insistia que o cara fosse embora depois. Geralmente, ele transava com ela depois porque ficava excitado. Infelizmente para ela, nunca tinha um orgasmo enquanto transavam. Só depois que os filhos cresceram é que ela aprendeu a se masturbar. Mas não queria se masturbar na presença dele. Ele ficou duas noites e provavelmente transou com Gianna uma dúzia de vezes, depois foi embora.

Ele entrou para o mosteiro de San Fermo, ao sul de Verona. Os padres o receberam hospitaleiramente e ele conversava diariamente com o padre superior. Pude permanecer e trabalhar no mosteiro como um simples irmão e, após quatro anos, pôde fazer seus votos. Permaneceu no mosteiro por quase dois anos. Do nascer ao meio-dia, trabalhava nos campos e, após o almoço, sentava-se na biblioteca dia após dia. Aprimorou seu latim, pois a maioria dos padres falava latim fluentemente. Em seu segundo ano, foi designado coroinha e acompanhante dos padres. Com isso, afastou-se ainda mais de Deus e da ideia de se tornar padre. Estava completamente enganado. Cem anos atrás, após o Papa Borgia, ele pensava, como muitos católicos, que a corrupção, a ganância e a fornicção haviam desaparecido da Igreja. Que engano! Acompanhava os padres, montado em uma mula, até as aldeias e conventos, onde celebravam missas e pregavam com arrogância. Mas, assim que tiravam suas vestes, deitavam-se sobre esposas e filhas, freiras e noviças. Ele ainda não havia feito seus votos e podia transar com quem quisesse. Mas as relações sexuais descaradas e a fornicção dos padres o entristeceram e o afastaram de Deus, da Igreja e de sua fé.

Ele havia falado com o Padre Superior e, embora este lamentasse, prometeu procurar outras opções. Alguns meses depois, Franz estava na estrada novamente. Ele tinha uma carta de recomendação do Superior para o Príncipe de Ferrara, que procurava um tutor. Foi apresentado a ele e o próprio príncipe o examinou. Testou o latim de Fratello Francesco, como era chamado ali, já que ele ainda usava o hábito monástico marrom. O príncipe ficou encantado ao saber que ele também falava alemão e francês e tinha conhecimentos de matemática, geometria e um pouco de astronomia. Ouviu com interesse o fato de Francesco ter lutado em nome do Imperador Austríaco por quase 20 anos e ter se instruído em todo tipo de assuntos, como filosofia romana e grega antiga, em livros em latim, o que encantou ainda mais o príncipe, pois filosofia era sua paixão. Era uma pena que Francesco não tivesse conhecimento de etiqueta na corte, política regional ou diplomacia, mas ele encontraria alguém que tivesse. Apresentou Francesco à sua filha Giulia, uma bela jovem loira de 14 anos. Francesco gostou dela à primeira vista, mas Giulia fez beicinho; não queria um monge como professor. O fato de ela ser uma garota rebelde e mimada não passou despercebido por Francesco. Ele a tranquilizou, dizendo que não era monge, de jeito nenhum. Era um soldado imperial que havia buscado refúgio no mosteiro de San Fermo. O príncipe, seu pai, assentiu em concordância; era verdade, o superior havia lhe escrito. Giulia lançou-lhe um olhar fulminante e saiu apressada. “Ela é minha única filha, já espantou dois tutores este ano!”, disse o príncipe. “Nunca fugi de uma tarefa ou de um inimigo”, disse Francesco secamente. “A pequena princesa não me assusta”, continuou ele com um sorriso, “em que devo me concentrar na aula?” O príncipe pediu que lhes servissem outra taça de vinho, e então continuaram a conversar por mais uma hora. Uma secretária lembrou o príncipe de seu próximo compromisso. E assim, Francesco tornou-se tutor na corte de Ferrara.

Ele se instalou num quarto aconchegante no último andar, onde todos os criados dormiam. Combinara com o superior que voltaria ou não depois de 14 dias, e isso estava decidido. Seu velho cavalo, o fiel Magdeburger, foi para o estábulo e ficou bem acomodado. Francesco desempacotou as três caixas de livros, trocou seu casaco Fratello por suas roupas de couro e imediatamente escreveu uma carta para Katharina. Eles mantinham contato; a correspondência demorava

três semanas para chegar, mas isso era normal na época. Ela havia lhe escrito um ano antes, contando que Eva dera à luz outro filho, e ele estava muito orgulhoso disso. Fechou a carta, desceu para a cozinha para jantar com as criadas e depois foi dormir.

Batidas suaves o acordaram. Tudo o que ele conseguia ver na escuridão era uma figura vestida de branco, e a voz de uma mulher sussurrou: “Posso? — Posso, Mestre Francesco?” “Sim”, respondeu ele atordoado, sem entender o que estava acontecendo. Ela trancou a porta por dentro, aproximou-se da cama e deixou cair a camisola. Rastejou nua até ele, debaixo das cobertas.

Agora ele estava completamente desperto. Abraçou a estranha e se perguntou se deveria acender as velas, mas descartou a ideia. Não havia nada para ver, apenas para sentir. “Quem é você?”, sussurrou, e ela respondeu: “Antonia, nos vimos no jantar”. Ele já tinha visto tantas garotas em jantares, mas ainda não a conhecia. Tocou seu rosto. “Antonia”, disse ele, “você realmente quer isso?” Ela assentiu em silêncio, sua mão deslizando pelas costas dele e sentindo seu pênis. “Sim, por favor, Mestre!”

Antonia aparentemente não era inexperiente e se inclinou sobre o pênis dele para lambe seu membro rígido. Era também uma medida de higiene, claro, ele sabia disso. Depois de alguns minutos, ela o lambeu até deixá-lo duro e se deitou de costas. Ele estava excitado, mas não conseguiu se conter: “Posso? — Posso?” Ele sentiu o sorriso de Antonia. Ela o puxou para entre as coxas. Não era muito apertado, mas era macio e muito úmido. Eles transaram por um bom tempo, com prazer e quase em silêncio. Ele estava prestes a ejacular e Antonia o empurrou para dentro dela. Ela estava muito excitada, mas ainda não tinha chegado ao orgasmo. Ele se deitou ao lado dela e procurou seu clitóris. “Não, não!” ela gritou baixinho, mas ele teimosamente continuou. “Não, não!” ela repetiu baixinho, mas acabou cedendo e abriu as coxas de bom grado. Francesco não levou dois minutos; ela pressionou os lábios contra o pescoço dele para não fazer barulho e ofegou excitada pelo nariz. No clímax, ela o mordeu levemente no pescoço, tão intenso foi o orgasmo. Ela encostou a cabeça nele e sussurrou: “Obrigada!” Mais tarde, transaram novamente e Francesco sussurrou que ela deveria se masturbar. Ela hesitou por

um longo tempo, mas acabou se masturbando. Seu orgasmo veio segundos antes do dele. Eles sussurraram por mais um tempo, então Antonia vestiu sua camisola e se afastou silenciosamente.

De manhã cedo, bateram à porta. “O café da manhã está pronto lá embaixo, senhor!”, disse uma voz feminina grave. Ele desceu para tomar o café, aos poucos percebendo como as coisas funcionavam na casa principesca. Subiu ao primeiro andar, perguntou a uma criada onde ficava o escritório e pediu que chamasse a princesa. Folheou um livro e Giulia só chegou quinze minutos depois, trancou a porta e sentou-se. Ela era esnobe, e isso transparecia. Ele perguntou educadamente como ela havia dormido e como estava sua mãe. Ela imediatamente abandonou a arrogância; tinha apenas 13 anos e logo faria 14, como seu pai havia dito. Não estava acostumada a que alguém se interessasse por ela; era apenas uma promessa de casamento diplomática importante para a realeza. Respondeu suavemente: “Obrigada, Dom Francesco, dormi muito bem. E mamãe morreu há dois anos.” Ele murmurou suas condolências e ela continuou dizendo que sua mãe havia morrido ao dar à luz um irmãozinho, que também havia falecido. Giulia disse que sentia muita falta da mãe e sorriu timidamente. Ela havia notado o olhar ganancioso dele por baixo da saia e sorriu com ar de superioridade; ele era como todos os homens nesse aspecto, pensou. Deixou-o observá-la por longos instantes. O gelo foi quebrado e ele começou a fazer perguntas para descobrir o que ela sabia. Ela não falava alemão nem francês, mas era fluente em latim. Seu pai a ensinara para que pudesse ler os antigos romanos e gregos. Era muito culta, mas não entendia nada de geografia ou relatos de viagem, e também desconhecia a história recente e a situação política. Sabia bastante sobre os costumes da corte e as famílias nobres, mas ele teve que passar. Era a primeira vez que ele visitava uma corte principesca; na verdade, ele era soldado. Mesmo assim, ouviu atentamente quando ela lhe contou sobre essas famílias ilustres.

Ele disse a Giulia para ouvir com atenção e depois ler um dos discursos mais famosos de Plínio. Ela conhecia o discurso, disse ela mesma ao final. Agora, eles discutiam como analisá-lo. Ela estava muito concentrada, mas percebeu que ainda não havia compreendido algumas coisas que estavam bem escondidas nele. Duas horas depois, ela disse que queria pedir algo para beber e comer. Foi até a

porta, destrancou-a e falou com um criado. Dez minutos depois, ele entrou com uma bandeja e Giulia trancou a porta atrás dela. Eles beberam e comeram, e Giulia comentou entre as frases que talvez não o expulsasse, afinal. “Eu não facilitaria as coisas para você, Princesa”, disse ele, recostando-se resolutamente. Ela olhou para ele de lado e disse, surpresa: “Você tem um chupão enorme no pescoço!” Ele ficou surpreso e não disse nada a princípio. “Isso pode acontecer quando se está transando!”, disse ele, secamente. Então, ela perguntou quem era, qual era o nome dela, se era uma mulher ou um menino. Ele disse, com um tom sombrio, que não tinha mais interesse em meninos do que em cães ou gatos. Ela gargalhou ruidosamente. “Cães e gatos! O senhor tem um ótimo senso de humor, Mestre Francesco!” Mas, por mais que ela perguntasse e ponderasse nomes em voz alta, não conseguia arrancar dele mais do que um sorriso presunçoso. Ele empurrou a bandeja para o lado e pegou Plínio novamente. Mas ele teria uma surpresa.

Giulia sentou-se na cadeira em frente a ele e colocou os pés no assento, um de cada lado do quadril. Deixou os joelhos caírem e levantou a saia. Ele não conseguia desviar o olhar, nem tirar os olhos da sua vagina infantil e virginal. Aquilo o atravessou como um raio, pois imediatamente se lembrou da pequena Eva, que provocativamente lhe mostrava a vagina todos os dias no campo. A vagina de Giulia era igualmente excitante: entre os grandes lábios, os pequenos se abriam como uma pequena borboleta, e acima, um prepúcio grande e longo cobria completamente o clitóris. Mais acima, um arbusto dourado e ralo era mal visível. Ele observou atentamente; Giulia parecia ser uma virgem intocada, mas ele não tinha certeza. Olhou nos olhos dela enquanto ela perguntava: “E então?”. Ele sabia que o gelo era fino, que com o menor deslize poderia destruir tudo. “Você ainda é virgem de verdade, Princesa?”, perguntou ele suavemente. Ela assentiu com um sorriso. “Já pensei em transar com um daqueles pajens várias vezes. Mas eles são muito bobos e descuidados quando ficam esfregando o pauzinho até gozar. Eu não seria tão descuidada!” Ela olhou para ele com um sorriso, deslizando a mão pela sua mata dourada.

“A senhora sabe, Princesa, que isso é um pouco indecoroso para uma dama nobre, não sabe?” Ela sorriu e respondeu com um sorriso malicioso: “Claro que sei, mas queria lhe mostrar minha vagina, Dom

Francesco. Acha-a bonita ou feia?” “É como gelo fino, Franz, é como gelo fino!”, pensou ele. “É muito bonita”, murmurou, “bonita, mas inútil!”

Ela olhou para ele, surpresa. “Inútil?” Francesco agora tinha tudo sob controle novamente. “Mas é claro, ou você brinca com a sua ‘farfallina’ à noite?” Ela olhou para ele, surpresa. “O que é isso, ‘farfallina’?” De repente, ela entendeu: “Você deve estar falando do clitóris, que se chama ‘clitóris’ ou ‘clitóris’.” Ele assentiu, sim, era exatamente isso que ele queria dizer. Sem pensar, ela puxou o prepúcio para trás com o dedo médio e o pequeno clitóris rosado ficou visível. Ela pensou muito. “Mas você não vai contar para ninguém, vai, Mestre Francesco?” Ele assentiu e resmungou: “Eu não contaria nem para o Papa impuro de Roma!” e agora Giulia não pôde deixar de rir. Ela voltou a ficar séria. “Eu levo minha ‘farfallina’ ao orgasmo todas as noites, pelo menos duas vezes, às vezes mais. Vi uma empregada doméstica fazer isso há muitos anos e a imitei secretamente. Na primeira vez que fiz isso, urinei na cama porque não sabia o quão forte era um orgasmo.”

Francesco já tinha visto o suficiente e ouvido muitas coisas novas. “Te vejo amanhã a esta hora, agora preciso ir porque é muito inadequado!” Ele se levantou, pegou seus livros e saiu sem olhar para trás. Ela era exatamente como Eva aos 14 anos, Giulia também queria transar, a qualquer custo. Mas ele queria manter a cabeça no lugar, meu Deus, a garota ia deixá-lo louco. Exatamente como quando a pequena Eva exibia sua vagina infantil para ele dia após dia e ele tinha que se controlar para não transar com ela no campo!

Ele colocou os livros sobre a escrivaninha e desceu para a cozinha. Estava muito adiantado, mas precisava estar perto de pessoas para manter a lucidez. Observou as cozinheiras trabalhando, fitando as nádegas fartas das cozinheiras e das ajudantes. Uma das cozinheiras percebeu seu olhar distraído e colocou uma grande taça de vinho branco leve à sua frente. Ele ergueu os olhos, surpreso, agradeceu, bebeu alguns goles obedientemente e continuou a encarar as nádegas fartas.

A sala encheu, os funcionários chegaram em peso e ele tentou descobrir qual das simpáticas moças era Antonia. Ela havia lhe dito, ao sair, que voltaria. Mas, por mais que tentasse, não conseguia encontrá-la.

Ele estava deitado no escuro havia muito tempo quando ouviu uma batida suave na porta. A figura de camisola branca perguntou novamente: “Posso?” e ele respondeu impacientemente: “Avanti!”, que significava algo como “Vá!”. Ela trancou a porta, deixou a camisola cair e deslizou para debaixo das cobertas. “Você está atrasado, Antonia!”, e ele a ouviu rir baixinho. “Não, eu sou a irmã da Antonia, meu nome é Andrea. Ela é mais nova que eu, tem 31 anos, e eu tenho 34!” Ele então percebeu que a bunda de Andrea era um pouco mais cheinha que a de Antonia, seus seios menores e muito mais macios. Andrea também apalpou seu corpo e se concentrou em seu pênis. “Antonia me contou, Mestre Francesco, que o senhor a fodeu duas vezes e que a estimulou magistralmente com o dedo durante o intervalo. Vamos fazer do mesmo jeito?” Francesco assentiu no escuro e rosnou: “Claro que sim! E Antonia não te disse que não conseguia ter orgasmo quando transávamos e que se masturbou com o dedo na segunda vez?” perguntou enfaticamente. “Não, Mestre, ela não disse. Nós duas não temos orgasmos quando transamos e, se nos masturbamos com o dedo, com certeza não fazemos isso na frente de outras pessoas!” Andrea mergulhou e lambeu o pênis dele. Deitou-se de costas e deixou os joelhos se afastarem. Ele a montou; a vagina dela era ainda mais macia e larga que a de Antonia. “Você consegue fazer com o dedo, por mim tudo bem!” resmungou ele enquanto começava a penetrá-la. Ela permaneceu em silêncio e só depois de uma longa hesitação começou a esfregar o clitóris. Ele esperou, com o jato de prazer, até que ela se contorcesse em êxtase e os músculos vaginais dela se contraíssem ao redor do pênis dele. Durante a pausa, ele a masturbou da mesma forma que ela havia feito antes. A segunda transa foi como a primeira, mas depois ela o abraçou e o beijou na boca. “Até amanhã, meu senhor”, sussurrou antes de desaparecer silenciosamente. Ele pensou por um longo tempo em qual das duas viria amanhã, Antonia ou Andrea? Adormeceu refletindo sobre isso.

Ele não reconheceu nenhuma das duas no café da manhã. Entrou cabisbaixo na sala de estudos, onde Giulia já o esperava. A bandeja

com o lanche já estava sobre a mesa. Sentou-se e abriu o livro de Catão, Catão Pórcio, o Velho. Era a vez do famoso discurso de Cartago. Giulia o cumprimentou gentilmente e se levantou. Trancou a porta e puxou a cadeira para bem em frente a ele. Com um largo sorriso, sentou-se como no dia anterior e o deixou ler. Levou um bom tempo para ele pegar o livro de Catão. Ela ficou sentada assim o dia todo. Quando estava pensando ou precisava se concentrar totalmente em uma discussão, seus dedos brincavam excitados com o prepúcio, ela o puxava e o empurrava para frente e para trás para alcançar o clitóris, mas não se masturbava. Enquanto comiam o lanche da tarde, ela lhe contou que na noite anterior havia se masturbado por tanto tempo, de orgasmo em orgasmo, que acabou adormecendo no meio do ato. Ele apenas assentiu, demonstrando compreensão. O que mais poderia dizer?

Eles quase tinham terminado o lanche quando ela perguntou sobre sexo. Até então, ela só tinha visto de longe e ele precisava lhe contar tudo. Ele percebeu que ela realmente queria saber e não estava apenas o usando. Ele falou sobre sexo, o que o homem fazia, o que a mulher fazia e a melhor maneira para ela chegar ao orgasmo. Ele não escondeu dela que apenas cerca de metade das mulheres conseguia ter um orgasmo durante o sexo, o que Deus havia feito de errado em Sua distração. Giulia interrompeu, dizendo que esperava que ela tivesse mais sorte. Ele explicou que, nesse caso, a mulher tinha que se masturbar, de preferência durante ou depois do sexo. E um homem, dos quais havia muitos, não valia nada se não permitisse. Giulia pensou por um longo tempo. “Mas então é errado meu pai me pedir para esperar até o casamento para transar. Não tenho como saber se ele vale a pena!” Ele disse que não tinha uma boa resposta para isso. Ele disse que as pessoas na Alemanha reformada eram muito mais espertas do que nós, católicos. “Os noivos transam lá antes do casamento, mas um dos pais tem que estar presente como acompanhante. O pai sempre transava com a noiva depois, quando estava excitado, porque era prática comum e aceita. Fosse a própria filha ou a nora, o pai podia transar com ela quantas vezes quisesse. Ou ela fazia sexo oral nele, como os pajens de vocês. Às vezes, o noivo tem que transar com a sogra depois, se ela não tiver mais ninguém para transar. Mas assim os noivos podem descobrir se conseguem transar bem um com o outro.” Giulia ouviu tudo boquiaberta, puxando e estimu-

lando o clitóris com excitação. Ela se acalmou quando ele terminou de contar. “Que inteligente”, foi seu comentário final.

Ele estava curioso e perguntou como era com os pajens. Ela respondeu sem hesitar que eles gostavam de deixá-la observar quando os pajens esfregavam seus pênis e ejaculavam no chão. Alguns dos maiores também a deixavam esfregá-los, mas não com muita frequência. Eles preferiam fazer isso sozinhos. Ele assentiu e o assunto ficou encerrado. Pegou a Cato e eles analisaram e discutiram até o anoitecer. A essa altura, ele já achava bastante natural ficar olhando para a vagina dela de vez em quando ou observá-la puxando e estimulando o clitóris.

Ele deitou-se no escuro novamente, esperando que batessem na porta. Mais cedo do que o habitual, ela bateu, trancou a porta e rastejou nua para debaixo das cobertas. Ela não era nem Antonia nem Andrea. Era muito menor e mais delicada. “Qual é o seu nome?”, perguntou ele, enquanto apalpava seus seios firmes e sua bunda plana. “Felizia”, ela sussurrou, “tenho 32 anos e estou esperando para transar com você há dias, Mestre Francesco!” Uma vaga suspeita lhe ocorreu. “Você está esperando sua vez há muito tempo?”, perguntou ele. Ela respondeu afirmativamente. “Quando um homem novo chegava, todas tinham permissão para transar com ele uma vez, esse era o costume. Normalmente, era preciso ter cuidado para não ter um dia ruim. Todas tinham que ficar atentas a isso, porque os homens só queriam gozar dentro, é da natureza deles.” Ele assentiu e perguntou: “Como você gostaria de transar, Felizia?” Ela hesitou por um instante. “Eu só quero ser fodida com muita força, como os tratadores de cavalos fazem. Não consigo ter orgasmo enquanto estou sendo fodida, isso acontece mais tarde, à noite, e só quando estou sozinha.”

Francesco disse: “Acho que faremos isso, mas você terá que lambe meu pau primeiro.” Felizia disse: “Mas com todo o meu coração, Signor!” e mergulhou. Mas ela não lambeu com a mesma delicadeza das outras, fez um ótimo boquete nele, chupou, lambeu e o masturbou direitinho, engolindo tudo com um som borbulhante. “Vou te lambe com força de novo daqui a pouco, Signor”, ela sussurrou e continuou depois de alguns minutos até que ele estivesse realmente duro. Ela se deitou de costas, ansiosa, abriu as pernas e ele a agarrou

com firmeza e brutalidade. Ele a fodeu com tanta força que ela desmaiou por um minuto. Ela acordou e o abraçou. “Isso foi ótimo, você se saiu muito bem, Signor Francesco! Até a próxima!” ela disse baixinho e saiu correndo. Ele ficou acordado por mais um tempo, para que houvesse outra pessoa o fodendo todas as noites. De repente, ele se lembrou de como acompanhava os padres às aldeias e conventos. Ele também havia transado com mulheres desconhecidas indiscriminadamente, à maneira de um velho soldado. Esposas respeitáveis, filhas jovens, freiras e noviças, sem qualquer remorso. Pensou, com um arrepio, em quantas vezes transara com esposas respeitáveis e chorosas, independentemente de elas quererem ou não, e certamente não era certo.

Giulia o recebeu com notícias. Seu pai, o príncipe, faria uma visita antes de partir para uma longa viagem e, naturalmente, queria saber se havia algum progresso. Francesco compreendeu e colocou os “amores” de Ovídio sobre a mesa. Pediu-lhe que lesse uma estrofe, e então analisaram e discutiram o texto. Quando o príncipe chegou horas depois, ficou surpreso. Primeiro, porque Giulia estava estudando seriamente e, segundo, por que os “amores”? Francesco tinha a resposta certa. Giulia estava chegando a uma idade difícil e, se fosse se casar em dois ou três anos, aquela era a escolha certa. O príncipe partiu depois de duas horas e se despediu pelos próximos três, talvez quatro meses. Mas naquele dia, Giulia permaneceu sentada com recato, pois seu pai só partiria na manhã seguinte.

Passou-se uma semana, e uma nova empregada chegava todas as noites, assim como as três cozinheiras com bundas grandes. Giulia sentou-se bem à sua frente, ao alcance da mão dele, e pegou sua mão, colocando o dedo dele em seu clitóris. Ele se recusou a masturbá-la por dias, mesmo que ela implorasse. Sentia a mesma excitação de quando reprimia desesperadamente seu desejo pela pequena Eva. Giulia puxou o prepúcio firmemente com uma das mãos, de modo que a pequena ponta vermelha e brilhante do clitóris ficasse visível, e o esfregou com um dedo umedecido. Ele não conseguia tirar os olhos dela e observava a jovem se masturbar. Ela não demorava muito para chegar ao orgasmo. Olhava para ele sorrindo e triunfante após cada orgasmo. Ela se masturbava o dia todo, fazendo longas pausas para acompanhar as lições. Ele se concentrava o máximo que podia, mas

não conseguia desviar o olhar quando ela se masturbava entre as sessões.

Às vezes, depois de se masturbar, ela pegava na mão dele e deixava que ele sentisse o orgasmo pulsando em seu pequeno clitóris. Nos dias seguintes, ele se recusava a tocá-la direito, a masturbá-la direito. Mas ela implorava e suplicava com carinho, dando-lhe longos e apaixonados beijos franceses até que ele cedesse. Droga, ele era um homem, afinal! Ele não podia mais se defender, estava condenado e perdido desde que masturbou Giulia pela primeira vez. Também foi uma libertação, agora ele a masturbava às vezes durante a aula, porque isso era igualmente importante. Giulia tinha 10 ou 12 orgasmos durante a aula, ela era insaciável, mas muito feliz. Ela se apaixonou pela primeira vez, ela queria mais.

Um dia, ela perguntou se ele lhe mostraria o pênis. Ela disse que só tinha visto os pênis dos meninos mensageiros ou os esfregado até que ejaculassem. Ela girou o pequeno pênis para frente e para trás na mão, puxou o prepúcio completamente para trás e examinou a glândula. Ela começou timidamente a esfregar o prepúcio dele, como o tinha visto fazer. Era muito excitante esfregá-lo até que ejaculasse e sentir o líquido na mão.

Agora ela realmente queria ver o pênis de Francesco. Francesco suspirou em rendição e puxou as calças até os tornozelos. Giulia agarrou o pênis dele. “Nunca vi nem segurei um pênis tão grande antes!”, exclamou ela, feliz. Imediatamente, ela o guiou até sua entrada, mas, é claro, ele só entrou até o hímen, o que a machucou. Ela empurrou e empurrou a ponta da glândula para dentro do vestíbulo vaginal, mas foi só isso. “Posso acariciá-lo, Dom Francesco?”, perguntou ela, de forma puramente retórica, e imediatamente começou a acariciá-lo sem esperar por uma resposta.

“Você deveria segurar com mais força”, suspirou a pobre tutora, “e esfregar um pouco mais forte!” Ela o esfregou por mais de 10 minutos, a ponta da glândula firmemente presa em seu vestíbulo vaginal, o que provocou pulsações sexuais em ambos. Ele ejaculou em seu vestíbulo vaginal e disse para ela não parar de esfregar enquanto ele continuasse ejaculando! Foi assim que ela aprendeu.

A paixão dela crescia a cada dia. Ela o masturbava todas as manhãs e o deixava ejacular em sua entrada vaginal, e continuava a estimulá-lo por um longo tempo. Depois, permitiu que ele a masturbasse durante a aula, provavelmente uma dúzia de vezes. Ela também se masturbava metade da noite, confessou a ele pela manhã, até adormecer de exaustão. Implorou para que ele finalmente a fizesse mulher e ele explicou-lhe o ato de desvirginamento em todos os detalhes. Suas bochechas coraram de desejo. Ele sabia muito bem aonde isso levaria. Sabia que ela ainda não tinha menstruado, mas sentou-se, desenhou um calendário sideral e repassou todo o processo com ela tantas vezes que ela conseguia lê-lo em seus sonhos. Ela percebeu, é claro, que poderia evitar uma gravidez indesejada dessa forma. E então chegou o grande dia.

Ele a deitou no sofá logo de manhã. Ficou perguntando se ela realmente queria aquilo. Ela fechou os olhos e sussurrou que queria com todo o coração, que queria se tornar uma mulher de verdade! Ele levantou a saia dela e ela abriu as pernas. Mandou que ela levantasse os joelhos e então se deitou sobre ela. Ele havia abaixado as calças até as panturrilhas e lhe deu um longo beijo francês, algo que ela aprendera há muito tempo. Ele penetrou devagar e sentiu o súbito rompimento do hímen dela. Ela arregalou os olhos quando ele a penetrou profundamente, mas não emitiu nenhum som e continuou a beijá-lo sem parar. “Você é uma mulher de verdade agora, Princesa”, murmurou ele, “se quiser, posso te foder agora mesmo!” Ela lhe deu um longo beijo francês. “Me fode, Francesco, por favor, me fode!”

Giulia era tão tranquila quanto Pam. Em pouco tempo, sua excitação aumentou enquanto ele a penetrava; ela teve um orgasmo breve, mas continuou a transar depois de alguns segundos. Ele não contou, mas depois de vários orgasmos, ejaculou dentro dela. Ela fechou os olhos para senti-lo ejacular e, quando ele terminou, abriu os olhos e olhou para ele com um sorriso radiante. Daí em diante, eles transaram todas as manhãs e ela se masturbava intensamente durante as aulas. Ela era uma garota que precisava de muitos orgasmos, disso não havia dúvida.

Ela estava um pouco preocupada com o que seu pai diria se ela não se casasse virgem. Mas Francesco a tranquilizou. Seu pai jamais deveria descobrir, ele a desprezaria e o jogaria na masmorra ou o decapitaria. Não, ela tinha que enganar o marido, disse Francesco. “Contraia os músculos da vagina com força e só permita a penetração à força. Quando ele adormecer, fure a ponta do dedo com uma agulha e espalhe algumas gotas de sangue no lençol. Simples assim, milhares de garotas fazem isso.” Ele praticou penetração forçada com ela, não foi problema algum.

Francesco permaneceu na corte de Ferrara por dois anos. A princesa Giulia havia se tornado uma jovem de 17 anos muito bonita, inteligente e culta. Seu pai, o príncipe de Ferrara, negociava um casamento com o filho de um príncipe do Vêneto, e a perspectiva de relações comerciais ampliadas era promissora. Francesco não conhecia o noivo, é claro, mas o que haviam lido e ouvido sobre o príncipe, que tinha apenas 15 anos, dava motivos para um otimismo cauteloso. Francesco ainda transava com Giulia todos os dias, que ainda não havia menstruado, e fazia tudo o que podia para preparar a noiva para seu novo lar. Ele colecionava todos os jornais e escritos sobre o Vêneto. Localizado ao norte da famosa Veneza, era um rico principado onde uma corte deslumbrante aguardava Giulia.

Durante seis meses, Giulia teve uma nova dama de companhia vinda de Milão, que lhe dava aulas sobre todos os assuntos da corte. A dama de companhia não era fácil de substituir e suspeitava que Francesco fosse amante de Giulia, mas era esperta o suficiente para manter a boca fechada. Nos últimos meses que antecederam o casamento, Giulia estava bastante desanimada, pois casar-se com alguém de apenas 16 anos não tinha apenas vantagens.

O príncipe havia sondado o terreno e encontrado para Francesco um lugar como tutor em Pádua. Francesco cavalgou até Pádua com a carta de recomendação do príncipe, foi submetido a testes rigorosos e aceito. Emília, de 13 anos, filha do príncipe local, o esperava lá. Ela era pequena, pálida e muito, muito tímida. Francesco compareceu ao magnífico casamento de Giulia em Castelfranco como convidado da noiva e de seu pai, que viveria na corte. Francesco ficou no casamento por três dias e Giulia lhe contou que a farsa de sua virgindade ha-

via funcionado brilhantemente e que Rodrigo, seu marido de 16 anos, certamente não o decepcionara. Ele ainda era bastante inexperiente; só havia tido relações íntimas com sua mãe por um ano, que o ensinava a fazer amor todos os dias. Francesco já havia conhecido sua mãe no banquete, uma bela nobre de quase quarenta anos que flertava intensamente com os nobres. Francesco viu seu marido idoso e frágil e pensou que não só Rodrigo, mas também alguns nobres teriam que ajudá-la. Ele retornou a Pádua tranquilo, sabendo que Giulia estava a apenas meio dia de viagem.

Ele agora lia muitos livros, já que só precisava dar a Emilia uma boa hora de aulas duas vezes por dia. Ela deveria aprender latim e francês, em particular, matérias que achou fáceis. Sua madrastra, Letizia, era a segunda esposa do príncipe, velho e frágil, cuja única paixão era traduzir poesia grega clássica. Letizia tinha vinte e poucos anos e flertou com Francesco, de trinta e dois, desde o primeiro minuto. A corte em Pádua era menor que a de Ferrara, havia menos criados e ele recebeu um quarto muito bom no segundo andar, onde o senhorio também dormia. Ficou imediatamente claro para ele que era improvável que as criadas se esgueirassem para o seu andar à noite. E assim foi, pelo menos a princípio. Foi somente na quarta noite que ouviu batidas suaves em sua porta assim que adormeceu.

Era Letizia. Ela não disse uma palavra, deixou sua camisola escorregar até o chão e deitou-se com ele. Ele acabara de acordar e gaguejava confuso. Letizia, uma égua verdadeiramente nobre dos melhores estábulos principescos, imediatamente o acalmou. “O príncipe tomou seu sonífero, eu o montei até ele gozar como de costume e agora meu velho está dormindo profundamente. Dificilmente seremos incomodados. Só quero saber se você é tão bom de cama quanto eu suspeito.” Letizia o acordou com um beijo. “Sou grata ao príncipe por ter se casado comigo, mesmo que eu não possa ter filhos. Ele não queria que Emilia, a quem ama de todo o coração, crescesse sem mãe. E estou fazendo o meu melhor para ser uma boa mãe para ela e transo com ele todas as noites antes de ele dormir.” Ele acariciou seu corpo esguio e belo pensativamente. “Pelo que meus dedos podem ver, você é uma mulher linda, minha senhora!” disse ele honestamente e com apreço. “O que você espera de mim? Do que você gosta particularmente?” Letizia não precisou pensar muito. “Gosto do jeito

natural, terno, italiano, sem pedidos especiais. Se eu não tiver um orgasmo, não tem problema, posso sempre me masturbar. O que eu detesto mesmo são homens grosseiros.”

Ele a abraçou delicadamente. “Eu sei o que tenho que fazer agora e não vou te decepcionar.” Eles se beijaram por um longo tempo e ele procurou o clitóris dela com os dedos. Ela abriu as coxas de bom grado para que ele pudesse alcançá-lo facilmente. Ela se deixou excitar com beijos de língua e estimulação do clitóris, e ele reconheceu o momento certo. Ele a penetrou lentamente; ela era macia e larga. Ele só conhecia vaginas tão largas e macias em mulheres mais velhas. Foi surpreendente, mas não desagradável. Principalmente porque ela se movia como uma dançarina de templo indiana. Mas isso pareceu aumentar seu calor; ele podia ouvir sua respiração satisfeita e ofegante. Ela ficou cada vez mais excitada e logo atingiu o ápice. Ela o apertou com força enquanto corria para o orgasmo. Ele aumentou a velocidade e ela chegou ao orgasmo, tremendo e se contorcendo. Ela o soltou e relaxou rapidamente. Relaxou os músculos vaginais e acariciou a glândula dele até que ele se endireitou e ejaculou. Ela esfregou o pênis dele com firmeza e vigor, masturbando-o com uma das mãos até que ele ejaculou. Ele se deixou deslizar contra a lateral dela e respirou fundo, ofegante.

“Você transa melhor do que eu esperava”, disse ela entre beijos. Ela não ia ficar para uma segunda rodada, disse ele tinha certeza. “Qual é o costume aqui na corte?”, perguntou ele, “posso ter uma moça aqui no meu quarto?” Letizia respondeu imediatamente. “Não moças de fora, mas você é meu agora, pele e cabelo. Eu quero você só para mim, Dom Francesco.” Ele permaneceu em silêncio. Não tinha nada a desejar, ela o havia tomado e não o deixaria ir tão cedo. “Mas depois disso, darei uma olhada nas criadas da casa, há algumas pérolas entre elas, minha senhora!” Ela bufou com desdém. “Eu sei o meu valor e não temo nenhuma comparação com as suas pérolas, Dom Francesco!” Ele cedeu educadamente. “Você é a mais bela aqui, Dona Letizia, disso não há dúvida! Mas eu sou apenas um pobre tutor, não posso lhe dar nem os presentes nem as joias que você mereceria!” Então Letizia sorriu e o beijou nos lábios. “Dê-me a noite, querido tutor, ensine-me a amar a vida todas as noites, isso já é joia suficiente para mim!”

Letizia vinha todas as noites durante os seis meses seguintes, depois se dedicou a um novo amante. Francesco não se abalou nem por um segundo, pois sabia que toda criança se cansa do seu brinquedo favorito um dia. Ao primeiro sinal disso, aproximou-se de uma das belas criadas durante o jantar e ela se interessou imediatamente. Sentou-se ao lado da moça, conversando e flertando com ela, tocando-lhe a mão como se por acaso. Ela corou violentamente e seu peito se encheu de excitação quando ele lhe sussurrou ao ouvido que ela deveria ir ao seu quarto em quinze minutos. Ela sabia onde ele estava? Assentiu ansiosamente: “Sim, claro que sei. Mas... e a princesa?” Ele a tranquilizou, dizendo que ela viera ontem. Todos sabem disso? A moça sorriu. Com exceção do próprio príncipe, todos sabiam; o velho senhor não se importava com essas coisas carnavais e mundanas. “Nós, moças, vamos aos estábulos com os tratadores de vez em quando, revezando-nos, é claro, porque não temos mais ninguém.” Ele assentiu com satisfação. Isso aumentou as chances dele de transar com todas as 12 garotas mais novas, uma por uma.

Ela bateu na porta depois de meia hora. Ele largou o livro e apagou todas as velas, exceto uma. Ela era muito bonita sob aquele vestido surrado, um verdadeiro deleite para os olhos. Começaram imediatamente depois que ele perguntou se aquele era um dia seguro. Gisela tinha apenas 18 anos, prestes a completar 19, e fazia isso todas as noites desde a infância, exceto quando ia à casa dos noivos. Ela só transava com os noivos, nunca com mais ninguém. Geralmente transava com os três em sequência, uma vez por mês, porque senão era a vez das outras garotas. Ela tinha orgasmos enquanto transava com eles, pelo menos a partir do segundo, e certamente no terceiro.

Gisela transava de forma muito diferente de Letizia, muito mais calma e passiva. Mas ainda assim, ela chegou ao clímax graciosamente, agarrando-se a ele enquanto seu orgasmo subia forte e intenso. Ela suspirou profundamente após seu orgasmo suave e se acalmou rapidamente. Acariciou o rosto dele até que ele ejaculasse dentro dela e esperou pacientemente que ele terminasse. Ele havia se contido por um longo tempo, esperando pelo orgasmo dela. Agora ele estava pronto e satisfeito.

Ele perguntou o que ela queria dizer, se as moças deveriam decidir entre si ou se ele deveria decidir no jantar quem deveria vir até ele. Gisela pensou por um instante. Seria mais justo se as moças concordassem entre si, porque só cada uma saberia por si mesma quando tivesse certeza. “Tudo bem”, disse Francesco, “converse com as moças, preciso de uma por noite, duas são demais para mim.” Gisela assentiu; ela mesma diria às moças. Conversaram por mais um tempo, e então ela saiu apressada. Ele adormeceu imediatamente.

Emilia era uma criança séria, curiosa e estudiosa. Era um tanto reservada, nada adoráveis. Mas, desde a primeira aula, a menina de 13 anos brincava consigo mesma de forma inocente e descarada. Assim como Giulia em Ferrara, ela colocava um pé na cadeira e enfiava a mão por baixo da saia, inocentemente e sem qualquer inibição. Embora estivesse totalmente concentrada nas aulas e no aprendizado, brincava despreocupadamente com sua intimidade. Francesco a observava atentamente, de modo que, na segunda semana, ela perguntou se isso o incomodava. “Não”, ele balançou a cabeça, “todo mundo da sua idade faz isso!” Emilia assentiu; ela ainda não conhecia o conceito de mentir e acreditava em cada palavra que ele dizia. Ela aprendeu surpreendentemente rápido; apesar de sua estranha timidez, queria aprender não apenas latim e francês, mas também alemão. Para ele, estava ótimo, pois ela realmente tinha um talento especial para idiomas, lia fluentemente nas três línguas e falava sem medo e sem hesitação. Um dia, o velho príncipe perguntou-lhe e Francesco respondeu que Emilia devia ter herdado seu talento para línguas. Infelizmente, ele não sabia grego, caso contrário, também a ensinaria. O príncipe assentiu, concordando, e disse que ele mesmo lhe ensinaria essa maravilhosa língua quando tivesse mais tempo. Contudo, o príncipe estava preocupado, pois Emilia não era boa em mais nada. Era teimosa e pouco cooperativa quando se tratava de assuntos da corte, trabalhos manuais femininos e tarefas domésticas, coisas que uma princesa deveria saber fazer. Francesco perguntou cautelosamente se talvez fosse por causa de sua professora. O príncipe balançou a cabeça negativamente; não podia ser, a dama da corte tinha a melhor reputação, as melhores referências. Então, disse pensativo que discutiria o assunto com sua esposa, que era jovem e talvez tivesse uma visão diferente da dama da corte. Francesco não se surpreendeu quando uma nova dama da corte chegou alguns dias depois.

Uma jovem muito bonita, considerada de má reputação por ter tido um filho fora do casamento, sendo uma nobre. Ela certamente teria mais facilidade em lidar com a teimosa garota, como ficou imediatamente evidente. É claro que Francesco aceitou essa iguaria imediatamente e transou com Jeanette, do Piemonte, em muitas tardes. Jeanette não tinha muita escolha; Francesco era o único da sua idade e apenas ocasionalmente um nobre se aventurava em sua cama quando Letizia já estava farta de suas transas. Jeanette, de 32 anos, gostava de transar com muita graça, embora nunca tivesse um orgasmo durante o ato, mas se masturbava depois, completamente relaxada e sem qualquer vergonha ou inibição. Ela falava francês com Emilia porque essa era sua língua materna. Francesco ficou grato por o príncipe ter reconsiderado.

Emilia estava um pouco confusa e inquieta. Jeanette havia lhe dito que ela precisava se sentar “com delicadeza”, pois o contrário seria inapropriado. Francesco a acalmou e esclareceu a situação. Jeanette tinha toda a razão: Emilia precisava se sentar “com delicadeza” nas situações públicas habituais, era o correto a se fazer. Mas ele não se importava se ela se sentasse “de forma inapropriada” durante suas aulas, pois ela obviamente aprendia muito melhor. Não é verdade? Emilia refletiu sobre o assunto e pareceu verificar. “Sim”, disse ela, “eu preciso disso, realmente preciso. Se não me permitem me tocar, me sinto tão perdida. Obrigada, Dom Francesco, por me permitir me sentir como realmente sou.” Ele assentiu em concordância e perguntou se a incomodava ou a deixava insegura se ele desse uma olhada de vez em quando. Emilia balançou a cabeça negativamente sem pensar. Pelo contrário, ela tinha a maravilhosa sensação de ser aceita. E o assunto estava encerrado. Emilia agora se sentia “bem” na companhia de Jeanette ou em outras pessoas como algo natural.

Francesco agora observava Emilia brincar como se fosse algo corriqueiro. Seus lábios se eriçavam enquanto ela se masturbava; ela mergulhava os dedos na vulva antes de estimular o clitóris com muita intensidade. Sim, era uma brincadeira despreocupada; ela não se masturbava durante as aulas. Certa vez, ela lhe contara que vira as criadas se masturbarem e agora, todas as noites, se masturbava até atingir um, às vezes mais, orgasmos. A antiga dama da corte lhe dis-

sera que só lhe era permitido fazer isso à noite e não na presença de outras pessoas.

Francesco percebeu uma penugem fina crescendo sobre a vulva da garota de 14 anos. Era quase imperceptível no início, mas cresceu e se transformou em um pequeno arbusto ralo. Isso o excitou; ele já preferia os pelos finos e esparsos de Eva e Giulia aos pelos selvagens das mulheres adultas. Ele havia notado isso pela primeira vez quando transava com freiras no convento, cujas vaginas eram densamente cobertas de pelos. Ele se lembrou de que, durante o tempo em que esteve no convento, rejeitou muitas freiras e muitas esposas de cidadãos decentes, medrosas e gananciosas, ou só transou com elas rapidamente porque tinham pelos pubianos horríveis. Katharina, Eva e Pam tinham apenas um pequeno arbusto acima de suas vaginas. Katharina sempre o aparava para as três porque era mais higiênico, dizia ela.

Francesco agora observava Emilia jogar sem constrangimento. Ela havia começado, dias atrás, a se masturbar com muita intensidade. Na primeira vez que se inclinou para trás durante a aula, depois de se masturbar por um longo tempo, fechou os olhos e se masturbou até atingir o orgasmo em poucos segundos. Após o orgasmo, olhou para ele com incerteza. Ele havia se adiantado, querendo poupá-la do constrangimento, e disse que para ele não havia problema, que ela não se envergonharia e que poderia fazer isso sempre que quisesse. Ela o olhou com gratidão, mas não repetiu o gesto até o dia seguinte. Levava apenas alguns segundos para ela terminar a longa masturbação com o orgasmo, o que fazia casualmente. Ele sempre observava e sorria gentilmente em reconhecimento. Agora, tornou-se bastante normal para ela colocar os dois pés no assento, abrir as pernas e se masturbar por um longo tempo, atingindo o orgasmo em poucos segundos com os olhos fechados. Ela sempre tinha uma expressão de sofrimento no rosto quando tinha um orgasmo, mas sorria assim que via o sorriso de aprovação dele.

Emília tinha completado 15 anos e já tinha obtido todas as respostas sobre assuntos sexuais com Jeanette, que lhe explicava tudo em detalhes e não a tratava com desdém como a velha dama da corte. Emília passou a falar em alemão porque ninguém o entendia além

dos dois. “Você me desvirginaria, me faria sua esposa, Dom Francesco?”, perguntou ela diretamente, e ele se contorceu desesperadamente, porque é claro que queria. Seu pai, o príncipe, gostaria de casá-la virgem, disse ele. Sempre havia um jovem aristocrata de Bolonha que era um candidato interessante. Emília bufou com desdém. “Você quer dizer Dom Rodrigo, que está sempre correndo atrás de Letizia? Suponho que ela já tenha transado com ele, mesmo que eu não saiba ao certo?” Francesco lembrou-lhe o quão mal Jeanette havia se saído. Emília assentiu pensativamente. Ela queria perguntar a Jeanette como uma mulher poderia usar contraceptivos, afinal, justamente porque tivera tanta má sorte no Piemonte. Francesco assentiu: “Pergunte a ela sobre o calendário sideral!” Ele contou para ela, porque sabia que Jeanette seguia o calendário.

Após a transa, Francesco deitou-se ao lado de Jeanette, acariciando seu corpo lindo e com aparência virginal. Ele perguntou-lhe diretamente. Ela ficou em silêncio por um longo tempo e disse suavemente: “Sim, seria bom para vocês dois. Mas ouça a minha história, porque sempre me lembro disso quando vejo você e Emílias trocando olhares.”

“Eu nem tinha 13 anos quando meu velho pai, aquele desgraçado, tirou minha virgindade na cama de casal e me fodeu. Ele me fodeu uma vez por semana durante uns 10 anos, mas ele já era velho. Minha madrasta, talvez uns 15 anos mais velha que eu, assistia com um sorriso enorme e ria porque estava bêbada todas as noites e não se importava com qual garota ele levava para a cama. Ela também transava com a maioria das garotas, porque seu lado lésbico sempre aflorava quando ela estava bêbada. Ela também me fodia clitóris com clitóris e eu gostava muito porque ela só parava quando eu tinha um orgasmo incrível. Mas quando eu tinha 18 anos, também transei com os jovens nobres sem saber nada sobre contracepção. Engravidei aos 23 e fugi com meu amante nobre. Ele era um ótimo amante, mas um perdedor sem escrúpulos. Agora eu estava diante do meu pai, no meu último mês de gravidez, e me submeti à sua misericórdia. Assim que dei à luz, minha madrasta tirou minha filha de mim e a entregou a uma...” Família de fazendeiros. Ela me expulsou, a boa madrasta. Eu vaguei de tribunal em tribunal e só fui aceito como tutor. E agora estou aqui.” Francesco abraçou Jeanette, que chorava novamente.

“Não façam isso com a Emília. Ela tem um temperamento delicado e refinado, e isso a destruiria. Seria melhor para ela se casar virgem com o Rodrigo de Bolonha. Ele veio para cá virgem e a Letizia o acolheu e o ensina a transar noite após noite. Ele não é um mau rapaz, vem de uma boa família que conheço bem e aprecio. Ele pode não ser o herdeiro do trono, mas é muito rico. Ele também tem um temperamento gentil e trataria a Emília muito bem.”

Francesco evitava mencionar qualquer coisa sexual sobre Emilia para Jeanette. Ela é que deveria explicar tudo sobre contracepção e o calendário sideral para a garota. Jeanette interrompeu, dizendo que Emilia ainda nem tinha menstruado, mas ele não cedeu. Ele estudava com a garota por quatro ou cinco horas por dia, sete dias por semana, e, claro, não fizera nenhuma tentativa de seduzi-la, Deus me livre! Mas ela não conseguia escapar, exigia isso todos os dias e um dia aconteceria. Casá-la mais tarde, ainda virgem, seria moleza, ele tinha experiência nisso.

Jeanette sorriu com indulgência. “Acho que você ia adorar transar com ela, não é?” Ele assentiu. “É, eu penso naquela garota dia e noite e não vou conseguir me conter por muito mais tempo.” “Eu sei”, disse Jeanette, beijando-o nos lábios. “Eu sei como isso te excita. Não se torture, transa com ela. Mas não a engravide. Você nunca conseguiria se casar com ela, ela é uma princesa. — Você tem a minha bênção, e eu a ensinarei a usar o calendário. É uma pena que você não se interesse por mim então!” Francesco jurou que continuaria transando com ela, droga! Ele provavelmente conseguiria transar com duas mulheres, ele ainda era jovem o suficiente! Jeanette sorriu presunçosamente. “Você não mencionou as criadas à noite, seu safadinho!” Ele riu alto. “Você não perde nada! E eu sempre fui tão discreto!” Agora ela riu também. “Você é tão ingênuo assim?! As garotas falam disso o tempo todo e você teria que ser cego e surdo para não perceber! Até a Letizia às vezes faz um comentário venenoso porque não consegue transar com você!” “Ela terminou o relacionamento, e, por Deus, eu não sou uma luva que você pode colocar e tirar quando Sua Graça quiser! E além disso, às vezes eu cedo aos desejos dela!”

E assim tudo começou. Ele perguntou a Emilia, pela enésima vez, se ela realmente queria que ele fizesse aquilo. Ela quase chorou ao

afirmar que realmente queria, que estava apaixonada apenas por ele e por mais ninguém, e que queria lhe entregar sua virgindade. E queria se tornar uma mulher de verdade e transar com ele todos os dias! Depois de duas semanas, ele marcou o dia. Ela precisava tomar banho de manhã, porque ele só transava com garotas limpas. Ela dançou em círculos e bateu palmas. Então chegou o grande dia.

Ele havia comprado uma corrente de ouro há muito tempo, um presente bonito e nada barato. Ele a esperava pela manhã e a abraçou. Sentaram-se na chaise longue e se beijaram com longos e apaixonados beijos franceses, algo que ela já sabia fazer há muito tempo, mas nunca com tanta intensidade. Ele acariciou por baixo da saia, deslizando pelas coxas até chegar ao clitóris. Ele a excitou tanto que ela quase não conseguia respirar normalmente.

Francesco a deitou de costas e levantou sua saia. “Vou te beijar e penetrar com cuidado. Vai arder um pouco, mas não vai ser ruim. Tudo bem?” Emilia assentiu com lágrimas nos olhos, estava muito excitada. Ele a beijou com a língua e a penetrou lentamente. Seus olhos se arregalaram quando sentiu seu hímen se romper, assim como ele. Seus olhos sorriram quando ele empurrou seu pênis o máximo que pôde. Ele se endireitou: “Quer que eu continue te fodendo?” Ela assentiu: “Sim, por favor! Com certeza!” Ele a fodeu, ela acompanhou o ritmo dele, fazia tudo instintivamente bem. Ela ficou muito excitada, mas não teve um orgasmo. Ele não conseguiu esperar mais, precisava ejacular agora. Ele olhou em seus olhos arregalados enquanto terminava de ejacular. Só então ela o soltou. “Senti a ejaculação muito claramente, foi realmente excitante!” Ele se deixou deitar ao lado dela e eles sussurraram por mais meia hora, enquanto ela se masturbava. Ele lhe deu seu presente, uma pequena corrente de ouro que ela usaria para o resto da vida. Ela havia percebido que não podia falar sobre isso com ninguém. Ele pensou que talvez ela pudesse ter um orgasmo, afinal, mas a maioria das mulheres nunca conseguia, embora não houvesse vergonha em se masturbar depois do sexo; todas essas mulheres faziam isso.

Francesco transava com Emilia todas as manhãs, e depois estudavam atentamente. Ficou cada vez mais claro para Francesco que, desde Eva, ele desejava transar com garotas muito jovens. Deveria se en-

vergonhar disso? Não, dizia a si mesmo, elas exerciam uma atração mágica sobre ele. É claro que ele também adorava transar com mulheres adultas, às vezes com Letizia e todos os dias com Jeanette. Seu pulso acelerava à noite, quando esperava que uma das 11 empregadas batesse à sua porta e se entregasse de bom grado e com paixão. Ele já as conhecia a todas, mas comparadas a Emilia ou Jeanette, elas eram apenas um pequeno aperitivo.

Emilia se masturbava sem pudor durante o dia enquanto estudava, brincando constantemente com seus lábios vaginais e clitóris. Ela fechava os olhos, inclinava-se para trás e abria bem as coxas para se tocar até atingir o orgasmo em poucos segundos. Ele parou e observou atentamente.

Dois anos depois, Emília casou-se com Rodrigo, de Bolonha. Letizia teve que abrir mão de seu jovem amante, e ele se despediu de Emília. Assim como Jeanette, ele foi convidado para o casamento, que durou três dias. Após a noite de núpcias, Emília o chamou para um canto e contou que Rodrigo havia dito desde o início que não era mais virgem e que não esperava que ela fosse. Assim, ela não precisou recorrer à manobra de engano. E Rodrigo havia aprendido a transar muito bem com Letizia, disse Emília; ele transava muito bem e com muita persistência, e só ejaculava dentro dela depois de esperar que ela tivesse um orgasmo. Ela estava muito satisfeita com seu segundo marido. Como ele mesmo admitia abertamente, a princesa era a única com quem ele já havia transado, e Letizia transava com ele pelo menos duas vezes por dia, muitas vezes até a exaustão. Ele tinha permissão para deitar-se com a madrastra enquanto ela se masturbava e para colocar o pênis dentro dela; ela gostava muito disso. Ela não se importava se ele ejaculasse dentro dela, mas ele nunca tinha permissão para transar com ela direito, então para ele não contava. Emilia disse a ele que só tinha tido um amante antes, mas não mencionou o nome dele.

Jeanette dividiu o quarto com Francesco no casamento de Emilia e eles se comportaram como um casal. Jeanette contou que um rico comerciante de Veneza estava procurando um professor e uma professora. Eles discutiram até tarde da noite se gostariam de ir juntos para Veneza. “Somos um casal há muito tempo”, disse Jeanette. Con-

cordaram que era a melhor solução para ambos. Combinaram e partiram para Veneza três meses depois.

Se tivesse sido apenas um palpite ou se Jeanette tivesse tido alguma participação, de qualquer forma, deram-lhes um quarto grande juntos, como um casal. Trocaram um olhar rápido e entraram no quarto sem dizer uma palavra. Foi uma boa ideia, disse ele finalmente, e Jeanette assentiu com um nó na garganta. Foi ideia dela? Ele não perguntou.

O mercador era um homem bondoso. Seus filhos eram tudo para ele depois da morte da esposa. Jeanette deveria ensinar ao filho de 16 anos e à filha de 15 sobre etiqueta na corte, conhecimento das famílias nobres e um pouco de diplomacia. Ele deveria dar à filha a educação geral que lhe faltava e o máximo de idiomas possível. O filho tinha um professor muito idoso que ensinava a ambos os filhos o básico da profissão de mercador e o preparava intensivamente para ela. As tarefas eram divididas, e o mercador recebia o mesmo que os príncipes: 5 florins de ouro por mês para cada um deles. Francesco já havia comprado há muito tempo um grande cofre de ferro para guardar seu ouro e prata.

Livia, de 15 anos, era uma menina problemática; com sua astúcia e artimanhas, ela havia posto todos os professores em fuga. Francesco se afeiçoou a ela instantaneamente, lambendo os lábios de desejo para seduzir e transar com a garota intocada. Não que ele estivesse sob qualquer coação sexual, pois transava com Jeanette todas as noites. Era um exercício diário, como para todos os casais, mas o pensamento de transar com a pequena Livia crescia imensamente em sua virilha.

Livia e Francesco se deram bem desde o primeiro dia, para surpresa de todos. Ela se sentia sozinha porque seu irmão, Federigo, estava totalmente focado na carreira; ele agora tinha seu próprio quarto e ela estava dormindo sozinha pela primeira vez. Depois de algumas semanas, Livia contou a ele que costumava se deitar na cama de Federigo e às vezes era permitido que ele o acariciasse para que ele ejaculasse, mas na maioria das vezes ele mesmo fazia isso. Ela sempre invejou o irmão mais velho por ter um pênis que conseguia ficar ere-

to e ejacular. Ela apenas brincava desajeitadamente com a própria vagina, porque nada ficava ereto, nada ejaculava.

Após algumas semanas, Francesco começou a assediar Livia de forma descarada e voraz. Ele não parava de falar sobre como as mulheres também podiam ter orgasmos como os rapazes, quando ejaculavam. No início, ele só falava sobre sexualidade e explicava tudo em detalhes para a jovem. Às vezes, ela relatava o que havia tentado durante a noite, mas não passava de tentativas desajeitadas.

Francesco estava satisfeito com o progresso dela nos estudos. Ela demonstrava grande interesse por relatos de viagens de países distantes e tinha um bom domínio de matemática, geometria e álgebra. Ela progrediu muito, já era boa em latim e aprendeu francês com facilidade. O alemão parecia difícil para ela, mas ela se dedicou aos estudos porque seu pai achava importante.

Francesco, no entanto, adotou uma abordagem muito direcionada para a sedução. Rapidamente, ele acostumou Livia ao contato físico, acariciando seus braços, mãos e rosto. Ela ficou inquieta e agitada quando a mão dele deslizou por baixo de sua saia e acariciou a parte interna de suas coxas. Ele rapidamente ganhou terreno ao tocar cuidadosamente a parte interna de suas coxas. Sua timidez inicial desapareceu depois de um tempo e ela permitiu que ele acariciasse sua vagina, o que foi muito prazeroso. Ela pensou por um longo tempo quando ele perguntou se queria lhe mostrar como se masturbar corretamente e ensiná-la. Ela se perguntou mil coisas, por que deveria aprender a se masturbar, se preferia transar. Ela não tinha mais medo de abordá-lo diretamente e ele prometeu transar com ela mais tarde. Então, ela levantou a saia acima dos joelhos e pediu que ele lhe mostrasse como se masturbar. O coração de Francesco disparou quando ele a masturbou pela primeira vez. Ela se permitiu se masturbar várias vezes seguidas até dizer que finalmente havia aprendido. E, de fato, na manhã seguinte, ela disse que havia feito isso várias vezes naquela noite e que tinha sido maravilhoso. Ela fez mil perguntas sobre sexo e desvirginamento, queria saber tudo exatamente.

Eles tinham que ser muito cuidadosos, porque o palácio tinha olhos e ouvidos. Mas seis meses após sua chegada, ele tirou a virgin-

dade de Livia. Ela chorou copiosamente e se deixou consolar. Mas ela realmente queria transar, se deixava ser fodida todas as manhãs antes da aula. Ela tinha que se esforçar muito para ter um orgasmo durante o sexo, geralmente precisava se masturbar depois, mas ela realmente gostava. Ela estava apaixonada por Francesco, mas para ele ela era apenas carne jovem que ele gostava de foder. Ele era um caso perdido, ele adorava foder garotas muito jovens, ele já tinha plena consciência disso. Se você tivesse perguntado a ele naquela época, ele teria dito com certeza que estava mais apaixonado por Jeanette. Ela o havia conquistado ao longo dos anos.

Jeanette conheceu um homem, Lorenzo. Ela não escondeu de Francesco que transava com ele todas as tardes. Lorenzo era um bom amante, carinhoso e um bom partido. Ele não se importava nem um pouco que ela fosse uma princesa exilada do Piemonte. Ela era uma princesa, e isso não o incomodava, mas não era decisivo. Ele sabia que ela morava com Francesco no palácio e transava com ele todas as noites. Ele não a considerava uma mulher de má reputação, pois entendia muito bem que ela e Francesco eram um casal há anos. Ele tinha certeza de que ela não se prostituía como a maioria das mulheres que ele conhecia, mas que transava apenas com seus dois maridos. Ela frequentemente transava com Lorenzo à tarde, jantavam os três juntos depois e então ela ia para casa com Francesco e deixava que ele a transasse. Lorenzo era viúvo há anos e não tinha filhos, e o muito crítico Francesco tinha o nobre de 50 anos em alta consideração. Dois anos depois, Jeanette engravidou e, claro, não sabia qual dos dois era o pai. Mas Lorenzo estava determinado a casar-se com ela e Francesco deu-lhe carta branca. O casamento foi um grande evento, pois Lorenzo ocupava um alto cargo no governo da cidade. O fato de ele estar se casando com uma verdadeira princesa do Piemonte agradou muito à Signoria, a nobreza republicana que formava o governo de Veneza. Jeanette deu à luz um filho, Lorenzino, que era a cara de Francesco. Lorenzo riu de felicidade e prometeu tratar Lorenzino como se fosse seu próprio filho.

O contrato de ensino de Francesco chegou ao fim após três anos. Livia, agora com 18 anos, ainda era muito apaixonada por seu professor, que transava com ela duas ou três vezes por dia depois que Jeanette partia. Ao longo desses três anos, ele também transara com to-

das as criadas do palácio, uma após a outra, mas nenhuma delas se comparava à arte de fazer amor de Jeanette. Eram moças simples do interior que adoravam ser fodidas pelo Senhor.

Jeanette não o havia esquecido, nem lhe negara a cama. Lorenzo não se importava, contanto que não o expuse. Mas Veneza era uma cidade vibrante e ninguém se importava com quem estava transando com quem. Jeanette tinha uma amiga por correspondência na França e a usou para encontrar vários endereços onde se buscavam tutores. Ela contatou alguns deles e então encontrou duas famílias com uma menina. Escreveu para elas e, por fim, conseguiu um emprego para Francesco em um castelo no Vale do Loire, a um bom dia de viagem a sudoeste de Versalhes. Parecia ser o emprego certo.

Francesco se despediu de todos. Em seu último dia, ele mesmo remou pelos ensolarados canais da cidade em uma gôndola. Depois, partiu.

• • •

Na França

Por Jack Faber © 2024

Franz percorreu a rota das carruagens em ritmo moderado durante cinco semanas. Teria viajado mais rápido de carruagem, mas não tinha pressa e preferia ficar sozinho a refletir, em vez de se envolver em conversas ociosas e sem sentido. Lorenzo sorriu e lhe entregou um documento de viagem. Agora ele era Francesco Bellini, de Veneza, nascido em 1670 e viajando sob a proteção da República de Veneza. Ainda aparentava ter 32 anos, embora tivesse nascido em Schwaz, no Tirol, em 1599. Era necessário mudar sua identidade. Ponto final.

Às vezes, ele passava a noite em estações de diligências, mas apenas raramente. Preferia ficar com os fazendeiros ao longo do caminho, porque por meio florim de prata conseguia o melhor que eles podiam oferecer. Um jantar farto, um bom quarto de hóspedes, acomodação para seu cavalo e uma criada, filha ou, às vezes, até mesmo a própria esposa do fazendeiro para transar. Era revigorante poder transar com uma camponesa inocente todas as noites. Elas ofereciam o tipo de sexo simples, natural e puro que ele nunca conseguia nas cortes e palácios. Para a esposa do fazendeiro, a criada ou a filha, não era nada de especial que um homem quisesse transar com ela; era completamente normal. Mesmo quando pernoitava em uma pequena fazenda, onde a esposa do fazendeiro era a única mulher, ele se deitava na cama com o fazendeiro e transava com a esposa dele depois do fazendeiro. O fazendeiro aceitava a transa com a esposa com um sorriso; parecia bastante natural para ele também que o hóspede quisesse transar. Era realmente excitante ver sua esposa sendo fodida, tremendo e se arrepiando, por outro homem! Isso fez muito bem ao Francesco. E nenhuma rodoviária oferecia tudo isso.

Katharina havia morrido anos atrás, assim como Eva. Ele recebeu uma resposta de Pam, com sua caligrafia trêmula e frases um tanto confusas, somente depois da morte de Katharina e, dois anos depois, de Eva, que já tinha uma dúzia de netos. Ele escreveu para Pam mais algumas vezes até que o contato se rompeu. Escreveu irregularmente

para Jeanette, Giulia, Emilia e Livia, que ainda não havia se casado e trabalhava no império empresarial do pai idoso. Ela havia compartilhado fielmente a cama com o pai por muitos anos e transado fielmente com ele, mas agora ele estava ficando velho demais.

Ele chegou a Châteaudun no verão de 1700. A Condessa de Dun o recebeu, leu suas cartas de recomendação de todas as cortes e de Jeanette, a quem ainda conhecia pessoalmente do Piemonte. O Conde de Dun passava a maior parte do tempo em Versalhes e só vinha ao seu castelo a cada poucas semanas.

Ele foi aceito como tutor de Claudine, de 12 anos, e recebia 11 florins de ouro por mês, com alimentação e alojamento gratuitos. Ficou muito surpreso, pois seu quarto não ficava na ala dos criados, mas sim no elegante quarto de hóspedes ao lado dos aposentos do conde. A condessa Adele era uma mulher jovem, não particularmente bonita, com quase 40 anos, mas cada centímetro dela exalava realeza. Ela o fez lembrar da madrasta de Rodrigo, que, assim como a condessa Adele, era uma mulher sedutora e implacável.

No dia seguinte, ele foi apresentado a Claudine, de 12 anos, que discordou veementemente da mãe, afirmando ter quase 13. Ele teve a impressão de que a menina, de alguma forma, gostava dele após uma avaliação minuciosa, e sua suspeita se confirmou. Ele deveria ensinar matemática, geometria e álgebra à criança, além de geografia mundial por meio de relatos de viagem. A Condessa Adele deixou em aberto se a criança queria aprender italiano ou alemão, embora tenha deixado escapar que o alemão era a língua mais importante, juntamente com o francês. Latim e italiano não eram considerados importantes pela condessa. As tarefas foram atribuídas, e agora era hora de começar a trabalhar.

De manhã, Didi, como Claudine era chamada, tinha aulas de etiqueta na corte francesa, história da família francesa e comportamento em geral. A professora era uma mulher rigorosa e reservada, que Francesco imediatamente riscou da sua lista de pretendentes. Depois do almoço, ele sentou-se com a condessa e perguntou-lhe diretamente como estavam as coisas com as moças na corte. A condessa não se surpreendeu, pois ele fizera a pergunta de forma educada e apropria-

da, mas refletiu por um tempo surpreendentemente longo. Ele tinha que apresentar pessoalmente as moças de fora da cidade a Sua Senhoria, e isso não era bem visto. Francesco assentiu e murmurou que também não via as coisas dessa forma. A condessa baixou o olhar. As criadas eram invariavelmente mandadas embora se engravidassem; o conde era muito firme quanto a isso. Dito isso, a condessa encerrou o assunto; a máxima discrição era esperada de um homem educado como ele. “Não somos um convento aqui, Monsieur”, disse a condessa, “era bastante natural que as criadas tivessem parceiros. Mas espero que todas as minhas moças se comportem adequadamente em serviço e compartilhem suas vidas privadas apenas em seu tempo livre. Sou apenas moderadamente curiosa, mas geralmente descubro muita coisa. Só me envolvo quando um nobre visita e se interessa por alguma das moças. Nenhuma das minhas moças é prostituta e eu não as vendo aos meus convidados. Na maioria das vezes, há uma atração mútua à qual não me reprimo. Se você sente tal atração, não preciso saber, mas seja prudente e lembre-se das minhas palavras.” Francesco assentiu em concordância. “Ouvi-a atentamente e não a decepcionei com meu comportamento, Madame. É basicamente exatamente o que se esperava de mim nas cortes italianas, e nunca houve nenhum incidente. O senhorio era sábio o suficiente para saber que um jovem de 30 ou 32 anos não gosta de passar frio sozinho na cama. Prometo que me comportarei bem.” A condessa acenou com a cabeça graciosamente e o capítulo foi encerrado.

Então começou a primeira aula. Francesco percebeu que não estava sozinho com Didi; uma senhora idosa estava sentada num canto, tricotando. Didi sorriu ao reconhecer sua avó, que era idosa, surda e quase cega. Ela estava sentada perto da janela, de modo que conseguia enxergar um pouco. Didi gritou “Vovó!”, e então, em voz alta, a senhora só olhou para cima. “Este é meu novo professor, Mestre Francesco de Veneza!”, exclamou Didi, e a avó acenou gentilmente com a cabeça: “Boa tarde, senhor!”. Ela ou não conhecia o nome ou não se lembrava dele. Continuou tricotando.

“Ela está aqui como acompanhante”, explicou a menina, “então não vou te machucar!” e riu marotamente. No tempo que se seguiu, Francesco verificou o nível de conhecimento da menina e finalmente disse: “Temos muito o que aprender, você precisa recuperar o atraso

de uns três anos de estudo”. Ele disse que ela podia chamá-lo informalmente pelo primeiro nome, já que, como sua aluna, não precisava se dirigir a ele formalmente, exceto em público. Didi assentiu; era bom. Ela estudaria bastante e também queria tentar aprender alemão, pois era muito importante para seus pais.

Ele tinha reparado que a mãe dela estava grávida? Balançou a cabeça, tinha passado despercebido. “Quando o papai está lá, eu sempre espiono”, sussurrou Didi. “A mamãe só transa com o papai uma vez, quando ele volta de Versalhes. Ela monta nele até o velho soltar um grunhido alto. Ela pula de cima dele e se masturba”, Didi fez movimentos como se estivesse se masturbando, “e ele sempre tem que gozar na boca dela, mas goza bem menos que os outros jovens convidados.” Didi fez uma pausa significativa. “Mamãe transa com todos os hóspedes que passam a noite aqui e quando papai está em Versalhes com o Rei. Mas ela transa com eles de um jeito bem diferente: ela se deita de costas e ele a empurra por cima. Às vezes ela resfolega bem alto e às vezes solta um gritinho baixinho, depois faz de novo com a mão e eles podem gozar na boca dela por um bom tempo. Cada um dos amantes dela goza dentro da vagina dela e ela lambe os pênis deles e deixa que gozem na boca dela. Perguntei à minha dama de companhia se mamãe estava grávida do papai e ela me repreendeu e mandou eu calar a boca. Isso me deixou ainda mais inseguro e acho que pode ter sido um estranho que a engravidou.” Francesco ouviu com interesse. “Você só espia sua mãe quando um homem vem visitá-la?” Ele perguntou cautelosamente e ela assentiu em concordância: “Quero ver a transa porque minha dama da corte não quer falar sobre isso, é sujo e eu vou descobrir tudo com o tempo, ela diz. Mas ela é mesmo uma vaca boba e estúpida nessas coisas!” Francesco a lembrou de que uma dama da nobreza não deve usar palavras tão obscenas nem falar sobre sexo. A dama da corte estava certa em repreendê-la. Didi olhou para ele com curiosidade. Ele sorriu gentilmente. “Didi, você precisa aprender muito rápido como falar em público e o que só pode ser discutido com amigos em particular. Por exemplo, se você se toca à noite. Você não pode dizer isso em público, não para uma dama da corte que deveria educá-la. Mas eu sou seu amigo, podemos conversar o quanto quisermos em particular. Por exemplo, se você se toca à noite, lá embaixo.” Ele viu Didi pensativa. “A dama da corte me proibiu estritamente de tocar minha Michette,

nem durante o dia, nem à noite e nem em público. Então, nunca. Ela está certa?” Francesco respondeu com leveza que, em público, era verdade. “Mas eu sou seu amigo, estamos conversando em particular. Claro que você pode confiar em mim e me contar se tocar na sua Michette quando estiver sozinha.” Didi imediatamente disse: “Eu brinco com a minha Michette todas as noites e a acaricio por um longo tempo porque é muito bom, mas nunca contei para a dama da corte. É isso mesmo?” Francesco assentiu. “Sim, era exatamente isso que eu queria dizer.”

Ele perguntou a Didi por que Nana não estava ali. “Ai, coitadinha! Ela está sempre constipada e precisa ir ao banheiro por meia hora, três vezes à tarde. Ela já tentou todos os tipos de talco da farmácia, mas nada adiantou. E eu não me importo se ela me deixar sozinha por meia hora, não faço nenhuma besteira.” Francesco assentiu; ela tinha toda a razão. Um plano vago se formou em sua mente.

Naquela noite, ele ouviu batidas suaves na porta. Sentou-se sonolento na cama e disse automaticamente: “Avanti!” A porta lateral se abriu e, iluminada pela luz do quarto dos fundos, a Condessa Adele estava parada na entrada. Ela vestia uma longa camisola de tecido translúcido e ele vislumbrou sua bela e esbelta figura. “Posso entrar?”, perguntou ela suavemente, “posso me deitar com o senhor?” Ele assentiu, animado. “Claro, Madame”, disse ele com a voz rouca, “claro!” Ela deixou a porta aberta e caminhou até a beira da cama. Passou a alça do vestido pelo ombro e o deixou cair. Ele se moveu para o lado e ela se deitou ao seu lado. Como em um sonho, ele acariciou seu corpo. Sua mão deslizou sobre sua pequena barriga. “A senhora está grávida, Madame”, disse ele, e ela assentiu. “Ainda não é oficial”, murmurou ela, “mas é verdade!” Eles sussurraram por alguns minutos. Ele a observou à luz do outro quarto. Ela era mais magra do que aparentava em suas preciosas roupas de dia. Seu belo rosto aristocrático era emoldurado por lindos cabelos castanho-avermelhados, já que não usava peruca branca formal. Sua pele era impecável e macia como seda. Seus seios eram fartos, os mamilos estavam rígidos de excitação. Ela tinha um pequeno arbusto de pelos pubianos escuros e aparados, sob o qual havia uma fenda bastante grande. “Não tenho uma mulher há 14 dias”, ele deixou escapar, “houve muita expectativa. Esta será uma primeira rodada curta, Madame!” disse ele com pe-

sar. Ela sorriu com simpatia, “então provavelmente será na segunda rodada que você me deliciará!” Ele gaguejou um pouco. “Na Itália, as mulheres colocam o pênis na boca no início porque querem um limpo!” Ela sorriu, “não é muito comum aqui, mas terei prazer em fazer isso para você! Já estou acostumada!” Ela mergulhou. “Você quer ejacular na minha boca?” A condessa perguntou: “Isso aliviaria bastante a pressão sobre você!”, mas ele não respondeu. Ela assentiu ansiosamente, pegou o pênis dele na boca e ele imediatamente percebeu que ela tinha muita prática. O pênis dele já estava rígido, mas ela ainda lhe fez um boquete intenso. Ela o manteve na boca enquanto ele ejacularava, engolindo e saboreando o líquido com prazer e lambendo o pênis continuamente. Ela emitia sons de prazer enquanto ele massageava seu clitóris com maestria e suas coxas começaram a tremer levemente. Pouco antes de atingir o orgasmo, ela se endireitou. Ela estava muito excitada, então ele a penetrou. Foi um verdadeiro prazer transar com ela enquanto ela acompanhava o ritmo dele e transava com muita energia. Eles se abraçaram delicadamente e demorou bastante até que ela atingisse o ápice e se agarrasse a ele com força. Ela pressionou sua vagina firmemente contra ele durante o orgasmo e se acalmou depois de alguns segundos. Ela acariciou suas costas e nádegas enquanto ele continuava a transar por um bom tempo. Ela apertou o pênis dele com força dentro dela com os músculos vaginais enquanto ele ejacularava. Ela masturbou o pênis dele com muita delicadeza e ele demorou bastante para ejacular antes de terminar e se deitar ao lado dela. Eles sussurraram por mais quinze minutos, então a condessa saiu, dizendo que voltaria na noite seguinte.

Ele tomou o café da manhã com as empregadas e achou ter recebido muitos olhares divertidos ou de admiração. Será que a notícia já era tão conhecida? Manteve a calma e olhou nos olhos das moças de forma sedutora. Algumas retribuíram o olhar com benevolência e claro interesse. Ele voltaria a falar com elas. Foi para o quarto e se preparou para a aula de álgebra; Didi era boa na matéria e estava aprendendo a passos largos.

À tarde, eles estudaram muito até que a avó se levantou para fazer cocô. Didi imediatamente começou a falar sobre como costumava espionar a mãe transando com os convidados, o que achava incrível-

mente excitante. Ele esperou pacientemente até que ela terminasse o primeiro jato. Então perguntou diretamente: “Didi, você é minha namorada, pode me mostrar sua vagina?”. Didi fez uma careta e olhou involuntariamente para a cadeira vazia da avó. “Você gosta de olhar, não é?”, sussurrou em tom conspiratório. Ela hesitou por um longo tempo, mas então, hesitante, levantou a saia. Ele balançou a cabeça. “Coloque os pés na cadeira e dobre os joelhos para o lado para que eu possa ver melhor!”. Didi obedeceu imediatamente. Ele respirou fundo. A vagina dela era adorável, com apenas alguns pelos bem leves. A fenda estava vermelha, obviamente. “Abra esse buraco, quero ver se você ainda é virgem!”. Ela olhou para ele e protestou: “Claro que sou virgem”, mas abriu os grandes lábios. Ele se inclinou para a frente e assentiu: “Isso mesmo, você ainda tem hímen!” Ele observou atentamente o clitóris dela. Era realmente grande, como o de Pam, a glândula estava exposta e o prepúcio cobria apenas a haste. “Você passou a noite toda brincando, não é?”, perguntou ele. Didi assentiu ansiosamente. “Eu faço isso o tempo todo porque é muito bom!” Ele concordou com a cabeça: “Tudo bem, continue!” Mas ela poderia fazer melhor se quisesse, acrescentou ele, ansioso. Ele pegou um dos dedos dela. “Imagine que este é o seu clitóris”, disse ele, “seu ‘chatouilleur’.” Didi olhou para ele sem entender. Ele tocou o clitóris dela com um dedo. “Aqui está, seu ‘chatouilleur’. Entendeu?” Ela assentiu, confusa. Ele umedeceu o dedo com a língua e esfregou a ponta do dedo dela. “É assim que funciona”, disse ele, “se você esfregar seu ‘chatouilleur’ por tempo suficiente, como eu faço com seu dedo, você terá um orgasmo, é como uma pequena explosão e é assim que todas as garotas fazem!”

Ele colocou o dedo dela na língua. “Molhe esse dedo e tente!” Ela obedeceu e se levantou num pulo depois de um minuto. “Preciso fazer xixi!” gritou e saiu correndo. Voltou, sentou-se de pernas abertas em frente a ele como antes e agora esfregava cuidadosamente o clitóris. Ele observou, excitado, a expressão no rosto dela mudar. Ela arregalou os olhos com o jato final e ele assentiu, encorajando-a: “Isso mesmo, pode continuar!” Didi se contorceu e ejaculou um jato de urina em seu primeiro orgasmo. Olhou para Francesco, completamente perplexa. “Uau, isso foi muito forte!” exclamou. Ele assentiu amigavelmente e garantiu que estava tudo bem. Claro que ela podia fazer aquilo, de dia ou de noite, não importava, mas deveria esconder

de todos. Nem a dama da corte, nem a avó, nem a mãe dela deveriam descobrir, era algo realmente íntimo! Ela o encarou por um longo tempo. “Só nós dois, então?” Francesco assentiu. “Sim, só nós dois. Se a vovó estiver fazendo cocô, você pode fazer aqui também. E coloque um pano na sua cama se respingar um pouco de xixi.”

No dia seguinte, Didi contou animada que tinha feito aquilo tantas vezes durante a noite até ficar exausta. E, claro, agora fazia também quando a avó ia ao banheiro, e ele disse que ela tinha ido muito bem. A intimidade entre eles aumentava a cada dia. Ele queria esperar mais um pouco antes de transar com ela, talvez uma ou duas semanas.

A condessa Adele vinha todas as noites no início. Encontraram um bom ritmo que levava ambos ao orgasmo. A condessa não falava muito sobre seus amantes, mas comentou diversas vezes que poucos a faziam gozar. Francesco interpretou isso como um elogio. No entanto, ambos mantinham o distanciamento social que lhes parecia apropriado. Nem a condessa nem Didi eram o tipo de mulher por quem Francesco pudesse se apaixonar. Quando a condessa tinha um convidado, ele escolhia, durante o jantar com as criadas, uma das que correspondiam às suas investidas. Ela vinha silenciosamente até a porta dele e batia suavemente. Ele transava com todas elas com a mesma paixão contida que o distanciamento social exigia — paixão essa muito mais presente aqui na França do que na Itália.

Didi agora se masturbava rotineiramente, às vezes até quando a avó estava presente. A avó não conseguiria ver nada por trás, e Didi fazia isso com muita habilidade. Francesco, astutamente, fez com que Didi voltasse a falar sobre o fato de que apenas os bons de cama tinham permissão para ejacular dentro da mãe dela; com as outras, ela se masturbava. Didi não queria se masturbar também? Ela pensou nisso por dias e discutiu o assunto repetidamente. Ele não a pressionou em nada, sempre ressaltando que era um passo em direção ao sexo de verdade. Mas, aos 13 anos, ela ainda era muito nova para transar, dizia ele. Exceto pelas meninas do interior, é claro, elas já transavam aos 13. As filhas dos fazendeiros já transavam com os fazendeiros aos 13, isso era bastante normal, as esposas dos fazendeiros ficavam muito satisfeitas com isso. Mas essas meninas eram mui-

to precoces; é claro que ele já teria transado com algumas delas, mas elas sentiam uma forte pressão para querer transar. Uma pressão enorme. Francesco havia armado sua rede e só precisava esperar. Ele não tinha nenhuma pressão, a condessa e as criadas cuidavam muito bem dele.

Após apenas alguns dias, Francesco foi convencido por Didi. Ela não descansou até que ele introduzisse a glândula em seu vestíbulo vaginal após o orgasmo dela. Nana voltou irritada por ter defecado e ele teve que se retirar. Mas Nana precisava tentar novamente para finalmente defecar. Ele imediatamente introduziu a ponta da glândula no vestíbulo vaginal de Didi novamente e agora ela tinha permissão para masturbá-lo. Ela havia prestado muita atenção enquanto espionava e fez tudo certo desde o início. Ela arregalou os olhos quando ele ejaculou dentro dela. Ele sorriu satisfeito; este era o caminho para o sexo. Didi o masturbava uma ou duas vezes por dia, espalhava o sêmen dele em seu vestíbulo vaginal e fantasiava em transar cada vez mais. Ela vinha se masturbando há meses e, por semanas, fazia Francesco ejacular com o punho. Ela se sentia bastante adulta e com idade suficiente para transar! Francesco a contradisse por semanas, pelo menos formalmente.

Didi tinha apenas 13 anos, mas era de uma fibra completamente diferente de todas as virgens que ele havia desvirginado até então. Ela aproximou a cadeira dele, inseriu a glândula dele em sua entrada vaginal e olhou-o nos olhos. “Me desvirgina, Francesco, agora!” Ele ficou surpreso, mas não atônito. O olhar dela revelava sua determinação, e seus dedos também demonstravam sua vontade de ser desvirginada e fodida. Ambos haviam vencido, foi seu penúltimo pensamento. O outro era sobre o tempo que lhes restava. Ele a desvirginou imediatamente; ela era a primeira garota que ele desvirginava sentado. Didi tinha lágrimas nos olhos, mas eram lágrimas de orgulho. Ela havia conseguido o que queria, ela o havia forçado, o pênis dele estava fundo em sua vagina. Ele a olhou fixamente nos olhos. Ela assentiu para ele: “E agora me foda rápido, Francesco, antes que a vovó chegue!” Ele a fodeu sentado, ambos se balançaram para frente e para trás por um tempo que pareceu uma eternidade, então ele ejaculou dentro dela. Eles ouviram o barulho de passos de Nana. Ajeitaram as roupas e Nana pôde entrar.

Didi se deixava foder sentada todas as manhãs. Ela só tinha orgasmo depois, com o dedo. Para ela, estava ótimo, o orgasmo com o dedo era suficiente. Francesco ficava pensando se teria outra opção para foder, mas não tinha. Eles estudaram e transaram por mais dois anos, e ela se casaria com o jovem Marquês de Ferret aos 16 anos. A condessa continuava vindo transar com ele, assim como as criadas.

A condessa prometeu arranjar-lhe um novo emprego; estava muito satisfeita com o seu trabalho e com as suas aventuras amorosas. Não precisou de procurar muito: a Marquesa de Le Coudray, no seu castelo perto de Chartres, a um pulo de distância, precisava de uma professora ou, se necessário, de um tutor para a sua filha de 14 anos. A marquesa viera do pequeno Reino de Pádua, em Itália, e ficara viúva dez anos antes. A sua filha, Anna, só lhe falava italiano, mas estava determinada a aprender francês e qualquer outra língua que lhe apetecesse.

Francesco cavalgou até Chartres e se apresentou. A Marquesa era uma mulher mais velha, uma típica italiana de seus quarenta e poucos anos, baixa, robusta e visivelmente se transformando em uma matrona. Francesco suspeitava que ela rezava mais do que transava, mas provou estar enganado. Ela não era muito instruída e seu francês era simplesmente atroz. Era rica e tinha uma pequena casa, com 10 a 12 criadas, um cocheiro e dois tratadores de cavalos. Ela podia lhe pagar 11 florins de ouro por mês, como a Condessa Adele, com quem tinha uma amizade muito superficial. Ela o apresentou a Anna, que era muito tímida e pouco falante. Seu francês era ainda pior. Eles concordaram com os termos e ele se despediu da condessa e de Didi, que foi muito corajosa e o agradeceu pelas boas lições e por “tudo”. Ela não fez alarde; havia transado com ele com paixão por dois anos, mas eles não estavam apaixonados, não depois de dois anos. Ele partiu e começou o novo emprego no mês seguinte.

A marquesa Gina perguntou-lhe se ele queria dormir no andar de cima com as criadas ou se preferia dormir no imponente apartamento; o quarto do marido estava vago. Ele aceitou de bom grado o quarto do marquês, que era luminoso e suntuosamente mobiliado. Tinha até banheiro privativo e ele podia pedir a uma criada que preparasse água quente.

Francesco testou Anna logo no primeiro dia. Ela queria aprender francês e também um pouco de matemática. Ele assentiu; matemática, geometria e álgebra combinavam, eles veriam. Ela ficou muito satisfeita por ele falar italiano fluentemente com ela. Ele contou um pouco sobre si mesmo, mantendo-se fiel à sua história de vida fictícia. Aos poucos, ela se soltou. Falou sobre sua infância tediosa, onde as criadas e os criados eram sua única companhia. E assim passou a primeira semana. Ah, não, havia algo mais.

Na noite de domingo, bateram à porta do seu quarto. “Avanti!”, respondeu ele por velho hábito, “Entrez!”, e vestiu as calças e o casaco, pois estava prestes a deitar-se. Era a Marquesa Gina. Ele pediu-lhe que se sentasse e conversaram. Ela queria saber se ele havia convidado uma criada para passar a noite. Dispensou-o com um gesto de mão; aquilo não passaria despercebido numa casa tão pequena. Ele admitiu que havia marcado um encontro. Ela lamentou e levantou-se: “Pensei que o senhor estivesse livre para mim.” Ele pediu-lhe que ficasse e tocou a campainha; uma criada apareceu. Disse-lhe para avisar Evelyn que ela não poderia vir naquele dia. A criada assentiu e quis olhar para dentro do quarto, mas ele manteve a porta fechada.

Ele se virou para a Marquesa e começou a se despir. “A noite é sua, Signora!”, disse ele, observando-a se despir. Ela era bastante falante e ele só a ouvia com um ouvido. Quem estava fazendo sexo com quem e quando, não era interessante. Ele perguntou sobre o marido dela por educação. Ela contou uma história interessante depois de se deitar ao lado dele. Ela não estava nada mal. Era pelo menos uma cabeça mais baixa que ele, seu rosto aristocrático começava a enrugar e ela usava o cabelo preto na altura dos ombros. Seus seios pequenos e redondos ainda eram fartos e combinavam bem com sua figura rechonchuda. Ela havia aparado seus pelos pubianos negros ao estilo italiano, o que era um ponto positivo.

Ela contou-lhe que o marido havia morrido anos atrás, mas que não sofrera por muito tempo. Agora, ela dependia da sua “farfallina”, como fora durante o casamento, pois o marido era muito velho e quase nunca transava. Mesmo assim, ela lhe foi fiel até a morte e só passou a ter amantes depois, sempre aos domingos à noite, como ela queria. A pequena Anna às vezes entrava no quarto de repente, e Gi-

na achou que tinha visto a brincadeira com a “farfallina”. Ela suspeitava que Anna estivesse brincando com a “farfallina” desde então, mas não tinha certeza. Um ano antes, ela havia tomado como amante fixo o filho de 17 anos de um marquês italiano; ele vinha todos os domingos à noite e ia embora na segunda-feira de manhã, durante um ano inteiro. Então, certa noite, ela adormeceu depois de transar com ele e foi acordada pelo violento tremor da cama. Seu Lorenzo estava transando com Anna, que na época tinha apenas 14 anos. Ela o expulsou da cama, do quarto, e atirou roupas e a espada dele nele. “Ele nunca mais deveria aparecer por aqui!”, gritou ela atrás dele. Depois, foi até a filha, que ainda estava ocupada com sua “farfallina”. Gina esperou, curiosa, observando a masturbação de Anna até que ela terminasse. Conversaram sobre tudo. Lorenzo havia tirado a virgindade dela seis semanas antes e a fodia todo domingo à noite, depois que Gina adormecia. Ele a fodia três ou quatro vezes seguidas todas as vezes. E Anna gostava de ser fodida, dizia ela, teimosamente. Desde então, o clima estava péssimo. Anna trancava a porta do quarto todas as noites e eles não se falavam direito há meses.

Francesco perguntou o que a Marquesa esperava. Ela queria ser abraçada como se fosse por um marido e ser fodida com delicadeza e sem violência. Ela tinha orgasmos facilmente e ele não precisava se preocupar com isso. “É assim que vai ser”, disse Francesco, pegando Gina nos braços. Eles transaram em silêncio e com calma, Gina chegou a ter dois orgasmos antes dele ejacular. Ela balbuciou que era por causa do hábito de brincar com sua “farfallina” todas as noites desde os 6 anos. Eles conversaram mais um pouco e ela disse que voltaria no domingo seguinte à noite, se não fosse incômodo para ele, e então saiu apressada.

Anna foi se soltando aos poucos e, todas as manhãs, perguntava a ele com qual garota ele tinha transado na noite anterior. Ela ria como uma menina e o interrogava. Francesco contava tudo a ela e nunca mentia. Na segunda-feira, ele disse que tinha sido com Gina. Ela fez uma pausa. “Ah, sim, sempre nas noites de domingo. Eu sei.” Ela ponderou a pergunta e então disse: “Tenho certeza de que ela te contou que eu faço isso toda noite com aquela aí embaixo!” Ele assentiu, confirmando que ela brincava com a “farfallina”, Gina havia dito isso. “Ah, é assim que se chama? ‘Farfallina’, que estranho, significa bor-

boletinha, não é?” Francesco assentiu: “Dê uma olhada no espelho, se você puxar os pequenos lábios para o lado, parece uma borboleta.”

Ana olhou para ele de soslaio. “Ela não disse nada sobre Lorenzo?”, perguntou desconfiada. “Sim”, respondeu ele, “disse sim!” Ela bufou e disse pensativa: “Ele não me estuprou, eu o seduzi. Eu o observava transando com ela tantas vezes que eu realmente queria fazer o mesmo. Eu me masturbava todas as noites e sonhava com Lorenzo me fodendo. Era quase real, Dom Francesco.” Ele viu suas lágrimas e seu coração se enterneceu. “Então, você transou de novo desde então?” Ana balançou a cabeça. “Com o cocheiro? Com os criados das criadas? Não, isso não é possível!”

“Mas você transaria com seu humilde professor?”, perguntou ele com um sorriso. Ela hesitou por um instante. “Sim, senhor, eu transaria, se ele não estivesse tão ocupado todos os dias, de domingo a domingo, sem parar.” Francesco a abraçou e riu baixinho. “Eu pouparia um pouco de energia, todos os dias.” Anna pensou por um longo tempo e finalmente assentiu. “Enquanto eu não estiver menstruada, você pode vir à minha casa todas as noites e transar comigo. Arranhe a porta de leve como um gatinho e eu deixo você entrar.” Ela virou a cabeça timidamente para o lado. “Mamãe não pode descobrir, você tem que me dar aulas por mais dois anos e depois, quando eu fizer 16, ela quer me casar com um homem rico.” Ela conteve as lágrimas. Ele prometeu que a mãe dela não descobriria.

Francesco chamou as criadas mais cedo e então se aproximou sorrateiramente da porta de Anna. Ela abriu para ele; já estava nua. Ele deixou a porta entreaberta por um instante para observar seu corpo. Ela quase não tinha seios, apenas metade de uma maçã. Seus mamilos eram surpreendentemente grandes e pontiagudos. Ela não tinha pelos pubianos, nem mesmo um fiapo. Parecia a ele que ela havia estado brincando com sua “farfallina” por um longo tempo naquele dia e, quando ele perguntou, ela respondeu que sim. Sim, claro, ela tinha que esperar por ele. Ele se deitou ao lado dela e pediu que ela o excitasse com os lábios, com a boca. Anna nunca havia feito isso antes e ele explicou tudo para ela, que servia para excitá-la e também era uma medida de higiene que toda mulher sensata na Itália praticava.

“Mas não ejacule na minha boca!”, exclamou ela, e ele riu. “Se estiver duro, é só tirar!” E assim aconteceu.

A vagina de Anna era macia, quente, úmida e agradavelmente apertada. Ela transou com intensidade e vigor, como uma mulher adulta. Ela teve orgasmos facilmente como Gina e ficou muito feliz.

Francesco ficou com a Marquesa por dois anos. Transava com Gina, as criadas e Anna todas as noites. Ela aprendeu bem e amadureceu rapidamente. Ele partiu antes que ela se casasse. A Marquesa o recomendou a outros e, nas décadas seguintes, ele sempre teve jovens garotas como alunas. Recusava-se categoricamente a ensinar meninos. A essa altura, ele já dominava a arte de conquistar qualquer garota em 14 dias. Pouquíssimas haviam perdido a virgindade; ele conquistava a maioria. Geralmente ficava com as garotas por dois ou três anos, transava com todas diariamente e as ensinava bem. Obtinha as melhores recomendações. Mas, no final do século, depois de 1770, a situação estava fervendo em toda a França, especialmente em Paris. Ele raramente cavalgava por essa cidade; era feia, suja e perigosa. Mais de uma vez teve que se defender de assaltantes com sua faca, o que tornou a cidade ainda pior para ele, embora se alegrasse por ainda saber lutar bem.

Em 1793, ele recebeu a visita de um jovem nobre que se disfarçara de plebeu. A cidade ainda estava em turbulência um ano após a revolução, mas era razoavelmente seguro circular por lá. O jovem apresentou-se como Marquês de Beaumont, deu-lhe 30 florins de ouro como pagamento inicial e um endereço. Disseram-lhe para procurar a Princesa Elisabeth, irmã do rei decapitado da França. Francesco acabara de concluir uma missão e estava à procura dela havia semanas; os nobres mantinham um perfil muito discreto naqueles tempos conturbados. Pediu a Beaumont que o acompanhasse e o apresentasse à princesa. A casa onde ela morava era comum por fora. A princesa já tinha mais de sessenta anos e havia sido lavada em todos os tipos de água.

Ela foi a primeira e única a descobrir a discrepância entre as datas, mas rapidamente deixou os papéis de lado e foi direto ao ponto. A Rainha estava diante do ridículo tribunal civil naqueles dias e era

quase certo que Maria Antonieta seria executada. Ela, Elisabeth, havia acolhido a filha de 14 anos da Rainha e do Rei, Maria Teresa Carlota, por meio de conexões e muitos subornos. Ela a escondeu ali para levá-la clandestinamente para a Áustria. Queria empregá-lo como tutor para que a criança pudesse continuar seus estudos, pois, independentemente do que o futuro lhe reservasse, ela não poderia permanecer sem instrução. Francesco entendeu imediatamente. Discutiram os detalhes e ele receberia acomodações condizentes com seu status e a mesma comida que todos os outros. A princesa o encarou com firmeza. “O senhor é um jovem, monsieur, e eu estou fora do ramo amoroso há muito tempo.” O Marquês Beaumont deu de ombros brevemente. “Temos cerca de trinta empregadas mais jovens em nossa casa, então, se for mesmo necessário, faça-o discretamente. Temos uma reputação a zelar, não somos tão brutalizados quanto a nova burguesia.” Eles combinaram 15 florins de ouro por mês, e então Beaumont o levou até seus aposentos. Francesco ficou muito satisfeito, pois emprego fixo não era fácil de encontrar naquela época.

No dia seguinte, ele foi apresentado a Marie. Ele gostou dela imediatamente e ela também demonstrou interesse por ele. Ela só tivera alguns professores diferentes e agora, pela primeira vez, um tutor. Ela passara meses na prisão com sua mãe, a Rainha, e isso deixara profundas cicatrizes em sua alma. Ela não falava uma palavra de alemão, mas estava determinada a aprendê-lo se um dia pudesse retornar para sua avó, a Imperatriz da Áustria.

A princesa franziu a testa a princípio quando uma criada diferente entrava sorrateiramente no quarto de Francesco todas as noites, mas descobriu que era sempre resultado de suas investidas amorosas e que ele não forçava nenhuma a ter relações sexuais. Ela sorriu satisfeita, pois Dom Francesco era realmente discreto. O único outro homem na casa era Beaumont, que passava a noite nos braços da princesa e não demonstrava nenhum interesse pelas criadas.

Francesco descobriu, depois de apenas alguns dias, que Marie ainda era virgem e desconhecia o segredo do clitóris. Mas ela se interessava por tudo relacionado ao sexo, como todas as garotas da sua idade. Sua mãe, aliás, toda a corte, a mantinha na ignorância. Ela costumava espionar a mãe, que flertava com todos os homens. O flerte ge-

almente terminava com uma masturbação e ela deixava que todos a tocassem intimamente por baixo da saia e a masturbassem, algo que Marie nunca entendeu tecnicamente, mas Marie nunca a viu transando com ninguém além de si mesma. Nos últimos anos, Marie frequentemente a observava se abraçando e transando com o nobre sueco Hans Axel von Fersen. Mas, até onde Marie sabia, o sueco era o único com quem ela transava de verdade; ela os vira centenas de vezes.

Finalmente, ela havia encontrado alguém a quem podia fazer todas as suas perguntas, até mesmo os detalhes mais obscenos. Francesco garantiu-lhe que era um amigo a quem ela podia perguntar qualquer coisa. Ele já tinha muita experiência em esclarecer jovens garotas sobre sexualidade. Marie desenvolveu uma paixão por ele, que, após algumas semanas, se transformou em uma forte obsessão. Marie estava muito interessada em aprender, descreveu em detalhes as relações sexuais de sua mãe com o sueco e tinha mil perguntas sobre o assunto. Ela também conversou com Francesco sobre as masturbações que sua mãe fazia, algo que ela já entendia.

Ela tinha mil perguntas sobre como era quando um admirador tocava sua mãe por baixo da saia. Ele explicou tudo em detalhes e ela desejava ser tocada intimamente por Francesco um dia. Ele a fez levantar os pés e colocá-los no assento da cadeira, e levantou sua saia. Ela ficou um pouco envergonhada e corou profundamente.

Que boceta linda ela tinha! Sem pelos pubianos, nem um fiozinho. Ele abriu a boceta dela e se certificou de que ela ainda estava intacta. O hímen dela tinha um buraco grande e era apenas uma membrana fina que a circundava completamente. O clitóris dela espreitava, arrebitado, por baixo do prepúcio fino. Ele disse para ela observar bem o que ele estava demonstrando, para que ela mesma pudesse fazer isso quando se revirasse na cama à noite. E era uma boa preparação para transar. Ela assentiu ansiosamente e observou atentamente.

Ele umedeceu um dedo com a língua e disse que a umidade era importante. Empurrou o prepúcio completamente para trás e pressionou a pele ao redor do clitóris para que ele saísse facilmente, e masturbou Marie. Ela fez uma careta com o orgasmo e se acalmou rapi-

damente. Queria ver de novo, então fez sozinha. Francesco a elogiou, ela podia fazer isso agora e tinha permissão para se masturbar quantas vezes quisesse durante a noite e, claro, durante as aulas, se tivesse vontade. Só precisava manter segredo, não era da conta de ninguém e ela deveria observar bem as amigas antes de falar sobre o assunto. Marie assentiu; ela já sabia o que privacidade e segredo significavam.

Aconteceu que, às vezes, ela interrompia as aulas para se masturbar. Ela inclinava a cabeça para trás, se masturbava de olhos fechados e, após o orgasmo, olhava para ele com uma expressão triste e culpada.

Francesco a apoiou incondicionalmente quando sua mãe foi condenada e decapitada. Ela chorou em seu ombro, em seus braços, enquanto estava com a princesa e Beaumont ao receber a notícia. Ela ouviu o relato de Beaumont e também as explicações de Francesco, pois ele sempre acompanhava os acontecimentos.

Certa vez, quando ela tinha acabado de se masturbar na aula e eles ainda estavam estudando, ela disse que tinha se decidido: queria transar com ele. Ela já havia sido amplamente informada sobre desvirginamento e sexo e as possíveis consequências. Mas ela havia pensado nisso por muito tempo e queria agora. Agora.

Francesco a deitou na chaise longue, levantou sua saia e a penetrou. Nenhum dos dois sentiu o hímen romper, mas ela o incentivou a transá-la direito. Ela não teve um orgasmo durante a transa, mas se masturbou depois. Daí em diante, transaram todos os dias durante as aulas, uma ou duas vezes. A paixão de Marie se dissipou; a diferença de status era muito grande. Mas ela transava com avidez, como a mãe, sentindo uma enorme pressão sexual. Ela completou 15 anos, depois 16, e então a tragédia aconteceu.

Em 1795, a milícia prendeu a princesa Elisabeth e a princesa Marie-Thérèse-Charlotte. Beaumont foi incansável, mas não conseguiu impedir que a princesa, irmã do rei e seu grande amor, fosse decapitada. Marie permaneceu na prisão e Beaumont descobriu que ela não seria julgada nem decapitada. Beaumont o informou que a França e a

Áustria estavam negociando uma troca de prisioneiros. Marie acabou indo para a Áustria, graças a Deus!

...

Na China

Por Jack Faber © 2024

Franz stayed in the palace with the inconsolable Beaumont, where else could he have turned? The citizens' reign of terror chased the nobility away or underground. Of course, it was clear that this was not a permanent solution, as revolution after revolution swept the country. You only had to put 2 and 2 together, the nobility would come back and claim their place. It was fortunate that Beaumont introduced him to Sir Reginald Braithwaite. The three of them often dined together, Franz was at something of a disadvantage because he spoke only a little bit English.

Sir Reginald was an English merchant who was picking up the pieces of his French companies. France would recover in the next 15 to 20 years, but he had no business being here at the moment. He had been living apart from his wife and son for years, who at 17 was still sharing a bed with his mother. That was the real break, that she had made the boy her husband four years ago. She and his son no longer accompanied him on his many trips abroad, which he considered to be right and important. However, his two daughters were attached to him and accompanied him everywhere.

He saw a new opportunity. Hong Kong or later perhaps Shanghai. He was sitting on packed suitcases, so to speak, and it was a good thing from his point of view that his friend Beaumont introduced Franz. He had taught the Queen's daughter for two and a half years and, in Beaumont's opinion, had turned a spoiled, stupid chick into an impressive young lady. Of course, Beaumont was completely unaware of the purely sexual relationship between the two. And so it was that Sir Reginald hired Franz. Franz had no idea what he was getting himself into, but he had never run away before. The permanent position with the English oligarch came at just the right time. The girls' nannies certainly didn't want to go to China and, in Sir Reginald's opinion, one tutor was enough for the two daughters.

Franz needed new papers, Lorenzo's Venetian letters were no longer any good. Sir Reginald laughed, that was no problem, he was in and out of the English ambassador's office. Franz breathed a sigh of relief, because he was about to have the papers forged by criminals. Sir Reginald accepted him into the British Empire with genuine papers. Sir Frank Butterill from Hampstead near London, minor nobility, knighted, a loyal subject of King George at the age of 32. Perfect.

Reginald's hobby was fencing. Even in war-torn Paris, he had set up a modest fencing room in his house and practiced daily. He was neither a brawler nor a madman who spilled his blood in senseless duels, he was a knight in spirit, today he would be considered a sportsman. He was unsurpassed with foil and rapier, he was always organizing competitions with like-minded people and fencing masters. When Beaumont once let slip that Frank had been a soldier and fought with a sword before his teaching career, Sir Reginald's benevolence poured over Frank. He escorted him to his fencing hall and they tested themselves. Frank had never wielded a rapier or foil before, so they switched to rapiers. Although a little rusty, Frank did quite well. As a result, he trained with Reginald two or three times a week, and it was basically quite good for the couch potato Frank Butterill.

Two weeks before he left, he met Reginald's daughters. 14-year-old Eve and 11-year-old Rose. Like Reginald, the girls were tall and bony, neither of them beauties. Frank checked their level of knowledge. Eve was already very advanced in math, geometry and algebra and spoke a little French as well as English. Philosophy, history and geography were blank spots. Rose was pretty good at English literature, where Frank didn't have a clue. Rose struggled with math, geometry and algebra and also spoke very little French. Frank decided to focus on Eve's lessons and Rose was able to join in as far as she could. She was a bookworm and didn't feel left behind, when she had to read a book.

Sir Reginald invited some noble classy hookers over when he wanted to blow off steam. But that was not Frank's taste. Reginald's household was small, with 6 maids and 2 female cooks taking care of everything. Only now did Frank realize that it was going to be a diffi-

cult match. He had to pull out all the stops to fuck all the 8 English girls by the time he arrived in Hong Kong. Not that they were averse, but they had no fire in their asses. None of them masturbated regularly, and it was really hard to get them to do and to show the “irregular” at all. So fucking was not their best discipline. They let themselves be fucked patiently, but that said it all. He treated them like ladies, because he would be living with them for the next months and years.

Hong Kong was a nice little city, a dozen rich Englishmen did their business from here, the second important location was Shanghai. The decision in favor of Hong Kong was made because Sir Reginald was able to acquire a princely palace here. It was exquisite even for spoiled Europeans. God knows why the prince parted with it. Sir Reginald’s vanguard had done a good job, they were very well accommodated. The many servants and maids were introduced to the lordship.

One of them did not bow as submissively as the others, her eyes flashing with fire as she looked at Frank. He stepped up to her and unpacked his best English. Her name was Mei Song, she replied. He memorized her name. She came in the evening when her shift was over. They chatted for half an hour and hit it off straight away. Mei lit an oil lamp, “because you eat with your eyes too,” she said with a smile.

She was the first Asian woman Frank had seen. She was small and graceful, a body like a little girl. He caressed her slender, fairytale body; she had small, virginal breasts that seemed almost boyishly firm. In the light of the oil lamp, he saw her small, pink teats and the small, cheeky bush above her cleft, which didn’t need trimming. He thought she was a very young girl at first, but she was already 27 and a very experienced woman, he realized immediately. She took the lead and rode him very gracefully and passionately. But before he cummed, he swapped places with her and fucked her from above. She hugged him lovingly as he squirted and stroked his back until he finished and lay down next to her. She was much better at fucking than any of the English girls he soon left behind. When her schedule didn’t allow her to come and fuck him, she sent another lovely maid.

There were around 35 young Chinese girls in the palace, each more lovely than the next. She always wanted to know the next evening whether the replacement had fucked well or not. He never found fault with her, she chose the girls carefully. They stayed together as a couple for the whole 6 years before he left the palace.

Mei told her story over time. "In our village community, the customs had been passed down for many generations. At the age of 6, we girls had to learn to drink the juice of the younger men, because they were not allowed to fuck girls until they were old enough to build a hut or a house. Most of them didn't make it until they were about 25. We girls had to masturbate our brothers', cousins' or uncles' cocks or take them straight into our mouths and then swallow the juice. The men's juice was considered magical or sacred and was not to be wasted. It is also considered somehow nutritious. In the afternoons, when the work in the fields was done, everyone would gather in a large living room and one of the boys would read a story, usually one that involved a lot of sex.

We young girls had to masturbate the juice out of the young lads and then drink and swallow it. At that time I was the only young girl in our community, I had to drink the juice of several boys every day and I really enjoyed doing it. I only stopped when I had taken my virginity. If there were too many, they had to masturbate themselves at the same time and then squirt down my throat. As the book or story that was read was usually very intense, both the boys and I were quite aroused on these afternoons and I only masturbated very secretly so that no one noticed.

The older boys, like my mother, who was the only young woman in these groups, were only allowed to snog, cuddle or touch each other intimately, but in secret. They weren't allowed to go any further, but she let a man masturbate her in secret and inconspicuously so that the others didn't even notice or could only rarely observe. But my mother was rebellious and disobedient in many ways. She would sit on this lap, then the next. Some afternoons she would let herself be fucked by 2 or 3 men, her brothers-in-law or her genuine brothers, but that was not unusual. Of course, I soon discovered that the one on whose lap she was sitting, was carefully and secretly fucking her

from below. She put a cloth over her legs and listened attentively while she let herself be fucked mischievously. She pulled her shorts down a little under the cloth so that he could stick his cock in from behind. I usually arranged it so that I could secretly look under her cloth, even though I was giving a blowjob. She grinned wryly because I was looking under the cloth, so she had to laugh at my childish curiosity. When she moved to a lap, everyone had to look away. She let me watch, when she lifted the cloth and inserted the little stiff cock into her bushy fuckhole, that was our secret. She remained perched on her heels, smiled at me and put the cloth over her lap. I often saw the uncles' or cousins' cocks sticking into my Mom's pussyhole and slowly going in and out. As you may have noticed, Chinese men have relatively small cocks, but for me as a virgin it was very exciting to see the small cocks sliding in and out of her hairy fuckhole for a very long time. She made sure that he did it really secretly and inconspicuously. She laughed like a bell when one was ready and had squirted into her hole, which was always very exciting for me. Custom demanded that she was not allowed to do it, but she hid it under the cloth, although everyone knew except my father. Sometimes she winked at me conspiratorially, like when she secretly showed me how to masturbate when I was 6. Of course, masturbating was just as forbidden for us girls as it was for the boys.

I slept with my parents from an early age on, as my brothers had all left home. My mother and I would lie facing each other and she would hug me tenderly when Dad fucked her from behind. He only wanted to do it from behind, but I never found out why. She never had an orgasm when he fucked her, but when he fell asleep, she masturbated almost every night. I loved the physical contact with her, I was her child after all and loved the touching. As she never spoke with my father about fucking in the men's club in the afternoon, I naturally didn't say anything to him either. I suspected for a long time that he knew all about it, but I was probably wrong.

I still remember the arguments because my father wanted to take my virginity and fuck me very early on and my mother prevented it because I wasn't yet 14. But I really wanted it, I wanted it myself badly. I was no longer a little girl, I wanted to be fucked by my uncles and brothers on certain afternoons just like my mother and not just

suck their cocks or masturbate and drink the juice. Dad got his way and, at my insistence, deflowered me between 13 and 14. I lay facing my mother and we held each other as he approached me from behind and grabbed my buttocks with his big hands. I wasn't afraid at all and my mother kissed me on the eyes as he slowly penetrated and tore my hymen. It hardly hurt at all and I whispered proudly to my mother that I was now a woman. She kissed me again and held me gently while he worked behind and fucked me. I hardly felt the squirting and was surprised that he lay down behind my mother and fucked her too. He rarely did that, he usually fucked only one of us both in turn every night until I was 24 and was taken on as a maid here at the Tiger Prince's palace. The prince only fucked his noble wives and girlfriends, we maids were strictly forbidden to fuck and we only did it very, very secretly. After a few years, the prince moved back to the imperial city and the palace and all the servants were sold."

Frank taught both girls in the mornings and gave Eve private lessons in the afternoons. She had a good relationship with him right from the start and although she made an impression on him just as dry as the other 8 English girls who had fucked him rather listlessly, Eve talked openly and happily about sex. She was already 14 and really interested in the matter. In passing, she mentioned that she and Rose had been masturbating for many years.

What she was quite bothered about was her older brother, who had been letting his mother masturbate him for years, since he was 13, and was fucking her soon after. Eve had found out about and observed both the masturbating and the fucking with interest, but at the same time experienced the emotional distance between the parents. The father was very angry that his son was fucking her daily, but he was completely powerless.

The mother was actually asexual, Eve said, she let her brother fuck her indifferently and passionlessly. She just let herself be fucked, without much emotion, and when she was aroused after fucking, she touched her clitoris briefly to trigger the orgasm. Eva never had the impression that her mother ever masturbated out of sexual desire, but she didn't know for sure. She and Rose were actually spying on the brother.

She had unzipped a couple of lads' pants in Paris last year, masturbated him and made him squirt on the floor. It was exciting and thrilling, but she didn't dare to fuck any of the lads, even though she fantasized about nothing else at night. She had always hoped that her father would take her virginity and fuck her, but he was always correct and only fucked the noble whores or the respectable, shy wives of his friends or acquaintances. She loved and adored her father, who seemed to effortlessly fuck even the shyest, most respectable and strictly celibate wives.

Frank responded to her casual tone, knowing well that he would take her virginity and fuck her. He didn't have to rush things, Mei and the other Chinese maids satisfied him every night. But he felt the dark urge that a virgin triggered in him. It wasn't difficult at all to get Eve to show him her pussy. It was a pretty little pussy, she already had a thick fuzz of black pubic hair and a rather large clitoris. He didn't need to teach her how to masturbate, she masturbated every night like Rose. He kept bringing up the subject of fucking and she soon became obsessed with it. It only took a little push to get her. She was happy and excited to give him her virginity and fucked him every afternoon. She didn't orgasm while fucking him, but she released herself with a finger without shyness or shame after fucking him. He fucked her every afternoon until she seduced her father when she was 16. Then she no longer needed Frank.

Rose was even easier to get around. Eve had told her about fucking Frank and as long as he was still fucking Eve, he had to put the brakes on Rose. She was still too young, he waited until she turned 13 and shifted their afternoon studies to Rose, because Eve was at the end of her education. She now spent her days with her father learning the business. Sir Reginald imported machinery, technology and weapons to China and supplied England with spices, food and silk. It was not a particularly difficult business and Reginald was pleased that Eve was interested in it.

Frank now taught Rose in the afternoon. She needed a bit more of a run-up than Eve to fall in love with her teacher. She was just dying to show him her pussy. She was now 14 and her pussy was only slightly different from Eve's. And she also had the thick, black fuzz like

her sister, whom Rose envied because their father sometimes let Eve sleep over. Frank didn't have to break down any doors to get Rose to fuck. She was ready to give him her virginity after a short time. She was the driving force, Frank just had to follow her with a smile. She determined the day on which he had to take her virginity and fuck her. He let himself be captured and made her feel like the mistress of the situation.

Rose's pussy was definitely prettier and more exciting than Eve's. She also had a bigger clit and Frank assumed that she masturbated much more frequently and intensely than her older sister. He penetrated slowly and with relish, she winced violently as her hymen tore. It bled a little, but she urged him to fuck her properly. He fucked her for quite a long time, holding back the squirting as she became more and more aroused. Her facial expression became distorted, she contorted her face in orgasm. It was very violent and she clung to him tightly. He was almost startled, because he was used to Mei's light and not violent orgasms. Still, it filled him with a certain pride that he had brought the young girl to orgasm the first time he fucked her. He squirted it all in with relief. They were both out of breath, but she kissed him long on the lips and said, "Thank you, Sir Frank!"

Rose, whom he was now specifically teaching math, geometry and algebra, obviously had a fabulous talent and feel for the subject matter. They fucked every day before class, but then she bit into the material. Frank had asked Reginald to send him the journals of the Royal Scientific Institute and was exploring with Rose all the articles in the journals. She was highly excited and eagerly awaited the assignments, which she devoured. Her interest in literature waned rapidly as she began to deal with tricky mathematical questions. Very much revolved around astronomical questions, and anticipating this, it is fair to say that Frank was very proud of Rose when she became one of the first women of the time to be admitted as a non-regular member of the Royal Astronomical Society 30 years later.

But we're not there yet, she was 14, she turned 15 and 16. When she had turned 17, Sir Reginald urged her to get married. Her first sight was of her beloved teacher, of course. But Frank had good reasons not to marry, and he stuck to his guns, even if he couldn't tell

Rose the real reasons. They fell out when he brought forward his 6-year relationship with the chinese maid Mei. This hit Rose hard, she closed her classes and now only rarely fucked him. Reginald drove up all the young Englishmen between Hong Kong and Shanghai, she fucked most of them for a few days on a trial basis until she decided on one. Eve, who hadn't fucked him for weeks and had a very happy life in Sir Reginald's bed, took him to Rose's wedding. He was still suffering greatly from their argument and Rose's frosty embrace. As quickly as he could, he lay in Mei's arms to forget the frustration. He had to admit to himself that he had gotten far too close to Rose, and now he had to atone for that. But he had grown even more fond of Mei, and he shuddered to think that he would have to leave Mei at some point. It couldn't have escaped her notice over the years that he hadn't aged a day. After Rose's wedding, Sir Reginald placed him with a rich businessman on the island of Macau a few miles away. So he was a day's journey from Hong Kong and away from women's problems. But was it really him?

The Waldorfs in Macau were the de facto kings of the island. Their main business was trade between China and Europe. Sir Reginald was, of course, only a minor competitor with whom the Waldorfs and the Lords in Shanghai could get along well.

Elly Waldorf was a small, friendly girl of 13. Frank and she had a good rapport from the start, and he was an exquisitely treated guest despite his low rank, tutoring the daughter of the house Lord. Among other things, the Waldorfs had the largest and most exclusive brothels in the country, and clients often came from far and wide for the wonderful birds of paradise that offered a night in the highest heavens. Frank quickly forgot about Mei, because Robina Waldorf, Elly's mother and, so to speak, the Madam, sent him a beauty as a gift every night. He read, taught and worked all day, but in the evening he became a bon vivant. He dined with the beauty of the night and they sipped exquisite wines until they went to his quarters to fuck. He had sweated with Sir Reginald on the fencing floor for an hour every other day, now he was softening into a bon vivant, a dandy. He had made good use of the 6 years and was now fluent in English, the Chinese language was hard to learn but he could make himself understood in a rudimentary way.

Emily was a very good learner. She had taken after her mother in terms of her disposition, she was a real beast. She had masturbated for the first time at the age of 5, so he no longer needed to instruct her. Of course she talked to Frank about it right from the start, she wanted him to take her virginity and fuck her. She really knew all about it and knew what she was asking for. He had already learned from Reginald some time ago that the Waldorfs were not to be trifled with. Many a one had disappeared or been found in the stomach of a shark. He remained on his guard. He said not until she was 15, because if girls started fucking too early, their pussies wouldn't develop properly. He knew that this superstition was popular in China. She should ask around. Emily received confirmation from some people. When she told him very sadly, he relented. They made a pact with a handshake, as she had seen the adults do. He would take her virginity on her 15th birthday, they agreed.

Frank noticed from the start that a certain high-class whore visited him almost every other day. She was given such preferential treatment in the restaurant that he became curious and asked the other girls about her. Because she didn't stand out, she was a white girl like many others, there were girls from all over the world and of all skin colors. She called herself Lukrezia and was from Italy, she said, but he quickly realized that she only knew Italy from travelogues. But she spoke Italian flawlessly, which made him even more curious. It took him several weeks to find out a corner of the truth. She was the daughter of "Tai Pan" Waldorf's second wife, as he was reverently called. Her mother was actually from Italy, and Lydia, as Lukrezia was actually called, was her mother's right-hand woman, the second boss of the brothels. She didn't work as a high-class whore herself, but it had been brought to her attention that young Sir Frank could also speak Italian and knew Italy like the back of his hand. Lydia was actually married to one of the triad bosses who served the Waldorfs, but he was considered by the brothel girls to be quite sexually dull and weak. A brutal thug with a little baby-cock, they said disparagingly.

Now Frank was doubly on his guard. He had to offer Lukrezia everything sexually and not upset her because of her husband. She came three or four times a week to dine and fuck. She had been

brought up very strictly by her mother and was not very experienced sexually. In her 20s, she had barely fucked a handful of men, mostly in longer affairs. She only masturbated very, very rarely and in secret, because her mother was relentlessly strict against it.

Frank treated Lukrezia very ladylike and well, he made her happy with good manners, long conversations about Italy and good sex. After six months, she gave up the game of hide-and-seek of her own accord. It was fine with him, because she also had to be careful that her husband didn't get jealous and he in turn dropped the fact that he was married in England so that she didn't indulge in any dreamy fantasies. She let herself be guided sexually and was quickly very good at fucking. She took contraception seriously.

He agreed with Emily that he would only teach her 4 or 5 days a week and have 2 or 3 days off. He changed silver into copper coins, borrowed a horse and rode around the area to get to know the country and its people. Girded with a good rapier that Sir Reginald had given him, he rode around the area for 2 or 3 days, making accurate maps of his routes because he enjoyed it. That he would have been better off not doing it became clear to him sometime later, very clear indeed.

Frank traveled from place to place, dined in the small inns, invited many a man for a jug of wine and was invited to stay the night in return, never once did he sleep in an inn. The farmers knew how to treat a guest. He slept with the farmer couple on their shared sleeping mat and fucked the farmer's wife just like the landlord. He knew what an unnecessary luxury beauty was, no one was ugly when naked. The peasant women were all good at fucking, he completed his Cantonese with the sexual vocabulary used in the countryside. Most of the peasant women had no idea about orgasm or masturbation, it was not common among them. If a woman did orgasm while fucking, it was nothing new for the couple. Some farmers waved their daughter over when she was no longer a child. They let themselves be fucked by the guest with the same pleasure as the mother, some even by the father. The people mostly lived in animistic religions and had never heard of Christianity, and there was not even a word for incest. The brothers and servants fucked the maids and daughters in

another bedroom if it was a larger farm. He enjoyed fucking these simple women and girls at least as much as fucking the noble whores. The only real difference was that the noble whores were chatty or could hold a sensible conversation. The peasant women, on the other hand, were much more selfish when it came to fucking and demanded another round without any false shame. He made these trips for a good two years.

Emily's 15th birthday was a lovely celebration. In the early afternoon, Frank followed her to her room. She could hardly wait to be deflowered and she let herself be fucked wonderfully. He fucked her twice in a row, then they had to stop, the dinner bell called. They fucked every morning before class, it became a nice routine. Emily knew, of course, that he was allowed to dine and fuck with a high-class whore in the evening and this prevented her from falling in love. She loved fucking, she was happy about every orgasm while fucking, which didn't work every time, but then she did it herself with a finger, that was okay too. Everything went well, Emily was a good and diligent student, she spoke fluent French, was good at math, geometry and algebra. Above all, however, she learned the trade on those days when Frank rode into the country.

One morning, after he had just fucked Emily and they started studying, Frank was called to old Waldorf, the "Tai Pan". He had no idea and was just surprised to see an elegantly dressed Dutchman sitting next to Waldorf. The fellow was a vain bogeyman and spoke very poor, primitive English. Frank saw that some drawings he had made of his paths were spread out in front of Waldorf. Waldorf admonished him from the start that it was a serious matter, that he should put every word on the scale. Frank's stomach clenched as the Dutchman barked away. Drawing nautical charts was a documented privilege of Holland and his drawings always showed the canal and the coastlines leading to the city of Canton. The charts were precise and accurate and were legended in English and Italian.

That was brazen espionage, exclaimed the Dutchman.

Old Waldorf helped as best he could. Sir Frank was a subject of the crown and a tutor. He knew not only England, but also the coun-

tries of the mainland, and he at least had personally authorized him to travel on horseback in the surrounding countryside, which of course was not true. They had never discussed the treaties between England and Holland concerning the maps, so it sounded credible to him that Frank was completely innocent.

The Dutchman did not give an inch. He demanded the extradition of all the maps and Frank himself, who would have to await the verdict in the custody of the Dutch maritime court. So Sir Frank went with the Dutchman and Waldorf assured him that he would inform the British Admiralty in Canton. The Dutchmen locked Frank in a room, but it was not a dungeon. He was treated well and interrogated harshly every other day. It took two weeks before the royal map keeper, the Dutch expert, finally arrived. He examined his drawings and found them to be primitive, naive sketches, completely unsuitable for ship navigation. The expert found Frank's statement that he had only made it for himself and only to explore the land between Macau and Canton credible. He had only marked villages, farms and bridle paths, and the rough coastlines were only intended to keep him away from them. The expert returned the maps to him and advised the Captain to release Frank.

Lydia picked him up with a horse. They had to ride two hours to the palace and took a break. Lydia had something on her mind, she began to cry terribly and stammered that she had just become terribly jealous when she found out he was fucking Emily every morning. Every morning! Even now she was outraged that he preferred such a young girl to her. Frank listened transfixed. It would be very bad if all this was already doing the rounds!

Lydia continued to sob and reported that, of course, there was no gossip within the house. Frank breathed a sigh of relief. Lydia had found Emily in the palace garden and they began to argue, one step-sister accusing the other of stealing her lover. They remained irreconcilable, one had him every evening, the other every morning. Lydia was deeply offended because Emily was showing off her innocent youth.

And what did Lydia have? A jerk of a husband who was now openly fucking his little boy's asshole. He even brought him into the bedroom, he fucked the confused boy in the asshole and reached around his hips to masturbate the boy at the same time. Lydia lay on the marriage bed and covered herself up to at least get the boy aroused. Some had a bigger cock than her husband, she flirted with the boy, drove him crazy when she showed him her pussy play. She smiled when he squirted in a high arc. Lydia asked Frank if this was a good marriage!

Frank was very annoyed because Lydia had betrayed him to the Dutch agents. He'd got off with a black eye and four weeks in the brig, but he was caught between two millstones, Lydia and Emily. At that moment he realized that he had to escape as quickly as possible. He enjoyed Lydia and Emily's gentle and passionate embraces, but he had to get away. Old Waldorf cradled his head regretfully, but Frank's decision was unshakeable. Shanghai was 1,500 kilometers to the northeast, but it was the second most important trading center where there were Europeans. With a heavy heart, he gave Frank a letter of recommendation and let him go.

Frank rode leisurely to Shanghai, taking ten weeks and staying overnight on farms. For a few copper coins, he received a princely treatment. He could choose between pretty daughters and maids, but mostly only the farmer's wife was there to fuck. He took what he could get and the farmers were not stingy in satisfying the high Lord. Frank loved the rough, unadulterated nature of women in the countryside. He took his time with the journey, he felt comfortable in the arms of these simple women and girls, who took fucking much more naturally and easily than the luxurious noblewomen of Macao. He reached Shanghai after ten weeks, only having to fight highwaymen twice on the way and buy his way free with copper coins or silver florins.

Shanghai was a large city and an important port. He rented a few rooms in the center and sat day after day in the restaurants where Europeans also frequented. He had placed advertisements in the local newspapers, but dozens of contacts led nowhere. It took three months before he found what he was looking for. The wife of a Dutch ship captain was looking for a teacher for her daughter, as her teacher had suddenly died. He liked the Dutch woman and gave in a little on the price, as he could afford it. The good Mrs. Michelis was

very godly and reformed, but that was no obstacle. He was not allowed to tell 14-year-old Gertrudis any Catholic stories, he promised with a laugh. He was a tutor and not a priest. He was miles away from any church. Frank was glad that he had had his year of birth falsified on his papers in Macau, because Diana Michelis checked his papers carefully. She had even contacted the old Waldorf by letter and had Frank's details confirmed in writing.

Frank had been subletting from an old Chinese woman for the first three months and she had let the young European fuck her from day one without any problems. She was by far the oldest he'd fucked, she was probably older than 65, but she didn't know for sure. He wasted no time in looking for a younger lover. Here, in a busy city, it wasn't as easy as in the countryside to get close to the people. He fucked the friendly old woman, at least it was better than having no one to fuck. She giggled and clucked like an old hen, but he could fuck her as often as he wanted. Her giggling, toothless laughter and the cheering movements of her emaciated body told him how much she enjoyed fucking, how much fun she was having. Unfortunately, she spoke a dialect that was not at all similar to Cantonese, which he knew reasonably well, and was completely unintelligible. He would have liked to talk to her about her past sex life.

Little Gertrudis' teacher had been run over by a horse-drawn carriage. The girl had just started to learn the mathematical basics of ship navigation with her. Frank had no idea about navigation, but he bought three more textbooks on the subject of navigation and learned the basics from scratch with Gerti. They made good progress, he emphasized mathematics, geometry and algebra, so that she understood the connections quite well. Gerti was a good, clever and hard-working pupil and she was keen to learn German because her father was German.

Diana Michelis ran the household herself, she only had an old, grumpy and abysmally ugly Chinese woman as domestic help. She was out of the question for him, she probably disliked fucking as much as she disliked working. He heard Diana Michelis struggling with her lust night after night, chasing her orgasm loudly and violently, then there was silence. After a few days, he could no longer restrain

himself and entered Diana's room while she was struggling to orgasm. She startled when he touched her gently. She immediately hid her nakedness, they whispered softly and he shrugged and turned to leave. "Stay, Sir Frank, stay!" she whispered almost inaudibly.

He went back to her, she made room for him and he lay down naked next to her. "I know you men want to fuck every day, but so do I!" she said, smiling softly. "Unfortunately, I usually have to masturbate because my husband is away all year round. Only very rarely do I have a short affair, a quickie. I'm always very ashamed because I love my husband with all my heart." Frank understood her very well, because his body could really miss fucking and orgasms. She played with his cock for a long time, "finally a real one again and not a little Chinese one!" she said. He felt her body, she was small and slim and her breasts too, sad remnants from better days, after all she was already 48 years old.

She had no particular desires when it came to fucking. She probably wouldn't have an orgasm, she said, that only happened very rarely. She would masturbate to orgasm later, she was so used to it. They fucked calmly and with concentration, she was quite tightly built and also reached the plateau very well, but she just couldn't make the leap to orgasm. After squirting, he lay down next to her and waited, until she had finished masturbating and they talked for a while until he went back to his room.

Gerti wasn't a beauty, not by any means. But she was very shy and for the first few months he couldn't engage her in any sexual dialog. But one day she started. "You've been fucking my mother, probably for a long time!" she said, slightly reproachfully. Frank nodded in confirmation, "Since about the first week I came here. She does it voluntarily, I don't force her to do anything." But Gerti had overcome an inner inhibition and kept bringing up the subject of fucking. It turned out that she hardly knew anything about sexuality, she never touched her pussy deliberately. She had often watched her mother fucking a chinese stranger, but she had never thought it through. She was maybe about 6 or 7 when she asked her mother about it, but Diana didn't enlighten her or liked to talk about it, "maybe later when you're older!"

The girl shyly affirmed that sexuality was very much on her mind and gradually her curiosity awoke. Days passed before she began to ask again. Day by day she elicited more and more general information from Frank, but she persisted in asking how many women he had fucked. She was very impressed that he had lived in a brothel in Macau for years and had fucked a high-class whore there night after night. He had to describe the whores' bodies to her, the Whites, the Asians and the Negroes. For a while she was interested in the Negresses, whose pussies were either light pink or jet black. Gerti found it very strange that this was only a purely visual effect and that they fucked like everyone else. She had always imagined that Chinese women, for example, fucked quite differently from white women, as they had completely different eyes. Frank smiled quietly, because he also had similar ideas, until he fucked one.

There were only differences between the attitude of women, he said, regardless of skin color. Some only fucked from the front, some only from behind, but most fucked both ways. There were differences in activity, in passion. Some didn't like fucking at all, others did. He suspected that it just depended on the good or bad experiences.

They were quite familiar with each other after months. He had educated her extensively and without reservation about sexuality. He had explained female masturbation to her in such detail that one morning, eyes downcast, she confessed to having done it twice during the night and that orgasming was a great thing. But she didn't want to say any more. Whether she was still a virgin, he sometimes asked her, although he knew the answer. Very strange, he said, in most European countries girls were deflowered at 14 at the latest, in a few much later, such as in England. In Italy and France, girls were deflowered at 13, usually by their own father. And in China, girls were deflowered as early as 12, usually also by their father. He found it hard to believe that she was still a virgin at 14, almost 15. She should show him her pussy, that would convince him. But he was stumped. She wouldn't show her pussy to anyone, that was forbidden. Said the mother. "And your mother always keeps to the prohibitions?" Frank said provocatively, but he didn't push her any further. He knew that her mind was working and rumbling.

One day they were talking about deflowering again and he told Gerti how Mei was deflowered. In a tight embrace with her mother, the father penetrated the 13-year-old from behind and took her virginity. Frank told her how proud she was that her father was fucking her properly and that she was now allowed to fuck everyone in the afternoons just like her mother. Gerti was very skeptical, so Frank had to describe the custom in the Chinese countryside in detail. Gerti became even more skeptical, she had read many stories and legends, currently 'Tristan and Isolde' and fucking was always depicted romantically. He said that the Chinese also loved romance, but in the countryside fucking was very natural, purely physical and nothing magical was made of it. But in a story, the author had to sell the reader on the romance, that's what the readers wanted.

Gerti had turned 15, she was already masturbating every night and her thoughts revolved around fucking and giving up her virginity. Frank had to describe the deflowering over and over again in great detail, Gerti's eyes glazed over or filled with tears. She had to cry again and again for no reason and didn't know why. Frank took her in his arms every time and let her cry on his chest. She cried on his broad chest every day, it became normal for her to nestle in his arms. He gave her time to come to terms with this rollercoaster of emotions. Again and again he told her how much he would like to fuck her and accepted that she shook her head. But constant dripping wears away the stone.

Another quarter of a year passed before she was ready. She wanted it and she was afraid. She was in love with Frank and it increasingly pained her that he was fucking her mother night after night. "Would you prefer her to be tossed about like a leaf in the wind if she let chinese strangers fuck her?" he asked the girl and of course she shook her head. After all, she read the newspapers and knew how bad it had been for many a woman.

Frank was still surprised when one morning she said with such determination that she wanted him to fuck her. His heart leapt for joy when he saw her seriousness. He laid her on the bed, covered her with kisses, with French kisses. His hand slid under her skirt, along her thighs. She had never allowed herself to be touched so intimately

before, but she quickly became hot and allowed him to stroke her pussy and his hands to part her thighs. She sighed and gasped in fear as his finger probed her clit and then gently rubbed it. She already knew this, she knew what would happen next. But he stopped long before her orgasm. He kissed her eyes and whispered that he would fuck her now. She nodded, although she was petrified. He kissed her again and again and flipped up her skirt. He guided her knees into the right position and looked at her pussy with pleasure, a truly beautiful pussy! Then he penetrated carefully and considerately. He had to thrust several times because her hymen didn't tear immediately. But then he penetrated her deeply and saw her happy smile. He fucked her for quite a long time and squirted inside, then dropped down next to her, exhausted. It was a hard piece of work. He grabbed her clit and masturbated her. Her thighs began to tremble and she had a very slight orgasm. She hugged him and kissed him gratefully.

They fucked every morning after he explained the sidereal calendar to her. She learned to masturbate him with her fist and let him squirt into her mouth. The semen didn't taste good at first and she spat it out, but after a while she swallowed the semen. After fucking, they studied hard, every day.

One evening Diana said she knew he was fucking her daughter. He remained silent in shock — damn, had Gertrudis blabbed? — and she continued, “please be good to her, she's still so young and fragile.” He nodded in agreement and said he would never hurt her. It had turned out that way as she felt a lot of pressure to be made a woman. She was the only and last virgin in her circle of friends, he added, because Gerti had told him that herself. He was certainly not the type to pursue young things like Gertrudis, he lied cheekily. She swallowed it and said, “I'm not very happy about it, but it had to happen sometime. She lives here as an only child, she hardly has any friends, but they're all older than her. You're probably right, maybe that's where the pressure really came from.”

She came back to this later, “Don't break her heart! As long as she's happy with the fucking, I won't interfere. She'll be heartbroken when you leave us one day!” He nodded and promised to treat the child well. She gave him a good explanation of how she had discove-

red it. The old, ugly Mrs. Chung had dropped it on her, but she didn't want to believe it. However, it ate at her and so she began to spy.

He stayed with Diana and Gerti for almost 2 more years. He had negotiated with Diana from the start that he would have three days off in a row once a month. He had to ride far out of the city until he reached rural areas. He always did the same thing, jingled the copper coins in his pocket and went with a farmer to spend the night. The richer farmers had a few maids, so he could choose one, or they proudly offered him his daughter. Not a single one was a virgin, they all had more or less experience. But the simple, natural manner of the Chinese women from the countryside was really very pleasant for him when it came to fucking.

Sometimes a farmer had neither maids nor a manly daughter and shared his wife with him. Most farmers' wives were young and pregnant. He often wondered why he particularly liked that? Was it because they were pregnant? Or was it the farmer whose curiosity attracted and piqued him? Or the farmer's wife when she had her first orgasm while he was fucking her and then said to her husband that she no longer had to do it with her finger after fucking him?

He had to admit that it was a horny situation when, after fucking, a peasant woman put one leg on her exhausted husband and the other leg on the exhausted guest and masturbated spread wide apart. In their animistic view, it was the women who mastered the great magic of orgasm and made no secret of it, but proudly and self-confidently rubbed it in the men's faces. Frank loved these rides, no rain and no wind could stop him.

Gerti had been 17 and was now approaching 18. She was now a great fucker and could make sure she had an orgasm. She loved fucking and had fucked several boys and young men on the days when Frank was out riding. Her infatuation with Frank had diminished a lot, there were some nice boys she loved more than her old teacher. Her father had come for two weeks and Gertrudis slept with her parents. Diana had watched her daughter grow up with pride and was not ashamed to fuck the father in front of her daughter.

How surprised she was when Gerti took Daddy's cock in her mouth and licked it stiff and horny. He wanted to fuck again straight away, but Gerti didn't make room for Diana, instead mounting her father herself. He and Diana were initially shocked, but the 18-year-old fucked him very passionately and lustfully. After he had cum, she rubbed her clit with her finger to orgasm. The father didn't know what to say. He wasn't talkative anyway, but this time his silence was even more mute. Gertrudis laughed and smiled, she hugged her father and mother, kissed them again and again and said how much she loved them. Diana and she saw tears in his eyes for the first time, which he wiped away angrily. The ice was broken.

Frank took one last break, and this time he rode through rural China for almost six months. Every night he lay in the arms of a sweet Chinese girl. He was truly in love with the natural, unadulterated attitude of Chinese men and women towards fucking. He jingled his copper coins and the farmers offered him their beautiful, innocent-looking daughters and maids. He was in a love frenzy, he didn't need romance like others, he wanted the frivolous, innocent-obscene physical lovemaking with the girls. He found out how much it spurred him on to peak physical performance when he fucked the giggling, laughing pregnant farmer's wife in unspoken competition with the farmer until the early hours of the morning. He had even sought refuge in a nunnery once, fleeing the heavy rain. The nuns were celibate, but again the tinkling of his copper coins worked wonders. The abbess assigned him a young novice, she made the selection, not Frank. The novice was very shy and reserved at first, but she thawed out and he fucked the shaven-headed child with great pleasure the whole night. He staggered from farm to farm, from bed to bed and would have preferred to remain a traveler forever, but he had set himself a limit of 6 months and stuck to it.

Frank had of course had his papers forged further and was ready to go home again after 20 years in China. Home — yes, where was that exactly?

Leaving it to the gods, he would take the next ship. He had bought new clothes and took the ship to Amsterdam. It could just as easily

have been England, Italy or France, but he wanted to take the first ship, which was Amsterdam.

Although the ship did not slow down, it took more than 5 months to reach Rotterdam, the last port before Amsterdam. Love affairs developed among the mostly wealthy passengers, most of which lasted no longer than one night. Repeatedly. Nevertheless, Frank took happily part in the fucking game. Several times the cuckolded husbands got together and gave the most conspicuous bulls a thrashing. Frank did not take part in these brawls, he was inconspicuous and diligent. He already left the ship in Rotterdam, he wanted to continue on to France.

• • •

De volta à França

Por Jack Faber © 2024

Frank sentou-se em frente à lareira e deixou o fogo aquecer suas meias. Ele havia lido todos os principais jornais da China, mesmo que chegassem meses depois. Acompanhara a ascensão da jovem república americana, assim como os triunfos meteóricos de Napoleão, que devastaram a Europa em vez de conquistá-la. Quando chegou a Paris vindo de Rotterdam, o imperador francês cambaleava rumo ao fim de seu reinado de 100 dias. Frank evitava qualquer envolvimento político, mas acompanhava de perto os acontecimentos mundiais. Não contatou seus antigos amigos porque não teria como explicar sua idade ou sua juventude. Era fácil permanecer anônimo e isolado na cidade grande. Mesmo assim, precisou procurar emprego por seis meses até conseguir um novo.

Ele passou a morar com uma viúva de classe média que lhe ofereceu pensão completa e uma cama quente por um bom dinheiro. Emile já tinha mais de 50 anos, mas administrava sua pequena pensão com maestria e deitava-se com Frank todas as noites. Ela era falante e contou-lhe toda a sua história de vida, mas contentava-se com os poucos detalhes pessoais dele. Ela não era sofisticada nem especial na cama, mas ele ainda estava mentalmente envolvido com as chinesas e não esperava nada menos que uma experiência caseira francesa de Emile quando se tratava de sexo. E era exatamente isso que ela lhe dava, sem frescuras nem complicações. Ela lambia seu pênis ereto todas as noites e perguntava se devia continuar e se ele preferia ejacular em sua boca, mas ele raramente queria e nunca se arrependia, pois Emile lambia e chupava seu sêmen com paixão para engoli-lo obedientemente.

Frank passava os dias sentado nos cafés do centro da cidade, bebendo chá chinês agulado e lendo todos os anúncios nos jornais locais. Foi assim que chegou à Marquesa de Montmesnil, cujo castelo ficava a cerca de 40 quilômetros ao sul da capital. A marquesa havia perdido o marido nas guerras napoleônicas cerca de oito anos antes e

procurava um tutor para sua filha Charlotte, de 11 anos. A marquesa tinha cerca de 48 anos e levava uma vida relativamente reclusa. Ela só dava festas para alguns convidados duas ou três vezes por ano, mas nada de festas extravagantes como as da cidade, dizia. Não era uma beleza, mas estava sempre elegantemente vestida e flertou abertamente com Frank desde a entrevista de emprego. Ela deu uma olhada rápida nos documentos dele, mas ele suspeitou que ela fosse míope e não leu nada. Ela podia pagar o tutor; o general a havia deixado bem amparada.

A marquesa o interrogou com muita habilidade e superaria qualquer comissário de polícia nessa disciplina. Frank percebeu imediatamente e ficou em alerta. Não teve problemas em admitir que transava com sua senhoria todas as noites. Ela murmurou, aprovando, que homens jovens e saudáveis precisavam de alguém para transar todas as noites. As mulheres são mais recatadas, ela riu, um dedo basta para elas. Ambos riram despreocupadamente; naqueles dias após a sangrenta revolução, as pessoas eram um pouco mais permissivas em assuntos sexuais. Frank falou sobre seu relacionamento de vários anos com a “princesa” chinesa Mei Song, que lhe enviava suas mais belas criadas quando não estava disponível. A marquesa estava absorta em cada palavra e Frank não poupou detalhes picantes e frases floridas. “Oh, eu falo demais, Madame”, interrompeu ele e se calou. Ele realmente havia despertado a imaginação dela e era exatamente isso que ele queria.

Eles concordaram relativamente rápido: ele daria aulas particulares a Charlotte em todas as matérias de humanidades e lhe ensinaria inglês ou alemão. Deram-lhe um quarto grande e bonito na mansão, e então a marquesa apresentou a todos os criados. Ela tinha cerca de 35 criadas, 5 pajens, 10 homens e mulheres na cozinha, 4 cocheiros e 3 jardineiros. Frank foi apresentado a todos e memorizou o máximo de nomes que pôde.

Ele gostou imediatamente de uma das criadas; ela não tinha o olhar recatado das outras, mas seu olhar ardente prometia-lhe mil prazeres. Hesitou um passo e a marquesa parou ao seu lado. “Vejo que gosta dela, Sir Frank”, disse ela em voz baixa, “você tem bom gosto!” Seguiram viagem, ele voltou a Paris e instalou-se no castelo

dos Montmesnil no dia marcado. Jantou com a marquesa e Charlotte e desculpou-se pelas roupas simples, mas ainda não conseguira ir a um alfaiate no pouco tempo disponível. Compensaria isso assim que possível. Ao final do requintado jantar, a marquesa mencionou que ainda não haviam instalado banheiros em toda a propriedade, mas que uma criada viria todas as noites para lhe dar banho, como era costume antigamente. Ele assentiu, embora nunca tivesse sido lavado antes.

Ele já imaginava. A criada, certa e especial, empurrou uma panela de água morna para o quarto dele. “Por favor, tire a roupa”, disse ela alegremente, olhando-o com um olhar desafiador. Seu nome era Mira, disse ela, de Mirabella. Ele se deitou de bruços e ela o lavou. Depois, ele se virou de costas e ela o lavou. Seu pênis ficou completamente ereto e ele a olhou com desejo. Ela corou e balançou a cabeça. “A Marquesa ainda não permitiu”, disse ela baixinho, permanecendo em silêncio enquanto lavava bem o pênis dele e o fazia ejacular no final. Ela sorriu enquanto o limpava e saiu, com um sorriso gentil. Ele ficou relativamente confuso.

Ele avaliou o nível de conhecimento de Charlotte. Ela ainda era muito inexperiente e ele percebeu que tinha muito trabalho pela frente. Sua primeira impressão foi de que a garota não era tão inocente em assuntos sexuais quanto deveria ser, mas deixou esse assunto para outro dia. Bastava-lhe saber que a garota também gostava dele e que não queria causar problemas.

Hoje, o marquês tinha convidados para o jantar, o que significava que ele comia na sala comum ao lado da cozinha. Havia um vinho leve do campo para acompanhar a carne, diversos legumes e frutas. As batatas tinham sido importadas do Novo Mundo, mas sempre foram consideradas comida de gente simples. O ambiente era muito agradável e ele conversava com as moças e os rapazes de maneira descontraída. “Vou ler por mais duas horas e depois me deitar”, disse ele a Mira. Ela assentiu, indicando que viria lhe dar banho. E assim aconteceu nos dias seguintes.

Certo dia, a marquesa entrou, envolta num robe leve, enquanto Mira ainda o lavava. “Eu assumo, obrigada, Mira!”, disse a marquesa,

e Mira saiu com a banheira. A marquesa o secou e segurou seu pênis ereto com delicadeza na mão, sem cerrá-lo. “Também acabei de tomar banho, Sir Frank, posso me deitar com o senhor?” O que ele poderia dizer? Que ela era velha demais para ele? Que suas curvas não o faziam se alegrar e se entusiasmar? Ele assentiu e abriu espaço. Ela deixou o robe cair no chão e deitou-se nua ao lado dele. Ele teve bastante tempo para observá-la. Seu rosto de traços finos era emoldurado por cabelos castanho-avermelhados acinzentados. Ela era bastante magra, embora algumas dobras de gordura já fossem visíveis nos quadris e nas nádegas. Seus seios deviam ter sido fartos e redondos antes, mas agora cediam à gravidade. Ela havia aparado os pelos pubianos. Ela já tinha 48 anos, mas de forma alguma era uma mulher velha.

Ela queria ir direto ao ponto: eles se beijaram e ela abriu as pernas de bom grado para que ele pudesse estimular seu clitóris. Ambos ficaram excitados rapidamente e começaram a transar. Ele percebeu que ela sabia muito bem como se levar ao clímax, ofegando e arfando enquanto aumentava o ritmo juntos e se masturbava até o orgasmo. Aparentemente, isso não acontecia com frequência, e ela sorriu orgulhosa e satisfeita enquanto o abraçava gentilmente e o deixava ejacular depois de um tempo. Eles ficaram deitados um ao lado do outro, respirando pesadamente, por um tempo, e ela conversou bastante. “Obrigada, Sir Frank”, disse ela mais tarde com um sorriso, “Você transa muito bem! Não é sempre que um cavalheiro me leva ao orgasmo!” Desde que seu marido havia caído em desgraça oito anos atrás, ela convidava regularmente seus antigos oficiais para jantar e transava com todos eles, mas apenas com esses oficiais. Ela raramente transava com outros cavalheiros. Ela havia aprendido a se masturbar no convento e fazia isso todas as noites desde então. Tornou-se parte de sua rotina para dormir, disse ela com um sorriso travesso. Ele não gostava de conversar depois do sexo e apenas lhe fazia os elogios de sempre. Será que ela não gostaria de se masturbar agora? Ela exclamou: “Ai, meu Deus, não! Eu nunca me masturbei na frente de ninguém, claro que não!” Ela pensou por um instante. “Exceto das meninas do internato, é claro, que me ensinaram isso primeiro.” Frank percebeu o desafio e disse o mesmo. “Não, nunca!” Frank sorriu: “A última palavra ainda não foi dita!” E parou por aí.

Ela perguntou se deveria voltar caso não tivesse um convidado. Frank assentiu, porque ela transava muito bem, disse ele. E, se não viesse, não deveria mandar Mira para ele, já que ela frequentemente recebia um oficial como convidado? Ele assentiu também, mas não sabia se Mira gostaria. A marquesa deu uma gargalhada estrondosa. “Mira estava me enchendo o saco desde o primeiro dia em que você se mudou. Eu apenas disse a ela que eu era o chefe e que estava tomando a prerrogativa. Então ela recuou. Mas eu prometi que a deixaria ir.” Ambos riram porque parecia estar funcionando bem para todos. Era assim que funcionava: a marquesa vinha até ele uma ou duas vezes por semana, e nos outros dias Mira vinha ou mandava outra garota fogosa como substituta, porque ela absolutamente precisava usar contraceptivo. Era um bom acordo.

Mira lavou o pênis dele antes de transar com ele, e depois, lavou todo o corpo dele para que ele não dormisse todo suado. Mira era bem mais jovem que a Marquesa, tinha 27 ou 28 anos, e muita experiência. Resumindo, ela transava muito melhor que a Marquesa, era muito tranquila e tinha um orgasmo atrás do outro. Ele frequentemente transava com ela duas vezes na mesma noite, mas ela tinha que deixá-lo e dormir na própria cama todas as noites, a marquesa havia ordenado assim.

Com o tempo, Mira contou-lhe sobre a sua vida. Tornou-se empregada doméstica aos 15 anos e nunca mais trabalhou em outra coisa. Não aprendeu a ler nem a escrever, nenhuma empregada precisava disso. Aprendeu a contar os dias quando jovem para não engravidar, e até então tinha funcionado. Trabalhou em todo o tipo de casas, teve de transar com os patrões e os filhos deles, por vezes até com os hóspedes, mesmo que fossem velhos ou feios, pois essa era uma das tarefas das empregadas. E se lhe apetecesse, também transava com os criados e os rapazes dos estábulos que escolhesse.

Um dos trabalhos interessantes foi na casa de Madame Josefina, a antiga imperatriz e agora ex-esposa do imperador. Madame Josefina era caribenha e certamente não era uma moça “boa”. Ela estava na casa dos quarenta quando se divorciou e adorava transar loucamente. Ela havia se tornado infértil depois de dar à luz dois filhos na masmorra da Revolução e podia transar sem se importar com nada.

Mesmo durante seu casamento com o imperador, ela teve muitos amantes, mas ele só descobriu pouco antes do divórcio.

Mira era confidente de Josefina desde o início. Um dia, perguntou-lhe se sabia o quão pequeno era o pênis de Napoleão. Mira balançou a cabeça negativamente; ninguém jamais tinha visto o dele. Josefina riu e chamou Eduard, um pajem de 11 anos. Josefina baixou as calças dele e Mira teve que pegar seu pequeno pênis na mão. “Pronto”, riu Josefina, “pronto!” Mira teve que segurar o pênis dele e esfregá-lo suavemente; ele endureceu sem crescer até que o menino ejaculou. “Eduard, limpe!” ordenou Josefina e saiu com Mira. “Ele costumava me foder todas as noites quando estava em Paris, consegue imaginar? Com um pênis tão pequeno! Eu tinha muitos pênis de homens, pênis de homens de verdade, à disposição quando ele estava fora!”

Josephine não fazia segredo de sua vida sexual. Mira geralmente tinha que esperar no quarto ao lado, com a porta entreaberta, aguardando suas ordens. O pequeno Eduard rastejava entre suas pernas como um gato, espiando sua dona. Mira agarrou o pênis do pirralho e o segurou em sua mão até que ele ejaculasse entre seus dedos. Mira esfregava seu pequeno pênis sem parar e o menino sorria radiante cada vez que ela o fazia ejacular.

O processo era sempre o mesmo. Josefina sentava-se com o cavalheiro em sua sala de estar e conversavam sobre segredos da corte e do estado. Ela conversava de forma bastante familiar com a maioria deles, depois tirava o pênis dele da braguilha e lhe fazia uma massagem. Limpava o sêmen com um lenço de papel e sentava-se novamente com as pernas afastadas.

O cavalheiro agora tinha permissão para enfiar a mão por baixo da saia dela e masturbá-la. Aqueles que eram bons nisso podiam levá-la ao orgasmo duas ou três vezes seguidas, e eram abraçados e beijados em reconhecimento. Mas aqueles que não conseguiam masturbá-la até o orgasmo, ela expulsava furiosamente e nunca mais os convidava. Então, excitada, ela chamou Mira e deixou que ela a masturbasse, pois Mira era muito boa nisso.

Apenas um ou dois cavalheiros por semana agradavam tanto a Josefina que ela os convidava para seu boudoir. Ela só se deixava foder lá e era muito seletiva quanto a quem podia foder com ela. Mira tinha que esperar na porta ao lado por suas ordens novamente. O pequeno Eduard e ela observavam a transa e muito raramente o pequeno Eduard tinha permissão para foder Mira de verdade, mas na maioria das vezes ela apenas agarrava seu pau com o punho e o fazia ejacular muito lentamente e sem parar.

Frank gostava de transar com a Marquesa uma ou duas vezes por semana como um bônus, porque ela sempre transava muito bem. Ele parava antes de gozar, guardando o líquido para Mira, que esperava do lado de fora até a marquesa sair. A marquesa ficou surpresa por ele ter parado de ejacular e, em vez disso, ele a deitou em seu colo. Começou a masturbá-la e parou bem perto do orgasmo dela. Pegou a mão dela, pegou o dedo dela e o colocou no clitóris. Mas ela não se masturbou, decididamente não. Ele fez isso por alguns dias, tateando cada vez mais perto do orgasmo dela e vendo o dedo dela se contrair traiçoeiramente, mas ela pensou a respeito e não se masturbou. Levou mais de 14 dias para ele vencer a disputa. Ele a levou um pequeno passo mais perto do orgasmo, colocou o dedo dela no clitóris e agora, sim, agora, ela se masturbou e gemeu e suspirou em êxtase. Ele a abraçou com muita ternura e ela começou a chorar. “Você é um demônio, Sir Frank”, ela soluçou baixinho, “mas um diabinho muito querido! Resisti às suas tentações por muito tempo, mas no fim você venceu! Está satisfeita agora?” Ele assentiu e respondeu com muita seriedade: “Eu só queria descobrir se conseguiria seduzi-la, Madame! Não tive más intenções, querida Christine, para mim era uma competição, uma aposta que eu queria ganhar a todo custo, esse é o meu jeito. Mas agora acabou, a aposta terminou e eu vou seguir em frente normalmente. Você também sabe agora que pode ter um orgasmo a qualquer momento, caso não tenha um durante o sexo. Certo?” Ela assentiu e enxugou as lágrimas. A partir daquele momento, ela se masturbaria nas poucas vezes em que não tivesse tido um orgasmo durante o sexo. Mas ela não conseguiu esquecer o desestabilizador por meses.

Ele ensinava Charlotte quatro horas antes do almoço e duas horas à tarde. Ela se esforçava muito, mas não tinha herdado muito talento

do bom Deus. Em vez disso, interessava-se por tudo o que fosse sexual e não falava de outra coisa. Ela ouvira dizer que ele transava com a Marquesa e Mira todos os dias; ele a corrigia e lhe servia vinho puro. Ela era muito confiante e ele não queria destruir essa confiança. Ela queria saber o que ele achava de transar com as duas mulheres e ele lhe contou, de uma forma apropriada para a idade dela, é claro. Ele não escondeu dela que Mira, quando precisava usar contraceptivo porque não queria engravidar, lhe mandava uma ou duas criadas fogosas como substitutas e que ele já havia transado com quase todas as criadas mais jovens, mas que isso era bastante normal, disse ele à menina, que ouvia de boca aberta.

Certa vez, ela lhe contou que havia aprendido a se masturbar cerca de um ano antes com uma colega de brincadeiras e que fazia isso todas as noites até ficar cansada e adormecer. Ele confirmou que era muito bom e que ela só deveria se certificar de que permanecesse em segredo. Charlotte contou-lhe em outra ocasião que havia aprendido com a mesma colega a desabotoar as calças dos amiguinhos e brincar com seus pênis quando os atraíam para um canto escondido. Ela observou a outra algumas vezes enquanto esta estimulava os pênis dos meninos até que eles ejaculassem. Ela também já havia feito isso, disse timidamente. Frank a encorajou e elogiou, dizendo que era bom quando uma garota conseguia fazer isso e estava familiarizada com sua própria sexualidade e com a masculina.

Mais tarde, ela contou que a colega estava seriamente considerando transar com os meninos, transar mesmo como os adultos, já que eles tinham espionado isso várias vezes. Frank disse que não era uma boa ideia. As vaginas das meninas ainda não tinham terminado de crescer e ela poderia acabar machucando a própria vagina. Ela deveria desistir da ideia, disse ele com firmeza. Charlotte mordeu o lábio inferior. Ela tinha uma queda pelo professor, claro, e sempre fantasiou em transar com ele como um adulto. Ele descartou o pensamento dela. Ele não faria isso, não faria nada para machucar a vagina dela! Ela ficou deprimida e abatida por dias. Perguntou se ele transaria com ela mais tarde. Ele fingiu pensar por um longo tempo e então disse que talvez quando a vagina dela estivesse completamente desenvolvida, aos 14 ou 15 anos. Ela suspirou aliviada; estava ansiosa por isso, disse feliz.

Logo depois, ela perguntou se ele queria vê-la se masturbar. “Sim”, ele respondeu, com uma expressão amigável e convidativa. Ela levantou a saia, mas ele a instruiu sobre como se sentar: pés no assento, joelhos afastados e a saia levantada para que ele pudesse ver bem sua vagina. Ela obedeceu imediatamente e começou a se masturbar com avidez. Ela teve um orgasmo intenso e se acalmou rapidamente. Será que ela tinha feito certo? Frank assentiu e examinou atentamente o hímen dela; havia um buraco bem grande. Afinal, ela não tinha transado com um garotinho? “Não”, ela disse, “eu só deixei os pênis dos garotos penetrarem sua vagina pelo buraco do hímen umas cem vezes e deixei que eles se mexessem até ejacularem dentro dela. Os garotos gostaram muito disso e ela não se importou, mas nunca os deixou transar de verdade, jamais!”

Charlotte perguntou se suas alunas anteriores o haviam deixado observá-las se masturbando. Ele riu ruidosamente. As alunas geralmente sentavam com as pernas para cima durante a aula e se masturbavam quando sentiam vontade. Uma vez por dia, ou dez vezes por dia, isso não importava para ele. O importante era que as meninas aprendessem a sentir prazer e relaxar, sem vergonha ou fingimento. Charlotte assentiu com entusiasmo; agora que entendia tudo, disse seriamente. Ela estava gradualmente adquirindo o hábito de sentar com as pernas para cima, sem fingimento, assegurou a si mesma com convicção. Ela havia entendido que aquilo era privado e que não deveria contar a ninguém. Ela se tocou sem inibições e gradualmente perdeu a vergonha; quanto mais excitante o assunto, mais vigorosamente ela beliscava o clitóris, cuja glândula se projetava do prepúcio. Ela se recostou e fechou os olhos enquanto se masturbava até o orgasmo. No início, ela não se masturbava com muita frequência, mas sem fingir, e ficava muito satisfeita quando ele levantava os olhos do livro e a observava se masturbar com benevolência, sorrindo contente quando ela tinha um orgasmo intenso. Parecia-lhe natural se masturbar duas ou três vezes na aula; era tudo o que ela queria. À noite, geralmente fazia isso apenas uma vez, raramente duas, e era o suficiente para ela.

O tempo passou voando, a garota fez 13 e 14 anos e certa vez o lembrou da promessa que ele fizera de transar com ela. Ele não teve pressa, estava muito satisfeito com o que a marquesa, Mira e todas as

outras criadas tímidas e reservadas podiam lhe oferecer. Mas Charlotte não desistiu, sentia muita pressão, principalmente porque suas amigas já estavam transando com os garotos mais velhos. Ela se sentia excluída. Só quando contou exatamente isso a Frank é que ele percebeu que não podia mais adiar.

Certa manhã, ele levou Charlotte até o sofá. Os olhos dela brilharam quando ele disse que ia tirar sua virgindade e transar com ela agora mesmo. Ela assentiu ansiosamente e se deitou; já tinha visto sexo centenas de vezes antes. Nem ela nem ele sentiram o rompimento do hímen dela, que provavelmente já havia se rompido há muito tempo, porque ela frequentemente tinha o pênis de um garotinho dentro dela, e ejaculava durante brincadeiras despreocupadas. Ele a penetrou por um longo tempo e ela estava muito tranquila, porque depois de atingir o ápice, ela ia de orgasmo em orgasmo até que ele ejaculasse. Ela estava cansada, mas radiante. Ela o cobriu de beijos; transar era muito, muito melhor do que se masturbar! Ele concordou com ela e sentou-se novamente à mesa. Eles tinham que aprender.

Ele ficou por mais três anos. Transava com Charlotte todas as manhãs, depois de explicar a ela sobre contracepção com o calendário, após a menstruação dela ter chegado aos 18 anos. Ela foi esperta o suficiente para não transar por 10 dias, só para garantir. A paixão dela diminuiu e ela estava se preparando seriamente para se casar aos 17 ou 18 anos. Transou com vários pretendentes em caráter experimental e os dispensou a todos, embora tenha ficado com alguns por algumas noites e transado até não aguentar mais, como confessou timidamente a Frank.

A Marquesa não estava muito disposta a deixá-lo ir, mas Charlotte já não precisava de um professor. Ela tinha uma amiga muito próxima, uma princesa de Estrasburgo, que se casara com o velho Príncipe Rohan e procurava um professor para sua filha de 13 anos, Danielle. A Marquesa, que se correspondia com a Princesa a cada quinze dias ou três semanas, elogiou Sir Frank, que havia transformado Charlotte numa jovem educada. Assim, Frank acabou indo para Estrasburgo.

Tudo fora combinado por carta; desta vez, ele viajou de carruagem e foi recebido com muita gentileza. Refrescou-se, vestiu roupas elegantes e foi levado à presença da princesa. Ficou muito surpreso, pois ela ainda era bastante jovem, com 37 anos, como soube depois. Estava vestida com muita elegância, mas de forma simples, o que realçava sua bela figura de maneira surpreendente. No entanto, ele não conseguiu decifrá-la de imediato. Por um lado, ela falava de maneira tão piedosa e temente a Deus que não deixava dúvidas quanto à sua virtude e castidade. Por outro lado, flertava com ele de forma tão descarada e flagrante que suas dúvidas eram justificadas. E era muito falante; duas horas depois, quando o dispensou, ele já sabia de todos os casos amorosos, passados e presentes, de sua numerosa corte. Durante uma pausa para respirar, perguntou-lhe como o tutor tinha permissão para transar. Ela imediatamente listou as moças que gostavam de transar, descrevendo seus atributos físicos e suas técnicas sexuais como se tivesse estado lá. Ele tinha liberdade para escolher as moças, embora, é claro, fosse extremamente pecaminoso, disse ela com um sorriso malicioso. Agora ele tinha certeza de que a marquesa havia escrito à princesa sobre sua sexualidade. Antes do jantar, ela percorreu a fila de criados e o apresentou. Ele jantou com os criados, pois a princesa tinha convidados. A filha, Danielle, só voltaria da casa dos avós na semana seguinte.

É claro que ele foi questionado durante o jantar, mas isso era de se esperar e não havia problema. Sua companheira de mesa, Marielle, imediatamente percebeu sua paquera cautelosa e prometeu se juntar a ele depois do expediente. Com uma piscadela. O clima no jantar era descontraído e frívolo; ele se sentia à vontade perto de pessoas que não escondiam suas roupas e eram ousadas no melhor sentido da palavra.

Ele foi para a cama ao pôr do sol e Marielle chegou logo depois. Ela era completamente descomplicada e deitou-se com ele. Era uma bela e voluptuosa camponesa e transava com muita naturalidade. Depois que ele gozou, ela se estimulou até atingir o orgasmo. Mas ela não ficou muito tempo, mal havia tempo para conhecê-la melhor. Ela respondeu com uma risada que gostaria de vir na noite seguinte também, mas achava mais provável que ele quisesse transar com todas as garotas primeiro, como um teste, mas tudo bem. Mas agora ela ti-

nha que ir e dar lugar à princesa. Ela saiu, sorrindo e rindo baixinho. Ele não tinha notado seu último comentário e foi dormir.

No meio da noite, ouviu-se uma batida suave na porta. Ele estremeceu quando alguém se deitou ao seu lado. Era a princesa. Ela o abraçou e o apertou, chorando. Ele acordou e a ouviu sussurrando o quão pecadora ela era e que deveria se chamar Maria Madalena por ser tão fraca, por sua carne ser tão pecaminosa! Então houve silêncio, ela endureceu seu pênis com a boca e o montou. Ela estava quente, úmida e agradavelmente apertada. Ele a deixou cavalgar por um tempo, depois mudou de posição, preferia assim agora. Ela demorou a se excitar e ele fez tudo o que pôde para deixá-la ainda mais excitada. Depois de longos gemidos e suspiros, ela teve um orgasmo, olhando-o fixamente nos olhos enquanto o segurava e seu abdômen se contraía involuntariamente. Ela se acalmou e o abraçou, sorrindo feliz enquanto ele ejaculava dentro dela. Ele ficou deitado ao lado dela, ofegante. Ela, no entanto, continuava conversando. Ela havia sido fiel ao marido por toda a vida, mas ele já se aproximava dos oitenta anos e passava a maior parte do tempo em Versalhes e Paris. Ele a havia liberado de seu voto de fidelidade, pois não podia mais lhe dar o que ela precisava. Frank assentiu em concordância, dizendo que fora uma ótima atitude da parte do marido. A princesa também não ficou muito tempo. Voltaria amanhã, quando a criada tivesse ido embora depois da transa, disse a princesa, e desapareceu tão silenciosamente quanto chegara.

Ele não conseguiu dormir imediatamente. Lembrou-se de que o falecido Lorde Rohan era considerado amante da Rainha Maria Antonieta, embora provavelmente fossem apenas rumores. Devia ser algo, no entanto, porque o cardeal lhe dera um colar absurdamente caro. Seguiu-se o absurdo Caso do Colar, durante o qual tanto o Cardeal Rohan quanto o astuto impostor Cagliostro foram presos. Depois de algum tempo, ambos foram libertados porque, na verdade, não tinham nada a ver com o roubo. Frank estava agora a serviço da nora do falecido, que, em seu leito de morte, afirmou ter sido o verdadeiro amante da rainha. Seu filho guardara esse segredo e só o contara à sua terceira esposa, esta princesa. Frank ainda ponderava se o velho Rohan realmente havia transado com a rainha, que era considerada casta, mas, por outro lado, Frank tinha informações de uma fonte

confiável de que o sueco Fersen definitivamente transara com a rainha há anos. Rohan não poderia muito bem ter transado com a rainha durante as viagens do sueco? Aos poucos, Frank foi adormecendo.

Todas as noites, tudo acontecia exatamente como Marielle havia previsto. A empregada, que tinha uma queda por ele e o desejava, sentava-se ao seu lado e o levava para o quarto, um diferente a cada noite. Assim que ela saía depois de transar com ele, a princesa aparecia. Ela tinha que se esforçar muito para chegar ao orgasmo, mas conseguia quase sempre. Caso contrário, virava-se para o lado e se masturbava secretamente. Ela precisava, mas sempre queria fazer isso discretamente.

Aos poucos, ele foi descobrindo a história de vida da princesa. Ela descendia diretamente da linhagem dos reis da Borgonha. Tivera uma educação católica muito rígida. Quando sua mãe a proibiu de se masturbar, já era tarde demais. Ela havia aprendido com seus amiguinhos e se masturbava todas as noites antes de dormir. Tentou evitar por causa da mãe, mas dormia mal e ficava mal-humorada e irritada no dia seguinte. Depois de se masturbar, sempre dormia bem e acordava radiante. Ao perceber isso, passou a se masturbar todas as noites pelo resto da vida. O Príncipe de Rohan já havia ficado viúvo duas vezes e tinha filhos e filhas adultos, mas o velho se apaixonou pela bela jovem e teve permissão para se casar com ela. Tiveram uma filha, Danielle.

O marido sorriu com indulgência, pois ela tinha centenas de admiradores. Ela queria permanecer fiel ao marido e, a princípio, não transou com nenhum deles. Mas o diabo se aproxima sorratamente das beldades do mundo, sem fazer barulho. Ela tomava chá ou limonada em seu pequeno salão particular com um cavalheiro. Uma coisa levou à outra; a princípio, ela apenas acariciava os pênis e deixava que acariciassem sua vagina. Depois de muitas semanas, com muita timidez e hesitação, ela fez um boquete completo no cavalheiro. Mais tarde, o diabo continuou a se insinuar; ela deixou que o cavalheiro a masturbasse por baixo da saia. Nas primeiras vezes, ela ficou muito envergonhada depois.

Mas ela gostava cada vez mais, porque muitos deles faziam isso muito bem. Novamente, uma coisa levou à outra e ela o deixou penetrá-la e ejacular dentro dela depois da masturbação. O diabo tinha boas cartas na manga e as jogou. Era apenas uma questão de tempo até que ela deixasse o cavalheiro penetrá-la por baixo da saia e transá-la por meio minuto até ejacular. Quanto mais perto um cavalheiro a levava do orgasmo, mais tempo ele podia transá-la. Agora havia alguns que aproveitavam a oportunidade e a transavam até o orgasmo por 20 minutos. O diabo ria às gargalhadas. Só agora ela estava inconsolável por ter traído o marido e confessou tudo a ele.

Rohan já estava na idade em que a libido se torna fraca, mas a mente sábia. Ele a tomou ternamente em seus braços e a perdoou por tudo o que havia acontecido no passado, tudo e todos. Dispensou-a do voto de fidelidade, pois não podia mais ter relações sexuais com ela, e ela era tão jovem, em plena flor da idade. Ela só deveria zelar por sua reputação e não se envolver em escândalos com seus inúmeros inimigos, mas sempre se atentou a isso. Era grata por sua generosidade e não o envergonhava. Dois anos atrás, ela engravidara, sem nem saber de quem, pois naquela época costumava transar com vários homens seguidos no mesmo dia. Ingeriu uma poção venenosa e perdeu o feto. Desde então, passou a ter relações sexuais com mais cautela e não transava mais como uma louca.

O acordo correu bem, a princesa queria transar, ou melhor, ser transada, depois da criada, altura em que ele já tinha ejaculado quase todo o seu sêmen e, portanto, transou com ela durante bastante tempo. Não ficou imediatamente claro como as mulheres se organizaram entre si e ele não se importou muito. Tomou posse de todas, até mesmo das criadas mais velhas que não transavam há muito tempo. Apreciou o momento e manteve-se em silêncio, como convinha a um homem de honra. Sabia que era muito requisitado e não se importava que as moças também estivessem transando com os outros homens.

O antigo imperador havia morrido no exílio. Frank não conseguia entender por que toda a França, todos os franceses, o lamentavam. Ele também não entendera a veneração durante sua vida. Como as pessoas podiam esquecer que suas vitórias haviam sido conquistadas

com um mar de sangue e a vida de pelo menos 3 milhões de franceses? Frank havia vivenciado dezenas de guerras em sua longa vida e nunca entendera por que as pessoas se lamentavam tanto. Claro que ele entendia que um homem se defenderia de um agressor, mas não do ataque em si. Que vantagem teria a ver uma aldeia incendiar a aldeia vizinha?

Frank havia convencido a princesa a deixá-lo ler as cartas de Maria Antonieta, do velho Rohan e seu diário particular. As cartas eram, sem dúvida, cartas de amor, que também falavam de seu amor físico, mais claramente do que jamais fora divulgado publicamente.

O diário de Rohan era ou uma infame fantasia falsa ou uma revelação. O Cardeal Rohan escreveu como a história de amor começou. A acompanhante e melhor amiga de Maria Antonieta chamava-se Jeanette, e Maria Antonieta contou ao cardeal, na primeira audiência privada, que Jeanette era uma masturbadora compulsiva e, claro, às vezes se deitava com ela. Ela própria não era lésbica, disse a Rainha, mas Jeanette sempre dava um jeito de envolvê-la em seu vício. Jeanette sentava-se bem no fundo da cadeira, pois essa era a função da acompanhante, mas a Rainha e ele podiam ver exatamente como a mão de Jeanette se mexia sob sua saia. Jeanette não dava a mínima para os dois, que se excitavam cada vez mais enquanto observavam a masturbação da criada. Eles trocaram beijos de língua pela primeira vez e ele transou com a rainha por trás, totalmente vestido e de pé, enquanto ela apoiava as mãos no encosto de uma cadeira e empinava a bunda. Durou menos de dois minutos, escreveu ele com pesar. Assim começou um caso de amor que duraria dois anos e meio.

Rohan descreveu que transou com Maria Antonieta centenas de vezes em piqueniques no jardim, em cantos isolados e secretos ou em pequenos cômodos, na maioria das vezes. A posição favorita de Maria Antonieta era inclinar-se para a frente com as mãos no encosto de uma cadeira, enquanto Rohan ficava atrás dela e levantava um pouco sua saia. Rohan descreveu suas nádegas brancas como a neve e a fenda carnuda e escura abaixo delas, que ele adorava. Ela não gostava particularmente quando ele tocava sua vagina apertada com a mão, explorando-a delicadamente. Paradoxalmente, ela o deixava masturbar seu clítoris até o orgasmo, antes ou depois da transa. Ela fre-

quentemente se sentava de lado em seu colo, permitindo que ele alcançasse por baixo de sua saia e a masturbasse até o orgasmo. Se a situação permitisse, ele podia penetrá-la enquanto a masturbava.

Ela geralmente queria que ele a penetrasse o mais rápido possível, ejaculasse dentro dela, terminasse de ejacular rapidamente e a deixasse sentar-se novamente. Rohan escreveu que ela nunca teve um orgasmo enquanto ele a penetrava, mas apenas quando Jeanette se masturbava. Rohan admitiu, de maneira muito rebuscada e disfarçada, a forte inclinação lésbica de Maria Antonieta, embora tivesse testemunhado o ato sexual de Jeanette centenas de vezes. Maria Antonieta frequentemente ainda estava muito excitada após o sexo e Jeanette precisava masturbá-la até o orgasmo imediatamente, não podia esperar um segundo. Depois, ela ficava equilibrada e relaxada. Eles sempre mantinham as roupas por segurança, e o príncipe lamentava não poder transar com ela em seu quarto, nem poder vê-la completamente nua. Ele só via sua vagina às vezes quando Jeanette se deitava na grama ao lado da rainha e se masturbava. A rainha abria bem as pernas, levantava a saia e pegava a mão de Jeanette, guiando o dedo avidamente até seu clitóris. Essas foram as únicas vezes em que Rohan teve permissão para olhar abertamente para a vagina e o clitóris nus e expostos da rainha.

Rohan escreveu que o sueco Fersen era o principal responsável pelas relações sexuais com Maria Antonieta. Ele próprio só tinha a sua vez quando o diplomata sueco estava ausente. Rohan então passou a transar com Jeanette, que adorava ser fodida pelo príncipe obeso e, irritantemente, se masturbava sem parar enquanto transavam. Isso irritou Rohan a princípio.

Quando foi libertado da masmorra, escreve Rohan, todos ficaram perplexos ao descobrirem que Jeanette era a ladra do precioso colar. Ele voltou a entrar em contato com a rainha, mas era muito difícil enganar as novas acompanhantes. A rainha e Rohan só conseguiam transar em segredo raramente, mas a paixão de Maria Antonieta havia arrefecido. Sem ela como incentivo, ele raramente tinha sua vez, as acompanhantes podiam ser subornadas e ele sempre tinha que transar primeiro com a dama da corte, que era considerada pouco

atraente, até que ela desviasse o olhar. Rohan escreveu muitas páginas sobre como o caso amoroso foi morrendo gradualmente.

Por muito tempo, Frank se recusou a aceitar o diário como estava. Mas se lembrou de algumas passagens. Um falsificador dificilmente teria inventado o vício de Jeanette ou prejudicado a reputação da rainha descrevendo os jogos lésbicos com tantos detalhes. Nem, como Rohan admitiu, um falsificador escreveria Rohan como um substituto para a sueca. Afinal, a falsificação deveria retratar Rohan como um mulherengo heroico, não expô-lo como um perdedor. Sua fuga para Jeanette para uma transa sem graça não combinava em nada com a imagem de um herói. Não, Frank disse a si mesmo, o diário era genuíno e confiável.

Danielle voltou da Borgonha, onde morou com os avós por quase um ano. Ela já tinha quase 14 anos, era uma menina magra e tímida que não fazia ideia do que era sexualidade. Sua avó era rigorosa quanto a isso e se transformava num dragão cuspidor de fogo se Dani sequer molhasse um dedo do pé em água fria. Frank a testava com afinco, e seu nível de conhecimento era muito baixo. No que dizia respeito a sexo, ele tinha um longo e árduo caminho pela frente. Mas era justamente isso que o atraía. Ele precisava tê-la um dia!

Eles gostavam um do outro, isso ficou claro desde o início. Quando ele caminhava ao lado dela, ela segurava a mão dele com confiança. Ela se aconchegava a ele ou sentava em seu colo sem constrangimento. Não se incomodava quando ele tocava seus joelhos ou acariciava a parte interna de suas coxas enquanto ela estava sentada em seu colo. Ela se acostumou e não via nada de errado em ele deslizar a mão até sua vagina. Frank sabia que aquele era o máximo que podia fazer. Ela sorria quando ele acariciava sua vagina e frequentemente sorria e dizia como as carícias lhe davam uma sensação agradável, mas ele se mantinha longe de sua vulva e clitóris. Ainda era muito cedo para isso.

Dani realmente não entendia nada de sexo. Mas também não era cega, e certamente não era burra. Um dia, perguntou diretamente a ele: se ele estava transando com a mãe. Ele manteve a verdade e ela empalideceu. “Só se pode transar se vocês forem casados”, citou ela,

referindo-se à avó. Ele perguntou se ela às vezes roubava doces da despensa, o que também era proibido. Ela corou e assentiu, mas isso não era transar. Ele concordou, mas ela estava fazendo algo proibido. A avó concordaria, disse ele. “Se estamos transando, estamos roubando da despensa.” Agora ela assentiu; todos faziam algo proibido, às vezes, inclusive ela. Frank perguntou o que mais ela havia feito que era proibido, mas ela desconversou. Como transar realmente funciona? Ele poderia explicar para ela? Frank deixou o livro de lado. Ela já tinha visto um pênis antes? Sim, disse ela, corando, pênis de meninos, no lago. Ótimo, disse Frank, e só moles ou também eretos? Ela continuou vermelha e assentiu: tanto moles quanto eretos. “Ótimo”, disse ele, “e se ela já tinha visto o interior da vagina de uma garota, talvez enquanto tomava banho?” “Sim”, ela respondeu, “na maioria delas, só se vê até o hímen, mas nas maiores, é bem fundo, elas já não têm mais hímen.” Ele perguntou por quê, e ela deu de ombros. “O hímen se rompe quando uma garota transa pela primeira vez, isso se chama desfloramento.” Dani assentiu, agora ela entendia. Ele explicou a relação sexual, enfiando um dedo na vulva dela até o hímen. Os olhos dela se arregalaram. “Então, se eu transar uma vez, ele realmente precisa se romper?”, perguntou ela, ansiosa. “Não dói muito, é como uma picada de abelha, por exemplo.” Ela entendeu isso também. Ela não entendia que era feito para atingir o orgasmo, mas o que era um orgasmo? Ele descreveu o orgasmo feminino para ela e viu os olhos dela se arregalarem. “Aha!”, perguntou ele, e ela ficou pensando nisso por um longo tempo. Então ela contou que às vezes uma garota a esfregava “lá embaixo” depois do banho e que agora ela acreditava que aquilo era um orgasmo. Ela teve que descrever em detalhes para ele, então ele assentiu, eram orgasmos. Ela corou profundamente. Não, ela nunca tinha feito isso, nunca. E com os garotos, perguntou ela, tem algo a ver com ejaculação feminina? Frank se perguntou e assentiu, se um garoto transa com uma garota e ejacula dentro dela, a garota pode engravidar e ter um filho. “Ahhh!” exclamou Dani, “todas aquelas mulheres grávidas que você vê devem ter transado, com ejaculação feminina dentro?” Frank assentiu, sim, era isso mesmo. “Então, transar, orgasmo, ejaculação feminina e filho?” ela perguntou para ter certeza. Sim, exatamente isso, “mas ela não precisa necessariamente engravidar se não quiser”, disse ele. “E mãe, ela vai ter um filho com você, querido Frank?” Ele sabia que ela gostava dele quando falava assim, sem frescura. “Não, sua mãe não

quer ter um filho comigo, disse eu tenho certeza.” Ela pareceu triste com a resposta, mas mudou de assunto. Ela costumava ver os meninos com água até a virilha, esfregando os pênis e sorrindo enquanto caíam na água. Ela nunca contou para sua avó rigorosa que muitas vezes tinha permissão para esfregar os pênis dos meninos até que eles caíssem na água. Ela não sentia nada, mas os meninos realmente gostavam quando ela os esfregava e os fazia ejacular. Frank riu: “A vovó teria desmaiado”, ele sorriu, “mas isso é tão proibido! Ela teria cuspid o fogo em você, seu querido dragão!” Ele riu alto. Dani pensou sobre isso. Ela costumava ficar embaixo da porta quando sua avó se esfregava “lá embaixo” todas as manhãs. Dani tinha visto isso mil vezes: sua avó sempre esperava até que seu avô se levantasse, se descobrisse e puxasse a camisola até o queixo. Ela abria as pernas e se esfregava rapidamente em meio aos seus pelos pubianos grisalhos. Na época, Dani não fazia ideia e esperou pacientemente até que sua avó terminasse. Quando via a menina parada embaixo da porta, sempre a repreendia severamente por não espionar os outros! “Então você já sabe quase tudo o que uma menina da sua idade precisa saber!”, disse ele, ficando sério, e elas continuaram aprendendo.

Ela sentava no colo dele todas as manhãs e tinha mil perguntas, novas e antigas. “Eu gosto quando você me acaricia lá embaixo, querido Frank!”, ela dizia, e ele a ensinou que “lá embaixo” se chamava xoxota. “Xoxota!”, ela exclamou, rindo, “isso soa bem!”. Ele sorriu e acariciou a xoxota dela enquanto ela estudava. Um dia, ele perguntou se poderia lhe dar um orgasmo como o da garota no lago. Ela se virou para ele com os olhos arregalados. “Roubar doces da despensa?”, perguntou, com os olhos arregalados, “você quer roubar?”. Ele sorriu e assentiu: “Sim, quero!”. Ela pensou por um momento. “Você não preferiria transar?”. Ele balançou a cabeça. “Você ainda é muito jovem, minha Danielle. Tem que partir de você, você tem que sentir o desejo e me dizer, nem um segundo antes!”. Ela olhou nos olhos dele por um longo tempo e ele disse: “Feche os olhos e sinta-me lhe dar um orgasmo. Tudo bem?”. Ela assentiu e fechou os olhos. Ele encostou a cabeça dela no peito, procurou o clitóris e a masturbou. Ela teve um orgasmo violento e deixou a cabeça cair sobre a mesa. Chorou baixinho e murmurou: “Que orgasmo forte, querido Frank!” Parou de chorar e eles começaram a estudar.

Todas as manhãs, Dani sentava no colo dele e pedia que ele a levasse ao orgasmo. Ele a masturbava todas as manhãs antes de estudar e um dia, depois de masturbá-la, ela disse que já havia feito isso sozinha na noite anterior. Ele a elogiou e disse que a maioria das meninas faz isso todas as noites, que era bom e saudável e que a avó estava enganada nesse ponto.

Um ano se passou, Dani completou 15 anos e aprendeu muito. Ela conheceu o velho Príncipe de Rohan pela primeira vez, tomaram chá e o velho disse estar muito surpreso com o quanto sua filha havia aprendido em um ano. “E, Sir Frank Butterill”, perguntou o velho cavalheiro, “ela está chegando a uma certa idade, posso lhe pedir que a ensine o que ela deve saber como uma mulher casada?” Frank sentiu que os olhinhos do velho o observavam com curiosidade. “Há uma matéria chamada história animal e natural. Aprendemos sobre plantas e animais e também sobre seres humanos, claro, sobre todas as partes do corpo. Conversamos bastante sobre todos os órgãos, mas pulei a parte dos genitais e da sexualidade até agora porque pensei que isso fosse assunto para a mãe ou o pai.”

O velho balançou a cabeça. “Conversei com minha esposa ontem, mas ela preferia deixar isso para mim ou para você, o tutor. Ela não podia”, disse minha esposa com certa exasperação. Frank olhou diretamente nos olhos de Rohan. “Não tenho problema nenhum com isso, sua filha se dá bem comigo e, claro, aceitarei a tarefa com prazer.”

Rohan assentiu pensativamente. “Li que o senhor esteve na China por alguns anos e também descobri que, com as mulheres chinesas, essa tarefa cabe ao pai.” Frank manteve a postura. “É verdade, Vossa Graça. Na China, também é o pai quem desvirgina sua filha de 13 ou 14 anos.” Ele tinha acertado, o velho Rohan começou a falar. “Não me diga, Mestre Butterill! É muito incomum, pelo menos para nós no continente, porque entregá-la em casamento virgem é algo muito importante para a nossa espécie.” O velho fechou os olhos por um instante. “Os povos da Ásia são muito estrangeiros para nós, vocês precisam entender isso. Nós, franceses, holandeses, e vocês, ingleses, também, invadimos seus países de olhos vendados e corações fechados, literalmente roubando-os, pois nosso comércio com eles não é justo. Nós, nas câmaras dos deputados, sabemos disso, é claro,

mas nenhum de nós, nem mesmo eu, ousa lutar contra as grandes casas comerciais. E queremos evitar o destino da Liga Hanseática Alemã.”

Eles conversaram bastante sobre diversos assuntos, e em certo momento o velho mencionou a beleza e elegância de sua esposa. Frank começou a falar, mas o velho o interrompeu bruscamente. “Shhh, shhh, shhh! Nem uma palavra disso, rapaz! Primeiro, eu tenho olhos na cabeça e nunca sofri uma queda infeliz. E terceiro, minha esposa me contou. Chega, não vamos mais discutir isso!” Aquilo soou cristalino, e de fato era. O velho Rohan mudou de assunto, perguntando a Frank sobre seu projeto de livro sobre a China. Frank ficou feliz em falar sobre o assunto até o final do chá.

Ele já havia iluminado Dani sexualmente há muito tempo, e de uma forma muito mais completa do que o Príncipe Rohan jamais poderia imaginar. O velho nunca chegaria a desvirginá-la. Certa vez, disse a Dani, que estava perto de completar 16 anos e o fazia masturbá-la todas as manhãs, que adoraria transar com ela algum dia. Ela não respondeu nada, pois estava muito apaixonada por Frank e não parava de sonhar com isso.

Mas levou semanas até que ela finalmente o abordasse sobre isso. Seu rosto brilhava de excitação, mas ela se lembrou de que ele havia dito que a decisão tinha que partir dela. Frank respirou fundo e a abraçou aliviado. “Vamos transar, agora mesmo!”, ela sussurrou em seu ouvido. Ela assentiu decididamente, embora estivesse muito assustada. Ele a deitou no sofá, levantou sua saia e a penetrou lentamente. Ela soltou um pequeno grito quando seu hímen se rompeu, mas continuou o beijando enquanto ele a fodia. Ela teve um orgasmo depois de muito tempo e ele ejaculou imediatamente. Eles ficaram deitados um ao lado do outro, respirando pesadamente, e daquele dia em diante transaram todas as manhãs antes de aprender. Frank a ensinou a usar o calendário sideral quando sua menstruação começasse e ela seguiu o método à risca.

Ele a ensinou e transou com ela até os 19 anos, quando a Marquesa lhe arranhou um bom partido. Frank teve que admitir para si mesmo que havia se afeiçoado muito à garota e ansiava por transar com

ela todas as manhãs. É claro que ele gostava de transar com a mãe dela e com as diferentes empregadas, pois nunca sabia de antemão qual delas se juntaria a ele naquela noite. Essa variedade contribuía muito para sua ansiosa expectativa a cada transa. Ele ficou bastante enciumado quando ela começou a transar com o rapaz.

Ele teve que continuar.

Frank não se lembrava de como tinha chegado à Baronesa d'Auteuil; fora muito bem recomendado a ela. Sentou-se em frente à velha e pomposa mulher, e uma coisa era certa: ela definitivamente não estava em seu juízo perfeito. Não, não, ela conseguia acompanhar a parte factual da conversa, mas divagava sem parar, falando de assuntos privados e sexuais sem a menor vergonha, mesmo sem conhecê-lo. Ela havia assumido a guarda da neta, Arielle, de 13 anos, depois que os pais morreram na prisão sob o reinado do grande imperador. A baronesa havia perdido a cabeça com isso, pelo menos em parte, já que seu filho dormia em sua cama desde os 5 anos.

A baronesa havia perdido completamente a sanidade quando seu marido morreu; seu filho tinha apenas 5 anos. Ela o deixava dormir com ela desde a morte do marido, e o garotinho a via se masturbando à noite. Ele também começou a se masturbar em algum momento e, inicialmente, ejaculava em suas grandes nádegas por anos. Ela lhe perguntou se ele já não tinha visto a transa, e ele assentiu ansiosamente. Sim, o jovem rapaz do estábulo transava com uma criada após a outra, ele tinha visto. E ele não tinha visto exatamente como eles transavam? “Oh, sim”, disse o garotinho, “ele colocava o pênis no buraco da criada e ejaculava lá dentro”, disse ele, assentindo ansiosamente. “E eu não tenho um buraco como o dela?”, perguntou ela, curiosa, e ele apontou: “Sim, sim, aqui!” Então ela disse: “Viu? Você também pode ejacular no meu buraco, não é?” O garotinho assentiu ansiosamente e, a partir daquele momento, ele não ejaculava mais em suas nádegas, mas sim em seu buraco para ejacular. Isso correu bem durante anos, mas quando ele tinha 10 anos, ela lhe disse para enfiar o pênis bem fundo para ejacular, bem fundo mesmo. Ele assentiu ansiosamente e, quando sentiu que ia ejacular enquanto se masturbava, enfiou o pênis fundo no orifício dela, moveu as nádegas rapidamente de um lado para o outro e esperou que o líquido jorras-

se lá dentro. Ele tinha 12 anos e já fazia movimentos firmes durante a penetração quando ejaculou. Agora ela cuidava dele e o ensinava a transar com ela direito. Ele era jovem e tinha que transar e ejacular com muita frequência, e ela tinha muito orgulho dele e o amava profundamente. Ele transou com ela várias vezes ao dia até completar 26 anos e se casar. Sua esposa o amava muito e aceitava que sua sogra gorda se juntasse a eles na cama de casal todos os domingos de manhã para que ele a penetrasse com força. Quando ele ejaculava, ela, sorrindo, fazia o pênis do marido ficar duro novamente para que ele pudesse transar com a velha mulher repetidas vezes. Ela sorriu docemente quando a transa terminou e a velha se masturbou violentamente até o orgasmo; ela mesma não se masturbou mais depois do casamento. Então, os capangas da República chegaram e jogaram o jovem casal na prisão. A baronesa enlouqueceu novamente quando ambos morreram na masmorra.

A velha discutiu as formalidades com ele: sua acomodação, a educação da neta, o pagamento. Ela não era pobre e podia pagar-lhe bem. Bateu com a mão no sofá ao lado e disse-lhe para se sentar, pois se tratava de assuntos confidenciais. Ele sentou-se ao lado dela e ela pegou em sua mão. Caiu na porta de casa. Em primeiro lugar, ela tinha três empregadas domésticas, com quem ele poderia transar à vontade, sussurrou ela confidencialmente. Mas ela também queria transar nas manhãs de domingo, quando as três moças estivessem na igreja. Então, o que me diz, soldado? Ele fechou os olhos, pois aquilo era um incômodo. Mas sim, senhora, disse ele obedientemente. Ela assentiu satisfeita, então estava tudo resolvido.

Ela continuou tagarelando, contando que fora deflorada por um de seus três irmãos quando tinha 12 anos, e os outros dois estavam ao lado dela, sorrindo e esfregando seus pênis eretos. Ela viu a cena e gritou: “Não, não, nem todos vocês!”. Mas os irmãos a foderam, um após o outro, repetidamente, até que os três estivessem exaustos ao amanhecer. Ela nunca tivera tantos orgasmos seguidos, nem mesmo durante sua mais longa masturbação. No fim, ela gostou muito e transou com os três irmãos todas as noites até se casar. Seu marido era rico como Crespo, mas era lamentavelmente inepto; não conseguia transar com ela. Ele não conseguia ter uma ereção, a velha riu baixinho; apenas uma vez por mês ela tinha que abocanhar seu pênis

atrofiado e engolir suas poucas gotas de sêmen. Mas ele era um bom homem, a libertou da obrigação da fidelidade e ela podia transar com quem quisesse em seu quarto separado. Ela nunca dormira sozinha, riu baixinho; na verdade, era bastante bonita e tinha mais admiradores do que noites. Ela adorava transar, os irmãos tinham despertado nela uma luxúria incrível. Era assim mesmo, Sir Frank!

Mas, na verdade, ela queria falar sobre outra coisa, disse. Amélie tinha 13 anos e logo faria 14. A Baronesa queria que Frank cuidasse da menina e desenvolvesse sua sexualidade. Isso era importante, disse ela, a pobre criança não tinha ideia de nada e deveria saber o que esperar da vida de casada e não ser enganada por qualquer aproveitador. Se uma virgem aparecesse no mercado e houvesse a mínima possibilidade de uma rica herança, os aproveitadores sairiam de seus esconderijos. Frank a entendeu e concordou; ele também já tinha ouvido falar desses vigaristas. Mas será que ele deveria mesmo desvirginar a menina?, perguntou cautelosamente. Sim, ele a havia entendido corretamente, murmurou a baronesa. Isso era mais importante para ela do que a educação escolar. Ela ouvira dizer que ele era muito vigoroso e que não era nenhum fraco. Essa reputação o precedia, ela sorriu.

Frank estava mais envergonhado do que há muito tempo. Queria ter certeza de que ela havia dito aquilo deliberadamente, que estava falando sério e não em um momento de distração. Mas ela estava falando sério, pois conversou bastante sobre a missão especial dele. Ela não queria deixar Arielle aos cuidados do cocheiro ou do rapaz do estábulo; um jovem inglês aristocrata com boa reputação de bom de cama era exatamente o que ela precisava. Desceram para o primeiro andar, onde a baronesa o apresentou aos funcionários.

Havia apenas três criadas, que também cozinhavam para todos. Eram três irmãs na casa dos trinta, moças bonitas e voluptuosas do interior. A baronesa as apresentou a Frank e disse que elas não teriam mais apenas o cocheiro e o pajem para transar. Deveriam compartilhá-lo sem discutir. Ele tinha boa reputação como amante, repetiu a baronesa, a Marquesa de Belfort havia lhe contado isso pessoalmente. As moças sorriram e riram baixinho.

Frank se lembrou de quem era a marquesa. Ele só estivera com ela por pouco tempo, talvez um ano. A marquesa, de 38 anos, era viúva e vinha transar com ele todos os dias depois do jantar. Ele tinha boas lembranças dela; ela transava com muita graça e se entregava à paixão enquanto corria para o orgasmo. Ela nunca ficava com ele, mas ia aos aposentos dos criados, entrevistava as moças dispostas e lhe enviava uma todas as noites. Ele estava realmente satisfeito com a escolha dela; ela só lhe enviava moças jovens e fogosas, disso ele tinha certeza. Ele tirou a virgindade de Christine, a filha dela de 16 anos, na primeira semana, e eles transavam todas as manhãs antes de aprenderem. Christine não era particularmente bonita nem muito inteligente, mas adorava transar e aprendeu tudo sobre sexo muito rápido. Ela engravidou estupidamente depois de 10 meses e teve que se casar às pressas. Passou pela sua mente quantas vezes ele teve que abandonar suas tendas prematuramente porque a moça que ele havia desvirginado era burra demais para seguir o calendário e engravidava. Surpreendentemente, isso não prejudicou em nada sua reputação, pelo contrário.

O cocheiro e o pajem estavam como sempre. “Eles dividem as moças como irmãos”, disse a baronesa gentilmente, sorrindo para os homens. “Nunca houve uma briga. Prefiro quando os homens não brigam por uma moça!” Um ponto de vista muito sensato. Por trás dela, o cocheiro circulou o dedo indicador em volta da têmpora, dizendo que a velha não batia bem da cabeça. “Até agora, os dois se revezaram para vir à minha cama me dar uma boa transa nas manhãs de domingo. Talvez fiquem felizes se o senhor assumir essa tarefa agora, Sir Frank!” disse ela enquanto subiam as escadas. “Sim, eu também pensei nisso”, disse Frank. “Os dois certamente não parecem apreciar o fato de poderem transar com uma dama nobre!” Ela parou e colocou a mão no braço dele. “Vejo que o senhor aprecia!” De volta ao salão, tomaram uma taça de vinho e ela chamou a neta.

“A pequena se masturba todas as noites”, murmurou ela, “provavelmente faz isso há muito tempo”. Frank assentiu e, antes que pudesse perguntar qualquer coisa, Amélie entrou. Ele ficou imediatamente encantado com sua beleza e graça infantis e inocentes. Ela tinha um sorriso amigável no rosto, sua figura era esbelta e não havia o menor indício de seios. Seus braços e pernas eram finos e gracio-

sos. Ela se sentou ao lado da avó e se aconchegou a ela, sorrindo timidamente. Frank fez algumas perguntas para ter uma ideia do seu nível de conhecimento e ficou surpreso com o quanto ela já sabia. Ele também ficou surpreso porque ela era inteligente e esperta. Ela disse baixinho que queria aprender principalmente astronomia e Frank assentiu; isso era possível. Com matemática, geometria e álgebra, é claro. Amélie assentiu; isso estava claro para ela. Frank sentiu o afeto dela por ele.

A baronesa então interrompeu a conversa. “Mas você não entende nada de sexualidade, minha filha!”, e deu um novo rumo à conversa. Amélie quis responder algo, mas a baronesa continuou: “Masturbação não é sexualidade! Você se masturba, não é?”. Amélie imediatamente baixou os olhos e assentiu, um pouco contrariada. “Sim, vovó, todas as noites. A senhora sempre me viu fazendo isso várias vezes e nunca proibiu!”. A baronesa pediu que ela contasse. Amélie, hesitante, contou que se masturbava todas as noites antes de dormir e adormecia logo após o orgasmo. Não, respondeu à avó, ela só tinha feito isso uma vez, nunca duas. E sim, respondeu, o orgasmo era sempre muito bom e vinha muito rápido, então ela não precisava se masturbar por muito tempo.

“Vamos, mostre ao Sr. Frank que você ainda é virgem”, ordenou a avó, e Amélie se levantou hesitante. Ela parou em frente a Frank e, com um pouco de receio, levantou a saia. Que linda xoxotinha! Completamente depilada, sem nenhum fiapo. Ele afastou os lábios com os dedos e assentiu afirmativamente: “Ela ainda é intocada, senhora!”. Examinou o clitóris dela com muita atenção. Reagiu imediatamente ao seu toque e começou a endurecer. Ele puxou o prepúcio um pouco para trás. O clitóris era maior do que ele esperava e a glândula tinha o formato de um pênis. Estimulou o clitóris delicadamente por vários minutos até que estivesse extremamente rígido. Continuou a masturbar o clitóris da menina assustada e de olhos arregalados, que sentia o orgasmo se aproximando. Então, parou quando ela soltou um suspiro suspeito e suas coxas tremeram. Ele não queria constranger a doce garotinha. Ele tinha visto tudo e abaixou a saia dela. A baronesa deu uma risadinha boba: “Minha filhinha teria tido um orgasmo num instante, Sir Frank, o senhor poderia ter continuado!” A velha senhora tinha visto tudo de lado e fantasiado em sua mente perturbada,

porque é claro que ela podia ver as nádegas de Amélie se contraírem, suas pernas tremerem e o orgasmo se aproximar. Amélie olhou para ele agradecida porque ele a havia compreendido e parado antes que ela tivesse um orgasmo violento. “As aulas começam depois de amanhã”, disse ele, despedindo-se. “Deixaria minhas coisas arrumarem depois e voltaria para o jantar. Deixe a empregada preparar meu quarto.”

Após o jantar com a baronesa e Amélie, elas conversaram por mais uma hora. A avó conseguiu arrancar de Amélie o depoimento de que costumava observar o filho do vizinho, Pierre, se masturbar e ejacular, e que ele raramente a deixava masturbá-lo. Ela achava muito excitante sentir o líquido jorrando pelo pênis dele com os dedos. Sim, Amélie admitiu timidamente, às vezes eles brincavam de transar, mas ele só podia penetrar até o hímen dela e, em vez de transar, tinha que se esfregar e ejacular no hímen dela; não podia penetrá-la. Depois da conversa, Frank foi para o quarto, seguido por uma criada. O quarto era bem decorado e a moça ficou parada olhando para ele. Seu nome era Madeline, tinha 38 anos e era a mais velha das irmãs. Ele olhou para sua figura voluptuosa e perguntou se ela gostaria de deitar com ele. Ela assentiu ansiosamente e corou. Eles se despiram e deitaram na cama. Ela tinha um rosto jovem, amigável e corado de excitação. As pequenas dobras de gordura não o incomodavam nem um pouco; ela tinha seios maduros e fartos, e seus pelos pubianos loiro-avermelhados eram naturais e não aparados.

Ela transou sem frescuras e sabia como transar para chegar ao orgasmo. Ela se agarrou a ele e pressionou os lábios contra o pescoço dele para que seu grito orgásmico não fosse ouvido. Ele ejaculou no mesmo instante em que ela teve um orgasmo. Eles ficaram deitados um ao lado do outro, respirando pesadamente, e ela disse que tinha gostado muito da transa. Ela já estava ansiosa pela sua vez novamente, depois das irmãs. Ela foi bem quietinha.

Na noite seguinte, outra garota o acompanhou até o quarto. Seu nome era Helena, ela tinha 35 anos e estava ali por ele naquela noite. Ele assentiu e gostou do fato de as irmãs obviamente não serem muito falantes. Seu corpo era muito parecido com o de Madeline, exceto pelo fato de que ela tinha cabelos castanhos em vez de loiro claro e

ruivo. Ela era muito mais suave que a irmã e, uma vez atingido o ápice, passou de um orgasmo para outro. Ela também fazia tudo muito silenciosamente.

Então chegou a vez da mais nova, ainda mais tímida e reservada que as outras. Seu nome era Nadine, ela tinha apenas 32 anos e era realmente tímida e recatada. Tinha cabelos loiro-avermelhados e era a mais magra. Hesitou por um longo tempo antes de se despir e cobriu sua vergonha com a mão antes de se deitar. Ele adivinhou o motivo imediatamente: ela tinha um clitóris comprido, pendurado para fora da vagina. O clitóris reagiu ao seu toque e endureceu visivelmente. “Você tem um clitóris muito bonito e grande, Nadine, pode se orgulhar disso!” Ele percebeu que a tensão dela estava diminuindo e que ela estava se soltando enquanto a penetrava. Ela transava muito bem, como suas irmãs, e teve orgasmos repetidamente, até que ele ejaculou. Ela se foi em silêncio.

Amélie chegou de manhã. Ele a instruiu a sentar em seu colo e ler em voz alta. Sua mão deslizou por baixo de sua saia, suavemente pela parte interna de suas coxas até sua vagina. Ela nem sequer se mexeu; já havia lhe mostrado sua vagina no primeiro dia e ele a havia tocado e acariciado, levando-a quase ao orgasmo. Ele acariciou seu clitóris com muita delicadeza e suavidade. Depois de meia hora, ela encostou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos. “Por favor, me faça ter um orgasmo, por favor!” Ele a masturbou e a deixou ter um orgasmo suavemente.

Ele a pegou em um braço como se fosse um bebê e colocou uma perna sobre a mesa, de modo que a vagina dela ficasse à sua frente. Acariciou o clitóris dela repetidamente. “Ela te disse que queria que eu a transformasse em mulher?”, perguntou ele suavemente, e ela assentiu com um semblante sério. “A vovó não estava falando de outra coisa, ela queria me arranjar o melhor homem para isso!” Frank perguntou por que ela estava irritada. “Porque a vovó me dá ordens e não me pergunta o que eu quero! ‘Vamos, Amélie, mostre ao Senhor sua Michette’, e eu obedeço e levanto a saia. É isso que me irrita.”

Frank acariciou o clitóris dela bem devagar. “Eu não penso como ela, Amélie! Posso esperar até você estar pronta para perder a virgin-

dade. Não preciso fazer isso agora, tenho as três empregadas que adoram transar comigo à noite!” Amélie sorriu de repente. “E domingo, é quando você tem que transar com a avó, né?” Frank sorriu. “Acho que não tem como esconder nada de você, né?” Os dois riram. “Amanhã é domingo, você tem que transar com ela!” Ele acariciou o clitóris dela por um longo tempo, mas ela não queria mais ter um orgasmo. Depois de um tempo, ela se sentou e continuou lendo. Ele acariciou a vagina e o clitóris dela até o final da lição. Eles continuaram assim por semanas.

Na manhã de domingo, ele bateu à porta da baronesa assim que os sinos da igreja pararam de chamar os fiéis. Entrou no quarto. A baronesa estava deitada seminua na cama e havia largado o jornal. Seu camisã estava completamente desabotoado na frente, revelando seu corpo nu. Ela era bastante gorda e seus seios caídos pendiam para os lados. Ela tinha uma mão em seu Michette e um dedo em seu clitóris quando ele entrou. Ele viu seus pelos pubianos grisalhos e ralos, mas seu clitóris grande o fascinou; era rígido e maior que o de Nadine. Ele se aproximou e deixou cair seu roupão matinal.

Ela disse que lamperia o pau dele até ficar duro num instante, e assim o fez. Ela teve que chupar e lamper por um longo tempo até que ele estivesse completamente ereto. Ela olhou para cima e perguntou se deveria continuar lambendo e se ele preferia ejacular na boca dela, ela não se importaria. Frank recusou com agradecimento; ele preferia transar e ejacular num orifício do que numa boca. Ela assentiu compreensivamente e continuou lambendo o pau dele por mais um tempo até que ele estivesse completamente duro. Ela respirou fundo: “Penetre com cuidado, senhor, porque sou velha e minha vagina é muito estreita e muito, muito apertada!” Ele assentiu e penetrou bem devagar. Era realmente muito apertada, mesmo ela tendo se umedecido com saliva antes. Ele estava totalmente penetrado e ela assentiu: “Estou pronta, senhor!”, ela respirou fundo.

Ele não conseguia se lembrar se já havia transado com uma mulher tão velha. Tinha transado com algumas camponesas bem idosas na China, mas talvez não tão velhas quanto ela. O velho fazendeiro chinês disse que sua esposa não transava há vinte anos, mas a velha sibilou para o marido calar a boca e pensar bem se ele tinha certeza

de com quem ela costumava transar! Frank não pôde deixar de sorrir, porque as velhas chinesas estavam muito interessadas em transar com o rapaz.

Enfim, ele a penetrou devagar e usou sua força de forma controlada. Teve que transá-la por um bom tempo, ela até que se saiu bem, mas disse que nunca teve um orgasmo, que se masturbaria depois. Enquanto isso, ela tagarelava, e ele só ouvia com atenção. Ela contou como seu irmão havia tirado sua virgindade e a penetrado, e depois os outros dois irmãos também a penetraram brutalmente. Ela só ficou chocada na primeira vez que a penetraram, depois disso teve orgasmos tão bons que começou a gostar, mesmo que os irmãos a penetrassem brutalmente todas as vezes.

Ele assentiu distraidamente e continuou a penetrá-la pensativamente. A vagina apertada dela era muito prazerosa; ele fechou os olhos e esqueceu a idade real dela, 69 anos, como descobriu depois. Segurou os quadris e as nádegas dela com as duas mãos e aumentou o ritmo. Ela ficou em silêncio e ele percebeu pela respiração dela que ela havia atingido o ápice e estava indo cada vez mais longe, rumo ao orgasmo.

Ele não aguentou mais e ejaculou dentro dela. Ela já havia começado a se masturbar quando ele começou a ejacular e teve um orgasmo muito breve logo em seguida. Seu rosto se contorceu em uma careta horrível e enrugada enquanto ela continuava a se esfregar até o orgasmo. Só depois de um tempo de extrema tensão física, se contorcendo e se debatendo como se estivesse com dor, ela relaxou. Ele se endireitou, relutante em se deitar com ela. Vestiu seu roupão e foi para o quarto.

Amélie já o esperava, sorrindo: “Então, como é transar com a vovó?” Ele estava exausto e se jogou na cama. Amélie deitou-se ao lado dele e o abraçou, mas não fez mais perguntas e permaneceu em silêncio. Ele adormeceu e ela olhou curiosamente para o pênis dele, que estava para fora do roupão aberto. Mas ela não o tocou e adormeceu em seu peito.

As criadas voltaram da igreja e foram na ponta dos pés até a porta do quarto da baronesa. Nadine abriu a porta uma fresta e a fechou imediatamente. “Ela já está se tocando com força, chegamos tarde demais”, sussurrou. Elas se aproximaram da porta de Frank e Nadine a abriu uma fresta, as três fadas espiaram, e então Nadine a fechou novamente. Frank estava deitado de costas na cama, com o pênis meio ereto para fora do roupão. Amelie dormia sobre o peito dele, a saia levantada de forma que sua vagina e bunda ficassem visíveis. As três fadas desceram para seus aposentos e discutiram se Frank já havia transado com a garota. Elas não chegaram a um consenso; Madeline conseguia imaginar, Helena e Nadine não. “Vou perguntar a ele hoje à noite”, disse Madeline, porque era a vez dela naquela noite.

Frank e Amelie acordaram quase ao mesmo tempo. Ele puxou o vestido dela por cima da cabeça e tirou o roupão. Não, ele não queria transar com ela agora, murmurou. Ela só podia deitar nua sobre ele, se abraçaram e se beijaram com língua. Ela apalpou o pênis dele com curiosidade e teve que parar quando ele ficou completamente duro. Ela gemeu que o pênis dele era muito maior do que o de Pierre, o garoto vizinho com quem ela brincava de squirting e transava. Nunca entraria em seu pequeno orifício. Frank sorriu gentilmente: “Isso não será um problema quando você estiver pronta!” Ela encostou o rosto no peito dele; o abraço e os beijos nus eram incrivelmente lindos e excitantes. Por “pronta”, ele se referia ao calor e à excitação dentro de sua Michette?

Durante mais duas semanas, Amélie sentou-se no colo dele durante as aulas, deixando-o acariciá-la com carinho e depois masturbá-la. Somente nas manhãs de domingo, quando ele voltava de transar com a avó dela, ela o esperava nua na cama dele e eles se abraçavam, se aconchegavam e se beijavam até a hora do almoço.

Este domingo não foi exceção. Amélie já o esperava nua em sua cama, e eles se beijaram e se abraçaram, esfregando seus corpos nus um no outro. Ela estava terrivelmente ciumenta, ele percebeu, estava perdidamente apaixonada por ele. Ela estava irritada com a avó com quem ele tinha que transar todo domingo. Amélie costumava espiar quando o noivo ia até a velha senhora e transava com ela com força. O noivo passou por ela, sorrindo ironicamente, e ela continuou a es-

piar a avó, que se masturbava sem parar a manhã toda, atingindo o orgasmo com força e grande esforço. Frank ouvia em silêncio, porque Amélie estava realmente ciumenta e não deixava nenhum fio de cabelo na cabeça da baronesa. E o fato de ele ter uma das criadas na cama todas as noites também era ultrajante, coitadinha da Amélie!

De repente, ela disse que queria transar com ele agora. Imediatamente. Frank sorriu e disse que precisava se recuperar primeiro, transar com a velha baronesa estava lhe exigindo muito. “Espere até a tarde, aí podemos transar, ok?” Amélie assentiu desanimada, o calor em sua vagina estava incomodando-a. Mas eles já tinham conversado tanto sobre transar que ela entendia. Embora ainda não tivesse menstruado aos 15 anos, ele já a havia ensinado a usar o calendário há muito tempo. Ela seria cuidadosa, prometeu.

Depois do almoço, ela o seguiu até o quarto dele e deitou-se nua na cama. Eles se beijaram e se abraçaram, ambos excitados e prontos. Ela lambeu e chupou o pênis dele, completamente entregue. Ele a penetrou com força, o hímen dela rompeu completamente sem problemas e ela sorriu com lágrimas de alegria. Transaram por quase uma hora, Amélie teve um orgasmo com facilidade e sorriu radiante para ele. “Pode gozar dentro, Frank, hoje estamos seguros.” Após a transa, eles ofegavam e ela o cobriu com mil beijos de gratidão.

Ele ficou por mais três anos. A baronesa ainda queria transar com ele todo domingo de manhã, mesmo já tendo mais de 70 anos e sua vagina tendo encolhido ainda mais. As três irmãs vinham todas as noites, gostavam da transa dele, que não era tão brutal quanto a do cocheiro ou do rapaz do estábulo, ambos muito rústicos na cama. E Amélie transava com ele toda manhã, se o calendário permitisse; caso contrário, ela se deitava de pernas abertas na cama dele e eles se masturbavam com carinho. Foram anos lindos e tranquilos.

Frank frequentou diligentemente as universidades de Paris e lia muito nas bibliotecas. Sua memória eidética, quase fotográfica, era de grande ajuda. Ele não gostava de admitir, mas havia se tornado um polímata. A cada 20 ou 30 anos, mandava falsificar seus documentos em Londres para que ninguém pudesse adivinhar sua verdadeira idade. Seu lugar favorito era com os anatomistas que estuda-

vam a vulva feminina e a estrutura do clitóris. Os professores davam palestras, pediam a uma garota que se masturbasse nua no auditório e explicavam a masturbação e o orgasmo em detalhes. As garotas, em sua maioria, vinham de hospícios e não tinham medo de se masturbar em público e deixar que o professor e os alunos as tocassem. Sorrindo, elas chegavam ao orgasmo repetidas vezes. Quando o professor saía no final, gritava “pudenda libera”, que significava algo como “vagina livre!”, e os alunos cercavam a garota com deficiência intelectual como uma matilha de lobos e a penetravam, um após o outro. A garota com problemas mentais gritou de alegria ao ter um orgasmo; ela conseguia ter até cem orgasmos seguidos. A maioria das garotas nos hospitais psiquiátricos se masturbava o dia todo. Frank apenas observava, divertido; ele não queria participar.

Frank olhou para trás, para o século, com satisfação. Na França, ele pudera dar vazão aos seus desejos obscuros sem impedimentos, desvirginara dezenas de garotas e transara com muitas, muitas mulheres, incluindo várias da alta sociedade. Após a virada do século, observou os desdobramentos políticos com grande inquietação. Tudo caminhava para a guerra na Europa, e ele pensava incessantemente em onde poderia escapar dela.

Em 1912, ele viajou para a Suécia.

• • •

Na Suécia

Por Jack Faber © 2024

Frank apoiou os braços no parapeito do navio rumo a Estocolmo e ficou olhando para a água que passava. Será que ele havia considerado tudo? Amélie se casaria em breve, mas ela realmente queria que Frank tivesse um filho. A jovem de 19 anos estava grávida quando ele partiu. A baronesa deixou que ele a fodesse novamente com tanta força que ela perdeu a cabeça e o presenteou com uma bela quantia por ter feito um trabalho tão bom. Ele havia depositado seu ouro e prata em um grande banco francês que tinha boas conexões com os bancos suecos. Ele estava impressionado com a quantidade de dinheiro que havia acumulado ao longo dos anos; era uma fortuna considerável. Seu livro sobre a China vendeu bem; ele teve que revisar os capítulos sobre sexualidade na China com o rigoroso editor, mas pôde deixar tudo como estava, contanto que sua linguagem fosse moderada. Mesmo assim, ele conseguiu que todos os seus relatos sexuais fossem publicados de forma bastante autêntica. Foram justamente essas descrições picantes e reveladoras que fizeram do livro um best-seller.

Aprender sueco não seria difícil e ele se viraria bem com o inglês no início. Ainda não tinha emprego, embora tivesse anunciado vagas nos principais jornais. Já se conformara em ser chamado de cientista universal. Alugara um quarto em uma pensão no porto e dois quartos para ter espaço suficiente para estudar. A lâmpada elétrica, inventada recentemente, era excelente para ler na estação escura. Não, ele havia pensado em tudo, seus documentos estavam impecáveis.

A pequena pensão era agradável e acolhedora, com apenas três quartos no total, então ele era o único hóspede na maior parte do tempo. Ele optou pela pensão completa e não se arrependeu. A dona da pensão comprava peixe e frutos do mar frescos dos pescadores logo de manhã, o que ele apreciava muito. O nome da dona da pensão era Barbara e ela tinha 54 anos. Seu marido havia partido para o mar

dez anos antes e nunca mais voltou. Ela havia montado a pensão em sua casa e hospedava principalmente marinheiros.

Eles se paqueraram por dois dias. Barbara não se insinuava para qualquer um, mas era evidente o interesse que sentia por ele. Na segunda noite, ela entrou no quarto dele. Ele já estava na cama, nu, lendo, quando ela bateu. Sentou-se na cama, com a mão sobre o cobertor que cobria o colo dele. Falou do marido, de quem ainda sentia falta depois de tantos anos. Baixou os olhos, geralmente deixando apenas o dedo como amante. Muitas vezes, ela fazia aos homens o que fazia ao marido: sexo oral, masturbação e, muito raramente, transava com um marinheiro.

Barbara achou difícil julgá-lo. Ele era do tipo que gostava de uma massagem manual ou de sexo oral? Ele balançou a cabeça, agradecendo, sem interesse. Tinha apenas 32 anos e precisava de mais. Barbara assentiu, compreendendo depois de dar uma longa olhada por baixo das cobertas para ver seu pênis. Então saiu novamente, satisfeita por ele ter gostado de sua comida. Ela só entrou em seu quarto na quinta noite, depois de tomar banho e se perfumar. Bateu na porta e entrou. Deixou o roupão cair sem dizer uma palavra e deitou-se ao lado dele. Ele a observou. Seu rosto era severo, seus cabelos castanhos curtos tinham mechas prateadas. Ela era muito magra e parecia atlética, seus seios eram pequenos, assim como seus mamilos. Como muitas mulheres da época, ela aparava seus pelos pubianos grisalhos. Sua fenda pubiana era grande, surpreendentemente grande. Ele passou o braço em volta de seus ombros e eles conversaram sobre sexo, sexo e mais sexo. Ela havia comprado o livro sobre a China dele semanas atrás e queria perguntar o que uma ou duas passagens realmente escondiam. Acima de tudo, ela estava interessada em como Wei e Baihua faziam sexo clitoris com clitoris.

Ele disse que não sabia o nome verdadeiro de Baihua; Wei a chamava apenas de “Florzinha”, Baihua, e isso era muito apropriado. Ela era uma garota pequena, muito tímida, e adorava ser fodida por Mei. Mei a havia levado para transar com ele porque Baihua era infértil e Mei não queria engravidar. Florzinha se deixou foder submissa e devotamente durante todos aqueles anos, e ele adorava transar com ela porque amava garotas pequenas e tímidas mais do que qualquer coi-

sa. Com essas duas, ele viu duas mulheres transando, clitóris com clitóris, pela primeira vez. Ele se deitou ao lado delas para observar bem os dois clitóris. Mei, como Baihua, tinha apenas um clitóris pequeno, mas ele ficava rígido e duro quando ela estava excitada. Geralmente era Mei quem levava Baihua à loucura, raramente o contrário. Mas os orgasmos de Baihua eram realmente violentos e o excitavam tanto que ele se jogava no meio do orgasmo dela e a fodia de orgasmo em orgasmo. Mei sorriu enigmáticamente; ela amava Frank e ficava encantada quando ele conseguia foder sua namorada apaixonadamente. Ficou claro que Baihua não representava nenhuma ameaça para ela, porque a garota era lésbica de coração.

A Barbara era ótima. Ela sabia exatamente como chegar ao orgasmo e só às vezes precisava se masturbar com um dedo depois do sexo. Mas ela não escondia isso, era muito aberta sexualmente. Ela transava com ele todas as noites até ele ir embora depois de 5 meses. Ele tinha conseguido um bom emprego com um grande industrial, Wennerström, que morava como um príncipe em um palácio a poucos quilômetros de Estocolmo. Os Wennerström fabricavam armas, que vendiam para os países da Europa.

A esposa de Wennerström morreu pouco depois do nascimento da pequena Camilla, e ele continuou a viver como viúvo com sua irmã, Elli. Os irmãos tinham um caso desde muito jovens e não faziam segredo disso. Eram ricos e bem-sucedidos, então as regras eram diferentes. Mas o que era verdade para muitos casais de longa data também se aplicava a eles: ocasionalmente, traíam. Elli era a gerente comercial do império e fazia isso muito bem, mas não era uma boa mãe para Camilla. Camilla havia afastado vários tutores; a menina de 14 anos era uma criança rebelde, digamos assim. Elli fez a apresentação, estava elegantemente vestida e não flertou abertamente com o recém-chegado. Frank, no entanto, percebeu sua curiosidade e seu inegável interesse sexual por ele. Ela não se incomodou com o quão caro o polímata era. Ele olhou para seu quarto amplo e espaçoso e assentiu com satisfação.

Camilla estava decidida a terminar com ele, como fizera com os outros. Mas a garota alta e esbelta ficou muito impressionada com a segurança com que Frank lidava com Elli, sua madrasta; era notável.

O jovem inglês alto e musculoso era interessante, um homem sobre quem toda Paris falava. Talvez ele não fosse tão ruim assim, o novo? Ela ficou admirada com a leveza com que ele explorava seu conhecimento, quase em tom de conversa. Seu pai insistia muito para que Camilla aprendesse algo sobre química. Frank sorriu de forma desarmante ao admitir que não sabia muito sobre o assunto. Mas, mesmo assim, descobriu-se que ele sabia muito mais sobre química do que Camilla, que praticamente crescera com ela. Ela sorriu; o homem era interessante e incrivelmente bonito. Elli perguntou se ele era parente de um certo Butterill, que escrevera um livro profundo sobre a China. Ele confirmou com um sorriso que era o mesmo homem. Elli permaneceu pensativa em silêncio; aquilo era uma grande surpresa.

Camilla cruzou as longas pernas e encontrou o olhar de Frank. Ela ainda não estava totalmente desperta sexualmente, mas reconheceu a situação instintivamente. Sua saia curta chegava aos joelhos e ela hesitou, deixando as pernas se afastarem um pouco. Sim, agora ela tinha certeza. Frank estava claramente interessado e encarava sua vagina depilada. Milhares de pensamentos giravam na cabeça de Camilla. O que ela queria? Será que ela realmente queria aquilo? Era ele o homem para quem ela queria entregar sua virgindade, o homem com quem ela queria transar? Elli, irritada, percebeu a artimanha de Camilla e iniciou um novo assunto.

Sim, ele estava hospedado na pensão da Barbara, perto do porto. Ela foi ainda mais direta e ele admitiu sem hesitar. Barbara vinha transar com ele todas as noites e gostava muito de transar com paixão. Elli não insistiu no assunto, só queria tirar Camilla do seu devaneio, e conseguiu. Camilla apertou as coxas. Elli se perguntou o que havia de tão especial naquele cara que a fazia sentir algo parecido com ciúmes?

Uma semana depois, Frank mudou-se para a ilha de Weners-tröm, para o palácio. Suas aulas começaram na manhã seguinte. Camilla sentou-se à sua frente, exibindo sua vagina nua de vez em quando. Ele a fez sentar em seu colo, de costas para ele, e leram o livro didático juntos. Ela permitiu que a mão dele tocasse e acariciasse seus joelhos. Ela também permitiu que a mão dele deslizasse, de for-

ma excitante, sobre a parte interna de suas coxas. Fizeram isso por dois dias, sem pressa alguma.

Mas Camilla começou a falar sobre sexo logo no primeiro dia. Camilla não tinha receio nenhum, pelo contrário, começou a gostar muito do seu professor. No decorrer das conversas, contou-lhe que às vezes se masturbava, mas não com muita frequência, talvez uma vez por semana. Era tudo o que precisava, dizia. Ela sempre tomava banho nua na praia privada da ilha particular. Com rapazes, claro, mas nunca deixava que a penetrassem, todos respeitavam isso. Claro que ela tinha aprendido a masturbar pênis, não havia nada de errado nisso, todas as garotas faziam. A maioria das garotas que ela conhecia fazia um alarde terrivelmente romântico sobre isso, mas ela não conseguia, não queria. Os rapazes eram amigos e camaradas, sim, mas não para se apaixonar! Sim, ela masturbava os camaradas completamente despreocupada, quase em público, mesmo que não houvesse mais ninguém lá além deles na praia. Mas libertar os amigos da pressão sexual e deixá-los ejacular no mar ou na areia não era sexo, era?

Frank concordou com ela, aquilo não era sexo. Sexo, aquilo era transar. E ela nunca tinha transado antes, sim, ele deveria apenas apalpá-la, ela ainda tinha o hímen. Ele apalpou o hímen dela para confirmar. Ela sabia tudo sobre sexo, desde a desvirginização até a própria transa, teoricamente, é claro. E quando ela ficasse tão grande quanto as garotas maiores, é claro que ela transaria como elas também. E quando menstruasse, usaria contraceptivo com o calendário, todas as garotas faziam isso ali. Ele ficaria feliz em explicar o calendário para ela se ela quisesse, disse Frank. Camilla disse como era bom quando ele acariciava a parte interna de suas coxas e sua vagina, ele também podia tocar e acariciar seu clitóris se quisesse. Ela sabia, por experiência própria com masturbação, como era bom brincar com o clitóris. É claro que ele imediatamente acariciou seu clitóris e não estava preparado para a próxima pergunta dela.

Ele já havia tirado a virgindade de uma colegial antes? Ficou surpreso a princípio, mas respondeu honestamente. Sim, claro, se surtisse a oportunidade e se a garota quisesse. Afinal, um relacionamento próximo frequentemente se desenvolvia entre os dois, e então era

completamente natural e parecia certo. Houve muitas? Sim, disse ele sinceramente. Camilla pensou em silêncio por um longo tempo e voltou ao assunto do sexo em geral. Era um absurdo, claro, que apenas casais casados transassem, como o pastor havia dito em seu sermão de domingo. Afinal, ela não era mais uma criança e acreditava no que via. Ela mesma tinha visto a cozinheira francesa entrando e saindo sorrateiramente do quarto de Frank à noite. Não viu?

O ciúme latente de Camilla era inegável. Ele deu de ombros; não achava prazeroso se masturbar, preferia transar. E não havia nada de sério na pequena cozinheira francesa, era só sexo! Homem e mulher queriam transar, ambos queriam um orgasmo. Era completamente natural, afinal, era a natureza. Sardinhas não voavam pelo ar e pardais não nadavam no mar. Cada um fazia o que a natureza lhe havia reservado. O pastor não podia mudar isso.

Camilla interveio. Se uma garota fizesse isso com outra garota, isso também seria natural? Frank percebeu a armadilha antes mesmo que ela terminasse de falar. A maioria das pessoas experimenta sua sexualidade quando jovem, é da natureza humana. Os garotos experimentam o que mais gostam, transando com a garota mais nova, com a mulher mais velha ou com o amigo. As garotas também, transam com o garoto, com o homem mais velho ou com a melhor amiga. Todas descobrem “o que é seu”. Algumas pessoas são homossexuais a vida toda, os gays e as lésbicas. A sociedade condena ambos porque não entende, porque são minorias e porque o mal, a maldade, está profundamente enraizado na natureza humana. Sempre tem que haver alguém para oprimir. “É assim que eu entendo a guerra, porque é a única maneira que faz sentido”, disse Frank. Camilla pensou em silêncio. “Nunca pensei nisso dessa forma, Frank”, disse Camilla. “Fiquei tão envergonhada todos esses anos porque me masturbava com minhas melhores amigas enquanto nos abraçávamos, nos roçávamos e nos beijávamos de língua, ou uma masturbava a outra. Eu sempre tive medo de ser ou me tornar lésbica, de me infectar, por assim dizer. Quantas horas excitada passei com elas, quantas vezes chorei no travesseiro à noite! E aí você vem e me explica como eu era estúpida, como tudo isso é normal e natural!” Frank percebeu o quanto ela estava chateada e a abraçou. “É a sociedade que está errada, que condena o natural e esmaga a cabeça das pessoas comuns, querida Ca-

milla!” Ele contou a ela o quanto estava preocupado com a próxima guerra.

Camilla repetia como gostava do carinho em seu clitóris. “Às vezes, quando você acaricia meu clitóris por um longo tempo, eu desejo, com desejo, que você me levasse ao orgasmo, mas esses provavelmente são pensamentos muito bobos e infantis!” Esse foi o ponto de partida. Agora, ele masturbava Camilla pelo menos uma vez todas as manhãs e pelo menos mais uma vez à tarde. Ela queria ter orgasmos, muitos e com frequência! Ela se recostava em seu peito, estendia a mão para trás e acariciava seus cabelos enquanto silenciosamente se aproximava do orgasmo. Depois, eles estudavam com muita atenção. As pessoas no laboratório de química ficaram impressionadas quando os dois entraram de mãos dadas e realizaram seus experimentos sob o olhar crítico dos químicos experientes.

À noite, depois da transa, o pai Wennerström perguntou à irmã se eles estavam transando. Ela se levantou e vestiu sua capa de seda. “Vou descobrir agora mesmo, Uwe!”

Frank entrou em seu quarto à noite. Não era a doce cozinheira francesa que o esperava nua em sua cama. Ele olhou para o tecido de seda estendido no chão, pegou-o e o dobrou cuidadosamente sobre suas roupas antes de se deitar nu, como se fosse perfeitamente normal que a patroa estivesse nua em sua cama. Ela ficou em silêncio por um longo tempo. “Acabei de transar com Uwe e me pergunto se você está transando com Camilla, querido Frank!” Ele afastou o cobertor e deixou sua mão deslizar sobre o corpo dela. “Não, Madame, não estou transando com Camilla, estou transando com a pequena francesa da cozinha.” Ela estremeceu levemente com seu toque. “Veja, Madame Elli, sua filha é intocada e virgem, minha palavra de honra!” Ela assentiu: “Acreditarei em você de bom grado, Mestre Frank, mas perguntarei a ela amanhã no café da manhã. Não quis insinuar nada, só queria uma resposta honesta.”

Ela tocou no pênis dele, apertando-o com força. “Posso colocá-lo na minha boca antes de transarmos?”, perguntou timidamente, já que não transava com ninguém além do irmão com frequência. Ele assentiu e apreciou a delicadeza com que a língua e os lábios dela

lambiam seu pênis. Ela sentou-se em suas coxas, inseriu o pênis dele e o cavalgou. Ela era muito boa nisso, ele tinha que admitir. Pouco antes de ejacular, ele a virou de costas e a penetrou. Ela chegou ao ápice e ficou toda excitada, e quando percebeu, pelas estocadas dele, que ele estava prestes a ejacular, rapidamente se masturbou até atingir o orgasmo. Deitaram-se um ao lado do outro, respirando pesadamente, e ela contou tudo para ele. Bem, parte de tudo.

Ela só tinha um irmão, nenhuma irmã. Naquela época, eles exploravam seus genitais com curiosidade infantil e aprenderam a se masturbar mutuamente. Quando a tia e o tio passavam a noite com eles, os espionavam e tentavam transar na mesma noite. Ele se casou e teve uma filha, Camilla. Sua esposa morreu semanas depois e ela foi morar com ele, e eles criaram Camilla como se fosse sua filha. Eles viviam como um casal casado e era só isso. Frank ergueu uma sobancelha. “E só isso?” Ela assentiu; às vezes ele a traía, outras vezes ela. Ela tinha muitos casos lésbicos, disse Elli após uma longa hesitação. Ela ficou vermelha como um pimentão e saiu rapidamente. A pequena francesa esperou sentada no patamar da escada até que a amante saísse do quarto dele. Isso logo se tornou rotina, já que Elli vinha a cada três noites, depois de transar com Uwe, para transar com Frank. A última a vir era a adorável garotinha francesa.

O ciúme de Camilla aumentou ainda mais. Ela disse em tom de reprovação: “Você não está transando só com a francesa, está transando com a mamãe também, seu traidor!” Ela sibilou e sorriu de volta: “Não, você não é um traidor, você é um doce delicioso que todo mundo quer dar uma mordidinha!” Os dois riram e ela disse: “É natural, está na natureza das coisas, que todos comam o doce!”

Na próxima vez que ele masturbou Camilla, em vez de enfiar a mão no cabelo dele como antes, ela enfiou a mão na cintura dele e agarrou o pênis. “Quer um lanchinho também, um pouquinho!”, ela riu, e ele ainda não tinha ejaculado; ele precisava naquela noite porque uma ou duas mulheres estavam deitadas com ele. Eles ainda aprenderam muito; Camilla completou 15 anos e agora estava tão grande quanto Elli, e seus pais comemoraram a filha inteligente e estudiosa. Frank não tinha um presente para ela, mas a abraçou e a beijou nos lábios.

No dia seguinte, ela o abraçou antes de estudar. “Tenho 15 anos agora”, disse ela, e ele assentiu; isso também tinha acontecido ontem. Claro que ele sabia o que ela queria dizer, mas ela deveria falar, dizer logo. Sentou-se no sofá, não à mesa. “Você já tirou a virgindade de algumas de suas alunas”, disse ela, com as bochechas coradas. “Sim”, respondeu ele, “bastante, na verdade! Pelo menos todas as que ainda eram virgens!” Ela empalideceu um pouco. “Eu também ainda sou virgem, Frank”, sussurrou baixinho e acrescentou quase inaudivelmente: “Por favor, Frank, por favor!” Ele sorriu e lhe deu um beijo. “Você gosta de transar comigo, entendi direito?”, e Camilla assentiu com os olhos baixos. “Você é o homem mais doce que conheço”, acrescentou ela, “você é o homem para quem eu quero entregar minha virgindade!” Ele assentiu com os olhos marejados, a abraçou e a beijou mais uma vez.

Sem dizer uma palavra, ele a deitou de costas e levantou sua saia. Olharam-se profundamente nos olhos e Camilla assentiu com entusiasmo. Ele percebeu sua seriedade e assentiu também; o pacto estava selado. Penetrou-a com infinita consideração, mas ela soltou um gemido baixo quando seu hímen se rompeu. Penetrou-a até o fim e a abraçou antes de começar a transar. Transou-a apenas brevemente e ela atingiu o ápice com a estimulação do clitóris, sorrindo. Ele a penetrou com força e ela teve um orgasmo, muito fácil, apenas com breves espasmos. Ela levou a mão ao pênis dele enquanto ele ejaculava.

Eles transavam todas as manhãs e às vezes também depois do almoço. Era um desafio físico transar com Camilla, Elli e, finalmente, com a doce francesa Marie. Marie havia lhe contado que seu pai lhe tirara a virgindade aos 13 anos, na cama de casal, ao lado de sua mãe apavorada. Ele a fodeu até ela completar 22 anos, quando conseguiu seu primeiro emprego fora da aldeia. Ela aprendeu a gostar de transar logo após a defloração; seu pai era muito sensível e a ensinou a cuidar do próprio orgasmo. Sua mãe, que sempre ficava completamente apavorada ao ser fodida por ele, era incapaz de atingir o orgasmo durante o ato e começava a se masturbar toda vez que ele a penetrava. Na maioria das vezes, ela já tinha tido um segundo orgasmo quando ele ejaculava. Ela frequentemente continuava a se masturbar enquanto ele fodia Marie, com os olhos arregalados de medo,

até que ele e Marie terminassem. Ela nunca descobriu por que sua mãe estava sempre tão assustada, tanto durante o sexo quanto na hora da masturbação.

Camilla menstruou pela primeira vez aos 19 anos e Frank a incentivou a acompanhar Elli a todas as festas e bailes. Para ela, seria muito mais sensato escolher o próprio marido e não se casar por razões táticas ou estratégicas, embora esse fosse o costume na época. Mas ele a criou para ser muito independente e esperava que ela fosse. Ela foi avançando com cautela e transou com os caras interessantes como um teste. Era muito crítica na hora do sexo e conversava com Frank sobre a noite pela manhã. Transou com ele mais do que nunca porque sabia que ele iria embora em breve. Ele foi ao casamento dela um ano depois, pois ela realmente queria que ele fosse. Na noite de núpcias, quando o marido bêbado adormeceu depois de transar com ela, ela o chamou. Ele teve que transar com ela duas vezes com muita força e ejacular fundo nas duas vezes. Segundo o calendário, era a melhor noite para engravidar, ela sussurrou em seu ouvido. “Por favor, me faça um bebê, por favor, por favor!”, ela sussurrou, e essa foi a última coisa que ele ouviu dela. Nove meses depois, ela teve um lindo filho, Frank. Ele nunca perguntou se era o pai.

Os Wennerström o haviam recomendado muito. Uma menina de 13 anos da extensa família real dos Bernadotte precisava de um tutor. Elli Wennerström convenceu sua amiga Cäcilie de que Frank, como um polímata famoso, era o homem certo para sua filha, mas também para a própria Cäcilie. Elli descreveu o sexo com ele nos termos mais elogiosos e com entusiasmo. A princesa Cäcilie o recebeu com grande curiosidade, mas a pompa e a formalidade da casa real o incomodaram tanto a princípio que ele quis voltar imediatamente. Mas seu afeto pelos amigáveis Wennerström não permitiu tal grosseria. Ele aumentou seu salário descaradamente na esperança de que certamente não seria aceito.

A princesa, no entanto, era uma pessoa simpática e cativante. Tinha 38 anos e era bastante rica; não pestanejou quando ele mencionou suas expectativas salariais. Era muito bonita e um pouco rechonchuda, mas havia levantado a saia curta acima dos joelhos, deixando-o ver sua virilha depilada. Não, não casualmente, não sem querer. De

jeito nenhum. E implorou por sua indulgência, dizendo que apenas o belo e aconchegante quarto principesco com lareira de mármore ao lado do seu quarto estava disponível, mas que tinha banheiro privativo.

A conversa, com uma visão clara de sua linda e adorável vagina, girava em torno de lições e todas as formalidades. Ele disse que sempre jantava com os criados para evitar os banquetes formais e escolher um para a noite quando estivesse flertando. Ela se enrijeceu por um instante e prometeu não o entediar com banquetes. E, claro, ele poderia escolher quem quisesse entre as belas criadas; ela ficaria feliz em providenciar qualquer uma para fazer o que ele mandasse, as criadas eram quase servas, disse ela maliciosamente. Frank sabia que tinha se metido na encrenca errada. A princesa se inclinou para a frente, oferecendo-lhe uma visão de seus seios fartos e perfeitos. “Elli me disse que você prefere mulheres depiladas”, sussurrou ela suavemente, “eu depilei esta manhã especialmente para despertar seu interesse.”

Ela se endireitou e Frank percebeu o quão errado havia sido ao abordar o assunto. “Mas se você quer as criadas peludas...” Frank não a deixou terminar. “De jeito nenhum, princesa, de jeito nenhum!” Ele a encarou com firmeza. “Sua Graça, o Príncipe?” perguntou sem concluir a frase. Ela sorriu como a Esfinge. O Príncipe não era mais o mais jovem e muito fraco nesse ponto específico, disse ela indiferentemente, como se estivessem falando do tempo. Ele passava o dia inteiro no parlamento e isso o estava cansando. Ele se contentava se ela o fizesse feliz uma vez por semana e, fora isso, lhe dava carta branca; ela era 40 anos mais jovem que seu mestre de 78 anos. Ela esperava que Frank cuidasse e regasse sua florzinha com o mesmo carinho que dedicava a Elli, mas não apenas a cada poucos dias, e sim com muito mais frequência, talvez todos os dias? “Elli? Que Elli?”, mas ela apenas sorriu.

Ele ficou ainda mais surpreso com o que ouviu em seguida. Elli havia lhe contado como tirara a virgindade de Camilla com cuidado e delicadeza, introduzindo-a à arte do amor. A princesa queria o melhor para sua única filha; ela não deveria entregar sua virgindade nos estábulos ou em um celeiro escondido, nem ser violentada pelos cria-

dos. Ela sabia, disse a princesa, o quão antiquado e elitista isso era, mas ficaria feliz se Jenna não sofresse um destino pior que o de Camilla. Ela estava colocando a felicidade de sua única filha nas mãos dele. Ele a olhou com curiosidade. Ela sabia o que estava dizendo? Estava lúcida ou com a mente confusa pelo licor que bebia? Perguntou, droga, a primeira vez que ouvia um pedido tão claro.

A princesa estava perfeitamente lúcida e manteve-se firme em sua decisão, falando sério. Ela lhe contou que, aos 17 anos, não sabia absolutamente nada sobre sexualidade quando se casou com o filho do príncipe. Foi um casamento arranjado; ela veio direto do convento mais rigoroso para a cerimônia. Aos 17 anos, ela nunca tinha visto um homem nu ou um pênis, nunca havia se tocado, nem sabia nada sobre masturbação feminina. Ela só havia lido muitas coisas espirituais e filosóficas sobre casamento e vivia em um mundo de fantasias vagas e irreais.

O jovem príncipe era um homem muito inteligente e sensível. Ele simplesmente deitou-se ao lado dela durante a primeira semana e explicou-lhe tudo com sinceridade. Depois de uma semana, ela estava pronta; ele a desvirginou com muita delicadeza e ternura e a ensinou a fazer sexo. Ele era um bom e paciente professor e, após três meses, ela teve seu primeiro orgasmo, e depois disso, todas as noites, porque o belo e jovem oficial dragão era um excelente amante. Infelizmente, ele morreu em um acidente a cavalo no quarto ano de namoro e seu pai, também viúvo, casou-se com ela imediatamente.

Frank era bom em aritmética mental; o jovem príncipe não podia ser o pai de Jenna, murmurou ele. A princesa corou. Sim, ele não era o pai, nem o príncipe; ele já estava fraco de desejo e não conseguia mais ter uma ereção. Ela o satisfazia apenas com a boca, ele ficava satisfeito e ela não se importava. O príncipe já a havia liberado de seu voto de fidelidade antes do casamento e, desde então, ela vinha transando com todos os nobres da Europa com grande prazer. E não, ela não sabia quem era o verdadeiro pai de Jenna; podia ser o próprio rei, o rei da Noruega ou qualquer um dos príncipes do país.

Ela cumpriu sua promessa de não se deitar com plebeus. Deitou-se com muitos nobres estrangeiros, mas sentia que a maioria deles

não chegava nem perto de seu primeiro marido. Muitas vezes se arrependeu de sua promessa, pois sabia que muitos pretendentes tinham mais a oferecer do que um rei ou um duque.

Frank assentiu com a cabeça. “Eu ouvi você, Princesa! Jenna não ficará na ignorância como ficou no convento. Ele é esclarecido e moderno em suas ideias e fará o possível para criar Jenna e torná-la uma mulher educada e moderna, assim como Camilla. Uma grande honra vinda de um cavaleiro inglês.” A princesa tinha os olhos marejados e o abraçou espontaneamente. Eles estavam carinhosos. Ele já havia arrumado as malas em Wenersholm e a princesa estava ao telefone com Elli havia meia hora, tempo suficiente para que sua bagagem chegasse.

Ele não se decepcionou. O príncipe cansado apenas o cumprimentou brevemente e partiu em dois minutos. A princesa Cecília sussurrou-lhe que chegaria em uma hora. Ele ainda lia quando Cecília entrou vestindo apenas uma camisola. A peça esvoaçava até o chão. A princesa era muito mais esbelta pessoalmente do que em suas elegantes roupas. Ela tinha seios fartos e bonitos, com mamilos grandes e escuros. Sua vagina estava, como já se havia visto, depilada, revelando um vislumbre de sua bela intimidade. Frank, que estava deitado na cama, largou o livro e tirou a camisa. Cecília aconchegou-se a ele e pegou em seu pênis. Ela sabia exatamente o que fazer com a boca, os lábios e a língua para deixá-lo excitado num instante. Ela o beijou maravilhosamente e excitantemente, agora ditando o ritmo. Ela queria ser fodida em diferentes posições, de frente, por trás e também de lado, como as velhas chinesas. Ela fez todas as posições até atingir o orgasmo. Ela tinha orgasmos maravilhosos rapidamente e sempre precisava recuperar o fôlego antes de passar para a próxima posição. A cada vez, ela cuidava da ereção dele novamente e levava o corajoso rapaz à boca. Ela era melhor com a boca do que quase qualquer outra pessoa antes, e ele agora podia imaginar que ela poderia fazer até mesmo o velho príncipe fraco de virilidade feliz. Cécilia perguntou como ele preferia ejacular e assentiu em concordância quando ele disse de frente, estilo soldado. Ele transou com a mulher maravilhosa em sua posição favorita, aumentando o ritmo enquanto a observava correr para o orgasmo. Ela o abraçou e se agarrou a ele enquanto o orgasmo a invadia e ele gozava ao mesmo tempo. Ela acari-

ciou o rosto dele até que ele terminasse de gozar e se afundou ao lado dela, sem fôlego. Ela beijou e acariciou o rosto dele, “oh, Frank, transar com você é realmente um prazer! Melhor do que Elli jamais descreveu!” Ele respirou fundo, “E você, Cäcilia, você sabe como dar orgasmos como ninguém!”

Ela contou-lhe sobre as noites extremamente pecaminosas de 14 anos atrás com o herdeiro do trono norueguês, que desde então se tornou rei. Ela achava que ele era o pai de Jenna; para ela, era muito plausível devido à data e ao seu estado de espírito durante aquelas quatro noites, em que teve um orgasmo atrás do outro e o deixou ejacular dentro dela com avidez, como se estivesse louca. Frank disse que quase nenhuma mulher seria capaz de sentir o momento exato da sua ovulação, algo que já havia sido comprovado cientificamente. Muito mais importante era a sua sensação de que era ele. A ciência não tinha uma resposta definitiva, mas muitos cientistas sérios acreditavam que a mãe, de alguma forma, conseguia pressentir. Ela descreveu-lhe as noites loucas com o norueguês de ombros largos e, sim, ela acreditava que era ele.

Cäcilia olhou para o relógio de parede. Rapidamente vestiu a camisola e disse-lhe que chamara seu melhor cavalo dos estábulos principescos porque Elli dissera que adorava uma criada como sobremesa. Saiu apressada e cochichou por um minuto com a moça, que entrou vestindo uma camisola grosseira. Aproximou-se da cama com um sorriso e deixou a camisola cair. Era esbelta, de porte atlético e muito bonita. Seu nome era Ena, disse ela com um sorriso, ela fora vendida da Finlândia e pertencia à senhora. “Farei tudo o que o senhor quiser, Sir Frank, nós, as moças, vimos o senhor chegar e todas nós, sem exceção, suspiramos de felicidade. Secretamente, todas sabíamos que a Princesa Cecilia não nos negligenciaria, ela nunca o faz.”

Ele a deixou deitar-se ao seu lado e acariciou seu belo corpo. Seus seios, porém, não eram majestosos, e a penugem loira-branca sobre sua vulva o fascinava, assim como seus cabelos loiro-brancos, que caíam lisos sobre os ombros como espaguete. Ela tinha cílios longos e brancos como a neve e olhos avermelhados brilhantes; era albina. Ela se contraiu levemente quando ele passou a palma da mão sobre

seus pelos pubianos loiro-brancos. Seu clitóris de repente surgiu um pouco em sua vulva e se contraiu a cada movimento de sua mão. “Eu também tenho orgasmos assim às vezes, senhor!”, sussurrou ela, “sempre achei estranho.” Ela tinha 24 anos e era autorizada a se revezar com as outras jovens escolhidas pela patroa para transar apenas com os homens que a patroa lhe dava. As moças menos bonitas ou mais velhas podiam transar com os criados, os rapazes dos estábulos ou os jardineiros; a patroa prestava muita atenção às suas instruções a esse respeito. A violação era punida com demissão imediata e Ena nunca tinha passado por isso; todas seguiam as instruções da patroa.

Ena acariciou o pênis dele: “Posso colocá-lo na minha boca e deixá-lo duro, Senhor Frank?”, e ele assentiu. A finlandesa lambeu e chupou seu pênis até deixá-lo duro, e então ele a penetrou pela frente. Ele perguntou a ela qual era a posição preferida, e ela respondeu: “Do jeito que o senhor gosta, Senhor! Não tenho uma posição favorita, Senhor! Não tenho orgasmo durante a penetração, mas se o senhor permitir, posso me masturbar enquanto o senhor ejacula!”. Frank assentiu; para ele, estava tudo bem. Ela penetrou com muita graça e se masturbou por um bom tempo antes que ele ejaculasse. Ela atingiu o ápice do prazer e seu dedo lhe proporcionou vários orgasmos em rápida sucessão, parando apenas quando ele terminou de ejacular. Ele ficou deitado ofegante ao lado de Ena até que sua respiração se acalmou. Perguntou se outra garota viria no dia seguinte e se elas se revezariam. Ela disse que sim, que se ele não pedisse uma garota específica, outra viria. E que elas avisariam a patroa quando quisessem transar ou não, pois nenhuma delas queria engravidar. Ela saiu silenciosamente e ele adormeceu.

No dia seguinte, Jenna entrou no quarto dele pela manhã, onde as aulas aconteciam. Ela era uma garota alta e de porte atlético, que aparentava ter mais de 15 anos do que 13, embora completasse 14 em duas semanas. Sentou-se no colo dele de costas, sem que ele pedisse. “Mamãe disse para sentar assim e confiar em você, você sabe como é.” Frank ficou surpreso, mas Cécilia certamente havia conversado com Elli ou Camilla, por isso. Ele abriu o livro sobre a mesa e a deixou ler em voz alta. Ela se encolheu um pouco quando ele tocou seus joelhos com a mão, mas logo relaxou. Leu hesitante enquanto a mão

dele deslizava pela parte interna de sua coxa. Abriu as pernas ligeiramente e tentou continuar a leitura. Quando ele tocou sua vagina, ela se calou e fechou os olhos. Ele perguntou o que sua mãe havia lhe dito sobre aquilo. Ela só respondeu depois de um tempo. “Você vai me tocar e eu tenho que deixar. Você vai tirar minha virgindade e me transformar em mulher, e eu também terei que deixar você fazer isso. Você vai me ensinar a transar como adultos e eu devo deixar você me foder quantas vezes quiser, Sir Frank!” Ela ficou em silêncio, apavorada, e ele acariciou suas coxas, tentando confortá-la. Virou-a para que ficasse de frente para ele e acariciou suas costas ossudas, também de forma reconfortante.

“Agora, bem devagar, minha querida, bem devagar e com calma. Vou te chamar de Jenna e você é minha aluna por enquanto. Pode me chamar de Frank, sem formalidades, sem frescuras, sou seu professor e quero ser seu amigo. Em segundo lugar, eu gosto de te tocar, mas só se você permitir. Quando formos bons amigos, você pode me dizer se quer me dar sua virgindade, e só se você quiser. E se você gostar, e só então, podemos transar se você quiser, nem um dia antes. Quero saber e ouvir tudo de você para que eu possa te conhecer muito bem e me tornar seu amigo. Tudo bem para você, ou tem mais alguma coisa que você queira saber?” Ela balançou a cabeça. “Não, Frank, na verdade eu também quero ser sua namorada. Talvez a gente faça tudo exatamente como você disse.” Ela já tinha mais de 14 anos, ele percebeu, e o olhou com sabedoria e confiança.

Ele a questionou, gentilmente e sem curiosidade. Ela assentiu; ela se masturbava todas as noites antes de dormir, algo que aprendera na infância. Ela sempre se masturbava até o orgasmo, o que adorava, e adormecia imediatamente depois. Costumava se masturbar junto com as amigas ou elas se masturbavam mutuamente. Então, ela começou a brincar cada vez mais com os meninos; eles se escondiam e ela aprendeu a masturbá-los e a fazer com que seus pênis ejaculassem, o que ela achava incrivelmente bom e excitante. Um menino com um pênis muito pequeno e fino foi autorizado a penetrá-la de verdade pela primeira vez. Seu pênis passou pelo orifício do hímen dela e ele a penetrou como tinham visto os adultos fazerem, e ejaculou dentro dela. Todos ficaram em círculo assistindo; ela foi a primeira garota a ser penetrada, o que a tornou a rainha do grupo. De-

pois que juraram não romper seu hímen, ela se deixou penetrar por um após o outro. Os que tinham os pênis maiores só podiam penetrá-la até o hímen e ejacular pelo orifício. Ela verificava todas as noites com um pequeno espelho se seu hímen estava intacto. Elas continuaram fazendo isso até hoje sem que nenhum adulto suspeitasse de nada.

Frank ouviu tudo com espanto e a elogiou por explorar a sexualidade com tanta coragem. Ele provavelmente não tinha nada de novo para lhe ensinar, exagerou. Jenna gaguejou um pouco. “Eu te espiei ontem quando a mamãe veio aqui para transar com você. Infelizmente, não consegui ver nada e, sinceramente, não entendi o que você estava murmurando! Depois, quando a moça de cabelos brancos entrou no seu quarto, eu saí e fiquei imaginando tudo enquanto me masturbava até dormir. Você me perdoa, Frank? Prometo que não vou mais te espionar!” Frank sorriu e riu. “Não importa, você só está curiosa, isso é normal. E é verdade, eu transei com a sua mãe e depois com a moça da Finlândia, o nome dela é Ena. Mas transar com a sua mãe é muito melhor, posso te garantir!” Ela o olhou com os olhos arregalados. “E... você não está bravo comigo, Frank?” “Mas como assim?”, exclamou ele. “Agora, minha amiguinha, agora precisamos continuar com a leitura. — Posso te dar umas carícias no clitóris enquanto você lê?” Ela olhou para ele com os olhos arregalados. “Para chegar ao orgasmo?”, perguntou ela, hesitante, e ele assentiu gentilmente. “Claro, se você gostar, me diga!” Ela assentiu, tudo bem!

Ela continuou lendo de costas para ele, ele apalpou seu clitóris e ela abriu as pernas de bom grado. Ele a masturbou com muita delicadeza e suavidade. Ela parou de ler e deitou a cabeça em seu peito, fechou os olhos e suas coxas começaram a tremer. “Sim, por favor! Continue, Frank, como minhas namoradas faziam!” Ele continuou a masturbá-la suavemente até que suas coxas se contraíram e tremaram involuntariamente. Ela jogou a cabeça para trás e para frente em êxtase e fechou as pernas. Ele a deixou se acalmar e sussurrou por trás que estava ótimo, e ela assentiu ansiosamente. Eles continuaram a estudar diligentemente; ela queria três ou quatro orgasmos por dia, e ele a satisfazia durante toda a semana. Ela gostava cada vez mais dele, tinha muita confiança nele e logo se apaixonou por seu professor. No final da semana, ela disse que queria transar com ele de ver-

dade e lhe dar sua virgindade. Ele disse: “Vamos fazer isso daqui a alguns dias?” Ela corou profundamente e finalmente assentiu em concordância.

Ele abraçou Jenna pela manhã, beijou seus cabelos e sussurrou em seu ouvido que era a hora. Ela era alta como ele, e ele a deitou delicadamente de costas no sofá. Ela tirou a saia e abriu as pernas de bom grado. Ele se deitou suavemente sobre ela e a penetrou até o hímen. Eles se olharam nos olhos por um longo tempo, e ela assentiu com um gesto de convite e determinação. Ele penetrou muito lentamente, saboreando o momento em que seu hímen se rompeu. Ela abriu bem os olhos e algumas lágrimas de alegria escorreram por suas bochechas. “Agora eu sou uma mulher de verdade”, ela sussurrou, “uma mulher de verdade!” Ele a fodeu por um longo, longo tempo; ela teve um orgasmo violento e ele ejaculou no meio do orgasmo dela. Ela acariciou a cabeça dele e continuou a beijá-lo nos lábios. “Obrigada, Frank, nunca vou esquecer este lindo momento!” Ele assentiu cansado. Seu vício obscuro estava satisfeito; ele havia desvirginado outra virgem. Foi um momento especial para ele também.

Jenna se esforçou muito e estudou diligentemente. Eles transavam todas as manhãs antes de estudar, mas ela continuava a sentar no colo dele e deixá-lo masturbá-la várias vezes ao dia. Ela adorava deitar a cabeça no peito dele e se entregar ao orgasmo de olhos fechados. Ela nunca mais os espionou; sua mãe vinha transar com ele quase todas as noites e, depois, uma de suas empregadas entrava. Ele gradualmente foi conhecendo todas elas, memorizou seus nomes, histórias de vida e preferências sexuais. Foi uma época tranquila e agradável, e ele seguiu em frente quando Jenna completou 19 anos. A princesa Cecília conseguiu o próximo emprego para ele e o recomendou fortemente à amiga, contando-lhe por telefone o quanto ele era bom nisso.

A princesa Aurélia o recebeu em seu quarto para o primeiro encontro. Ela estava com um resfriado forte e rapidamente mandou a criada sair. A criada trouxe chá para eles. Ele não encontrou uma cadeira, então ela deu um tapinha no colchão ao lado dela. Ele se sentou a uma distância de um braço e ela iniciou a conversa.

Ela era parente muito próxima do rei e tinha o rosto anguloso típico dos Bernadotte. Seus cabelos escuros, quase negros, emolduravam o rosto e caíam levemente cacheados até seus ombros alvas como a neve. Sua camisola translúcida estava apenas levemente dobrada na frente, e ele olhou para seus seios; ainda eram fartos, mas não tão firmes como na juventude, afinal, ela já tinha 51 anos. O olhar dele deslizou para baixo, e ela sorriu maliciosamente. “A prima Cecília me disse que o senhor prefere o rosto liso, Sir Frank”, disse ela com sua voz grave e potente. Era uma introdução bastante interessante para a conversa, mas ele assentiu: “É verdade, Vossa Graça”. Ele a olhou, e ela o deixou olhar, sorrindo.

Ela logo se concentrou no assunto. Sua filha Anna tinha 16 anos e ainda estava no convento para meninas, voltando para casa em duas semanas. Era completamente inexperiente e naturalmente intocada, disse a mãe, enquanto seus dedos brincavam nervosamente com a barra da camisola. Seu dedo médio roçou sua virilha algumas vezes, e então, com recato, ela puxou a camisola de volta para o lugar ao perceber o olhar dele. A princesa não estava feliz em mandar sua segunda filha para o convento, mas seu marido havia exigido.

Ah, o marido dela! Ela compartilhava do destino de Cecília, disse a princesa. O marido dela também já era fraco de desejo, mas não a impedia de ter um caso e vigiava sua vida amorosa com olhares desconfiados. Seu último caso, há mais de 14 anos, foi abruptamente interrompido por ele. Isso aumentou sua fraqueza, e ela só conseguia satisfazê-lo oralmente uma ou duas vezes por semana. Era o suficiente para ele, mas ela não estava satisfeita. “Compreensível”, disse Frank, “isso é realmente insatisfatório.” A princesa sorriu e baixou os olhos. “Cecília disse que você poderia me ajudar, mas que não poderia ser divulgado.” Frank assentiu. Ele seria o tutor da jovem Anna, mas certamente poderia ser combinado. Aurélia baixou os olhos. “Cecília me contou como você é discreto, Sir Frank!”

Frank perguntou o que a jovem deveria aprender. A princesa Aurélia olhou-o nos olhos. “Em primeiro lugar, ela deve aprender bem alemão e inglês, isso é importante para mim e para o meu marido. A guerra tem de terminar um dia e queremos que ela faça um bom casamento. E agora, em segundo lugar...” Aurélia fez uma pausa e pen-

sou em como dizer. “Cecilia disse-me que o senhor não a desapontou, Sir Frank. Ensinou à filha dela, Jenna, tudo o que ela deveria saber como mulher casada. Estou muito relutante em falar com Anna sobre tudo isso, não sei porquê. Mas o senhor já deve saber como introduzir uma virgem à arte do amor.”

Frank a interrompeu. “Anna precisa continuar virgem?” Aurélia o encarou demoradamente. “Acho que isso não será possível”, riu baixinho, “a arte de fazer amor não envolve milagres.” Ela percebeu que Frank estava pensando. “Você teve permissão para tirar a virgindade de Jenna, não teve?” perguntou. Ele assentiu. “Madame Cecília me pediu especificamente, e Jenna concordou por vontade própria. Ela não se deixou afetar, mas não era ignorante. Era uma criança brilhante e curiosa que já havia experimentado bastante.” Aurélia balançou a cabeça. “Anna não teve essa oportunidade, ela é uma folha em branco no verdadeiro sentido da palavra. E quanto à minha tarefa, eu a pedi especificamente a você.”

Frank recostou-se e ficou olhando para a fenda dela por um longo tempo. De alguma forma, ele estava feliz e tenso ao mesmo tempo. Ele havia transado com Cecilia, Jenna e as empregadas nos anos anteriores e sabia o que esperar a cada vez. Agora havia uma nova mulher, uma nova virgem e muitas novas empregadas à sua espera. “Madame Cecilia lhe disse que me enviou suas empregadas mais bonitas?”, perguntou ele, e ela assentiu casualmente. “Sim, disse, e farei o mesmo se você quiser”, afirmou Frank; era um bom costume, disse ele.

“Vossa Graça, posso fazer mais duas perguntas?”, perguntou ele, de forma puramente retórica, antes de prosseguir. “Como a senhora se sente em relação à masturbação e, em segundo lugar, como sua filha se sente a respeito?” Ela riu ruidosamente. “Foi uma das coisas mais agradáveis que aprendi naquele maldito convento e faço isso todas as noites para dormir, como a maioria das meninas fazia lá. Como meu marido é incapaz, faço isso várias vezes durante o dia, talvez para irritá-lo.” A princesa, surpreendentemente, puxou a camisola para trás e pressionou a pele ao redor do clitóris com dois dedos, de modo que o pequeno protuberante ficou rígido e atrevido. “Quer ver?”, perguntou ela, com voz doce, colocando um dedo no clitóris.

Ele balançou a cabeça negativamente e puxou a camisola para perto do corpo dela. “Então, e quanto a Anna?”, perguntou ele, olhando nos olhos dela e não para a sua vagina.

Ela respondeu sem hesitar. “Quando criança, às vezes ela enfiava lápis ou algo parecido na vagina, mas eu a proibi na época e a ensinei sobre o hímen. Isso funcionou. Desde então, ela tem se mantido muito discreta e eu realmente não faço ideia se ela já se masturba.” Ela balançou a cabeça decisivamente: “Não faço ideia, desculpe!” Ele se levantou; tudo já havia sido discutido.

Ela segurou a mão dele com firmeza e o fez sentar-se novamente. “Não sei, caro senhor, como dizer isso. Minha filha mais velha, Jenny, é casada e mora na ala norte com o marido. Ela deseja desesperadamente ter um filho, mas ele parece estar com dificuldades para engravidar. Ao mesmo tempo, porém, ele se recusa terminantemente a ir ao médico com o problema — por orgulho masculino, suponho. Eu ficaria muito grata se o senhor tivesse alguma ideia de como convencê-lo a fazer isso. O senhor é um polímata renomado e talvez ele o ouça, meu marido certamente não ouviu.” Frank refletiu sobre o assunto. Ele nunca havia lidado com o problema da infertilidade, nem pessoalmente nem academicamente. Certamente havia muita literatura sobre o tema; ele teria que pesquisar.

Ele assentiu com a cabeça, no entanto. “Tentarei, senhora. Devo dizer, porém, que nunca lidei com esse problema antes, e isso seria uma vantagem quando eu falar com seu genro. Ao menos tentarei.” A princesa Aurélia sorriu e o deixou ir; ele se mudaria para lá em 10 dias.

Ele se deixou levar de volta para Cécilia. Tinha muitas perguntas, e acima de tudo, ela precisava lhe contar tudo o que sabia sobre a vida privada de Aurelia e sua sexualidade. A carruagem, com sua suspensão ruim, sacudiu-o bastante, e ele amaldiçoou o novo telefone. Claro, uma invenção útil, mas quando as damas fofocavam por horas a fio e revelavam seus segredos mais íntimos, definitivamente não era uma bênção.

Cäcilia não se importou de contar tudo sobre Aurelia para ele depois que transaram. Afinal, ele teria que lidar com ela pelos próximos tempos. Mas ela dificilmente sabia algo que ele já não soubesse. Afinal, ambas haviam aprendido a se masturbar no mesmo convento, brincavam de jogos lésbicos repetidamente e descreviam uma à outra como faziam sexo com seus maridos fracos de ereção, o que era um grande e constrangedor problema para as duas.

Ele chegou pontualmente ao castelo de Aurelia em Rävénholm, dirigiu-se ao seu quarto e, em seguida, uma criada bateu à porta, seguida pela princesa. “Sei o quanto o senhor detesta banquetes formais, mas é necessário comparecer hoje. Meu marido, minha filha mais velha e o marido dela desejam conhecê-lo. Peço sua compreensão!” Frank disse que seria pontual e cordial. Aurelia lançou-lhe um olhar fulminante a princípio, mas depois sorriu e saiu.

O banquete transcorreu num ambiente muito agradável. Tanto o conde, marido de Aurélia, quanto o genro haviam lido seu livro sobre a China e mantiveram uma animada conversa até que o licor e os charutos foram servidos. O genro estava particularmente interessado nos trechos picantes e fazia cada vez mais perguntas. As damas ficaram constrangidas, o que incentivou Frank a responder às perguntas picantes com uma linguagem florida. Ele não fumava, mas os suecos entendiam um pouco de licores. Contudo, ele foi sensato o suficiente para parar a tempo. Uma criada o acompanhou até seu quarto.

“Sua Graça mandou avisar”, disse a criada, “ela chegará em menos de uma hora. O que posso fazer por você?” perguntou a bela moça. Ele já tinha uma ideia, mas queria guardar suas energias para Aurélia. “Sim, sim, você pode fazer algo por mim”, disse ele, “venha comigo ao chuveiro e lave minhas costas.” A moça corou profundamente, mas ainda estava no box do chuveiro à sua frente. Ela era bastante bonita, mesmo que seu rosto a impedisse de ser chamada de bela. Ela ensaboou e de fato lavou suas costas, depois agarrou seu pênis ereto e o pressionou contra sua vagina. Ele não se moveu e balançou a cabeça com um sorriso de arrependimento. “Preciso estar em forma logo depois”, disse ele, ignorando atentamente seu bico. “Talvez você venha mais tarde, quando Sua Graça tiver ido embora?” ele provo-

cou, e ela sorriu de repente. “Eu adoraria, de verdade, senhor!” Ela saiu com um sorriso e ele foi para a cama com um livro.

Aurélia chegou na hora, carregando dois copos pequenos e uma garrafa bojuda. “Que tipo de livro de porcelana?”, perguntou, servindo-lhes uma dose. “Meu marido estava mais excitado do que há muito tempo e ejaculou na minha garganta como um javali!” Ela virou o licor picante e serviu-se de outra dose. “Preciso de outra dose para tirar o gosto!” Estava um pouco tonta e deixou o roupão cair.

Frank disse com um sorriso que seu livro era inofensivo e que apenas adolescentes se incomodariam com as partes picantes. Aurélia se aconchegou nele e ele disse que tinha acabado de tomar banho. Ela assentiu e agarrou seu pênis. “Uma beleza”, disse Aurélia, levando-o à boca. “O que o senhor gosta em particular, Sr. Frank?” Ele moveu a mão sem rumo pelo universo. “Qualquer coisa que meu pênis possa fazer na sua vagina, e eu gosto de finalizar à moda militar, se você preferir.” Ela o olhou interrogativamente. “À moda militar?” “Sim”, ele riu. “Eu estou por cima, como o vencedor, e você é a esposa conquistada do conquistado!” Ela riu. “Então essa é a culinária caseira sueca!” E ambos riram, o álcool fazendo-os rir.

Como Cécilia havia dito, Aurelia era muito, muito tranquila e tinha orgasmos a cada poucos minutos. Ela transava com muita graça e energia, sabia como ter orgasmos em todas as posições e simplesmente continuava transando sem parar. Mas ela se cansou antes dele. Ela já tinha tido o suficiente, ofegou, e se deitou de costas. Ele a penetrou e a fodeu com força. Depois do jato, ele também chegou ao clímax. Ela continuou o beijando e respirando fundo, dizendo como era bom transar direito de novo. Ele disse com um sorriso que tinha sido um exercício bastante vigoroso e que esperava que eles fossem mais devagar no futuro. Aurelia sorriu: “Sim, meu querido, eu também não quero ter dores musculares todas as manhãs. Mas hoje foi uma estreia, um encerramento, e amanhã é uma apresentação geral.” Frank riu, uma boa comparação. “E o Conde, ele não vai sentir sua falta agora?”, perguntou. Aurelia balançou a cabeça. “Ele está dormindo profundamente, eu me certifiquei disso.” Ela se levantou e Frank disse que havia chamado a empregada para acompanhá-lo até a entrada depois. “Boa escolha, senhor, boa escolha!”

Minutos depois, a empregada bateu à porta e juntou-se a ele. “Ela foi boa, nossa patroa?”, perguntou. Ele olhou para ela com um olhar interrogativo. “Nossa patroa não transa há anos, só com os dedos, e eu e as moças estávamos ficando preocupadas com ela.” Ele a tranquilizou: “A patroa não se esqueceu de como se faz e transou muito bem!” A empregada assentiu, satisfeita. “Por favor, seja bom com ela, ela é uma patroa excepcional!”, prometeu ele, antes de puxar a empregada para si e a envolver em beijos de língua.

Ela transou sem muita criatividade e também não teve orgasmo. Mas quando ele começou a ejacular, ela estimulou o clitóris rapidamente e teve um orgasmo. Eles terminaram ao mesmo tempo, ofegantes. “Amanhã vem outro”, disse ela ao sair.

Na manhã seguinte, bateram à sua porta; era Jenny, a filha mais velha de Aurélia.

Ela era menor que Aurélia, mas igualmente bonita. Seu rosto o fez lembrar de um ratinho pequeno e amigável. Eles tiveram uma ótima conversa na noite anterior; ela era inteligente e culta. Estava apenas muito triste por ainda não ter filhos. Então, aproximou-se dele. “Tivemos uma ótima conversa ontem, senhor, e agora decidi ter um filho. Ontem foi o primeiro dia favorável, segundo meu calendário. Estou decidida e peço-lhe ajuda, senhor Frank.”

Ele fechou o livro com força e se virou para ela. “Seu marido tem problemas de ereção?”, perguntou, e ela respondeu francamente: “Não, Sr. Frank, não é isso. Ele me fode como um campeão mundial todas as noites, geralmente tenho orgasmos facilmente quando ele me fode. Ele ejacula tão bem quanto outros homens, já tive alguns. Mas não consigo engravidar. É por isso que estou lhe pedindo para me dar um filho, eu realmente anseio por isso!” Frank pensou por um momento. “Você vai falar com ele sobre isso?” “Mas não, o que você está pensando? Ele ficaria furioso. Não, isso deve permanecer nosso segredo.”

Jenny já havia tirado o vestido e se deitado nua na cama dele. Surpreendentemente, sua vagina era depilada, sem nenhum vestígio de pelos. Isso fazia com que sua vagina parecesse infantil e quase virgi-

nal, o que era muito atraente para ele, pois ele amava garotas virgens mais do que qualquer coisa. Ele se despiu rapidamente e se deitou ao lado dela. Ela estava excitada depois de alguns beijos de língua e gaguejou: “Eu transei com muitos homens antes do casamento, mas esta é a primeira vez que estou traindo ele. Me perdoe, Frank!” Ele assentiu com um sorriso: “É só um pouquinho que posso fazer por você, mas esse pouquinho vai desabrochar como uma flor!” Eles transaram loucamente, ela não teve orgasmo e fechou os olhos em oração fervorosa enquanto ele ejaculava dentro dela. Ela pediu permissão para continuar se masturbando, estava excitada depois da transa. Seu clitóris estava vermelho escuro, inchado ao ponto de estourar e pulsava intensamente. “Você quer que eu te faça sexo, Jenny?”, ele perguntou, mas ela balançou a cabeça negativamente. Ela se masturbou de forma muito íntima e se recolheu completamente em si mesma. Frank esperou e a penetrou quando seu orgasmo estava no auge. Ela suspirou profundamente enquanto ele a penetrava e se manteve no ápice, masturbando-se, passando de um orgasmo para outro. Ele ejaculou com força novamente e manteve o pênis dentro dela até que ela terminasse de se masturbar. Então, isso foi o suficiente. Ela teve orgasmos por 5 dias, sempre no mesmo horário, e se deixou ser fodida. Depois, ela se afastou porque Anna voltou do convento.

Ele permaneceu sozinho o dia todo, só à noite foi até a grande sala de jantar ao lado da cozinha, onde os criados jantavam. Olhou em volta: todas as jovens e bonitas criadas estavam lá. Talvez umas 35, calculou, e reconheceu alguns rostos imediatamente. Havia também algumas criadas mais velhas, mas ele mal as notou. Sentou-se entre duas moças bonitas, comeu, bebeu e conversou até se interessar por uma delas. Ela retribuiu o flerte, mas lamentou que aquele não fosse um bom dia. Um segundo depois, a outra o abordou: “É um dia auspicioso, Sir Frank”, disse ela, com voz melodiosa, “posso?” Frank riu e deu um tapinha na coxa dela. “Se o seu belo dia puder ser adiado até que a patroa termine comigo, então fique à vontade para me beliscar!” As duas riram alto e animadamente e perguntaram se ambas poderiam ir. Surpreso, ele assentiu: “Está bem!”

Pela primeira vez, Aurélia não o deixou sem forças naquela noite. A porta mal se fechara atrás dela quando as garotas arranharam a maçaneta. Ambas se deitaram com ele, mas ele estava cético. As coi-

sas tinham corrido muito bem com Mei e Baihua, mas tentativas isoladas posteriores tinham sido menos afortunadas, com uma sempre achando que estava recebendo menos do que a outra. Até então, ele havia se contido quando uma relação a três estava em vista.

Mas essas duas garotas gostavam uma da outra, isso ficou claro imediatamente. Elas se lamberam até o orgasmo e se revezaram rindo alegremente. Ele transou com as duas por trás, segurando o jato o máximo que pôde. Tirou o pênis da que estava menstruada e imediatamente enfiou na outra para ejacular dentro dela. Ele nem sempre tinha certeza se estava ejaculando na certa. As três riram quando ele enfiou o pênis na vagina da que estava lambendo, sem que ela paras-se de lamber. Ele ficou muito excitado quando a que estava lambendo pressionou com os polegares a pele ao redor do clitóris da que estava sendo lambida, fazendo com que o clitóris ficasse bem exposto.

Depois de horas de sexo e lambidas, as três estavam exaustas e uma delas agradeceu por ele ter tirado o pênis. Ele disse, com um tom sombrio, que isso não era garantia de nada, mas as garotas discordaram; elas sempre faziam assim. A que tinha dias difíceis disse timidamente que ele sempre ejaculava dentro dela. Ele lamentava muito isso, disse contrito, e que ela deveria avisá-lo quando engravidasse. Elas quase se ofenderam quando ele perguntou se eram um casal lésbico. Não havia nada de lésbico em lamber clitóris! Mas fizeram as pazes imediatamente e as garotas saíram sorrateiramente.

Na manhã seguinte, Anna chegou. A jovem de 16 anos se parecia muito com a irmã, Jenny, mas era muito tímida e reservada. Ele verificou seu conhecimento de alemão; ela já havia aprendido um pouco. Colocou o livro sobre a mesa, mas Anna o virou e sentou-se em seu colo, de costas para ele. Ele imediatamente pensou em Jenna, e com razão. Quando sua mão deslizou por baixo da saia dela e tocou seu joelho, ela abriu as pernas imediatamente. Ele a virou de frente para si e perguntou o que sua mãe havia lhe dito para fazer. Instintivamente, soube que Cecilia estava falando por ela. Anna engoliu em seco e contou tudo.

Ele a tocava enquanto ela estivesse aprendendo e ela deveria deixar acontecer. Ele a levaria ao orgasmo, e isso também era perfeita-

mente normal, e ela deveria deixar acontecer. Ele tiraria a virgindade dela a pedido da mãe, então também estava tudo bem, e se ele a ensinasse a transar direito, também era o desejo da mãe dela.

Anna olhou-o diretamente nos olhos. “Você quer que eu confie em você? Você não é apenas meu professor, você é um amigo. Um amigo em quem eu deveria me sentir à vontade para confiar, porque você não quer me fazer mal.” Ela o olhou com curiosidade. Será que ela realmente podia confiar nele?

Frank sorriu gentilmente e disse que tudo aquilo era certo e errado ao mesmo tempo. Ele já havia explicado isso para Jenna uma vez, e a ideia lhe passou pela cabeça. Faltavam coisas importantes, sem as quais nada fazia sentido. “Precisamos nos conhecer primeiro e contar um ao outro as coisas importantes que vêm junto com isso. Como podemos ser amigos se não sabemos nada um sobre o outro? Essa confiança mútua precisa se desenvolver primeiro para que possamos nos entender. Você entende o que estou tentando lhe dizer?”

Anna pensou. “Quando vocês contam segredos um para o outro, é isso que você quer dizer?” Sua pergunta era lógica e ele se lembrou de que ela já tinha 16 anos. Ele assentiu: “Isso mesmo. Pergunte-me qualquer coisa, eu responderei honestamente, mesmo que seja um segredo. Quero ganhar sua confiança como amigo e não mentirei para você.”

Anna olhou para ele com seus olhos felinos enigmáticos. “Então isso significa que eu te faço uma pergunta e você responde honestamente?” Frank assentiu. “Pergunte o que quiser.” Anna o encarou fixamente nos olhos. “Ontem eu estava sentada no patamar da escada, no escuro, e vi a mamãe entrar no seu quarto.” Frank retribuiu o olhar. “Ela veio para transar comigo.” Anna balançou a cabeça decisivamente. “Mamãe não é esse tipo de garota, ela não transa com outros homens, só com o papai. Eu sei disso.” Frank ainda a encarava. “Pergunte a ela se não acredita. Ela está transando comigo há dez dias, todas as noites enquanto seu pai está dormindo. Estou falando a verdade!” O olhar de Anna se desviou. “E o que acontece depois?”, perguntou ela, agora insegura. “Então duas empregadas entraram no meu quarto e nós transamos.” E novamente ela o encarou fixamente.

“Três delas? Transaram? O senhor tem dois pênis, Sr. Frank?” Ele sorriu pela primeira vez. “Não, minha filha. As garotas se revezaram lambendo os clitóris uma da outra e eu transei com uma de cada vez, ao mesmo tempo. Basta um pau.” Anna olhou para ele confusa. “Uma lambeu o clitóris da outra? E você só transou com uma de cada vez?” Frank assentiu. “Foi exatamente assim. Os nomes delas são Maria e Erika, ela é da Lapônia. Pergunte a elas, elas vão confirmar.” Anna assentiu. “Vou perguntar, porque mentir é fácil! E depois, o que foi?” Frank estava ficando impaciente. “Eu estava dormindo, estava muito cansado de tanto transar.” Anna olhou para ele triunfante. “Então você não percebeu que eu abri a porta uma fresta depois?” Frank balançou a cabeça. “Não!” “E que eu fiquei olhando por um tempão porque seu pau estava semi-rígido e não parava de se mexer no sonho?” Frank respondeu que não, e ela assentiu com seu sorriso felino, satisfeita. “Vou acreditar na sua palavra, porque você não acordou, Sr. Frank.”

Frank disse que ela deveria simplesmente dizer “Frank”, amigos não conversam de forma tão formal. E agora era a vez dele de perguntar, ok? Anna assentiu e se inclinou para frente; ela definitivamente gostava daquele jogo. “Você se toca no clitóris?” Ela se encolheu e balançou a cabeça, rápido demais. Ele disse que isso só se aplicava se ela não estivesse mentindo. Anna pensou por um longo tempo. “Sim, às vezes, talvez.” Frank balançou a cabeça novamente. “Não se aplica e não há amizade nem confiança se você não disser a verdade. Eu te contei tudo a verdade até agora.” Anna rebolou o quadril, “Eu preciso dizer?” Frank assentiu, “Sim!” Anna baixou os olhos. “Sim, desde que entrei no convento, graças a Deus acabou.” “Então, desde que você estava no convento, você tem se masturbado até o orgasmo?” Frank perguntou diretamente. Mas ela assentiu, “sim, todas as noites como as outras garotas.”

“E você gostava de se masturbar?”, perguntou ela, sem entender. Ele disse que o ato de esfregar o clitóris até o orgasmo era chamado de masturbação. “Entendo”, disse ela, “na Convenção, usávamos o termo ‘esfregar o clitóris’ ou ‘fazer cócegas no clitóris’. Mas sim, quando eu me masturbo, é maravilhoso, e faço isso todas as noites antes de dormir. Mas havia alguns que eram cruéis. Eles esfregavam o clitóris até o orgasmo e não paravam, faziam você pular de orgas-

mo em orgasmo até desmaiar, desmaiar de verdade. E quando você acordava, a turma toda ficava em volta rindo de você.” Frank permaneceu em silêncio e não a corrigiu. “Eles logo perceberam que eu desmaiava facilmente e fizeram isso várias vezes.” A expressão em seu rosto revelou o quanto ela se sentia magoada.

“As freiras sempre diziam que era um pecado grave. E se você fosse pega se masturbando, tinha que fazer isso na frente de todo mundo, era muito humilhante.” Ele assentiu. “Eu acredito em você. E você fazia isso com outras pessoas também, esfregando o clitóris umas nas outras?” Anna assentiu; resistir era inútil. Frank parecia saber de tudo.

“Às vezes vocês se enfiavam debaixo das cobertas com alguém e se masturbavam, às vezes faziam isso uma com a outra.” Frank riu baixinho. “Quando você diz ‘vocês’, está se escondendo atrás disso?” Anna assentiu, “Sim”, e olhou para baixo. “Não havia nenhum menino no convento, havia?” ele continuou perguntando. Ela assentiu sem hesitar, aquilo não fazia mal. “Mas vocês eram mais espertas que as freiras, não eram? Vocês davam um jeito de ir a um encontro, suas meninas espertinhas!” “Jesus, sim!” ela exclamou, levando a mão à boca.

Frank deu um sorriso encantador. “Então, pode contar, eu certamente não vou contar para as freiras idiotas.” Anna sorriu. “Você fala como um amigo, Frank. E foi exatamente assim. Nós nos esgueiramos até o lago, tiramos a roupa e nadamos até o grande salgueiro, o ponto de encontro, e depois voltamos, nos vestimos e fingimos inocência. As freiras nunca nos pegaram.” Seus olhos brilharam triunfantes.

“Você não ficou só nadando por aí, você conheceu uns garotos e brincou com eles, né?” Mais uma vez, Anna não conseguia entender como ele sabia disso. “Sim, claro, querido Frank.” Ela sentiu um calor na vagina. “A gente se agarrava e esfregava o pau um no outro até eles gozarem, era muito engraçado! Mas os garotos adoravam ver quando uma garota se deitava na água rasa e outra lambia o clitóris dela até ela ter um orgasmo; elas ficavam em círculo, pareciam ovelhas em uma tempestade, e todas ficavam com o pau duro. Mas eu

nunca participei da brincadeira de lambar, eu achava transar muito mais excitante.”

Frank olhou para cima e Anna se perguntou se tinha dito algo errado. Ele assentiu, encorajando-a: “Continue!” Ela continuou falando, não tinha dito nada de errado. “Não estou mentindo, Frank, quero que sejamos amigos. Eu sempre escolhia o que tinha o menor pênis e transávamos em água rasa, como adultos. Eu não queria que eles rompessem meu hímen, minha mãe sempre me alertava sobre isso. Se o pênis fosse muito grande, não era permitido transar com ele, só com os que tinham os menores. E era uma sensação ótima quando eu sentia eles ejaculando lá dentro. Os mais velhos disseram que podíamos fazer isso porque eu ainda não menstruei. Assim como ela, provavelmente só vou menstruar aos 20 anos, disse minha mãe.”

Frank assentiu pensativo. “Então você já é uma mulher de verdade”, disse ele, “você já transou com um!” Anna interpretou mal a pergunta, como era a intenção. “Eu não estou mentindo, é tudo verdade, e eu não transei só uma vez, eu transei cem vezes!” Os olhos de Frank se arregalaram em surpresa. “Sério? Posso dar uma olhada no seu hímen?” Anna pensou por um longo tempo e mordeu o lábio inferior. Então, deu um pulo em si mesma, inclinou-se para trás e abriu as pernas bem alto. Ele separou seus lábios com os dedos. Sim, ela ainda tinha um hímen, mas estava rompido na lateral. Ele admirou sua vagina virgem, infantil, e seu clitóris, que estava lentamente se erguendo e ficando duro. Ele tocou seu clitóris e disse: “Deve ser muito quente aí dentro, sua vagina?” Ela pareceu confusa: “Vagina?” Frank explicou que tudo aquilo se chamava vagina. Ela assentiu e disse que sim, que ficava tão quente quanto na noite anterior à masturbação.

Ela se endireitou. “Posso te perguntar mais uma coisa, mas não minta!” Ele sorriu: “Não estou mentindo, você sabe disso.” Anna deu um pulo. “Minha prima Jenna, você também a ensinou. Você fez com ela tudo o que minha mãe me mandou fazer?” Ele assentiu pensativo, mas não viu nenhum conflito de interesses. “Sim”, disse ele, “o que você quer saber?” Anna, como se tivesse levado um tiro, respondeu: “Desde o começo, tudo!”

“Certo”, disse ele, “no começo ela sentava no meu colo como você fez antes. Eu acariciava o clitóris dela porque sei que é ali que as meninas aprendem melhor. Ela concordou em deixar que eu a masturbasse quando me pediu para fazer isso. Eu fazia isso o tempo todo e um dia ela estava pronta. Então tirei a virgindade dela e depois transeí com ela todos os dias até o fim do treinamento. É só isso, e é verdade!” Anna assentiu, porque já tinha conversado com Jenna sobre isso e ele não estava mentindo.

“Você está se tornando um bom namorado”, disse ela com um olhar de conhecedora experiente. “Jenna me descreveu isso da mesma forma recentemente. É bom quando um amigo não mente para você.” Ele resmungou que era a coisa certa a se fazer.

“Mas agora vamos mudar de assunto. Onde você aprendeu alemão?” Ela respondeu: “No convento, você podia escolher entre alemão, inglês ou francês. Quase todas as freiras faziam aulas de inglês, mas meu pai me matriculou em alemão. Havia mais príncipes alemães e austríacos para casar do que ingleses. Eu chorei porque não queria casar com um príncipe naquela época, não queria casar de jeito nenhum, embora hoje eu entenda muito melhor por que meu pai me fez aprender alemão. Mas, em cinco anos, as freiras não nos ensinaram tanto quanto nos ensinaram inglês.”

“Daqui a dois anos, falaremos alemão fluentemente, pode ter certeza!” Ela assentiu e murmurou: “Estarei sentada no seu colo aprendendo alemão e você estará acariciando meu clitóris porque assim aprenderei melhor. Certo, querido Frank?” Ele assentiu e resmungou: “Exatamente assim, minha querida amiguinha!” Ela olhou para o chão. “E se eu sentir calor na minha vagina, posso pedir que você me masturbe até eu ter um orgasmo?” Frank resmungou: “Só se você quiser e disser, caso contrário, é claro que não!”

Ela sentou-se no colo dele e abriu o livro. Era uma recontagem dos contos de fadas dos Irmãos Grimm, mas o brincação havia embelezado as histórias com detalhes sexuais picantes e daguerreótipos, que eram fotografias pornográficas. Ele deixou a mão vagar por baixo da saia dela até sua vagina. Ela parou de ler e disse por cima do ombro: “No meu clitóris, por favor!” Ele obedeceu e acariciou seu clitóris

muito suavemente; ainda faltava muito para o almoço. Anna deu uma risadinha quando virou a página e viu uma cena obscena. Depois do almoço, eles continuaram estudando. Anna lia o texto em voz alta e ele corrigia sua pronúncia sem parar. Ela riu e disse que não havia nenhum livro assim no convento. Ele riu também, dizendo que ela poderia aprender a ler em um livro de orações. Ela não queria isso, pelo amor de Deus!

Ele continuou acariciando seu clitóris com muita delicadeza. Ela hesitou cada vez mais enquanto lia e finalmente encostou a cabeça no peito dele. “Por favor, Frank, eu preciso de um orgasmo!” Ele apenas murmurou um som e a masturbou. “Quer que eu continue até você desmaiar?”, perguntou ele em tom de brincadeira, mas as coxas dela já tremiam violentamente e ela ofegou: “Outra hora, Frank, outra hora, talvez amanhã? Sim, amanhã!” Ele permaneceu em silêncio e logo a deixou ter um orgasmo. O orgasmo dela foi bastante intenso e percorreu seu abdômen com força, mas durou apenas alguns segundos. Ela se virou e o beijou nos lábios. “Frank, acho que agora somos bons amigos!” Ele assentiu e resmungou com ar de satisfação.

Aurélia chegou e ficou curiosa. Ele disse: “Calma, Vossa Graça! Acabei de conhecer sua filha e percebi que a senhora já ensinou todos os passos para a pequena! O que aconteceu hoje?! No meu ritmo ou nada feito! E digo isso muito a sério, Madame Aurélia!” Ela ficou sem graça e disse, claro, no ritmo dele.

Aurélia já não transava com a mesma intensidade e agressividade do primeiro dia; sabia que ele ainda precisava de força para a empregada. Ela cuidou do próprio orgasmo, deixando-o transá-la pelo tempo que quisesse, sem exigir que ele ejaculasse. Olhou para o relógio de parede e saiu silenciosamente, entregando a maçaneta da porta à empregada. Hoje era a vez de uma empregada muito gentil da Lapônia, que se masturbou enquanto transava do início ao fim, deixando seus suaves orgasmos percorrerem seu corpo como ondas delicadas. Percebeu que ele estava prestes a ejacular e, então, segurou seu pênis, masturbando-o durante a ejaculação de uma forma tão prazerosa que ele se sentiu mais excitado e excitado do que há muito tempo. Deixou-o deslizar suavemente para o seu lado e continuou a se masturbar por um longo tempo até se entregar silenciosamente às últi-

mas ondas. Deu-lhe um beijo leve nos lábios e desapareceu sem fazer barulho.

Ele ficou acordado por um longo tempo. Anna havia dito algo que o perturbara. A primeira garota a desmaiar enquanto era fodida. Eles, os mercenários bêbados do Marechal de Campo Tilly, atacaram o mosteiro premonstratense como uma matilha de cães raivosos, em cujo pátio interno as freiras que haviam fugido para lá tentavam se esconder. Católica ou reformada? Ninguém se importava mais com isso, o que importava era o cheiro de carne feminina macia. Franz Herrnthaler avançou, gritando descontroladamente, a lâmina de sua espada raspando ameaçadoramente as pedras de granito do pátio interno. Um mercenário após o outro agarrava uma freira, e Franz agarrou a primeira que encontrou. Arrastou-a para a grama atrás de um pilar de pedra; queria ficar sozinho com sua presa enquanto a fodia. Ela era muito jovem, talvez 14 ou 15 anos, vestindo um hábito azul que ele rasgou violentamente sobre sua cabeça. Ele não se importava com a cor do hábito, se ela era freira ou noviça, não fazia a menor diferença! De repente, ele recobrou um pouco a sobriedade. Ela ainda usava o lenço de cabeça bem apertado, o klobuk, mas estava completamente nua. Tinha apenas seios muito pequenos, como os de uma menina na puberdade, uma vagina depilada e uma fenda delicada. Ele a jogou de costas e se atirou sobre ela. Olhou em seus olhos verde-claros; jamais a esqueceria. Descobriu algo que o incomodou profundamente. Era uma espécie de verruga do tamanho de uma groselha, densamente peluda e preta como breu. Pendia de seu pescoço impecável por um fio minúsculo, logo abaixo da orelha. Sacou seu punhal, cortou o fio e praguejou alto. A verruga caiu na grama e ele guardou o punhal no bolso. Ela gritou: “Em nome de Jesus Cristo, por favor, não faça isso, eu sou virgem!” e Franz imediatamente pensou em quantas virgens já havia desvirginado. Ajoelhou-se diante de sua vagina e esfregou o pênis para que ficasse ereto. Ela o observou se masturbar e riu com um sorriso bobo no rosto. Começou a se masturbar, ficando excitada rapidamente. Ela deu aquele sorriso bobo enquanto ele ejaculava um jato em sua barriga. Ele segurava o pênis rígido, pronto para a penetração. Ela se esfregou mais rápido para chegar ao orgasmo. Ele percebeu que ela estava prestes a ter um orgasmo a qualquer momento, com as pernas trêmulas erguidas no ar. O sorriso distorceu seu rosto e, com uma única estocada, ele a

desvirginou. Ela gritou o nome de Cristo novamente quando o pênis dele rompeu seu hímen. Ele transou com a garota da fazenda selvagemmente e sem inibições, como um soldado, e percebeu que ela havia desmaiado. Ele parou e esperou imóvel. Depois de um minuto, ela abriu os olhos e imediatamente começou a esfregar o clitóris freneticamente, e ele continuou a transá-la. Ele aumentou o ritmo, agora era a hora! Ele sentiu o dedo dela deslizar pelo clitóris até um orgasmo poderoso e então olhou para o rosto sorridente e contorcido dela enquanto ejaculava dentro dela. Incapaz de se conter por mais tempo, ele ejaculou loucamente na boneca inconsciente que havia pegado com as duas mãos em um frenesi sexual. Ela havia desmaiado novamente. Ele imediatamente se acalmou e a segurou em seus braços por alguns minutos. Finalmente, finalmente, ela abriu os olhos com um sorriso, e imediatamente esfregou o clitóris vigorosamente de novo, gritando o nome de Cristo repetidamente até ter um orgasmo violento, jogando as pernas convulsivamente para o ar e gritando roucamente. “Você me violentou!” ela gritou, e Franz se levantou de um salto e fugiu com a espada na mão. A imagem se dissipou e Frank adormeceu.

Na manhã seguinte, ele encontrou Anna no corredor e ela o pegou pela mão. “Amigos para sempre!”, ela sussurrou, e eles caminharam de mãos dadas até a porta do quarto dele. “Eu te prometi ontem, e você promete que não vai ser grosseiro e mal-educado?” Ele não sabia a que ela se referia naquele momento. Ela percebeu sua confusão. “Me masturbe até eu desmaiar!”, ela o lembrou. “Hã!”, ele conseguiu dizer, “agora mesmo?” Ela assentiu, “agora mesmo!” Ele se sentou à mesa e ela sentou em seu colo. Ela abriu as pernas convidativamente sob a saia curta na altura dos joelhos. “Eu não vou ser brutal”, ele prometeu, e perguntou por que o clitóris dela estava tão duro e quente! Ele a ouviu dar uma risadinha discreta. “Eu já me preparei um pouco para isso, querido Frank!”

Ele a masturbou com delicadeza e suavidade, mas de forma muito específica, até o primeiro orgasmo. “Sim, agora!” ela gritou em êxtase, e ele continuou, algo que nunca havia feito antes. O orgasmo dela veio muito rápido, e ela gritou novamente “Sim, agora!”, e ele continuou, mais rápido do que antes. O orgasmo dela veio segundos depois, e agora ela não tinha mais forças para gritar. O próximo orgas-

mo veio segundos depois, e ele continuou, as coxas dela tremiam desde o primeiro orgasmo, e ele continuou, até o próximo orgasmo que a fez estremecer. Não levou mais um minuto, ela tremia por inteiro a cada orgasmo. Ele percebeu que, após aquele orgasmo, ela desabou e sua cabeça caiu para a frente. Os olhos verdes do jardim do mosteiro de Magdeburgo brilharam brevemente. Ele não parou, ela apenas se contraiu brevemente durante o orgasmo, e se contraiu a cada novo orgasmo. Então ela tremeu intensamente e um suspiro profundo, um suspiro vindo do porão, escapou de seu peito. Então ele parou e a segurou em seus braços por alguns minutos. Ela acordou com outro suspiro profundo e olhou ao redor confusa. Ela despertou completamente e se virou para ele com os olhos brilhando. Envolveu-o com os braços e o beijou repetidamente na boca. “Oh, Frank, foi tão lindo, mais lindo do que nunca! Você foi tão gentil, mal senti seu dedo, senti um orgasmo atrás do outro. Minhas pernas tremiam, eu percebi. E uma maravilhosa e leve sensação de cansaço depois de cada orgasmo, que gradualmente se transformou em uma escuridão maravilhosa. Devo ter perdido a consciência, porque depois acordei. Oh, Frank, meu melhor amigo! Foi maravilhoso, você foi gentil e carinhoso, e não brutal e cruel!” Ela o abraçou e o beijou por mais um tempo. E disse que deveria ser sempre assim. Ele assentiu com a cabeça: “Uma vez por dia é o suficiente!”

Ela estudava sem parar enquanto ele brincava delicadamente com seu clitóris. Duas vezes naquela tarde, ela inclinou a cabeça em direção ao peito dele; ele entendeu o sinal e a masturbou até o orgasmo com delicadeza e firmeza.

Assim transcorreram as semanas seguintes. Anna queria ser masturbada todas as manhãs até desmaiar, até soltar um suspiro profundo no porão, e depois duas ou três vezes até atingir o orgasmo durante a aula, dependendo de como se sentia. Naquela noite, Aurélia anunciou com orgulho e entusiasmo que seria avó e que Jenny estava grávida! Ela o agradeceu; a conversa dele com o genro a havia afetado. Ele desconversou. “Que conversa? Seu genro pode ser simpático, amigável, jovial e cativante, mas é burro como uma porta! Ele concordaria se eu dissesse que a lua fica preta na lua nova. Não, eu não disse uma palavra sequer para ele, mas para Jenny, foi uma conversa

extensa.” Os olhos de Aurélia se arregalaram ao pensar. “Senhor, o senhor não...?” Ele não disse nada.

Aurélia estava tendo cada vez mais dificuldade para atingir o orgasmo durante o sexo. Ele estava deitado, respirando pesadamente, ao lado da bela mulher que se masturbava há muito tempo para chegar ao clímax. Mas ela sorriu quando ele disse certa vez o quão bem e cuidadosamente ela escolhia as garotas. Todas eram muito dispostas e davam o melhor de si para uma boa transa. Ela disse que às vezes se perguntava por que ele parecia se divertir tanto com suas empregadas.

Ele esperara tempo suficiente. Anna estava perdidamente apaixonada por ele e falava todos os dias em transar com ele. Certa manhã, ele sorriu e a abraçou forte. “Hoje queremos transar, o que você acha?”, sussurrou em seu ouvido. Ela soltou um breve grito de alegria, tirou o vestido imediatamente e deitou-se na cama. Ele admirou sua vagina depilada, depilada como a de Jenny. Um defeito genético, pensou ele, mas logo em seguida a figura da noviça desvirginada em Magdeburgo lhe veio à mente. Que linda garota ela era, a inocente camponesa que ele havia desvirginado e transado. Ele viu Anna novamente, o rosto radiante de expectativa.

Ele penetrou lentamente e parou quando o hímen se esticou. Anna fechou os olhos e escutou atentamente. Ele sentiu seu pênis alcançar a abertura no hímen dela. O hímen não se rompeu, apenas cedeu. Ele penetrou profundamente. “Não está rompido”, murmurou Anna, desapontada. Ele deu de ombros: “Não precisa ser assim”. Transaram por um longo tempo, talvez meia hora. Ele se ergueu e ejaculou dentro dela, depois se sentou cansado ao lado dela. “Sou uma mulher de verdade agora, mesmo que não esteja rompido!?”, ela sussurrou. “Sim”, ele respondeu, e pediu que ela descrevesse novamente como era transar durante a convenção. Ela descreveu cada detalhe e ele ouviu com os olhos fechados. Ela havia deixado pelo menos dois, às vezes até cinco, transarem com ela toda vez que as garotas mais velhas lambiam seu clitóris por um longo tempo. Os rapazes a penetravam com muita vontade e todos ejaculavam dentro dela. Ele a examinou; seu hímen ainda estava lá, profundamente rompido na lateral. Ele deu de ombros, era assim mesmo. A aula continuou, Anna sentou-se

no colo dele como de costume e ele acariciou seu clitóris suavemente. Ela gostou e se encostou no peito dele quando queria ter um orgasmo.

Eles transavam todas as manhãs antes da aula. Ela sempre atingia o clímax com uma breve masturbação e seu primeiro orgasmo era muito rápido; ele continuava, sem parar. Ela continuava a ter orgasmos, um após o outro, até que uma manhã desmaiou. Ele continuou a transar com a garota inconsciente sem parar e ejaculou dentro dela. Desde então, ela queria desmaiar toda vez que transavam; ela dizia que era maravilhoso. Para ele, estava tudo bem.

Jenny havia perdido o bebê, disse Aurélia tristemente. Esse pensamento o fez se sentir mal; ele não estava com vontade de transar e mandou Aurélia e as outras garotas embora também. Dormiu muito inquieto; a noviça em Magdeburgo riu dele maldosamente e se desvirginou cem vezes, invocando o nome de Cristo enquanto se masturbava com força. Cada vez que sentia o hímen dela se romper, acordava por um segundo, apenas para mergulhar novamente no sonho e desvirginá-la mais uma vez.

Ele estava exausto pela manhã, mas mesmo assim foi até Jenny, na ala norte, e lhe deu um longo abraço silencioso. Sentaram-se à mesa da cozinha e ela chorou. Depois de um tempo, enxugou as lágrimas. “Vamos tentar de novo, Frank?”, perguntou, e ele imediatamente disse que sim. “Depois de dois ciclos menstruais, só para garantir”, disse ele, pedindo que ela o avisasse quando ovulasse novamente. Ela se sentiu mais tranquila e um pouco mais confiante quando ele saiu. Ele disse a Anna que as aulas estavam canceladas e passou o dia lendo. À noite, transou com Aurelia e com uma garota doce e gentil. Dormiu sem sonhos e voltou a ser o mesmo de sempre no dia seguinte.

Ele transava com Anna todas as manhãs até ela desmaiar e mais um pouco; ela queria assim e ele, aos poucos, começou a gostar. Havia muito sadismo nele, ele sabia disso, mas não se importava. O hímen dela finalmente se rompeu e desapareceu completamente semanas depois.

Ele visitou Jenny de manhã cedo, seis dias depois, e eles transaram bem ao lado do marido dela, que dormia. Talvez ele soubesse, mas não disse nada; talvez tenha apenas sonhado que Jenny deixava o Senhor transá-la duas vezes por manhã. Eles continuaram a transar sem pudor quando ele acordava, e Frank transava com Jenny loucamente com seu pau matinal. O marido estava bêbado todos os dias e não se importava que Frank transasse com sua esposa na cama de casal. Ele os observava transando e se masturbava; esperou até Frank gozar e transou com Jenny imediatamente depois. Frank transou com Jenny por um mês inteiro e depois por mais um, até que ela finalmente engravidou novamente.

Jenny tinha dado à luz um filho e continuava a deixar Frank transá-la de manhã. O marido ajoelhava-se ao lado deles e masturbava-se, grunhindo de prazer. Abriu bem os olhos e ejaculou na boca de Jenny. Ela continuou a lambe-lhe até que ele começasse a masturbar-se novamente. Ele esperou pacientemente até que Frank estivesse satisfeito e então transou com Jenny com força e prazer mais uma vez. Frank observava enquanto Jenny era transada pelo seu marido, que era realmente fiel. O marido transava muito bem, conseguia transar com Jenny tempo suficiente para que ela tivesse um orgasmo, muitas vezes dois seguidos. O rosto de Jenny iluminava-se à medida que ela atingia o ápice e gritava com toda a força dos pulmões em êxtase. Seu rosto contorcia-se em êxtase e ela se acalmava um pouco, mas o marido teimosamente continuava a transá-la. Eles continuaram a fazer isso durante anos.

Ela tinha outra filha linda e era feliz com a maternidade e com a transa com Frank todas as manhãs. Aurélia e Ana, claro, sabiam que os filhos de Jenny eram dele, mas nenhuma das duas comentou nada. Só o marido acreditava piamente na paternidade. Jenny sentou-se no colo dele, fazendo carinho, e sussurrou em seu ouvido: “Claro que são seus filhos, meu querido! É você quem me faz ter orgasmos, mas com o Frank eu sempre tenho que terminar a transa com uma brincadeira com o clitóris. Você não adora me ver sendo fodida pelo Frank e se masturbar no final?!” Ela o beijou na bochecha e o assunto estava encerrado.

A alegria com os netos tornou Aurélia maternalmente carinhosa. Cada vez mais, ela se abstinha de relações sexuais e lhe enviava suas empregadas mais queridas. Anna estudava com afinco e agora falava alemão fluentemente; eles já haviam começado a aprender inglês. Aurélia começou a procurar um novo emprego para Frank.

Ele estava na Suécia havia 20 anos, os falsificadores em Londres faziam seu trabalho bem e ele ia de família em família. Era conhecido na nobreza, só aceitava meninas como alunas e desvirginava a maioria delas depois de apenas 14 dias. Nem toda mãe precisava que ele transasse com ela, talvez metade delas precisasse. Ele conseguia transar com muitas mães nobres, e, por Deus, as suecas não eram “loiras frias”! Elas adoravam transar tanto quanto as mães de outros países, muitas transavam graciosamente como as asiáticas ou com fervor como as italianas. Ele quase não conhecia ninguém que transasse mal, com relutância ou com aversão. No entanto, uma coisa o impressionou: a masturbação feminina era considerada um vício de mulheres mais velhas; as jovens não se masturbavam com tanta frequência quanto as garotas de outros países. E muitos nobres tratavam suas criadas como servas. Todas vinham de países mais pobres, como Escócia, Irlanda, Lapônia ou o Oriente. Ele conheceu centenas delas, e as patroas as obrigavam a fazer o que Frank mandava. Contudo, ele tinha seus princípios e, com um sorriso amável, mandava embora todos que sofriam sob as ordens da alta senhora. Em vez disso, ia até a patroa de coração duro e transava com ela, inclusive com muitas contra a vontade delas, algumas na frente de seus maridos sorridentes. A patroa deveria se sentir à vontade para experimentar o que era ter que fazer algo que não queria. Mas a maioria das mulheres nobres o cortejava, o que ele, por Deus, não detestava. Todas, porém, faziam questão de enviar as belas criadas para ele à noite, com um sorriso no rosto. Ele era muito feliz com esse estilo de vida tranquilo na Suécia.

Então, uma carta de Paris o fez voltar a si.

• • •

Vamos salvar a França

Por Jack Faber © 2024

A carta era da Condessa Jeanette de Belfort, o que a princípio não lhe disse nada. Quando ela mencionou que fora sua aluna 50 anos atrás, a garota que adorava cavalgar nua pela manhã, sem calças, ele imediatamente se lembrou. Ela precisava de sua ajuda imediatamente, sua neta precisava dele, imediatamente. Ele respondeu brevemente que estava a caminho. Passou a última noite nos braços da doce Princesa af Berling, que aos 34 anos era uma garota graciosa e incrivelmente linda.

A viagem de navio até La Rochelle durou três dias. Ele queria muito ficar sozinho, mas a princesa Alexandra Wolkoff, de São Petersburgo, estava grudada nele. Ele percebeu imediatamente que ela era uma impostora completamente descarada, vinda do sul, talvez da Picardia ou do Languedoc, a julgar pelo francês dela. Ela também não falava russo, a não ser “Da” e “Njet”. Ele se resignou a transar com ela duas vezes por dia. Ela era muito experiente e ele não se arrependia. Evitava qualquer conversa sobre os grandes projetos dela, onde ele poderia dobrar sua fortuna da noite para o dia, garantido!

Na primavera de 1934, a barcaça vinda de La Rochelle atracou em Paris; Wolkoff havia perdido a barcaça por apenas alguns minutos. Ele pegou uma carruagem até a casa da Condessa. Ela morava em um andar inteiro de um palácio neoclássico no centro da cidade. O porteiro pegou sua bagagem e o conduziu até o primeiro andar. Ele não esperou dois minutos, pediu a Condessa.

Jamais em sua vida ele teria reconhecido a condessa rechonchuda de 70 anos e cabelos brancos como a jovem moleca que tinha seus orgasmos infantis enquanto cavalgava com a bunda nua. Eles se cumprimentaram e ela cambaleou até a cadeira mais próxima. “Francesco, você não envelheceu um dia sequer!” Ele se sentou e segurou a mão dela. “É a vontade do céu”, disse ele baixinho. Ele havia sido adotado, mentia de acordo com seu currículo inventado, seu nome

agora era Frank Butterill e ele era um Cavaleiro da Grã-Bretanha, um súdito leal do reino. E ele ainda é tutor como antes.

A Condessa se recompôs e assentiu. “Levo os caminhos do Senhor a sério”, disse ela, “perdoe-me por estar assustada. Pedi que você investigasse e escrevi para você em um momento de necessidade, porque preciso da sua ajuda, Francesco, Frank!” Ele assentiu e respondeu que viera e gostaria de saber como a vida dela havia terminado.

“Oh Frank, graças aos seus ensinamentos, tive uma vida linda e sexualmente muito plena. Segui suas instruções e transei com todos os pretendentes durante dois anos. O vencedor foi o Conde Belfort, um homem com um vigoroso desejo, que me deu uma filha, Audrey. Infelizmente, ele morreu há 18 anos e não tive um marido desde então; lamentei muito a sua morte. Deixei o Castelo de Belfort para o irmão mais novo dele, que foi meu amante por muito tempo, o bom rapaz. Nosso caso terminou depois que ele me fez esquecer as lágrimas em orgasmos noite após noite por mais de um ano. Não preciso de um castelo, a fortuna me permite ter uma aposentadoria tranquila. Só tenho minha cozinheira que cuida da nossa casa.”

A Condessa tomou um gole de seu licor e umedeceu a garganta. “Aubrey teve azar ao se casar com o Marquês de Beaumont. Ele é um rico vagabundo, bebe, joga e aposta em cavalos e sempre tem sorte, aumentando constantemente sua fortuna. Ele não presta como marido. Depois que conheceu Aubrey e começou a bater nela, ela passou a dormir em um quarto separado e não o deixa mais transar com ela. Ela se envolveu em inúmeros casos e teve Virginie, minha netinha. Aubrey só tem esses casos na cabeça e Virginie é uma criança negligenciada de 16 anos, infelizmente. É disso que eu preciso, Francesco, Frank!” Ela fez uma pausa e enxugou uma lágrima do canto do olho.

“Virginie é tudo para mim, Frank! Ela está na creche comigo, mas vem cada vez menos. Os tutores foram desistindo um a um, a criança está selvagem e teimosa. Ela tem crises de pânico e acessos de raiva, se recusa a usar calcinha e se masturba sem pudor em público, ou pelo menos brinca com os genitais. Não sei se ela se masturba direito. Ela ataca meninos, abaixa as calças deles e os masturba descontrola-

damente, fazendo-os ejacular no chão com um sorriso malicioso. Não sei mais como controlá-la. Por isso pedi sua ajuda!”

Frank assentiu. Ela poderia ficar com Virginie para que ele pudesse começar as aulas? A Condessa assentiu. Aubrey certamente ficaria feliz em ter uma preocupação a menos e mais tempo para seus casos amorosos. Jeanette lamentou o quanto sofreu por causa da vida desregrada da filha. Mas esse trem finalmente partiu. Agora ela não conseguiu mais conter as lágrimas e chorou copiosamente. Frank pegou sua mão; ele faria o possível para ajudá-la e a Virginie também. A Condessa Jeanette disse, em meio às lágrimas, que a menina já tinha 16 anos e que não sabia se Virginie já estava se envolvendo com vários homens ou se ainda era virgem. Suas lágrimas voltaram a cair. “Frank, ela é um moleque, inculta e selvagem. Ela precisa de instrução, de mão firme e de alguém que possa cuidar dela. Eu li seu famoso livro sobre a China; é bem picante, mas me convenceu de que você pode ajudar Virginie. Você não entende apenas de casos amorosos casuais, mas também dos problemáticos. Isso me convenceu completamente!”

Frank assentiu, tranquilizando-a. Ela deveria ligar para Aubrey e pedir que trouxessem Virginie para cá. Jeanette pegou o telefone e falou com a filha por dez minutos. Ela traria Virginie no domingo à noite e a menina poderia ficar o tempo que quisesse. Aubrey presumiu que a filha gostaria de voltar depois de alguns dias, já que Jeanette não havia mencionado Frank. A cozinheira espiou pela porta: “Senhora, está servido!”

Os dois comeram e a cozinheira serviu a deliciosa refeição. Frank olhou para a cozinheira e a achou interessante. “O nome dela é Marie”, disse Jeanette, “ela tem 30 ou 31 anos e é uma verdadeira parisiense. Ela trabalhava com ela há 5 ou 6 anos e era extremamente dedicada.” Frank assentiu, sem demonstrar interesse, e deixou Jeanette falar sobre sua vida amorosa. Ela se animou e falou sonhadoramente sobre os casos maravilhosos que tivera, a felicidade que sentira transando com o marido e seus amantes. Seu marido havia morrido meses depois e ela estava nos braços do irmão mais novo dele, com quem transava desde os 12 anos. Ela delirava sobre a virilidade do rapaz que continuou a transar com ela um ano após a morte do mari-

do. Ela não transava desde então, há 18 anos, disse com um olhar cabisbaixo, como se tivesse vergonha disso.

Depois do jantar, ela o levou para conhecer o apartamento, mostrando-lhe o quarto de Virginie e o escritório com um sofá estreito onde ele poderia dormir. Em seguida, mostrou-lhe seu espaçoso quarto, no meio do qual havia uma enorme cama de casal. “Minha cama dos pecados dos meus tempos de farra”, disse Jeanette. Ela esperava que ele dormisse com ela; não eram estranhos, disse, corando. Ele aceitou de bom grado, disse, e passou o braço em volta do ombro de Jeanette; certamente era mais confortável do que o sofá. Ele sentiu o suspiro de alívio dela. Beberam mais alguns copos de licor na sala de estar e ele discretamente perguntou sobre Marie, a cozinheira. Não, ela não era casada e, pelo que sabia, não tinha amante, disse Jeanette. Mas ela não tinha certeza. Ele mudou de assunto e a fez falar sobre como ela seduziu o cunhado quando ele tinha 12 anos. Jeanette relembrou o rapaz, que logo cresceu, teve seus casos e amizades, mas permaneceu um amante leal e poderoso por mais de 30 anos. Não havia nada do que se arrepender; ela também teve muitos amantes. Seus olhos brilharam quando eles saíram e foram dormir.

Jeanette se trocou atrás de um biombo e foi para a cama de camisola aberta, onde Frank já estava deitado. Ela deixou a luzinha acesa e estendeu a mão para o pênis dele. “A velha joia!”, exclamou baixinho, “não envelheceu nada!” Ela brincou com a ereção. “Faz 18 anos que não tenho um pênis na boca, Frank”, sussurrou, “e minha vagina envelheceu e enrugou. Encolheu tanto que mal consigo enfiar dois dedos. Mas ainda treino bem o clitóris, todas as noites.” Frank permaneceu em silêncio, afastou a camisola dela e sua mão explorou seu corpo envelhecido. Ela suspirou profundamente quando ele encontrou seu clitóris e sua vagina também. “Vamos transar, Jeanette, como nos velhos tempos?”, perguntou ele, com a voz trêmula. Ela suspirou: “Você tem que ter muito cuidado, meu amor, eu sou muito, muito apertada!”

Ele penetrou com muito cuidado, sem machucá-la. Ela estava bem lubrificada com saliva. Ela dilatou a vagina, afastando os lábios enrugados o máximo que pôde. Frank descobriu que ela tinha um clitóris consideravelmente grande e ereto. Mesmo assim, ela gemeu de dor

enquanto ele penetrava com a maior delicadeza possível. Sua vagina se expandiu e gradualmente se acomodou. Ele esperou um pouco antes de penetrá-la. Ela gemeu de dor e suspirou de prazer ao mesmo tempo, mas por mais excitada que ficasse, não conseguia ter um orgasmo. Ela levou o dedo ao clitóris e o esfregou. Isso pareceu fazer efeito, ela quase não gemia mais. Ele a penetrou com cuidado, sem pressa e mantendo um ritmo lento. Depois de 20 minutos, Jeanette suspirou profundamente, seu dedo deslizou sobre o clitóris e ela teve um orgasmo muito leve, que apenas a fez tremer um pouco. Ele parou de penetrá-la quando Jeanette fez uma careta de dor.

“Você não conseguiu ejacular de jeito nenhum, coitada de mim!” ela suspirou preocupada. Ele não disse nada porque sabia a solução. “Nunca chamei a Marie antes, mas talvez ela possa vir até você?” ela sugeriu. Ele abriu a porta e chamou Marie. Depois de alguns instantes, ela espiou pela porta. Viu o homem nu embaixo da porta e encarou seu pênis ereto. Ele a chamou baixinho para que viesse imediatamente à Madame. Ela saiu, passou por ele e olhou para a Condessa. Ela não estava doente, estava? A Condessa disse: “Marie, é incomum, mas você gostaria de se deitar conosco, deitar com Sir Frank?” Marie congelou e gaguejou: “Madame, eu não sei! Só transei uma vez, quando tinha 14 anos, e nunca mais! Eu realmente não sei, Madame!” Jeanette deu seu melhor sorriso e apontou para o enorme colchão. “Venha aqui, Marie, Sir Frank adoraria fazer isso com você!” Marie aproximou-se hesitante e Jeanette acenou para que ela se aproximasse. “Vamos, Marie, não tenha medo! Tire a camisola!” Marie obedeceu, como sempre fazia.

Frank olhou para ela enquanto Marie se deitava ao lado da Condessa e tentava se esconder atrás dela. Ele se deitou entre as duas e afastou as pernas de Marie. “Oh, ele já está bem duro”, disse ele baixinho. Ela corou e suspirou: “Eu já estava quase dormindo, claro que já fiz isso duas vezes, como sempre, então ele ainda deve estar duro!” Ele sorriu gentilmente: “Tudo bem. Mas vejo que você ainda tem o hímen! Você não disse que já tinha transado!?” Marie o encarou por um longo tempo. “Sim, mas só uma vez, quando eu tinha 14 anos.” Ele a olhou atentamente nos olhos. “O jovem cavalheiro de Montmorency, o filho de 13 anos do Lorde, tinha um pênis bem pequeno, na verdade era bem mole e ejaculou assim que penetrou. Ele deu um

sorriso estranho e disse: ‘Então agora você é uma mulher!’ Eu acreditei nele, ele era filho do Marquês e não mentiu!” Marie ficou um pouco irritada porque Frank parecia incrédulo. “Foi exatamente assim, Mestre Butterill, eu juro!”

Ele mudou de assunto. Marie tinha uma figura esbelta, seios quase imperceptíveis e um pequeno arbusto natural. Ele acariciou seu clitóris. “Você quer transar comigo?”, perguntou, enquanto a excitava com suaves fricções no clitóris. “Não sei, Madame!”, disse Marie timidamente à patroa, “aqui? Agora? Imediatamente?” Jeanette acariciou sua cabeça suavemente. “Mas sim, minha filha, se você quiser, por mim tudo bem. Sim, aqui, agora mesmo, e não tenha medo!” Marie ainda hesitava, olhando de Jeanette para Frank e vice-versa.

“O que devo fazer agora, Mestre Butterill?”, perguntou ela, incerta, com a voz trêmula. Ele respondeu: “Apenas me chame de Frank e eu a chamarei de Marie.” Ficou claro para ele que Marie esperava instruções precisas. “Deite-se de costas, pernas para cima e joelhos afastados. Isso, está ótimo, você pode colocar a cabeça no peito da Madame, perfeito!” Ele se ajoelhou entre as pernas de Marie. “Só vai arder um pouquinho e depois eu a foderei, se puder?” Ele a olhou interrogativamente e ela assentiu ansiosamente: “Sim, pode, Sr. Frank!” Ele sorriu e disse que ela não precisava se enrijecer nem ficar tensa, apenas fechar os olhos e fantasiar como se estivesse se masturbando. Ela assentiu; pensaria em como os pestinhas espirravam no chão do porão. Ela sempre pensava nisso enquanto se masturbava. Frank sorriu involuntariamente quando ela fechou os olhos e começou a sorrir.

Ele segurou os quadris de Marie e penetrou com força. “Está ardendo agora”, disse Marie, abrindo os olhos, “está ardendo, Sr. Frank!” Ele sorriu e começou a transar com Marie. Ela estava rígida no início, mas depois começou a mover o abdômen e a transar no ritmo dele. Ele não estava insatisfeito, pois transaram por um longo tempo e ela já havia atingido o ápice. Ela abriu os olhos e perguntou: “Posso?”, pressionando um dedo contra o clitóris. Ele não precisou responder; ela esfregou o clitóris hesitante, depois com mais e mais firmeza. Ele queria, precisava ejacular dentro dela. Ejaculou por um tempo que pareceu uma eternidade, depois desabou ao lado dela, respirando pesadamente. Ele e Jeanette a observavam se masturbar;

ela havia fechado os olhos e ignorado o jato, masturbando-se com firmeza e determinação, nada nem ninguém poderia perturbá-la. Ela aumentou o ritmo, seu dedo deslizava rapidamente e seu rosto se contorcia. Seu orgasmo foi muito forte e a fez arfar algumas vezes, e então acabou. Os dois provavelmente a observaram por alguns minutos e o pênis de Frank já estava ereto novamente.

Ele transou com a atônita Marie novamente; ela se contorceu desde o início e se agarrou a ele. Timidamente, perguntou se podia tocar seu clitóris e ele assentiu: “Assim que eu te foder mais rápido e antes de gozar”. Marie assentiu e sussurrou que sim. Na verdade, ela só tocou seu clitóris quando ele aumentou o ritmo. Ele gozou dentro dela novamente e isso foi o suficiente. Ele se deitou e recuperou o fôlego. Marie já havia se masturbado intensamente enquanto gozava e continuou com os olhos fechados. Agora demorou muito mais e ela lutou bravamente com o clitóris. Então, finalmente, o orgasmo! A fez se contorcer com força, depois acabou e ela abriu os olhos e sorriu. “Agora você é uma mulher de verdade, Marie!”, disse Frank, e ela assentiu. “Eu nunca fiz isso quatro vezes seguidas, Frank! Foi incrível! E obrigada, Madame!”, perguntou ele, e ela explicou em voz baixa exatamente como tinha sido aquela breve transa 15 anos atrás. De qualquer forma, não foi tanta foda quanto agora, disse Marie, o garoto gozou imediatamente e não continuou.

Jeanette perguntou se ela queria voltar amanhã para transar com Frank. Marie olhou para o rosto dele por um longo tempo: “Sim, eu gostaria, Madame! Farei mais duas vezes primeiro, como sempre, tudo bem, Madame?” Jeanette assentiu; seria ótimo, o mestre Frank também gostaria de fazer duas vezes como antes. Eles conversaram um pouco e então Marie saiu. Frank e Jeanette cochicharam por um tempo; ela realmente queria saber quais dos dois tinham respingado onde no chão. Ele sorriu cansado e adormeceu.

Marie parecia outra pessoa o dia todo, e sorriu para si mesma. À noite, ele sussurrou para Jeanette que não ia transar com ela, pois não queria causar-lhe dor. Ela deveria se masturbar, já que isso não lhe causaria nenhum desconforto. Ele havia dito a Marie que não precisava se masturbar antes da transa, bastava que se masturbasse durante o ato. Marie pensou: “Talvez a gente tente assim”. Ele a cha-

mou para o quarto de Jeanette e eles transaram mais duas vezes, e, como no dia anterior, Marie se masturbou durante a transa, assim como Jeanette. Marie sorriu; não doía mais e os dois orgasmos foram ótimos. Frank perguntou sobre a menstruação dela, mas ela o olhou com os olhos arregalados. “Menstruação? O período menstrual? Nunca tive isso antes”, disse Marie, “isso é ruim?”. Mas ele explicou que isso significava apenas que ela não teria um filho através da transa. Marie assentiu; ela nunca havia pensado em ter um filho, nunca.

Era um arranjo estranho, mas pelo menos para ele era satisfatório. Ele explorava o bairro durante o dia e trazia algumas garrafas de bom vinho, porque Marie nunca comprava vinho, apenas o licor favorito da Madame. Quando a mesa era arrumada à noite, eles convidavam Marie para tomar um copo de licor. Ela disse abertamente que já havia feito centenas de massagens eróticas e que nunca mais queria transar depois daquela estranha primeira vez. E os patifes batiam na janela da cozinha quando desciam ao porão para ejacular. Ela era, de certa forma, uma espectadora tolerada; os rapazes às vezes queriam ver sua vagina ou ela podia esfregar um no outro e deixá-los ejacular. Mas era apenas uma brincadeira inofensiva, ela sabia disso. Ela ouvia boquiaberta enquanto a Condessa discutia algumas passagens picantes do livro dele sobre a China com Frank. Frank tinha morado na China! Ele tinha transado com garotas chinesas! Marie não conseguia conter o espanto. É claro que ela já tinha visto mulheres chinesas nas ruas de Paris e alguns brincalhões a tinham convencido de que as chinesas tinham fendas transversais “lá embaixo”. Frank deu uma gargalhada, que absurdo! Ele garantiu a Marie que os corpos das chinesas eram iguais ao dela, que elas transavam e se masturbavam como nós. A única diferença real era em relação aos pelos pubianos. A maioria das chinesas tinha apenas um pequeno arbusto, geralmente com o formato de uma chama de vela e com a espessura de dois dedos.

Certo dia, Aubrey trouxe Virginie, que entrou rapidamente, e Frank foi apresentado a ela como a tutora de sua filha. As roupas elegantes e a maquiagem impecável não o enganaram; era evidente que ela era a prostituta da nobreza. Seu rosto abatido talvez tivesse sido belo em algum momento, mas o álcool e a cocaína haviam causado

danos significativos. Ele se despediu dela e falou com Virginie, que era chamada de Ginni.

Ela já tinha ouvido dizer que ele era o novo tutor. Mas ela não precisava de um tutor, todos eram estúpidos. Ele concordava, os outros provavelmente eram estúpidos, mas não ele, ela logo veria isso. “Pah!” ela gritou, “Logo vou saber o quão estúpido você é!” Ela lhe deu um chute na canela e ele imediatamente revidou. Ela hesitou. Ninguém tinha ousado fazer isso até então. E este sorriu descaradamente. Ele estava prestes a mostrar a língua, ela pensou. Ela deu um passo para trás e ambos se encararam em silêncio. Frank perguntou se ela se achava mais forte do que ele. Ela balançou a cabeça negativamente: “Não, você é muito mais alto do que eu, isso seria injusto!” Ele sorriu. “Tudo bem, não me importo. Não precisamos brigar para descobrir quem é o mais forte.” Ele deixou claro que a questão estava resolvida.

Ginni perguntou o que ele poderia ensinar. Ele disse que muitas línguas, por exemplo: inglês, alemão, italiano, chinês ou sueco. “Bah!” exclamou Ginni, “ninguém precisa de todas essas línguas!” Ele assentiu, concordando: “Você tem toda a razão, eu também falo latim, e essa é uma língua morta. Isso significa que ninguém fala latim hoje em dia.” Ele pegou o livro dos Irmãos Grimm da mesa. “Aprender alemão pode ser muito legal”, disse ele, entregando-lhe o livro aberto. Ela olhou para os daguerreótipos e ficou surpresa. Continuou folheando as páginas, mas ele, decididamente, tomou o livro de sua mão. “O livro está em alemão, mas ninguém precisa de alemão, você disse.” Ele colocou o livro sobre a mesa, apontando para ele. Ela o encarou com olhos grandes e raivosos, hostilmente. “Provavelmente existem livros assim em francês também, argh!” exclamou ela, triunfante. Ele assentiu. “Nem precisa saber ler para ver umas fotos obscenas. E se você tiver que limpar esterco num estábulo como empregada doméstica, não precisa saber ler.” Ela pensou a respeito. O cara era esperto e astuto, isso era óbvio. “Mas eu sei ler!” ela exclamou, desafiadora. Ele assentiu lentamente. “A maioria dos cavalheiros nobres dificilmente se casa com uma mulher estúpida que não sabe fazer nada além de transar, não acha?” Ela permaneceu em silêncio, desafiadora. “Eu nunca transei antes e certamente não precisarei depois!”

Ele deu um sorriso maroto. “Se você trabalha na cozinha de um restaurante e tem que descascar batatas para um punhado de ajudantes, o chef não vai perguntar se você quer transar ou não, ele vai transar com você de qualquer jeito e ainda sorrir maroto. E principalmente se você vier de uma família nobre, ele odeia gente assim! Aliás, a empregada do estábulo também transa, quer ela queira ou não!” Ele sabia que estava pisando na corda bamba, mas talvez pudesse fazê-la pensar. Ela não facilitava as coisas para ele. “Se alguém assim transar comigo, eu arranco o pau dele com os dentes!” exclamou ela, sentando-se em uma cadeira e fazendo beicinho. Ele pegou o livro da mesa e o levou para o escritório. Aubrey tinha saído, antes de mandar um beijo no ar, sem pensar, para Ginni. Ginni a observou em silêncio.

Jeanette também se sentou e Marie trouxe chá e limonada para Ginni. Ginni chamou Marie: “Então vamos para o porão?” Jeanette perguntou bruscamente: “O que vocês querem no porão?” Ginni olhou para elas com um sorriso malicioso e disse de canto de boca: “A gente esfrega os pênis dos caras e faz eles gozarem no chão, é muito divertido!” Jeanette empalideceu e disse com raiva: “Eu já proibi vocês de irem ao porão umas cem vezes!” “Pah!” Ginni respondeu irritada e colocou os pés no assento ao lado. Ela apoiou os joelhos nos braços da poltrona, alternando os lados. Frank viu sua vagina; ela realmente não estava usando calcinha.

Ele sabia que ela já tinha 16 anos, mas parecia mais uma garota magricela de 13, sem seios, ossuda e magra, com a vagina bem vermelha. Apenas um delicado penugem destoava do resto. Ele observou atentamente a vagina dela; ela havia começado a puxar e repuxar os lábios. Era uma vagina bonita, infantil e virginal. Seus lábios estavam vermelhos e, depois de alguns minutos, Ginni começou a puxar e repuxar o clitóris.

Jeanette inclinou-se para ele e sussurrou que a pequena estava se masturbando, estivessem eles ali ou não. Ele sussurrou de volta que não era masturbação! Jeanette deu de ombros e eles conversaram baixinho sobre as lições que viriam a seguir, mas seus olhos permaneceram fixos na genitália de Ginni. Depois de um tempo, Jeanette perguntou: “E agora?”. Ginni havia se recostado completamente e es-

tava esfregando o clitóris entre o polegar e o indicador. Ela se masturbava como normalmente masturbava os pênis dos meninos, só que seu clitóris não tinha um centímetro de comprimento. Seu clitóris agora estava vermelho e muito rígido. Ela se masturbava como os garotinhos se masturbavam, segurando o clitóris, que não tinha um centímetro de comprimento, entre o polegar e o indicador e esfregando-o com determinação para frente e para trás. Ela sorriu com os olhos fechados e continuou assim por quase 10 minutos; quanto mais tempo se masturbava, mais seu sorriso se distorcia até se tornar uma careta contorcida pelo esforço. Uma última esfregada forte, então ela estremeceu e se levantou de um pulo. Ela correu para o banheiro, deixou a porta aberta e grunhiu bem alto.

Ela voltou e parou na frente dos dois. “Bem, vocês já falaram o suficiente sobre tudo o que eu tenho que aprender?!” Eles não responderam. Ginni sentou-se na cadeira com as pernas afastadas. Ele olhou para ela calmamente e perguntou se ela se importaria se eles conversassem sobre os estudos amanhã, depois do café da manhã, quando as aulas pudessem começar. “Pah!” Ginni respondeu e correu para a mesa de jantar. Marie serviu o jantar. Eles comeram em paz e Ginni foi para o quarto das crianças enquanto Jeanette e Frank bebiam mais um copo de licor. Era difícil saber o que fazer com Ginni. Eles foram dormir e ele chamou Marie para o quarto de Jeanette.

No café da manhã, Ginni estava esfregando o traseiro; dava para perceber que algo a estava incomodando. Ele foi até o escritório e colocou duas cadeiras e alguns livros. Ginni fechou a porta atrás de si e sentou-se. Ela esperou até que ele se sentasse à sua frente. Olhou para ele com firmeza: “Eu vi ontem que você entrou no quarto da vovó! Você provavelmente transou com ela também!”

Ela não esperava que ele se mantivesse tão calmo e respondesse com tanta serenidade. “É verdade, eu durmo na cama dela porque é mais confortável do que o sofá. E a gente transava muito antes da sua mãe nascer!” Não era o que ela esperava, mas ainda tinha uma carta na manga. “Eu também ouvi dizer que você chamou a Marie e ela entrou de camisola. Só acordei bem tarde quando ela voltou.” Ele assentiu. “Sim, e o que você quer saber?” Ela mordeu o lábio inferior. “Então, o que ela fez com a vovó por tanto tempo?” Ele sorriu de for-

ma desarmante, tanto que ela já se arrependeu da pergunta. “Essa também é fácil de responder: ela se deixou ser fodida, Marie.”

Ginni riu. “Não fale besteira, professor! Deixar-se foder, Marie? Eu sei muito bem que ela não se deixa foder, porque rejeita todos os garotos que querem transar com ela. Mostrar a buceta para ver e fazer os garotos gozarem, isso sim, ela faz. Mas foder? Nunca!” Ele ainda sorria: “Eu te disse a verdade, Ginni, não estou mentindo para você.” Ela não queria admitir. “Bem, a vovó não pode ter transado com ela, ela não tem pênis.” Ela fez uma pausa: “Isso significa que você transou com a Marie? E a vovó permitiu isso!?” Ela não conseguia acreditar. Ele disse: “Eu e a Marie transamos duas vezes seguidas e sua avó não se importou! Estou falando a verdade, Ginni!”

Ela tinha ficado muito pequena. “E se eu perguntar para a Marie e para a vovó?” Ele a encarou e disse: “Elas vão confirmar para você, se não mandarem você, pirralha irritante, para o inferno!” Ela se abaixou porque ninguém falava com ela daquele jeito. “A vovó sempre me repreende quando eu me masturbo na frente de todo mundo, dizendo que é nojento! Mas ontem eu fiz isso na frente de vocês duas e ela não disse uma palavra.” Ele olhou diretamente para ela. “Claro que vimos e ficou claro para nós que você não tem a menor ideia de como uma garota se masturba direito. Direito e direito, entenda bem.”

Ela ficou chateada, mas ele insistiu. Certo ou errado. Falou-se muito que ele precisava provar para ela, senão ela não acreditaria. Ele disse que mostraria, mas exigiu que depois concordassem pacificamente em pelo menos quatro assuntos que ele deveria ensinar a ela. Ela não hesitou nem por um segundo. “Ótimo, a aposta é válida!”

Ele assentiu com um sorriso e disse que, primeiro, ela precisava fazer xixi. Ela saiu e voltou. “Ótimo”, disse ele, “esse é o primeiro ponto: não se masturbe com a bexiga cheia. Agora, se aconchegue nos meus braços como um bebê, preciso aproximar minha mão do seu clitóris.” Ela assentiu e se deitou em seu braço. Ele levantou a saia dela e colocou a perna dela sobre a mesa. “E agora, segundo ponto: molhe meu dedo com saliva, preciso deixar seu clitóris bem molhado.” Ela lambeu o dedo dele e ele molhou o clitóris dela três

vezes seguidas. “E agora, terceiro ponto: preste muita atenção no que eu faço com o meu dedo.”

Ele a masturbou com vigor e delicadeza. Suas pernas começaram a tremer e ela sussurrou: “Lá vamos nós!”. Ele continuou, imperturbável com o sobressalto violento dela. “Acabou”, ela gritou ansiosamente, mas ele balançou a cabeça e continuou a estimulá-la vigorosamente. Minutos depois, suas pernas se contraíram involuntariamente e o orgasmo a atingiu como um tigre que a mordeu. Agora havia terminado.

Ela levou dois minutos para voltar a respirar normalmente. “Ufa! Isso foi forte!”, exclamou. “Sim”, disse ele, “esse foi o seu primeiro orgasmo de verdade. E talvez agora você entenda melhor que deve fazê-lo em particular e não na frente de outras pessoas, talvez na frente de namorados e namoradas.” Ela se sentou. “Posso tentar sozinha agora?”, perguntou, e ele respondeu: “Amiga?” Ela assentiu: “Amiga!”

Ela se recostou no braço dele. Ele disse: “Não com a bexiga cheia!” Ela assentiu e balançou a cabeça negativamente. “Segundo, molhe o clitóris!” Ela assentiu, molhou um dedo e esfregou o clitóris com bastante saliva. “E agora!” ele ordenou. “Não, comece devagar até o clitóris ficar pontudo, quente e ávido, depois acelere.” Ela fez o mesmo, aumentando a velocidade enquanto suas pernas começavam a tremer. “Não pare, continue!” ele ordenou. Ela fechou os olhos e mordeu o lábio inferior por causa do esforço. Seu orgasmo continuou e ela manteve o dedo em movimento até se arquear e convulsionar em êxtase. Ela abriu os olhos e sorriu radiante. Ele esperou até que ela se acalmasse e a fez sentar na cadeira em frente.

Os olhos dela brilharam. “Certo, o senhor tinha razão, Sr. Frank. Talvez seja verdade que Marie deixa você transar com ela. Duas vezes seguidas.” Ele sorriu: “Nós transamos há 10 dias, eu e Marie. Acho que ela gosta, ela curte transar, com certeza!”

Ela assentiu. “E você vai transar comigo também?” Ele acenou com a mão. “Claro que não hoje, mocinha, isso está indo rápido demais para mim! E, além disso, queríamos decidir juntos quais quatro

matérias deveríamos começar!” Ela ficou bastante decepcionada e disse que também queria transar se Marie pudesse. Ou a vovó. Ele disse: “A vovó tem dificuldade para transar, mas sempre quer repetir. Ela geralmente se masturba quando eu transo com a Marie, e se masturbar não a incomoda.” Ela olhou para ele e quis perguntar mais, mas ele a interrompeu. “Matemática, essa sim é importante.”

Ela resmungou: “Isso é só aritmética!” Ele assentiu: “A computação é só a ponta do iceberg, a vaca inteira é matemática.” Ela resmungou: “Certo, primeiro compartimento: a vaca e seu rabo.” Frank não resistiu e ela riu também.

“E vocês assistem quando a vovó se masturba?” Frank assentiu e disse que geometria e álgebra combinavam com matemática como melhores amigos ou irmãos. “Mas esses dois não têm rabos como as vacas”, Frank sorriu, “Eles também gostariam de ter um, mas perderam os deles brincando loucamente!” Ginni sorriu: “Então a vovó se masturba e deixa vocês dois assistirem!?” Frank acenou com a mão. “Claro, nós três somos como bons amigos, Marie também deixa a gente assistir quando ela se masturba depois de transar. E, por último, latim ou você prefere chinês?”

Ela balançou a cabeça. “Alemão, por causa das figuras!” Frank sorriu. “Primeiro, você sempre pode olhar as figuras durante a aula, caso contrário, por favor, não olhe, eu sempre quero saber onde estão meus livros. Segundo, na minha opinião, alemão não é tão importante. Haverá guerra nos próximos anos e a Alemanha perderá, a Inglaterra ganhará. O inglês é a língua dos vencedores, eles procurarão pessoas na França que falem inglês.” Ela era rápida no raciocínio, rápida nas decisões. “Você está falando sério sobre a guerra?”, perguntou ela, e ele assentiu. “Muito sério! Não sei se a guerra chegará à França, mas à Alemanha, com certeza!” Ela olhou nos olhos dele. “Inglês, ok, e as figuras alemãs na aula!” Frank assentiu. “Temos quatro matérias, vamos começar imediatamente!” Ela queria perguntar outra coisa. “Frank, você pode me dizer exatamente como é transar com a vovó e a Marie?” Ele assentiu, ok, e recostou-se.

Ele disse que costumava transar muito com a avó dela antes de Aubrey nascer. Ela está velha agora, mas ainda gosta de transar com

ele. Só que, com mulheres tão velhas, a vagina encolhe tanto que não dá para enfiar dois dedos, então transar com ela dói muito, mas ela ainda quer. Ginni o interrompeu. Ela também tinha a vagina bem apertada; uma vez, um garoto conseguiu colocar o pênis pelo buraco do hímen dela e transar com ela, mas ela não achou lá essas coisas porque, no final, ele gozou dentro, o porco! Aí ela colocou um dos dedos e estava bem apertado lá dentro.

Frank assentiu com a cabeça e perguntou se ela estava interessada em ouvi-lo transando com Marie. Ela assentiu ansiosamente e ele falou por meia hora sobre como transar com Marie, que era muito mais jovem que sua avó, era completamente diferente. Ginni estava com os lábios colados nos dele; ela tinha a mão pressionada contra a própria vagina. Ele teve que explicar algumas coisas com mais detalhes porque ela estava realmente interessada. Quando ele terminou, o rosto dela estava radiante. Ela queria transar como Marie, naquele instante. Frank balançou a cabeça: “Deveríamos esperar pelo menos alguns dias até nos conhecermos melhor e nos tornarmos bons amigos. Não se deve transar assim do nada, é preciso conhecer as pessoas antes de transar. Eu sempre penso assim, economiza dinheiro e muita dor de cabeça para mim.”

Ginni assentiu, surpresa dele: “Sim, faz sentido!” Ela disse que ficou muito excitada e perguntou se podia se masturbar novamente. Frank respondeu: “Sim, claro, você pode se masturbar na aula a qualquer momento, se quiser! Mas é melhor você se sentar aí no sofá e me deixar observar, combinado?” Ela assentiu e sentou-se no sofá com as pernas afastadas, depois puxou as pernas para cima e a saia também. “É assim que você vê tudo?”, perguntou ela, e ele assentiu. Disse que era bom observá-la. Ela se masturbou muito bem e profundamente, tendo um orgasmo intenso e forte. Ele a elogiou por ter aprendido tão bem. Depois, foram jantar; Marie tocou a campainha. No jantar, Ginni ficou silenciosa como um peixe, olhando para Jeanette e Marie com outros olhos. Deu um beijo de boa noite em cada uma na bochecha, como uma criança bem-comportada, e foi dormir no berçário.

Jeanette olhou para o copo de licor e deu um gole com a língua. Ela pousou o copo e esperou até que Marie terminasse de arrumar a

cozinha. “A criança está completamente diferente, Frank”, disse ela, lançando um olhar de soslaio inquisitivo. “Você já transou com ela?” Frank sorriu. “Querida Jeanette, fico honrado com a sua pergunta, mas não, ela é intocada e vou esperar mais uma semana para ver se nos tornamos bons amigos. Ela foi levada a sério pela primeira vez na vida, e isso a surpreendeu muito. Planejamos uma carga horária de estudos: matemática, geometria, álgebra e inglês, só para começar. Ela vai aprender, eu prometo.” Jeanette respirou fundo. “Desculpe pelas minhas suspeitas, mas ela parecia completamente diferente e eu pensei, bem... eu só pensei isso, é assim que eu sou.”

Frank perguntou a ela sobre a vida amorosa de Aubrey e Jeanette sabia uma quantidade surpreendente de coisas sobre a filha; apesar de tudo, ela tinha muito orgulho dela. Ela sabia quando Aubrey tinha começado a se masturbar e o quanto isso a viciava. Ela sabia quem era o rapaz que a havia desvirginado e o drama que pôs fim ao relacionamento. Jeanette a levava a festas, bailes e a incentivava a experimentar transar com caras interessantes, algo que o próprio Frank havia recomendado na época. Ele se lembrava claramente, mesmo estando dirigindo para um novo emprego dias depois.

Antes de Aubrey se casar, ela transou com Louis todas as noites durante seis semanas como um teste. Jeanette deitava-se ao lado dos dois em sua cama e observava atentamente a transa de teste, pois conseguia se masturbar enquanto assistia. Jeanette então deixava Louis transá-la todas as vezes enquanto observavam Aubrey se masturbar, lenta e absortamente. Como ela sempre se masturbava por um longo tempo, Louis conseguia transar com Jeanette com muita força duas vezes seguidas; ele era bom nisso.

Mais tarde, aparentemente, Louis perdeu o interesse e deixou Aubrey transar com quem quisesse. Aubrey insistia em socializar apenas em círculos da alta sociedade. Mas ela se tornou viciada em prazer; mantinha o amante por no máximo uma semana e depois cravava suas garras no pau do próximo. Logo rejeitou as masturbações manuais e, mais tarde, também as felacções. Transar era a única coisa vertical; logo ela experimentou de tudo, todas as posições, jogos de papéis e sadomasoquismo, e se apegou ao bom e velho jeito francês de transar. Ela se deixava ser penetrada e só raramente montava

quando o mestre estava muito cansado ou muito velho. O álcool sempre desempenhou um papel importante; no último ano, ela usou cocaína algumas vezes, mas não lhe trouxe o efeito prometido. Jeanette tinha certeza de que Aubrey largaria a cocaína facilmente; ela corria mais risco com o álcool. Isso a arruinou a longo prazo, disse Jeanette tristemente. “Se você quiser”, disse Frank, “eu também posso cuidar da Aubrey, posso transar com ela e ela me parece uma boa presa!” Jeanette deu uma cotovelada nele. “Marie e eu não somos suficientes para você!?” Frank riu e então eles foram para a cama. Jeanette queria transar esta noite.

Ginni entrou no escritório logo após o café da manhã e folheou os contos de fadas dos Irmãos Grimm com as orelhas vermelhas. “Todas as garotas aqui transam?”, perguntou ela quando ele entrou. Ele disse que os editores não tinham permissão para publicar nada muito explícito, ou seja, nem todas as fotografias. Mas as garotas sempre transavam, e ele estava presente várias vezes quando elas eram fotografadas e depois transadas com força, primeiro pelo ator, claro, depois pelo fotógrafo e seus assistentes ou qualquer um que estivesse presente. “Você também?”, perguntou ela, e ele respondeu: “Sim, claro, todas!”. Mais tarde, ele ajudou a organizar as fotos. Por um tempo, guardou as mais ousadas porque eram pornografia muito quente, mas depois jogou tudo fora. E sim, as garotas eram todas profissionais, prostitutas. Ginni assentiu em silêncio; ela sabia o que era uma prostituta.

Começaram com matemática e ela aprendeu fácil e rápido. Ela ficava se sentando no sofá e se masturbando. Ele observava, e a cada vez ficava mais excitante. Ela aprendeu rápido também nessa área.

Frank adormeceu imediatamente após transar com Marie. Sonhou com a guerra novamente. Eles haviam se deslocado do sul da Baviera para o norte, atacando, roubando e estuprando tudo. Franz gostava mais das paróquias e mosteiros, onde havia vinho e bebida para roubar e freiras e noviças para estuprar. Ele não era um bandido; rasgava os hábitos das freiras e noviças. A maioria delas se deitava com medo — e caía no chão apavorada, sem resistir a ser estuprada. Uma noviça se ajoelhou, rezou por um instante e se deitou, pronta para transar. “Tome minha virgindade, soldado, em nome de Cristo!” Ela

gritou brevemente quando ele rompeu seu hímen, mas se masturbou continuamente do começo ao fim. Estava tão acostumada, sussurrou com uma expressão de muita vergonha no rosto, que só havia feito isso consigo mesma, mas nunca tinha transado antes. Ele esperou até que ela atingisse o orgasmo e aumentou o ritmo. Os olhos dela se arregalaram de medo: “Em nome de Jesus Cristo!” enquanto ele ejaculava dentro dela. Uma senhora da cidade, que ele havia deitado sobre a mesa da cozinha, chamou sua filha de 4 ou 5 anos para sair, mas a menina, curiosa, ficou ao lado da mãe com quem ele estava transando. A menina tirou o polegar da boca e perguntou se doía. Mamãe, ele respondeu, ofegante, que não, que sim! A pequena olhou para a vagina da mãe e exclamou surpresa: “Que buraco grande!” e continuou chupando o polegar com entusiasmo até ele terminar de ejacular. “Você está fazendo um buraco tão grande para mim agora também?”, perguntou ela, incerta, levantando a saia. Franz fugiu em pânico.

Ele acordou de repente. Olhou para o relógio na parede; não havia dormido por mais de meia hora. Jeanette se masturbava como sempre, com o dedo fazendo movimentos circulares lentos. Ela estava completamente absorta em si mesma, encarando fixamente suas imagens internas. Frank cobriu o pênis com bastante saliva e penetrou cuidadosamente a vagina apertada de Jeanette. Ela continuou se masturbando sem vê-lo; apenas uma ruga profunda na testa indicava que ela ainda o sentia dolorosamente em seu orifício apertado. Ele a penetrou no ritmo dela, enquanto o dedo dela roçava o clitóris lentamente. Ela geralmente se masturbava dessa maneira lenta por duas horas, às vezes por menos. Ele a penetrou bem devagar até que ela se tensionou um pouco e aumentou o ritmo. Ele acompanhou o ritmo dela e ela acelerou ainda mais, rumo ao orgasmo. Ele precisava ejacular, não podia esperar mais. Ele ainda ejaculava enquanto o orgasmo dela a fazia tremer levemente; era sempre tão suave. Ela continuou se tocando com uma expressão facial contorcida, prolongando o orgasmo por um minuto de cada vez. O orgasmo parou de repente e ela despertou do torpor. Com um sorriso relaxado, percebeu que o pênis dele estava em sua vagina velha e enrugada. Ele a abraçou carinhosamente antes de adormecerem.

Frank foi de carro com Ginni até a casa da mãe dela, que estava doente, resfriada e acamada. Ginni o levou até o quarto e fechou a

porta imediatamente. “Ela está se masturbando, talvez não devêssemos incomodá-la!” Ginni sentou-se no pequeno banco. “Eu sei, Frank, você quer mesmo transar com ela!” Não havia mais nada daquela pirralha atrevida; ela era uma criança grande, crescida e triste. Ele foi até Aubrey e deitou-se ao lado dela. Ela olhou para cima brevemente, sem interromper sua lenta masturbação. “Você é o novo professor”, disse ela sem nenhuma surpresa enquanto ele a penetrava. Ela apenas assentiu enquanto ele começava a transá-la, e assentiu repetidamente até que ele ejaculou. Ela ainda estava se masturbando quando ele saiu. Ele voltou para casa com Ginni. Ela não disse uma palavra, simplesmente pegou a mão dele e o levou até o táxi. Ela tinha uma expressão triste no rosto, mas o levava para a casa de Aubrey todas as manhãs, durante toda a semana. “Ah, você vem transar, Mestre Frank!” Aubrey sorria todas as manhãs e o deixava entrar em sua cama. Ela transou muito bem, estava totalmente entregue. Agora que não estava se masturbando, concentrou-se na transa e teve orgasmos intensos. Não se beijaram com língua, nem se abraçaram. Transaram com muita concentração, ele a beijou na bochecha ao sair. Ginni o esperou tristemente no banco, pegou sua mão e eles foram para casa em silêncio. Ginni não mencionou o fato de ele estar transando com Aubrey. Ela era sua cúmplice. Ele transou com Aubrey todas as manhãs durante uma semana. Tudo acabou de uma vez, Aubrey estava saudável novamente.

Ginni estudou com afinco. Ele havia descoberto cinco fotos picantes do fotógrafo nas profundezas insondáveis de sua mala de viagem e as entregou a Ginni. Ela riu e olhou as imagens pornográficas. Gostou particularmente de uma: a garota estava montada nele de costas, com a boca bem aberta. Seu clitóris estava bem acima do pênis dele. “Ela está tendo um orgasmo!”, exclamou Ginni, entusiasmada, e Frank confirmou. Ginni se masturbava com muito mais frequência do que o normal, e Frank a observava com um sorriso. Aos poucos, o efeito das imagens foi passando.

Ginni queria transar. Ele não a deixou implorar por muito tempo; fazia um mês e havia uma faísca entre eles. Ela estava completamente apaixonada por ele, o que, na opinião dele, era ótimo. Eles transariam agora, disse ele, e ela se jogou em seu pescoço. Ele a deitou de costas e levantou sua saia. Suas bochechas coraram de excitação, ela

assentiu ansiosamente; ela queria, gritou animada. Ela o abraçou forte enquanto ele a penetrava. Seu hímen se rompeu facilmente e ela o beijou com um longo beijo de língua. Eles transaram, sorrindo e felizes. Jeanette os ouviu, espiou rapidamente e saiu imediatamente, sorrindo.

Eles transavam sempre que tinham vontade. Ele agora tinha muitas com quem transar. Jeanette, aqui e ali. Marie, todas as noites, mas ele se conteve e só transou com a pequena parisiense uma vez. Ele visitava Aubrey várias vezes por semana depois do café da manhã; ela gostava de ser fodida com entusiasmo. E Ginni transava com ele durante o dia. Ele havia se afeiçoado à garota. Mesmo já tendo 19 anos, ela ainda tinha apenas uma penugem infantil na vagina e ainda não havia menstruado. Ela havia crescido e se tornado uma jovem muito bonita. Ele estava na casa de Jeanette há 6 anos, mas Ginni não fazia nenhum movimento para conhecer outros rapazes seriamente. Quando ele ia à casa de Aubrey, ela às vezes transava com um ou dois dos pequenos safados. Frank entrava no escritório onde ela estava transando e um ou dois estavam esperando para aparecer, esfregando lentamente seus pênis para mantê-los eretos. Ele gostava de observá-la quando ela deixava os pênis dos garotinhos a foderem; ela claramente adorava os garotinhos. Os garotos geralmente a fodiavam em turnos por duas horas e só iam embora quando ninguém aguentava mais. Sempre que ele falava em se casar ou transar com adultos, ela o abraçava carinhosamente e dizia, sorrindo, mas com firmeza, que era esposa dele e de mais ninguém. Ponto final.

O dia em que os alemães invadiram a fronteira francesa foi memorável. Frank estava bem informado e sabia que eles invadiriam a França em breve, mas ainda assim ficou surpreso; ele só soube no dia seguinte. Ele havia transado com Aubrey naquela manhã e entrou no escritório. Ginni, como costumava fazer, havia reunido cinco patifes e estava deixando o sexto transá-la. Ele olhou para o belo rosto dela, radiante de desejo. Um após o outro, Ginni era autorizada a transar, os rapazes tinham um suprimento inesgotável de esperma e transaram com a jovem excitada um após o outro até a hora do almoço, sem parar.

À noite, ele transou com Marie e dormiu por uma hora. Acordou e encontrou Jeanette se masturbando por duas horas em completo isolamento mental. Só quando ela chegou ao ponto de alcançar o orgasmo, ele umedeceu o pênis com bastante saliva e a penetrou com cuidado e consideração. Ela não se mexeu nem um pouco; eles transavam assim há anos. Dessa forma, ela não sentia dor e realmente apreciava ser fodida, o último prazer de uma mulher de 75 anos. Ele a fodia como sempre fazia, os olhos dela o atravessando. Ela estava sendo fodida ali mesmo pelo filho de 12 anos, o menino a penetrando com seu pênis grande e ejaculando mesmo antes de ela chegar ao ápice. Ela via seu amante de 15 anos à sua frente, transando com ela diariamente até a exaustão. Seu marido, um homem realmente bom, levantava os olhos do jornal quando Jeanette e seu meio-irmão transavam como idiotas ao lado dele na cama de casal. Ele empurrou o irmão para o lado por um instante para transar com Jeanette, brevemente e sem muita emoção. O garoto completou 15 e 16 anos e enfiou o pau fundo na buceta de Jeanette. O garoto teve um surto de desenvolvimento e transava com Jeanette por horas todos os dias. Ela acelerou o ritmo, sua respiração ficou muito superficial e, finalmente, faltavam apenas alguns passos para o ápice. Querendo se manter no topo, ela continuou se esfregando rapidamente, prolongando o breve momento do orgasmo, adiando seu fim por minutos. Ela pairou sobre o abismo por um segundo, depois caiu no abismo negro. Frank já estava dormindo.

Ele acordou e tocou em Jeanette, que estava deitada contorcida na cama em êxtase orgásmico. Ela estava gelada como gelo, como se estivesse morta havia horas.

Fizeram um belo funeral para ela; cerca de 150 senhoras e senhores, conhecidos e amigos de sua vida, jogaram cravos brancos sobre o caixão. Aubrey, Ginni e seus homens permaneceram de pé até o fim, apertando as mãos. Marie chorou sem parar, e Ginni também, ao olhar para Marie. Jeanette tinha sido uma boa mulher, a melhor avó de todos os tempos. Ginni tremia; um casaco quente e macio havia escorregado de seus ombros.

Jeanette havia legado sua grande fortuna para Ginni, mas elas dissolveram a casa e se mudaram com Marie para Aubrey; ela tinha bas-

tante espaço. Frank e Ginni ficaram com um quarto grande compartilhado, ele visitava Aubrey todas as manhãs para transar e Marie vinha até eles todas as noites para transar na grande cama de casal. Marie descobriu sua inclinação lésbica e se aconchegava com Ginni ou Aubrey, nenhuma das quais se opunha a isso. Frank frequentemente se sentava nos cafés durante o dia e escrevia seu próximo livro, que seria sobre a história de vida de um mercenário na Guerra dos Trinta Anos. Havia tanta literatura nas bibliotecas da universidade que ele conseguiu misturar a verdade crua e sem retoques do narrador em primeira pessoa com fatos históricos. Ele já havia enviado um primeiro manuscrito, inacabado, para várias editoras.

As portas foram arrombadas de madrugada pelas botas rudes dos soldados e a gendarmaria de campo alemã prendeu Aubrey e seu marido. Não tiveram notícias deles por 10 dias, apesar de perguntarem freneticamente por eles. No décimo dia, receberam um telefonema do necrotério. Podiam buscá-los e enterrá-los. Frank acompanhou Ginni imediatamente ao necrotério.

Os dois estavam gravemente feridos. Ginni confirmou ao patologista que eram seus pais e saiu correndo para o ar livre. Frank descobriu os corpos. Ambos haviam sido torturados brutalmente. As unhas foram arrancadas, os dentes quebrados, nenhum osso permaneceu intacto. Aubrey certamente havia sido estuprada; seus seios magros e genitais estavam repletos de ferimentos de faca. Seu marido, a quem ela nunca conhecera em vida, também estava horrivelmente ferido.

Ele sentou-se ao lado do patologista no cubículo que servia de escritório. O patologista ofereceu-lhe um cigarro, o primeiro. Fumaram em silêncio. O patologista balançou a cabeça em sinal de desgosto. “Os dois foram horrivelmente torturados antes de serem executados com um tiro na nuca. Malditos alemães! Trazem gente assim todos os dias!” Frank perguntou se podia ver os papéis. O patologista empurrou-os para ele sem dizer uma palavra. Não havia muita coisa. Ele leu o essencial: “executados sumariamente, criminosos perigosos, resistência”. Frank deu uma risada amarga. “Esses dois, criminosos perigosos? A única coisa que eles colocaram em risco foram garrafas de champanhe!” Ficou em silêncio por um tempo. “Os alemães devem

estar completamente loucos. Eram parisienses inofensivos, bon vivants. Nunca cometeram um crime, exceto talvez o abuso de álcool na alta sociedade. Os alemães devem ter enlouquecido de vez!” Assinou os papéis para o agente funerário, acenou em cumprimento ao médico e saiu.

Ginni sentou-se no banco do parque e eles caminharam para casa em silêncio. Paris havia se tornado cinzenta e silenciosa desde que os alemães tomaram a cidade com punho de ferro. Sem agitação, sem cantos alegres, sem acordeão, sem risos de crianças. Uma velha prostituta silenciosa em seu leito de morte.

A casa ficou silenciosa. Amigos, conhecidos, amantes ligaram. Ginni cansou de contar a mesma história para todos. Frank assumiu as ligações, manteve-se firme e precisava ser forte por Ginni, estar presente para ela. Uma semana depois, houve o funeral, com centenas, talvez milhares de pessoas. Ele havia providenciado cadeiras dobráveis para Ginni e Marie, e durante uma hora rostos desconhecidos passaram por ali, apertando mãos e murmurando as mesmas palavras.

Eles chegaram em casa exaustos. Menos de dez minutos depois, dois homens bateram à porta. Pat e Patachon, pensou Frank, mas o Alto e o Baixo não estavam brincando, por Deus. Colocaram duas caixinhas sobre a mesa, duas medalhas — talvez da Primeira Guerra Mundial — “Pour le Mérite”, para o merecedor. Ginni estava completamente confusa. O que isso significa? “Eles eram patriotas”, disse o Alto. “Patriotas de verdade”, repetiu o Baixo. “Fomos enviados para ver se os parentes dos patriotas estavam em apuros e precisavam de ajuda”, disse o Baixo. “Mas vocês não parecem precisar de nada”, disse o Alto. Ele colocou um cartão de visitas escrito à mão sobre a mesa. Apenas um número de telefone e “bene mane” embaixo. Acenaram com a cabeça para Ginni e Frank e desapareceram como fantasmas na neblina.

Ginni permaneceu sentada, imóvel, enquanto Frank conduzia os fantasmas até o portão e trocava algumas palavras com eles. Sentou-se ao lado de Ginni. “O número de telefone leva à resistência. A inscrição está em latim e significa ‘Até amanhã’. Significa até uma ma-

nhã em que acordemos sem alemães. E então isto.” Frank colocou sobre a mesa um papel que havia roubado do patologista: “Sumariamente executados, criminosos perigosos, resistência.”

Ginni encarou o papel. “O que tudo isso significa, Frank?”, pensou. “Seus pais obviamente levavam uma vida dupla. Eles faziam parte da Resistência, daí a visita desses palhaços. A Resistência cuida dos seus parentes, isso é decente. E sim, os alemães foram implacáveis, eles os capturaram, torturaram e mataram. Esse papel é dos alemães.”

Ginni encarou o papel. “Eu não fazia ideia, de verdade. Sempre achei que meus pais levavam uma vida fácil e tranquila. Eles não disseram uma palavra durante todo esse tempo, mesmo com os alemães nos atormentando há um ano. Resistência? Louis? Aubrey? Por que eles não disseram nada?!” Frank acariciou o rosto dela. “Eles queriam te proteger, pequena. Essa é a única maneira de um membro da resistência proteger sua família. Os alemães sabem disso. Eles nunca vão te incomodar.”

Eles cuidaram de todos os bens de Jeanette, Louis e Aubrey. Frank encontrou uma gaveta cheia de cartas de amor e fotos pornográficas de Aubrey. Ele examinou as fotos e verificou a correspondência dela, mas não havia nada que Ginni precisasse saber. Ele guardou as fotos e queimou o resto no jardim. Mostrou as imagens pornográficas para Ginni, ela olhou algumas e as guardou. “Não posso, ela é minha mãe!” Ele se desfez das cerca de 500 fotos que carregava em sua mala de viagem.

Marie recebeu um quarto grande e iluminado. Ginni também lhe deu uma pequena parte da grande fortuna que herdara de Jeanette, Louis e Aubrey. Frank vasculhou os papéis de Louis e lutou contra uma selva desorganizada de sinais de mais e menos. No fim, restaram três nomes a quem Louis devia dinheiro. Ginni quitou a dívida; não era muita coisa.

Dia após dia, Frank sentava-se com Ginni no terraço ou no jardim. Ela falava durante horas sobre seus pais, a Resistência, sobre ser patriota. Frank não se surpreendeu com o fato de ela odiar os alemães,

mas ficou surpreso com a seriedade com que ela buscava vestígios da ligação de seus pais com a Resistência. Não, ela ainda não estava pronta para se juntar à Resistência. Mas pensava nisso.

O livro de Frank foi publicado. A reação foi dividida. Historiadores renomados o criticaram duramente. Os fatos em si eram precisos, mas o estilo romanceado... Não, aquilo era pornografia leve. Mas foi exatamente isso que ajudou o livro a alcançar boas vendas. Os historiadores não o incomodaram, mas os direitos autorais lhe renderam bons lucros, mesmo que ele não dependesse do dinheiro. Ginni o leu e achou muito bom. Sua opinião tinha peso.

Frank não se surpreendeu quando Ginni disse um dia que havia contatado a Resistência. E sim, ela estava considerando seriamente se juntar a eles. Ele assentiu; é claro que a acompanharia. A propriedade de Louis incluía vários rifles, pois seu pai era um caçador apaixonado. Eles levaram cinco rifles a um negociante de armas que era um mestre em seu ofício. Ele assobiou entre os dentes; eram armas excelentes, cada uma uma peça magnífica. Ele ficou feliz em aconselhá-los; não queria saber para que precisavam das armas. “Há muita caça”, disse ele, “vocês podem comprar uma licença de caça”. Frank conseguiu dele que dois rifles Steyr Mannlicher eram os melhores; o carregador podia ser facilmente expandido de três cartuchos na versão padrão para oito ou dez. As miras eram antigas e não muito boas, então ele compraria novas. Ele disse que o diferencial era o cano longo, que permitia atirar na caça a longa distância. O negócio era perfeito: ele conseguiria os outros três rifles a um bom preço e melhoraria os dois Steyr. Eles farão um teste de tiro no estande de tiro daqui a quatro semanas.

Ginni foi excelente no teste de tiro. Frank também se saiu muito bem, e não se importou que ela tivesse uma pontaria melhor. Ele pediu ao armeiro que lhe explicasse os aspectos técnicos e adquiriu algumas ferramentas especiais. Ficou muito satisfeito; as miras telescópicas vieram da Itália e eram ótimas. Ele também comprou um estojo para cada rifle e um porta-cartuchos. O fato de ter comprado 500 cartuchos de munição para cada rifle deixou o armeiro um pouco constrangido. Mas Frank pagou tudo em dinheiro vivo antecipadamente.

damente e forneceu o endereço. Ele deveria entregar tudo de uma só vez.

Ginni foi às compras com ele para comprar roupas. Roupas de trabalho resistentes e rústicas, como as usadas no campo. Eles foram juntos à Resistência; o encontro aconteceu em um bordel. Houve uma discussão acalorada sobre como ambos queriam ficar juntos e serem usados como atiradores de elite. Frank havia levado consigo as melhores fichas de alvo; o mestre de armas havia assinado que eles haviam atirado a 250 metros. Um membro da Resistência se levantou e voltou depois de 10 minutos; o armeiro, que já conhecia o local, confirmou tudo. Ele os usaria como atiradores de elite.

Eles se tornaram um só no comércio. Fizeram uma doação generosa e foram designados para a seção Nordeste. Depois de amanhã, às 4 da manhã, aqui no bordel.

Ginni elaborou o orçamento doméstico e conversou longamente com Marie. Ela deveria ser responsável pela casa e prover tudo o que fosse necessário. Em seguida, arrumaram suas mochilas, sem levar nada desnecessário. Frank guardou no bolso uma longa faca de caça que Louis havia deixado para trás. Costurou duas tiras de couro nas capas dos rifles para que pudessem ser carregadas sob as mochilas, deixando as duas mãos livres. Chegaram ao bordel no horário combinado e subiram na carroceria de uma caminhonete de aparência precária. Explosivos e munição estavam escondidos entre os materiais de pintura de camuflagem. Dirigiram para o norte por estradas sinuosas sem avistar um único alemão.

O comandante do setor norte era um homem quadrado e corpulento, Jerome. Ele imediatamente se deu bem com Frank; um mercenário reconhecia o outro. Com Ginni, a relação era mais difícil. As mulheres que lutavam na resistência raramente eram tão bonitas e de aparência tão frágil quanto ela. Mas Frank dizia que sua esposa atirava melhor do que alguns homens. Jerome concordou com a cabeça; Frank era responsável por ambos e designaria um de seus melhores batedores para guiá-los. O nome do terceiro homem era Mirille, Miri. Ela também era da Bretanha e Jerome tinha grande consideração por ela.

Miri só chegou dois dias depois, e os três se entreolharam. Miri era uma mulher amargurada de meia-idade, mais velha que Frank. Ela conquistou Frank quando se sentou com os dois diante de um mapa. Conhecia cada arbusto da região, sabia exatamente onde os alemães tinham suas bases permanentes e onde os cavaleiros tranquilos patrulhavam. Sabia quais fazendas lhe forneciam comida de graça ou a preço baixo e quais eram evitadas a todo custo. Para essas, só tinha maldições e desprezo. Frank notou que ela estava armada apenas com uma faca longa e curva. “Parece uma faca de peixe”, murmurou, e Miri respondeu: “É uma faca de peixe e serve”. Ela apontou para a faca de caça dele. “Parece muito boa também, mas acho as lâminas retas mais difíceis de manusear do que a minha curva. Já experimentei as duas, viu?” Esse “viu” era uma de suas palavras favoritas.

Antes de encontrarem um canto em um dos celeiros para dormir, Miri perguntou a Ginni se ela era esposa de Frank, e Ginni assentiu. “Claro”, disse Miri, “você pode transar como quiser, se ficar demais para mim, eu uso meu dedo. Ele é meu melhor amigo.” Ginni ainda estava um pouco inibida e tímida perto da mulher mais velha, então disse que não se importava nem com ela nem com ele se ela mesma fizesse. Miri riu alto, quase vulgarmente: “Não fique tão tensa, querida, eu só mordo alemães e não vou tirar o Frank de você por enquanto. Por enquanto.” Ela riu novamente e Ginni riu com ela. “Sem problema, querida Miri, a última pessoa que tentou isso está apodrecendo em um esgoto parisiense!” Ela riu estridentemente de quão atrevida estava se exibindo.

“Matamos quatro alemães silenciosamente na última investida”, disse Miri com um sorriso. “Ainda estou com tesão de pescador depois de matá-los.” Ginni tinha dito a Frank que não podiam transar hoje por causa do calendário. Deitaram-se abraçados, aquecendo-se mutuamente. Miri se aconchegou em Frank por cima do ombro, mas era evidente que não conseguia, ou não queria, se conter. De qualquer forma, Frank sentiu os dedos de Miri deslizarem por baixo do cós da calça e acariciarem seu pênis por longos minutos. Deu um sorriso torto; operar com essa mulher em território inimigo seria um verdadeiro desafio. Miri virou-se para o outro lado e ele a ouviu se

masturbando ruidosamente. Abraçou Ginni com mais força e ador-meceu.

Miri estava acordada há um bom tempo e já havia discutido a próxima pegadinha com Jerome. Ela era a líder do grupo de três, e deixou isso bem claro. Frank permaneceu estoico e reservado, enquanto Ginni estava irritada e fazia beicinho. Frank sussurrou para ela aceitar. Se Miri fizesse alguma besteira, ele assumiria o controle. Ginni se acalmou imediatamente.

O plano era se aproximar sorrateiramente de uma fazenda à tarde e à noite, comprar três mochilas cheias de comida e voltar à noite sem serem vistos. Miri deveria descobrir se os novos produtos eram bons. Frank assentiu, tudo bem. Mesmo que nenhuma ação direta estivesse planejada, eles prepararam seus rifles e partiram. Miri na frente, Ginni atrás e Frank atrás, ele também deveria proteger a retaguarda.

Chegaram à fazenda em completo silêncio. Miri pagou um preço justo e eles colocaram as compras no topo de suas três mochilas. A esposa do fazendeiro acrescentou algo para eles, sem que tivessem pago por isso. Tomaram uma xícara de café quente em pé e partiram, levando o lanche nas mãos. No caminho de volta, tiveram que se abrigar e prender a respiração até que os quatro alemães passassem, a poucos metros de distância. Chegaram ao centro de comando ao nascer do sol. Miri foi até Jerome para relatar o ocorrido depois que Frank lhe disse que iria com Ginni ao rio atrás de um celeiro para tomar banho; eles não haviam tirado a roupa por três dias.

Eles estavam tomando banho e Ginni tocou no assunto. Miri havia agarrado o pênis dele e se masturbado ruidosamente. Ele assentiu. “Sim, a mulher é tão vulgar quanto uma pescadora, mas é uma excelente batedora, isso é inegável. E quanto ao meu pênis, que ela se divirta. Sinto pena dela, porque parece que não tem um amante, coitada. Eu preferiria muito mais assim do que um sargento bigodudo nos levando para a morte!” Ginni riu aliviada. “Me dá arrepios só de pensar nela apalpando seu pênis para se excitar! Eu sou sua e você é meu, ela deveria se ater a isso, não estou pedindo nada além disso.

E você, deixe que ela faça o que quiser, seu pobre pênis está muito negligenciado no momento!”

Dormiram até o meio-dia, Miri também. Recuperaram as forças com um almoço reforçado e, aos poucos, as dores musculares passaram, já que haviam dormido a noite toda. Ele e Ginni foram novamente ao riacho lavar as roupas íntimas, que eram poucas. Houve uma reunião de duas horas na qual Jerome informou seus tenentes sobre os acontecimentos do último dia. Poucas mudanças ocorreram, mas Jerome suspeitava que os alemães estivessem avançando uma casa ou recebendo reforços.

Após o anoitecer, os três se deitaram novamente no celeiro, longe dos outros. Frank manteve Ginni aquecida e ela o manteve aquecido. Miri se aqueceu novamente nas nádegas de Frank. Os dois não estavam transando de novo, então era a vez dela. Claro que ela esperou até Ginni adormecer. Com extrema cautela, ela desabotoou as calças de Frank e ele se virou para ela. Ela tirou o pênis dele para fora e o enfiou em sua vagina, transou com ele rapidamente e o fez ejacular dentro. Ele pegou a mão dela, pressionou-a contra o pênis e ela teve que masturbá-lo novamente com o punho. Ela fez isso hesitante, embora tenha levado um bom tempo, mas era a única maneira de acalmar Ginni. Ela se virou e se masturbou excitada, sem o menor silêncio. Frank havia descoberto que Miri tinha apenas 33 anos e já havia transado com toda a empresa nos últimos dois anos. “Ela está de olho em você, Frank”, sussurrou Jerome, sorrindo. “Todos nós já transamos com ela, e você é o novo.”

Agora ele ia nadar no riacho com Ginni todas as manhãs, e às vezes algumas pessoas ficavam olhando para a margem, porque Ginni era uma gata. Ela se deitava na água rasa e mostrava a buceta para os garotos que se masturbavam, rindo baixinho quando um deles se levantava para espirrar água. Eram dias tranquilos e pacíficos, e naquela noite Miri desabotoou as calças dele sem que ele percebesse, enfiou o pau dele na buceta e o fodeu secretamente até ele gozar dentro dela. Depois, ela teve que masturbá-lo com o punho contra a vontade dela, o único jeito de acalmar Ginni. Então ela se virou e se masturbou bem alto.

Ele sempre recuava com força quando Miri enfiava seu pênis fundo em sua vagina e o fodia secretamente por minutos, ejaculando dentro dela, mas isso não era possível agora. Ele sabia que Ginni estava bem acordada e observando tudo. Ela não aguentava mais, ele podia sentir isso claramente. Depois de ejacular, ele pegou a mão de Miri em seu pênis e ela teve que masturbá-lo com o punho novamente, embora demorasse bastante, mas ele queria acalmar Ginni. Miri se masturbava todas as noites ofegando de forma bastante descuidada e alta, Ginni também se masturbava, mas silenciosamente e completamente inaudível.

Alguns dias depois, chegou uma ordem. Os alemães não haviam recebido reforços, mas sim alguns oficiais que talvez tivessem feito uma inspeção. Três dúzias de membros da resistência se escondiam a cerca de 500 metros da base fortificada e enviavam um mensageiro a cada hora. A missão de Jerome era clara: eliminar o máximo possível desses figurões. Frank e Ginni assentiram, colocaram seus rifles no ombro e carregaram um monte de balas nos bolsos, caso houvesse um confronto. Seguiram Miri; os alemães estavam a menos de uma hora e meia de distância. Frank sussurrou algo para Miri. Queria subir em uma árvore e atirar de cima. Miri assentiu e os guiou, junto com alguns homens, até o bosque. Os homens se esconderam sob as árvores; ele escolheu duas. Ginni não subia tão bem quanto ele, então ele a ajudou a subir o máximo que pôde. Rapidamente, ele subiu na outra árvore, o mais alto que conseguiu. Ginni estava a cerca de 4 metros de altura, ele a pelo menos 9. O alvo alemão estava a uns bons 400 metros de distância. Eles esperaram. Como o mensageiro havia dito, os policiais retornaram da saída em três limusines. Frank contou 16 policiais e três motoristas. Eles pararam em frente ao portão.

Frank acenou para Ginni e eles começaram a atirar. Cada tiro tinha que ser certeiro. Os policiais caíram para a frente e Ginni destruiu o último carro a tiros; ele explodiu e incendiou o outro. Frank tinha uma boa visão de cima e mirou naqueles que quase haviam alcançado o portão de segurança. Ele mirou apenas nas cabeças douradas e brilhantes e deixou os motoristas escaparem. O terceiro motorista passou correndo pelo portão com o uniforme em chamas. Pelo menos quatro policiais haviam chegado ao portão, talvez cinco.

Alguns alemães saíram pelo portão e dispararam suas metralhadoras sem munição. Atiraram para todos os lados, exceto para o bosque. Não tinham ideia de onde vinham os tiros e desapareceram rapidamente atrás do portão, que se fechou imediatamente. Frank acenou para Ginni: “Desça imediatamente!”, e desceu às pressas. Ginni rasgou um buraco nas calças durante a descida apressada, mas, tirando isso, tudo estava bem. Correram atrás de Miri com os homens até alcançarem os outros e correram por mais quinze minutos até estarem em segurança. Uma hora depois, chegaram ao centro de comando e Miri foi imediatamente falar com Jerome.

Frank costurou as calças de Ginni. Ele tinha mais prática nisso e eles conversaram. Ele elogiou Ginni por ter atirado no tanque de gasolina; ele nunca tinha pensado nisso, não entendia muito de carros, só tinha andado neles uma vez. Ela disse que só acertou um ou dois policiais; os outros se abaixaram imediatamente. Ela ficou brava porque não tinha mais um alvo e atirou às cegas no carro; o tiro no tanque foi pura coincidência.

Jerome entrou no celeiro e estalou a língua. Ginni, que estava nua por baixo, era uma menina realmente linda, murmurou ele. Queria saber quantos haviam capturado. Frank ergueu os olhos do estojo de costura. Contara 16 oficiais e 3 motoristas. Um carro explodira e um segundo estava pelo menos meio destruído pelo fogo. Quatro oficiais e dois motoristas conseguiram se salvar, o terceiro motorista queimou como uma tocha. Nenhum dos nossos homens ficou ferido, apesar dos alemães estarem atirando sem parar. Jerome assentiu; fora uma operação muito bem-sucedida.

Ele olhou para a vagina de Ginni novamente e disse com uma risadinha: “Miri é uma ótima olheira, só não sabia contar”. Perguntou se queriam um conhaque, mas eles recusaram educadamente. “Os outros 30 homens deveriam beber, eles nos protegeram de forma exemplar, são bem treinados”, disse Frank. Jerome se afastou satisfeito e Frank o chamou para observar os alemães e ver o que estavam fazendo.

Os mensageiros relataram que não havia nada a relatar do lado de fora; eles apenas empurraram os dois carros quebrados para o cam-

po e liberaram a estrada. Frank e Ginni limpavam os rifles conforme o armeiro havia ensinado. Eles ficaram à toa por três dias. Miri tirava o pênis dele para fora todas as noites, deixava-o ejacular secretamente dentro dela e depois o masturbava com o punho, para depois se masturbar sozinha. Eles iam nadar no riacho todas as manhãs e Ginni desfilava com a vagina na frente de uma dúzia de caras que se masturbavam.

Na noite seguinte, Ginni sussurrou que eles podiam transar agora. Ele a abraçou carinhosamente e eles transaram em silêncio. Miri ouviu tudo, claro, e discretamente levou a mão à vagina de Ginni, sentindo o som da transa. Ela percebeu que ele estava prestes a gozar e rapidamente estimulou o clitóris de Ginni. Ginni logo teve um orgasmo muito forte e Miri retirou a mão. Frank já estava no clímax e ejaculou dentro dela. Miri sussurrou baixinho: “É assim que tem que ser, com certeza!” e se masturbou ruidosamente como sempre. Ginni sussurrou no ouvido de Frank quando Miri adormeceu, comentando como aquela mulher era estranha! Mas tudo bem para ela. Ele assentiu e a beijou suavemente, depois adormeceram abraçados.

No dia seguinte, enquanto fazia compras às escondidas, Ginni, no caminho de volta, no início da noite, saiu para defecar no mato alto. Uma patrulha de alemães apareceu na esquina, seis homens. Dois deles tinham acabado de ir ao mesmo lugar para urinar. No instante em que olharam fixamente para Ginni, que se sentiu descoberta, levantou-se nua. Os dois soldados encararam a vagina exposta de Ginni e ela tirou a própria vida. Onde diabos estavam os outros dois?! Quatro soldados caíram como sacos de batatas; Frank matou o primeiro com uma facada no rim e cortou a garganta do segundo até a espinha. Ele foi para trás do terceiro homem, agarrou seu queixo e cortou sua garganta. Pelo canto do olho, viu Miri cortar a garganta dele com um golpe rápido e elegante. Eles se entreolharam e Miri disse, aprovando: “Você é bom com uma faca, Frank!” Ele caminhou até Ginni e a abraçou. Ela tremia como uma folha.

Miri estava esperando no caminho. Ela carregava seis submetralhadoras e cintos de armas com baionetas e carregadores extras, um de cada lado, dividindo o peso. Eles entraram no centro de comando em silêncio. Jerome assentiu com aprovação ao ver as seis submetra-

lhadoras. Depois do café da manhã, foram nadar no riacho. Frank olhou para o corpo nu de Miri; ela parecia bem sem as roupas. Eles se divertiram na água, brincando um com o outro, e a tensão da noite anterior se dissipou.

Frank e Ginni transaram naquela noite. Miri masturbou Ginni e puxou Frank para cima dela imediatamente após o orgasmo de Ginni. Ele hesitou no início, mas transou com Miri com prazer. Ela não era tão apertada quanto Ginni e se masturbava constantemente enquanto transavam. Ele esperou pacientemente até que ela terminasse de se masturbar, então tirou o pênis. Ginni disse com raiva enquanto se levantava: “Você está brincando com a sua vida, Miri! Você vai acabar num esgoto parisiense!” Miri ficou bastante chateada e murmurou um pedido de desculpas sem muita convicção. Ginni sibilou que ela deveria pelo menos esperar até que Frank terminasse de transar com ela! Miri assentiu. E cumpriu sua palavra. Ela masturbou Ginni até o orgasmo naquela noite e esperou pacientemente até que Frank terminasse de ejacular. Deu a ele alguns minutos para se recuperar e colocou o pênis dele na boca. Então, ela se deixou ser penetrada enquanto se masturbava por um longo tempo. Eles nunca falaram sobre isso, mas para todos estava tudo bem.

Jerome finalmente conseguiu instalar o telefone. Um fazendeiro da região disse que um comboio de 8 veículos de transporte de pessoal estava a caminho, provavelmente para a base alemã. Miri, Frank, Ginni e cerca de 25 homens correram imediatamente. Estavam em posição uma hora antes do comboio. Miri ordenou que os homens se posicionassem estrategicamente. Frank e Ginni procuraram posições favoráveis; queriam incendiar os tanques de combustível, pois parecia ser a estratégia mais eficaz.

O comboio chegou uma hora depois e parou em frente ao portão. Frank e Ginni dispararam contra os tanques de gás, dois dos quais pegaram fogo imediatamente. As tripulações saltaram dos caminhões em pânico e os homens de Miri os cobriram com fogo contínuo. O portão foi aberto e os alemães refugiaram-se lá dentro. Ao todo, três caminhões foram destruídos pelo fogo, e levaria tempo para liberar a estrada. Os combatentes da resistência recuaram rapidamente e correram por um quilômetro. No centro de comando, Miri

relatou que haviam matado apenas alguns alemães e que três caminhões haviam sido destruídos. Mesmo assim, uma operação bem-sucedida; os alemães estavam, no mínimo, irritados.

O mês seguinte foi muito tranquilo; eles foram quatro vezes comprar mantimentos. As fazendas que inicialmente tinham feito bons negócios com os alemães voltaram a ser patriotas, já que os alemães quase não pagavam mais e, em vez disso, requisitavam os bens. A resistência ao menos pagava moderadamente, então era melhor do que nada. Mas a resistência estava lutando contra um gigante furioso. Qualquer um que fosse pego era fuzilado imediatamente. Um grupo de 12 homens caiu em uma armadilha e foi dizimado até o último. Isso pesou sobre os combatentes da resistência por semanas; o domínio dos alemães era palpável.

Frank descobriu mais sobre Miri. Ela cresceu em uma vila de pescadores perto de St. Malo; seu pai e dois irmãos mais velhos saíam todos os dias para navegar no Canal da Mancha e sobreviviam em condições precárias. Quando ela tinha 13 anos, sua mãe sofreu um derrame e rapidamente entrou em demência. Miri lavava a mãe da cabeça aos pés uma vez por semana. A mulher doente puxava e estimulava o clitóris e Miri a masturbava pacientemente. A mãe dava um sorriso malicioso, mas esquecia disso depois de um minuto. Miri deitava-se com o pai, que a fodia todas as noites depois do pôr do sol, e depois disso ela transava com os dois irmãos. Isso não era nada incomum e, para Miri, era completamente normal. Quando os três estavam no mar, ela ocasionalmente transava com os meninos muito jovens e menores de idade da vila; ela era louca por pênis de meninos pequenos. Não eram casos amorosos, era apenas sexo.

O silêncio da manhã foi quebrado por tiros de canhão. Miri e o garoto de 12 anos com quem transava desde o amanhecer em um barcão de barcos dilapidado levaram um susto. Navios alemães estavam ancorados em frente à vila, testando seus novos canhões. Casa após casa explodia com o impacto, os artilheiros ajustavam suas armas e destruíam casa após casa. No dia seguinte, bombardearam a vila vizinha até o chão. Miri procurou em vão por sua mãe na cratera onde sua casa costumava ficar. Sentou-se na praia e esperou por seu

pai e irmãos. Mas eles não voltaram mais; certamente haviam sido afundados pelos alemães.

Jerônimo, seu vizinho, não encontrou nenhum vestígio de sua jovem esposa e três filhos nos restos de sua casa quando voltou do mar. Gritando e praguejando, cavou uma cova funda para enterrar os poucos pedaços de carne que restaram da multidão de crianças que riam. Quando desenterrou a cova, Miri ficou ao seu lado, pegou sua mão e rezou com ele, chorando. Jerônimo ergueu o punho para o céu e jurou matar todos os alemães.

Ele seguiu para o leste, onde supostamente se localizava a Resistência, a leste de Reims. Uma dúzia de pescadores furiosos o seguiu enquanto ele partia com Miri pela mão. Caminharam 400 quilômetros. Jerome parava quatro ou cinco vezes por dia para transar com Miri depois do lanche. Logo foram seguidos por 40, 50, 100 homens. Sentavam-se em círculo ao redor dos dois enquanto transavam. Miri sempre ficava muito excitada quando os homens tiravam seus pênis para fora, os esfregavam e ejaculavam em seu corpo nu. Quando Jerome terminava de transar com ela, ela sorria e deixava todos gozarem dentro dela. Ela se irritava quando alguns não conseguiam encontrar um lugar e espirravam no chão da floresta.

Após quatro semanas, chegaram à região nordeste, onde cerca de 30 homens ocupavam a posição. Jerônimo trouxe consigo cerca de 200 homens enfurecidos, e o quartel-general em Reims enviou-lhes armas e munição. Ninguém o havia eleito, mas Jerônimo era o chefe, o líder nato. Miri provou ao longo do caminho ser a melhor batedora e permaneceu seu braço direito. Jerônimo nomeou 10 homens como líderes de grupo, encarregados de controlar seus respectivos grupos. Jerônimo não hesitou por muito tempo: qualquer um que fosse estúpido levava um soco na boca. Qualquer um que fosse completamente estúpido apanhava com um pedaço de madeira e se lembrava disso por uma semana. Ele conduzia traidores e prisioneiros alemães para a floresta e os fuzilava.

Após pouco tempo com suas tropas alinhadas, Reims as enviou para atacar os odiados alemães. Jerome enviava mensageiros e espiões e atacava os alemães onde quer que pudesse. Miri ficou com ele

durante o primeiro ano, mas ele se tornou entediante demais para ela. Ela galgou posições na resistência transando com os membros e permaneceu a melhor espiã de Jerome. Ela sempre o deixava transar com ela quando ele precisava.

Ginni e Miri transaram com Frank, e ele, inconscientemente, sabia que duas mulheres diferentes o tornavam mais completo do que apenas uma. Ele tinha uma conexão emocional com Ginni como nunca antes com nenhuma outra mulher. Ficou muito satisfeito com a facilidade com que Ginni aprendeu a arte da guerra. E ela se tornou muito autoconfiante e madura, sem dúvida alguma. Miri não era mais uma concorrente para ele, mas sim um orifício adicional e diferente que ele realmente precisava foder. Miri continuou sendo isso, a segunda mulher com quem ele transou, mas não chegava nem perto de Frank. Miri se agarrava a Jerome com um amor infantil e ficava muito feliz quando ele a chamava para transar.

Reims chamou. Um destacamento de alemães avançava em direção à cidade rebelde; eles haviam estabelecido uma base em uma vila nos arredores. Um ataque era esperado a qualquer momento. Jerome enviou 120 homens, que haviam pegado alguns caminhões emprestados e chegaram às vilas nos arredores de Reims após 4 horas. Miri se encontrou com alguns membros da resistência nos arredores da cidade e o procedimento foi discutido. Os habitantes de Reims tinham comida suficiente e poderiam cuidar deles. Por mais improvável que pareça, Miri escondeu todos os 120 homens na mata nos arredores da vila. Alguns dos homens conseguiam ouvir o tilintar dos utensílios de cozinha, pois estavam muito perto.

Frank e Ginni montaram postos de observação temporários a 350 metros da estrada, a uma altura de 5 a 6 metros. Tiveram que esperar três dias, observando os alemães pela mira do rifle e recebendo comida de um mensageiro. Estavam a poucos metros de distância um do outro e se revezavam para dormir. No terceiro dia, Frank disse a Ginni: “Algo está acontecendo!” Ele assobiou baixinho e instruiu um mensageiro que correu imediatamente para Miri. Ela sabiamente havia deixado três mensageiros a diferentes distâncias, que poderiam vir buscar Jerome de bicicleta caso o telefone não funcionasse.

Os alemães marcharam em fileiras em direção a Reims, os vagões com os canhões seguindo a procissão ordenada. Haviam combinado que Frank deveria disparar o primeiro tiro, Ginni deveria revistar o pelotão da frente para trás em busca de oficiais e matá-los, e depois o restante do pelotão. Frank esperou até que o último vagão com os canhões estivesse na estrada e matou o motorista. O caminho de volta estava bloqueado. Ele matou primeiro os motoristas e depois todos os oficiais, de trás para a frente. Os alemães não tinham cobertura além dos vagões com os canhões. Ginni, com precisão, matou um oficial após o outro até que não restasse nenhum. Os homens de Miri avançaram sobre o pelotão por todos os lados, mirando com precisão, pois não havia munição para desperdiçar. O tiroteio durou mais de duas horas, e os alemães revidaram bravamente. Então, todos estavam mortos ou incapacitados. Os combatentes da resistência caminharam pela rua e atiraram nos feridos. Depois de meia hora, Frank ficou sem munição e observou a cena pela mira do rifle. Ginni continuou atirando por um tempo, mas mesmo assim ficou sem munição. Frank a havia avisado para guardar os últimos 5 tiros como reserva. Ele colocou um sexto cartucho no bolso, por precaução.

Miri e outros dois percorreram o campo de batalha. Trezentos soldados, oito motoristas e vinte e dois oficiais. Doze combatentes da resistência estavam mortos e cerca de vinte e cinco feridos. Ela imediatamente enviou um mensageiro de bicicleta para Reims. Ele chegou uma hora depois com um comboio de mantimentos. Havia comida suficiente e bom vinho, então Miri gritou bem alto que partiriam às 3 da manhã, duas aldeias atrás, onde seus caminhões estavam estacionados. Ao meio-dia, eles estavam de volta ao centro de comando e ela se reportou a Jerome. Os feridos haviam sido levados para Reims; aqueles que pudessem voltariam.

Ginni ligava para Marie todos os meses e tudo estava bem. Isso foi um grande alívio, porque se os alemães soubessem que elas haviam se juntado à resistência, teriam invadido e saqueado a casa há muito tempo.

• • •

A Vida Eterna

Por Jack Faber © 2024

Magdeburgo, 23 de maio de 1631. — Anna Kornmesser, de 16 anos, jazia nua na grande cama de casal, acariciando suavemente o próprio corpo. Quatro dias antes, casara-se com Kornmesser, um vereador de município de 50 anos. Do lado de fora, ouvia-se o trovão distante dos canhões na pequena capela. O vereador era um partido brilhante e seu pai insistiu que, guerra ou não, ele levasse sua virgem Anna para debaixo do capuz o mais rápido possível. A festa de casamento fora adiada para “depois da guerra” e, após a cerimônia, o vereador deu um beijo apaixonado em sua jovem esposa e sussurrou em seu ouvido que precisava voltar urgentemente para a câmara municipal, mas que estaria em casa a tempo para a noite de núpcias! Ele piscou maliciosamente, pois eles nunca haviam feito sexo antes e ela estava determinada a permanecer virgem até a noite de núpcias. Tímida e envergonhada, fez uma massagem erótica ao seu maravilhoso noivo com o punho e afastou os lábios vaginais com os dedos para que ele pudesse ejacular dentro dela por fora. Ele riu alegremente depois de ejacular na vagina dela, riu e a beijou na boca, “Você vai gostar da foda, minha pequena Anni!”

Ela esperava há três dias, havia comido e bebido pouco e aguardava seu noivo, nua e expectante, no leito nupcial. Tudo o que ousava fazer era provocar seu corpo com carícias até que sua vagina estivesse quente como o fogão. Acariciava seu clitóris com muito cuidado, pois ele ameaçava explodir a qualquer momento, algo que ela não ousara fazer a princípio, mas o fez quase sem parar por três dias, de tão excitante que era. Abriu as pernas e elas tremeram enquanto acariciava o clitóris. Ela Tateou o caminho até o ponto em que sentiu exatamente que a explosão, o orgasmo de Elsbeth, estava a apenas um segundo de distância. Uma vez, parou tarde demais e seu clitóris explodiu como o de Elsbeth. Repetiu o processo constantemente por três dias. Assustava-se a cada vez que o clitóris se contraía, tremia e pulsava. Fez uma pausa de apenas alguns minutos e depois repetiu o processo até à próxima contração, espasmo e pulsação do clitóris,

que durou três dias inteiros. Ela tinha visto suas amigas transarem e estava realmente ansiosa para transar também.

Ela tinha percebido desde cedo que todas as suas amigas, por vezes, estimulavam o clitóris, brincavam com ele e depois esfregavam-no furiosamente até atingirem o orgasmo. Elsbeth demonstrou-o algumas vezes e deixou Anna observar. Anna colocou o rosto mesmo em frente à vulva de Elsbeth e observou-a atentamente, mas simplesmente não compreendia o processo, mesmo tendo tentado em casa. Elsbeth parava depois de ter um orgasmo, como quando fazia sexo com Lothar. Anna tinha tentado uma vez, à noite, e fez exatamente como Elsbeth. Mas quando o seu clitóris começou a pulsar, a tremer e a latejar, parou assustada. Ficou assustada porque era completamente diferente para Elsbeth. Desde então, porém, ela tentou vezes sem conta e acabou por conseguir fazê-lo tão bem como Elsbeth.

Costumava acompanhar todas as suas amigas até à floresta para fazerem sexo, atuando como sua “acompanhante”. Erika, Miriam, Ruth, Elsbeth, Doris. As raparigas deitaram-se no chão macio da floresta e levantaram as saias. O namorado desabotoou as calças e tirou o pênis para fora, esfregando-o com um sorriso até ficar duro. Mas primeiro, todos os rapazes tinham de ejacular a sua primeira carga completa na boca ou garganta das raparigas, porque uma carga tão grande podia provocar gravidez, mas as raparigas engoliam o sêmen com prazer. Anna segurou a saia de Elsbeth e encostou o rosto à parte interior da coxa dela para poder ver claramente e de perto. Normalmente, Elsbeth guiava o pênis para a posição correta, por vezes fazia-o. Anna queria ver desde o início: o pênis a penetrar profundamente na vagina, depois bombeando e estocando para dentro e para fora durante um bom tempo, um longo, muito longo tempo. Elsbeth esfregou o clitóris enquanto era penetrada e teve um orgasmo logo no início, e depois outro, e outro, e aquilo parecia incrivelmente excitante. Nenhuma das outras teve um orgasmo, ou no máximo, quase. O namorado parou, e Elsbeth abriu bem a vagina com os dedos para que Anna pudesse ver exatamente como ele ejaculara o líquido pré-ejaculatório da glândula em largos jatos dentro da vagina de Elsbeth. Anna olhou-o com admiração, e depois ele penetrou mais fundo, ejaculando o resto, jato após jato, sorrindo — Anna conteve a respiração porque parecia muito excitante vê-lo ejacular, jato após jato, dentro

da vagina de Elsbeth com um sorriso rasgado. Então acabou. Elsbeth foi a única que deixou Anna ver a forma correta de ejacular dentro de si, de forma clara e precisa. As outras apenas se estavam a contorcer, a tremer ou aborrecidas sob os seus noivos, sendo inseminadas silenciosa e secretamente, na maioria das vezes sem sequer se aperceberem. A Doris foi a única que se queixou em voz alta. Ela virou-se para Anna. “Ele gozou demasiado rápido outra vez, o idiota!” Beijou Anna como uma amante, com a língua, o que Anna gostou muito porque a deixou com a vagina quente e pulsante. Doris deslizou a mão por baixo da saia durante muito tempo até que Anna tremia e se contorcia; depois parou com o beijo de língua e com os movimentos. Anna não ficou surpreendida, porque Doris estava apenas a masturbar-se, como fazia todas as noites para dormir. “Ufa, isso sim, seria bom!” Doris suspirou baixinho, e depois ficou completamente tranquila e sem irritação.

Anna tocou seu clitóris suavemente, mesmo sentindo-o ameaçar explodir, e o pressionou com firmeza. Essa era a ordem certa: primeiro o casamento, depois o sexo e a festa depois da guerra. Ela já havia se casado, agora era hora de transar e então a guerra teria que acabar. A Anna ficou incrivelmente feliz e rapidamente teve um orgasmo.

Ouviam-se passos pesados de botas na escada. A porta se abriu e um homem entrou, mas não era Kornmesser. Ele tirou o chapéu de aba larga. “É, quem temos aqui?”, exclamou Franz Herrnthaler. Continuou a esfregar o clitóris sem qualquer pudor — porque nunca escondia a masturbação quando alguém entrava no quarto — e dizia: “Por favor, não me mate, nobre senhor! Sou Anna e estou esperando meu marido para a noite de núpcias. Queremos ter sexo a sério pela primeira vez.” Anna cobriu a outra mão com uma delas, que continuou a esfregar diligentemente o seu clitóris mesmo com a entrada de um estranho. Ela simplesmente não conseguia parar agora; nunca parava quando a mãe, o pai ou o avô entravam no seu quarto. Franz jogou as botas num canto, atrás do chapéu. Tirou o gibão, a camisa, o cinto de armas e as calças. Seu pênis estava ereto e atrevidamente posicionado horizontalmente. Surpreendida, Anna levou a mão aos lábios enquanto continuava a masturbar-se firmemente com a outra mão: “Oh, Santa Mãe de Deus, o senhor tem um cauda enorme, como

um garanhão!” Franz sorriu insolentemente: “Bem, vamos tratar da foda agora mesmo, querida Anna, abre espaço para mim!” Ela afastou-se e ele deitou-se ao lado dela..

“O meu marido é que devia ser o primeiro a foder-me”, disse a miúda tola, muito insegura, “não achas?!”

“Oh, qual é!”, exclamou Franz, “agora que aqui estou, posso foder-te muito bem, minha querida Anna!” Ela acenou com a cabeça: “Estou à espera do vereador há três dias, apenas acariciei um pouco meu clitóris por três dias e ele não veio!” Ele sorriu; obviamente não era muito inteligente, mas não tinha qualquer receio e continuou a masturbar-se sem vergonha, tendo pequenos e suaves orgasmos, para logo de seguida voltar a masturbar-se. “Qual o seu nome?” ela perguntou, “... e eu não deveria esfregar seu pau duro com meu punho?” Ele respondeu: “Meu nome é Franz e vim te foder!” Anna acenou com a cabeça obedientemente, “... então não deixe ele gozar em seu punho!? Eu sou muito bom em esfregá-lo com meu punho e fazê-lo gozar, sério! Eu costumava fazer isso com meus amigos e noivos de minhas namoradas quando eles terminavam de foder minhas namoradas, Sr. Franz. Ficaram tão satisfeitos com a minha habilidade em fisting que me pediam frequentemente para o fazer por eles, secretamente claro, quando as suas próprias noivas não estavam presentes.” Ele abanou a cabeça negativamente, e ela assentiu, indicando que não deveria voltar a usar os punhos, como fizera com o vereador. “Querida criança, deita-te de costas, eu trato dessa porra toda!”

Anna resistiu, mas só um pouco. “Disseram-me que meu marido, o vereador, tinha que me dar a primeira trepada. Guardei meu hímen para ele, porque é assim que deve ser!” Franz sorriu. “Anna, minha querida filha, pense logicamente. A noite de núpcias pertence ao marido recém-casado, a primeira noite para ser mais preciso. E você está esperando há três dias e três noites, e já esfregou seu clitóris dolorido com o desejo de foder.” Anna assentiu ansiosamente. “Sim, Sr. Franz, isso é verdade. O meu clitóris está muito dorido de tanto esfregar, porque normalmente só o faço uma vez por noite para adormecer rapidamente. Mas eu estava com tanta saudade que meu conselheiro finalmente viesse me foder, então não pude fazer nada além de esfregar meu clitóris repetidas vezes— não é mesmo, Sr. Franz?”

Franz sorriu e beijou a linha do cabelo de Anna. “Não, isso estava definitivamente certo se o seu marido não viesse foder. Você nunca fodeu antes, certo?” Anna ficou vermelha.

“Sim, Sr. Franz, meus amigos e os noivos dos meus amigos sempre tiveram permissão para me foder e esguichar em mim, mas apenas no pátio. Pedi a todos que não rasgassem meu hímen; meu marido deveria fazer isso quando eu me casar. E eles foram todos bons e não rasgaram meu hímen — Ou talvez só um bocadinho, quando o Lothar ficou zangado porque o Elsbeth não tinha vindo e ele nem sequer queria ejacular na minha boca ao início, mas em vez disso ejaculou tudo na minha buraco da xoxota três vezes seguidas, o que a rasgou um pouco na lateral porque ele estava a fazê-lo com muita força. Masturbei-me, tal como Elsbeth fazia durante o sexo, e gozei três vezes nos seus braços enquanto as minhas amigas assistiam, ofegante. E é claro que meu pai pode me foder quando minha mãe diz que “as venezianas estão fechadas”. Morre sempre de inveja porque o pénis do meu pai não é muito grosso, muito mais pequeno que o das noivas das minhas amigas, e encaixa perfeitamente ao lado do meu hímen ligeiramente rompido, pelo que nunca o rompe. Fazemos sexo todos os domingos quando eles chegam do bar. Primeiro vejo enquanto o meu pai faz sexo com a minha mãe, e depois, claro, o meu pai também faz sexo comigo. Ela parece não gostar que eu e o papá nos divirtamos tanto, de forma “tão indecente e obscena”, todos os domingos — e, claro, todas as tardes quando o papá está com vontade de fazer sexo. Fazemos sempre isso à frente da mamã porque o papá gosta muito de provocá-la. “Vocês andam a fazer sexo como porcos imundos”, comenta a mamã, irritada.

Franz deixou a mão deslizar suavemente do topo da cabeça até a parte interna das coxas. “Bem, eu quero ser seu marido agora, três noites depois da noite de núpcias. Depois da noite de núpcias, toda jovem pode foder quem quiser, com seus namorados ou os noivos de suas amigas e, claro, todos podem esguichar adequadamente para fazer de você uma criança. Você entende isso, não é? Ao esguichar você faz um filho para uma menina, você sabe, mas apenas se o Senhor quiser e permitir.” Anna balançou a cabeça. “Não, eu não sabia disso. Sempre pensei que era meu marido quem me deu um filho. Mas você parece ser um homem honesto, Sr. Franz, não mentiria para mim,

não é? E agora entendo por que meus amigos rapidamente puxaram o pau do noivo antes de gozar e injetaram em sua boca com o punho, mas nem sempre. Claro, nenhuma garota solteira quer um filho. ” Anna olhou para ele com sinceridade. “Eu fiz algo errado ao deixar todos os meus amigos e os noivos das minhas namoradas — e até mesmo meu pai entrar? Eu não sabia que as crianças eram feitas esguichando, honestamente. Porque a maioria delas passou o pau pelo meu hímen rasgado pouco antes de gozar e injetou tudo com um grunhido bem-humorado e amoroso. É claro que as minhas amigas não gostavam muito de ter de ficar de braços cruzados enquanto os noivos me comiam, porque fazíamos sempre isso, apesar de tudo — e é claro que com todos os noivos, e é claro que todos os cinco noivos me comiam uns a seguir aos outros — uma imediatamente, logo a seguir à outra, claro. — Eu sempre pensei que era a coisa certa a fazer. ” Ann não conseguiu mais conter as lágrimas. Franz acariciou suas costas e nádegas suavemente. “Nem toda vez que um homem esguicha na sua boceta, ele está lhe dando um filho. É por isso que marido e mulher têm que foder diligentemente e até a exaustão todas as noites se quiserem ter um filho - é claro, ter filhos é um pouco como um jogo de azar. E você precisa da bênção e da aprovação de Deus, caso contrário, nunca funcionará.”

Ela tinha uma lembrança clara de suas amigas deitadas para foder, então deitou-se de costas e dobrou as pernas para cima. “Tudo bem para você, Sr. Franz?” Ela sussurrou, com um nó na garganta de excitação. Ela havia se casado primeiro e agora era hora de foder, a noite de núpcias já havia acontecido há muito tempo. Três noites, na verdade. O vereador infelizmente perdeu a noite de núpcias e agora, graças a Deus, o Sr. Franz estava lá para dar a ela sua primeira foda de verdade, e ele parecia querer fazer isso. “E você quer ter um filho para mim, Sr. Franz, ou devo tirar seu pau para gozar e deixar você gozar na minha boca como minhas amigas costumam fazer?”

Franz se ajoelhou na frente de sua boceta e posicionou sua ereção. “Dói um pouco na primeira vez”, ele disse calmamente e ela assentiu ansiosamente, “você vai ter que furar meu hímen, eu sei!” ela respirou com os olhos fechados. Franz agarrou seus quadris e empurrou com força. Ela gritou brevemente e depois sorriu. “Agora você tem que empurrar por muito tempo e gozar no final, já fiz isso muitas ve-

zes! Mas, embora todos os noivos das minhas melhores amigas e até o meu querido pai ejaculassem sempre feliz e completamente na minha buraco da xoxota, o Senhor Deus não me deu um filho.” Ele parou por um momento e depois começou a foder. Na verdade, ele a fodeu por um longo tempo, ela rapidamente ficou excitada e teve um orgasmo muito rapidamente. Ela se levantou e desabou, inconsciente. Ele já havia fodido uma novata inconsciente, levantou um pouco Anna e fodeu muito rápido e esguichou em jatos grossos na boceta da mulher inconsciente. Ela acordou depois de 2 minutos e olhou em volta confusa. Franz resmungou que estava tudo bem.

Franz estava descansando, ela estava animada, queria fazer alguma coisa. Ele resmungou para ela se masturbar. Anna olhou para ele sem expressão. “Você nunca esfregou seu clitóris antes?” ele perguntou com suspeita. Anna balançou a cabeça. “Mas é claro, todas as noites antes de dormir, Sr. Franz. E por que eu deveria esfregar meu clitóris agora, Sr. Franz?” Ele resmungou porque gostava muito de assistir, e ela entendeu isso imediatamente. “Quanto tempo devo fazer isso?” ela perguntou depois de um tempo de esfregação agradável. “Até explodir como um canhão”, disse ele, “ou até você desmaiar!” Ele não sabia se alguém poderia desmaiar enquanto se masturbava. Anna continuou com um sorriso, “isso é ótimo!” ela gritava de vez em quando, olhando-o fixamente nos olhos. “Não sei o que você acha disso, Sr. Franz. Minha mãe sempre diz quando me vê fazendo isso que é um pecado, um pecado moderadamente grave. Você também acha isso?” Franz balançou a cabeça. “A coisa do pecado não faz sentido, mesmo que sua mãe diga isso.” Anna olhou para ele com gratidão. “A mamã também comete este pecado todas as manhãs, depois de o papá sair e ela pensar que não está a ser observada. ‘Faz o que eu digo, não faças o que eu faço!’ O meu avô ensinou-me a fazê-lo sozinha com o dedo e o clitóris, e desde então, faço-o todas as noites para dormir melhor, Sr. Franz. O avô adora sempre ver-me a fazer isso à frente dele, e eu também gosto; só que a mamã repreende-nos, dizendo que “somos uns porcos”. Mas, por vezes, a mamã também faz isso com a mulher do vizinho; grunhem e estalam os lábios como porcas, lambendo as vulvas uma da outra e fazendo-se gozar. Elsbeth diz que a mamã também é uma porca porque pratica tribadismo com a vizinha. Acredito na Elsbeth, porque ela sabe tudo sobre sexo.

Mas a foda foi muito mais intensa”, ela ofegou e ele a avisou para definitivamente continuar. Seus olhos foram ficando cada vez maiores e ela gritou: “Oh!” e todo o seu corpo se contraiu no orgasmo como o de Elsbeth, surgindo como uma onda e então acabou. Ela ainda estava olhando nos olhos dele. “Essa foi uma explosão muito surpreendente, Sr. Franz!” ela exclamou, “muito surpreendente mesmo!”

As lágrimas escorriam pelo rosto de Anna. “O Conselheiro Kornmesser só tem a si próprio a culpar por não ter recebido a minha virgindade como presente de núpcias. E eu serei eternamente grata a si, Herr Franz Herrnthaler do Tirol, por se ter oferecido para fazer isto por ele. Por ter rompido o meu hímen com tanta delicadeza e ternura como ninguém. Por me ter fodido com tanta habilidade, levando-me a orgasmos tão poderosos que cheguei a perder a consciência por um breve momento num êxtase supremo e sagrado. E por ter ejaculado tão altruisticamente o seu precioso sémen na minha buraco da xoxota, porque, para minha alegria, queria dar-me um filho. E também agradeço as suas respostas honestas sobre a masturbação; que não é pecado e que posso continuar a fazê-la alegremente à frente do meu avô no futuro, sem me sentir culpada ou como uma ‘porca sem vergonha’. Fiquei particularmente satisfeita com o seu comentário de que agora sou uma mulher adulta e posso relacionar-me livremente com qualquer pessoa, e que os meus amantes são bem-vindos para ejacular dentro na minha buraco da xoxota, seja por prazer ou para me fazer um filho. — Senhor Franz, serei grata por tudo isto até ao meu último suspiro!” Anna segurou-lhe o rosto com as duas mãos e deu-lhe um beijo francês profundo, tão sincero e tão gracioso que Franz ficou tonto. O seu pénis inchou até quase explodir com a intensidade do beijo. “Estás a fazer-me corar, Anna Kornmesser!” sorriu.

O seu pénis estava pronto novamente. “Anda, Anna, vamos fazer sexo outra vez!” e sorriu enquanto se posicionava. Penetrou-a com força, porque a segunda vez durou muito mais tempo. Ela subiu rapidamente de volta para a plataforma, agarrando-se a ele no seu orgasmo, e desabou sem vida como uma boneca. Segurou-a firme e continuou a penetrá-la. Acordou e percebeu imediatamente que Franz a estava a penetrar com força. Estava cansada e completamente exausta, e olhou-o maravilhada nos olhos enquanto ele ejaculava dentro dela buraco da xoxota.

Depois fizeram sexo mais duas vezes, ela vibrando e gritando de prazer enquanto o seu orgasmo explodia, desmaiando de cada vez. Ela acordou quando já tinha terminado. Ele deixou o pénis dentro dela durante muito tempo e só o retirou quando estava completamente mole. Ela baixou-se, pegou no pénis dele com a boca e lambeu-o até ficar limpo..

Eles não disseram nada; não havia realmente nada a dizer. Vestiu-se rapidamente e saiu pela porta. “Obrigado, Ana!” e ela respondeu: “Obrigada também, Herr Franz!” Ela beijou-lhe a mão e murmurou: “Obrigada por não me matares, meu querido Herr Franz!” e depois ele saiu. Ficou nua atrás da cortina da janela. Ali estava ele, a atravessar a praça da catedral, um guerreiro alto e de ombros largos, um herói com uma cauda como a de um garanhão, um garanhão reprodutor..

Anna pressionou a mão na barriga. Ela estava grávida, ela soube disso de repente. Ela ainda não sabia que já era viúva. A gangue de assassinos de Tilly já havia massacrado todo o conselho no dia do casamento.

Franz parou na praça da catedral, vacilando, porque uma luz brilhante e ofusante vinda do céu atingiu ele e somente ele. Foi como um grande golpe na cabeça. Ele cambaleou e caiu de joelhos. Anna colocou a mão na boca, pelo amor de Deus, o que aconteceu? Ele se ajoelhou nas lajes de granito, uma das mãos apoiada na espada. A luz já havia se apagado há muito tempo quando ele se levantou cambaleando. Ele pegou o chapéu de abas largas e colocou-o distraidamente. Ele continuou andando e desapareceu em um beco atrás da catedral.

Franz estava apavorado e em choque. O que tinha acontecido? Cambaleou de bar em bar, de taça de vinho em taça de vinho. Ficou um longo tempo sem conseguir pensar direito.

Como ele poderia saber naquela época que a vida eterna lhe havia sido concedida?

• • •